

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE ARQUITETURA E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO URBANA

BRUNO AUGUSTO HASENAUER ZAITTER

**DAS VARIÁVEIS DE ANÁLISE NO DEBATE
DE GRANDES PROJETOS URBANOS:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE POSIÇÕES AUTORAIS
EM RELAÇÃO À BARCELONA DOS MEGAEVENTOS**

CURITIBA

2014

BRUNO AUGUSTO HASENAUER ZAITTER

**DAS VARIÁVEIS DE ANÁLISE NO DEBATE
DE GRANDES PROJETOS URBANOS:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE POSIÇÕES AUTORAIS
EM RELAÇÃO À BARCELONA DOS MEGAEVENTOS**

Tese apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana – PPGTU
da Escola de Arquitetura e Design – EAD
da Pró-Reitoria de Graduação, Pesquisa e Pós-Graduação
da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR

Linha de pesquisa:
Planejamento e Projeto em Espaços Urbanos e Regionais

Orientador:
Prof. Dr. Clovis Ultramari

CURITIBA

2014

TERMO DE APROVAÇÃO

**DAS VARIÁVEIS DE ANÁLISE NO DEBATE
DE GRANDES PROJETOS URBANOS:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE POSIÇÕES AUTORAIS
EM RELAÇÃO À BARCELONA DOS MEGAEVENTOS**

Por

BRUNO AUGUSTO HASENAUER ZAITTER

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana, área de concentração em Gestão Urbana, da Escola de Arquitetura e Design, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Prof. Dr. Carlos Hardt
Coordenador do Programa – PUCPR

Prof. Dr. Clovis Ultramari
Orientador – PPGTU/PUCPR

Prof. Dra. Letícia Hardt
Membro Interno – PPGTU/PUCPR

Profa. Dra. Jussara Maria Silva
Membro Externo – Universidade Positivo – UP

Prof. Dr. Paulo Chiesa
Membro Externo – Universidade Federal do Paraná – UFPR

Profa. Dra. Sara Sucena
Membro Externo – Universidade Fernando Pessoa – UFP

Curitiba, 10 de março de 2014.

RESUMO

Diante do fenômeno de liberalização econômica dos anos 1980, que provocou refuncionalizações nas cidades contemporâneas, exigiram-se ensaios de intervenções pontuais como instrumentos de transformação urbana. Em muitos casos, apropriando-se de estruturas subutilizadas de um espaço fabril pretérito, tais intervenções tradicionalmente resultam de articulações entre os setores público e privado e seus distintos interesses, e têm capacidade de abranger grandes quantidades de recursos financeiros. Denominados de *Grandes Projetos Urbanos*, esses megaprojetos produzem impactos nas cidades, não apenas pela obra propriamente dita, mas também pelas questões sociais, políticas e econômicas deles decorrentes. Nesta tese, a discussão priorizada é a de GPUs, cuja finalidade é a realização de Megaeventos. O trabalho se divide em duas partes principais, fundamentadas no olhar acadêmico, identificado por meio de sua produção científica, e no olhar da mídia, identificado por meio de artigos de jornalísticos. A primeira parte se constitui na construção teórico-referencial de Grande Projeto Urbano, a partir de uma discussão sobre dois possíveis conceitos que esse fenômeno envolve: o abrangente e o restrito. O referencial teórico apresenta ainda discussão teórica sobre uma especificidade buscada nesta tese: os Megaeventos, sobretudo as Grandes Exposições Urbanas e os Jogos Olímpicos de Verão. O estudo empírico desta tese — portanto, a segunda parte — apresenta a cidade de Barcelona, na Espanha, que conta, em sua história recente, com quatro importantes inflexões urbanas: em 1888 e 1929, com as Exposições Universal e Internacional; em 1992, com os Jogos Olímpicos de Verão; seguidos do Fórum das Culturas em 2004. Destaca-se, na tese, a busca das respostas das hipóteses que motivaram este estudo: a identificação do incremento de posicionamentos receosos e a identificação de uma mutabilidade autoral influenciada pelo tempo sobre GPUs de Megaeventos. A tese ainda busca a resposta de uma terceira hipótese: a confirmação da permanência e de possível agregação de determinadas perspectivas de análise nos discursos relacionados aos GPUs na Barcelona dos Megaeventos. Por fim, as considerações finais desta tese identificam o aparecimento de diferentes observadores e, com eles, uma inconstância nos discursos sobre as variáveis urbanas utilizadas para se analisar os GPUs.

Palavras-chave: Grandes Projetos Urbanos. Megaeventos. Intervenção urbana.

ABSTRACT

Considering the 1980's neo-liberalisation process that provoked refunctionalisations in contemporary cities, it became common to justify the use of punctual urban interventions as a tool to face new urban demands. In many cases, by means of new uses proposed for underused old industrial areas, such interventions normally resulted from partnerships between private and public sectors as well as between their specific interests, allowing the aggregation of huge amounts of financial resources. Generally referred as Large Urban Projects, these projects produces impacts on the cities not only due to their civil works themselves but also mainly due to their social, economic and political impacts they generate. This dissertation prioritizes Large Urban Projects implemented to host mega events. It is divided into two main parts: the discussion of the academic approach (by means of their production) and of the media approach. First part is a theoretical discussion on Large Urban Projects and the main aspects they involve. This part allowed the construction and the debate of two concepts of Large Urban Projects: the restrict one and the comprehensive one. This theoretical discussion was mainly focused on two specific forms of LUP: those built for Universal Exhibitions and those built for Summer Olympic Games. Case study (second part of the dissertation) takes the city of Barcelona as a subject. This city was selected because of its recent urban history characterized by urban inflexions: in 1888 and in 1929, with its Universal and International Exhibitions; in 1992, with its Summer Olympic Games; and in 2004, with its Cultural Forum. Hypotheses adopted in the dissertation were the identification of increasing critics towards these kind of LUPs and the mutability of positions demonstrated by authors according to time and space (if analysing LUPs and Mega events). Another hypothesis was that there is an increasing number of perspectives of analyses (if analysing LUPs in the case of the Mega events in Barcelona). Final considerations also call attention for the importance of the debate provoked by LUPs in general: through them the entire city may be appreciated and their stake holders be scrutinized.

Key words: *Large Urban Projects; Mega events; Urban Intervention.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Inner Harbour, Baltimore, Estados Unidos	39
Figura 2 - Shopping Iguatemi e entorno modificado, Porto Alegre (RS)	465
Figura 3 - Puerto Marítimo, Valência, Espanha	487
Figura 4 - Shopping Paço Alfândega, Recife (PE)	521
Figura 5 - Crystal Palace, Londres, Inglaterra	643
Figura 6 - Construção da Torre Eiffel, Paris	654
Figura 7 - Movimento reformista <i>City Beautiful</i> , Chicago, Estados Unidos	665
Figura 8 - Jogos Olímpicos de 1936, Berlim, Alemanha	68
Figura 9 - Jogos Olímpicos de 1984, Los Angeles, Estados Unidos	69
Figura 10 - Ortogonalidade do Plan <i>Cerdà</i> e a sinuosidade da Cidade Velha, BCN, Espanha	776
Figura 11 - Plano da cidade de Barcelona, 1806	78
Figura 12 - Plano da Exposição Universal, 1888, Barcelona, Espanha	80
Figura 13 - Palácio da Justiça, Barcelona, Espanha	821
Figura 14 - Arquitetura catalã como patriotismo regional, Barcelona, Espanha	821
Figura 15 - Monumento à Colombo, Barcelona, Espanha	832
Figura 16 - Arco do Triunfo, Barcelona, Espanha	843
Figura 17 - Plano da Exposição Mundial, 1929, Barcelona, Espanha	865
Figura 18 - Avenida Reina Maria Cristina, Barcelona, Espanha	876
Figura 19 - Museu Nacional de Arte da Cataluhna, Barcelona, Espanha	87
Figura 20 - Pavilhão da Alemanha, Barcelona Espanha	88
Figura 21 - Manifestação cultural, Los Diablos de El Carmel, Barcelona, Espanha	90
Figura 22 - <i>Ronda de Dalt</i> , Barcelona, Espanha	93
Figura 23 - Quatro novas centralidades olímpicas, Barcelona, Espanha	94
Figura 24 - Construção da Villa Olímpica dos Jogos de 1992, Barcelona, Espanha	965
Figura 25 - Edificações precárias – <i>Somorrostro</i> –, 1950, Barcelona, Espanha	99
Figura 26 - Edifício Fòrum, Barcelona, Espanha	99
Figura 27 - Centro de Convenções, Barcelona, Espanha	100
Figura 28 - Princess Hotel, Barcelona, Espanha	100
Figura 29 - Praça, Fórum das Culturas, Barcelona, Espanha	101
Figura 30 - Pérgola fotovotáica, Barcelona, Espanha	101
Figura 31 - <i>Torre Agbar</i> e a nova urbanização do distrito 22@Barcelona, BCN, Espanha	102
Figura 32 - Colunas projetadas por Puig i Cadafalch, Barcelona, Espanha	1110
Figura 33 - Fuente <i>Mágica</i> , Barcelona, Espanha	1143
Figura 34 - Exposição Mundial de 1929, ilustração de 1917	1154
Figura 35 - Playa de Bogatell, Barcelona, Espanha	117
Figura 36 - <i>Ronda Litoral</i> , Barcelona, Espanha	119
Figura 37 - Gentrificação no antigo bairro industrial <i>Poblenou</i> , Barcelona, Espanha	1254
Figura 38 - Resquícios industriais na Universidade Pompeu Fabra e Fundação Vila Casas	12625
Figura 39 - <i>Torre Agbar</i> e entorno, Barcelona, Espanha	127
Figura 40 - Praça do MACBA no bairro <i>Raval</i> , Barcelona, Espanha	129
Figura 41 - <i>Peix d'or</i> , <i>Hotel Arts</i> e <i>Torre Mapfre</i> , Barcelona, Espanha	1343
Figura 42 - Revitalização da Avenida Reina Marina e Plaza Espanya, Barcelona, Espanha	13635
Figura 43 - Invasões na montanha de <i>Montjuïc</i> , 1915, Barcelona, Espanha	148
Figura 44 - <i>Funicular del Tibidado</i> , 1901, Barcelona, Espanha	1543

Figura 45 - Fórum das Culturas de 2004, Barcelona, Espanha1554

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese das pesquisas da tese.	254
Quadro 2 - Classificação de intervenções urbanas.....	36
Quadro 3 - Perspectivas de análise encontradas nas publicações selecionadas.....	43
Quadro 4 - Diferenças entre Exposição Universal e Exposição Internacional	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sessões temáticas dos eventos nacionais selecionados	321
Tabela 2 - Temáticas buscadas nas revistas científicas eletrônicas internacionais	352
Tabela 3 - Autores recorrentemente citados nos artigos dos eventos selecionados	354
Tabela 4 - Tipos e dimensões de um evento urbano segundo o público não local	58

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COAC	Colégio dos Arquitetos da Catalunha
ETSAB	Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona
GATCPAC	Grupo de Arquitetos e Técnicos Catalães para a Realização da Arquitetura Contemporânea
GPU	Grande Projeto Urbano
IPPUR	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
ME	Megaevento
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SESC	Serviço Social do Comércio
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UPC	Universitat Politècnica de Catalunya

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVOS	13
1.2	JUSTIFICATIVAS	14
2	METODOLOGIA DA PESQUISA	17
3	ESTUDO TEÓRICO-REFERENCIAL	26
3.1	O CONTEXTO SOBRE GRANDE PROJETO URBANO	26
3.1.1	Dos diferentes conceitos de Grande Projeto Urbano	31
3.1.1.1	O conceito abrangente de Grande Projeto Urbano	34
3.1.1.2	O conceito restrito de Grande Projeto Urbano	44
3.2	GRANDE PROJETO URBANO E SUA FORMATAÇÃO PARA MEGAEVENTOS	58
3.2.1	Grandes Exposições Urbanas	63
3.2.2	Jogos Olímpicos de Verão	68
3.3	A ADERÊNCIA ENTRE GRANDE PROJETO URBANO E MEGAEVENTO	72
4	ESTUDO DE CASO: A BARCELONA DOS MEGAEVENTOS	75
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA BARCELONA DOS MEGAEVENTOS	76
4.1.1	Exposição Universal de 1888	78
4.1.2	Exposição Mundial de 1929	84
4.1.3	Jogos Olímpicos de Verão de 1992	90
4.1.4	Fórum das Culturas de 2004	97
4.2	CONTEXTO DOS DEBATES SOBRE A BARCELONA DOS MEGAEVENTOS	104
4.2.1	Exposição Universal de 1888 e o nacionalismo catalão	104
4.2.2	Exposição Mundial de 1929 e a reestruturação do <i>Montjuïc</i>	109
4.2.3	Jogos Olímpicos de 1992 e a ascensão urbana	116
4.2.4	Fórum das Culturas de 2004 e a desilusão urbana	124
4.3	BARCELONA DOS MEGAEVENTOS POR PERSPECTIVAS DE ANÁLISE	132
4.4	CONCLUSÃO	157
4.4.1	Da relação físico-temporal dos Megaeventos em Barcelona	157
4.4.2	Da característica dos debates sobre a Barcelona dos Megaeventos	162
4.4.3	Das perspectivas de análise nos debates da Barcelona dos Megaeventos	167
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
	REFERÊNCIAS	178
	APÊNDICE A	188
	APÊNDICE B	190
	APÊNDICE C	214

1 INTRODUÇÃO

Esta tese trata da busca por fatores influenciados pelo tempo vivido e pelo posicionamento geográfico do observador, que permitem a existência de distintos posicionamentos relacionados a Grandes Projetos Urbanos¹ (GPUs), sobretudo aquelas estruturas construídas para Megaeventos. Esta tese debate a permanência e a possível agregação de perspectivas de análise decorrentes da temporalidade e, portanto, influenciadoras no debate acadêmico e da mídia sobre esses megaprojetos urbanos. Essa temática se faz presente por conta dos grandes investimentos anunciados e realizados, nas últimas décadas, em cidades-sede de Megaeventos Esportivos e Grandes Exposições Urbanas. O tema se encontra em evidência no cenário urbano brasileiro, em virtude dos inúmeros investimentos para dois dos mais importantes Megaeventos Esportivos: a Copa do Mundo de Futebol da FIFA, que se realizará em 2014, com sede em 12 cidades, e os Jogos Olímpicos de Verão, marcados para 2016, com sede na cidade do Rio de Janeiro (RJ). O contexto desta tese é, pois, aquele que evidencia questões diversas, complexas e contemporâneas no âmbito urbano, tais como: projetos arquitetônicos e urbanísticos, transparência no processo político de recursos, debates econômicos na apropriação de resultados, apropriação democrática e social dos resultados e de seus ganhos, especulação imobiliária, dentre outras.

Para o desenvolvimento desta tese, foram geradas três hipóteses. A primeira está definida na identificação do incremento de posicionamentos receosos contra uma minoria de favoráveis sobre GPUs, sobretudo aqueles envolvidos em um Megaevento. A segunda identifica uma mutabilidade autoral influenciada pelo tempo desse observador com relação a essas mesmas grandes estruturas urbanas. De acordo com uma terceira e última hipótese, perspectivas de análise de GPUs, sejam elas utilizadas por acadêmicos ou por outros observadores (mídia), são permanentes ao longo de diferentes momentos históricos. Tais hipóteses são retomadas nas considerações finais da tese, nas quais são confirmadas e/ou parcialmente rejeitadas ou reconfiguradas.

¹ As terminologias mais utilizadas na linha inglesa são *Megaproject*, *Large Scale Urban Projects* ou *Large Scale Urban Interventions*. Já em espanhol, são comuns os termos *Grandes Proyectos Urbanos* e *Macroproyectos Urbanos*.

O discurso teórico realizado sobre GPUs de Megaevento na primeira parte deste trabalho é desenvolvido como estudo de caso na segunda parte. Para tanto, esta tese se dedica ao entendimento de como a organização de um Megaevento e a construção de seus GPUs ocorrem na especificidade da cidade de Barcelona, na Espanha. Interessante salientar, já nesta introdução, que o aprofundamento no tema foi possível pelo apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em parceria com a Fundação Carolina, a partir de bolsa de estudos, para que o autor pudesse fazer parte da pesquisa desta tese em Barcelona. Com essa oportunidade, pôde-se observar a transformação urbanística para e pela realização dos quatro Megaeventos nos últimos 125 anos, naquela cidade, bem como a evolução urbana até a realização deste estudo. Dessa forma, a identificação pessoal das áreas transformadas fez a percepção e o entendimento sobre o assunto ganharem mais riqueza de detalhes.

O estudo teórico-referencial, composto por uma discussão inicial em pesquisas secundárias, tem como foco principal o debate sobre GPU a partir de dois possíveis conceitos. Denominados de *conceito abrangente* e *conceito restrito*, são realizados a partir de um estudo bibliométrico² baseado fundamentalmente pela literatura de publicações acadêmicas. Após esse conhecimento teórico e conceitual, o desenvolvimento da tese se aprofunda numa temática mais específica de GPUs, relativos a Megaeventos. A temática parte de uma discussão histórica recente sobre Megaevento e a aproximação conceitual de duas tipologias específicas deste fenômeno urbano: Grandes Exposições Urbanas e Jogos Olímpicos de Verão. Para finalizar o estudo teórico-referencial, discute-se sobre as similitudes entre os conceitos estudados das duas principais temáticas aqui desenvolvidas: GPU e Megaevento.

Após as análises teóricas referenciais de GPU e Megaevento, propõe-se uma discussão por meio de um estudo de caso na Barcelona dos Megaeventos, para se confirmar as hipóteses aqui sugeridas. Para tanto, o estudo empírico inicia-se num levantamento de informações gerais sobre a contextualização urbana da cidade de

² Entende-se aqui como estudo bibliométrico aquele que se fundamenta em estimativas estatísticas a partir da literatura de textos científicos.

Barcelona até a consolidação do chamado *Modelo Barcelona*³. No desenvolvimento do estudo de caso, relatam-se informações urbanísticas sobre quatro Megaeventos de Barcelona, selecionados com especificidades no tempo de cada evento e de suas características projetuais, para identificar o grande cenário estipulado pelo recorte temporal e geográfico. Na continuação, traz-se análises sobre posicionamentos acadêmicos e da mídia relacionados às transformações urbanas envolvidas nesses Megaeventos. Dessa forma, realiza-se a busca da confirmação de posturas críticas e favoráveis, bem como incremento do olhar receoso sobre os GPUs desses Megaeventos. Após essa análise, e na continuidade do estudo empírico, é debatida uma suposta mudança de posicionamentos autorais acadêmicos influenciados pelo tempo e pelo posicionamento geográfico do observador com relação aos mesmos GPUs dos mesmos Megaeventos. Ainda tomando como objeto de estudo os quatro Megaeventos, discute-se a permanência e a possível agregação de perspectivas de análise dos GPUs executados.

Por fim, nas considerações finais desta tese, compilam-se as informações obtidas no estudo teórico-referencial e no estudo empírico para se chegar à confirmação das hipóteses que rondaram os estudos deste trabalho.

1.1 OBJETIVOS

Parte-se do pressuposto de que um GPU de Megaevento gera momento de confiança na sociedade, com a inserção de diversos e positivos resultados fisicoterritoriais, socioeconômicos e culturais. Se, por um lado, essas grandes estruturas são mantidas como catalisadoras no debate sobre a cidade contemporânea, por outro lado, existe um grande receio da maneira como os GPUs são realizados e também dos impactos gerados durante e, principalmente, após a realização dos eventos. Essa dicotomia de posicionamentos é fortemente reconhecida nas discussões acadêmicas e da mídia sobre essas grandes intervenções urbanas. Dessa maneira,

³ O termo *Modelo Barcelona* é utilizado nesta tese para expressar o urbanismo estratégico que utilizou de Grandes Projetos Urbanos de Megaeventos – Jogos Olímpicos de 1992 e Fórum das Culturas de 2004 – inserido nos aspectos de empresariamento urbano para a projeção global da cidade. Com o “plans cap al 92, posteriormente ‘Barcelona 2000’ a cidade passou a ser identificada como a matriz do Planejamento Estratégico” (ARANTES, 2002, p. 52).

pode-se separar os posicionamentos autorais sobre essa temática em duas grandes linhas de raciocínio: de um lado dessa clivagem há a parcela da sociedade que se motiva com a ideia de construir GPUs utilizando-se de Megaeventos, e de outro, a parcela que é criticamente receosa à implantação dessas mesmas estruturas, fundamentada na identificação de suas consequências negativas. A partir disso, como objetivo principal, pode-se apreender e discutir como se realizam os debates sobre os GPUs em momentos específicos e suas possíveis adaptações ao longo de marcos temporais precisos e distintos. Esse objetivo geral é limitado a GPUs naquilo que diz respeito a Megaeventos e segundo a perspectiva de agentes sociais selecionados. Além desse objetivo principal, essa tese conta com os seguintes objetivos específicos:

- a) sintetizar conceitualmente GPU a partir da leitura de posicionamentos autorais recorrentemente citados na produção acadêmica contemporânea;
- b) identificar perspectivas de análise recorrentemente presentes nos debates e estudos contemporâneos de GPUs;
- c) sintetizar Megaevento a partir da relevância deste fenômeno para a transformação urbana com contribuição para a construção do debate recente na sociedade brasileira sobre essa temática;
- d) identificar fatores que conduzem GPUs de Megaevento a uma referência quase sempre negativa, justificada pela relevância que posicionamentos receosos são adicionados ao longo do tempo;
- e) relacionar posicionamentos críticos distintos em recortes geográfico e temporal, na tentativa de comprová-los, bem como identificar possíveis mudanças desses discursos;
- f) confirmar permanências e possíveis agregações de perspectivas de análise nos discursos e estudos relacionados aos GPUs na Barcelona dos Megaeventos.

1.2 JUSTIFICATIVAS

O momento de maior dinâmica econômica no Brasil proporciona o crescente volume de investimentos na área da construção civil, bem como aumento de intervenções urbanas pelas principais cidades do país. Seguindo esse momento

favorável, a construção de praças esportivas e infraestrutura urbana nas cidades-sede para a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e na cidade do Rio de Janeiro, para os Jogos Olímpicos de 2016, são pontos fundamentais nas discussões atuais sobre questões ligadas ao urbanismo.

Pela observação da realidade, pode-se afirmar que o debate sobre GPU se realiza sobre uma ótica que depende de sua tipologia. Ou seja, situações referentes à construção, reforma, paralização de obras e retomada delas, quando relacionadas a Megaeventos, provocam posicionamentos mais explícitos da sociedade que quando relacionadas a infraestruturas e serviços de caráter mais usual, tais como centros comerciais, grandes templos religiosos, centros administrativos, dentre outros. Tal recorrência, no debate em relação a essa tipologia de GPU, percorre entre dois extremos, ora identificando, pessimistamente, aspectos perversos em intervenções urbanas que envolvem recursos diversos e de grande montante, ora assumindo uma visão favorável ante os eventuais impactos positivos dessas mesmas intervenções.

Dentre os fatores existentes na composição de um Megaevento, observa-se que o fator preponderante pelos tempos subsequentes é a construção e permanência das infraestruturas. Segundo Ferreira (2005), a realização de Megaeventos é uma oportunidade para desencadear profundas transformações nas cidades e em seus sistemas territoriais. Independente da tipologia do Megaevento, os espaços urbanos modificados pelos megaprojetos arquitetônicos e urbanísticos ficam evidenciados ao longo do tempo. Portanto, a especificidade deste debate é gerado na confirmação de que a arquitetura e o urbanismo possuem a característica de uma permanência temporal no cenário das cidades.

Como objeto do estudo empírico para esta tese, utilizou-se da experiência com Megaeventos da cidade de Barcelona, na Espanha. A escolha desta cidade se justifica por ser considerada por muitos estudiosos como um dos principais marcos contemporâneos de transformação urbana a partir da realização de Megaeventos. Essa peculiaridade é observada na citação de Solé Tura e Subirats (1994, p. 6): “como gran ciudad Española y Europea, aunque no sea capital, Barcelona siempre ha necesitado de eventos internacionales importantes para invertir en mejoras en su infraestructura”⁴. Desde as Exposições de 1888 e 1929, Barcelona provou da experiência de ser sede de

⁴ “como grande cidade espanhola e europeia, ainda que não seja capital, Barcelona sempre necessitou de eventos internacionais importantes para melhorar sua infraestrutura”.

um Megaevento, também com os Jogos Olímpicos de Verão de 1992 e o Fórum das Culturas em 2004. Sobre os Jogos Olímpicos, Brunet (1995) evidencia a importância da cidade catalã quando afirma que Barcelona antecipou-se no tempo para se tornar um centro de expansão dos setores de serviços após o evento. Do mesmo modo favorável, Capel (2010, p. 2) destaca que, desde os Jogos Olímpicos de 1992, “Barcelona se ha convertido en un destino destacado, y un lugar emblemático del ocio a escala mundializada”⁵. Corroborando positivamente essas últimas declarações, Alberto de Oliveira (2010, p. 2) conclui sobre a utilização das práticas urbanas adotadas na Barcelona olímpica e replicadas em outros países e destaca que “países com diferentes contextos culturais e socioeconômicos adotaram a ‘receita Barcelona’ com resultados variados, que foram dissecados por teóricos oriundos de diversas áreas do conhecimento”. Não somente os Jogos Olímpicos de 1992, mas a série histórica da Barcelona dos Megaeventos se constituiu numa ferramenta para a discussão das hipóteses desta tese, pois tais GPUs e tais Megaeventos impõem uma história caracterizada por polêmicas e posicionamentos antagônicos.

⁵ “Barcelona se converteu em um destino em destaque, e um lugar emblemático do lazer numa escala mundial”.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta tese é composta de cinco seções. A primeira, chamada de *Introdução*, contém as subseções *Objetivos* e *Justificativa*. A segunda, denominada *Metodologia da pesquisa*, contém a própria estrutura desta tese. As outras três seções são denominadas *Estudo teórico-referencial*, *Estudo de caso* e *Considerações finais*.

A seção denominada *Estudo teórico-referencial* é composta por três subseções. Na primeira subseção, *O contexto sobre Grande Projeto Urbano*, a pesquisa apresenta discussão teórica sobre GPU, a fim de abranger o conhecimento possível referente a esse tipo de intervenção urbana. Inicia-se com uma pesquisa secundária, ou seja, aquela oriunda de informações a partir de sínteses, interpretações e avaliações da informação originalmente pesquisada com o objetivo de possuir o conhecimento sobre a polêmica sempre presente na implantação de GPUs. Esta pesquisa proporciona uma perspectiva geral sobre o tema aqui debatido, de forma a familiarizar este autor com a temática de estudo. Assim, as ideias aqui trazidas são formuladas a partir de uma pesquisa com liberdade investigatória, a partir de artigos, livros, dissertações e teses, sobretudo, do acervo da biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bem como de publicações científicas disponíveis nos bancos de dados digitais de outras universidades.

A pesquisa não se restringe somente a informações secundárias; uma organização conceitual, agora de caráter quantitativo, é desenvolvida na busca em conceituar um GPU a partir da realização de um estudo bibliométrico. O conceito que se propõe a construir é aquele a partir de fontes de pesquisa em debates realizados pela academia – seja nacional ou internacional – a respeito de GPUs. Ambiente específico para discussões, as reuniões de pesquisadores e estudiosos sobre um determinado tema – como, por exemplo, seminários e conferências⁶ – se destinam a produtivos debates sobre o conhecimento científico. Portanto, para a realização do estudo bibliométrico proposto, foram selecionadas duas distintas fontes de pesquisa que possuem suas temáticas de debate envolvidas nesta tese. Para a tomada dessa

⁶ Eventos cuja realização envolve-se diretamente com o envio de publicações científicas submetidas a uma seleção, de acordo com determinados critérios e características, perante um comitê organizador acadêmico.

trilha investigativa, optou-se por escolher como primeira fonte de pesquisa dois eventos científicos nacionais sobre GPUs. A razão que motivou os eventos como fonte de pesquisa é o fato de serem agregadores de publicações científicas de autores selecionados por um comitê organizador de instituição acadêmica, o que pressupõe a consistência científica dos trabalhos em questão e uma diversidade autoral e científica sobre o tema. A escolha dos eventos para a análise dos artigos científicos foi iniciada pela intenção de atualizar as questões relativas a um GPU e analisar as mudanças sobre a maneira como a academia entende essas intervenções.

Assim, o primeiro evento selecionado foi o **Seminário Projetos Urbanos Contemporâneos no Brasil**, realizado pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo, em agosto de 2006. Pela singularidade e especificidade do evento, optou-se por trabalhar com as publicações científicas desta universidade, pois é um evento realizado no Brasil pautado exclusivamente na temática sobre projetos contemporâneos inseridos nas problemáticas do meio urbano. Para a escolha do segundo evento, inicialmente, buscou-se uma atualização deste mesmo seminário, porém uma segunda etapa do evento não foi realizada até o momento de fechamento do estudo teórico-referencial desse trabalho. A tentativa foi realizar o mesmo enfoque da pesquisa que envolve os artigos do seminário em território nacional. Porém, não se observou outro evento similar que apresentasse a mesma especificidade temática. Propôs-se, então, pensar num outro evento que trata da problemática urbana referente à implementação de grandes projetos. Sendo assim, o segundo evento utilizado como fonte de pesquisa foi a **Conferência Internacional de Megaeventos e a Cidade**, organizado pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR), em Niterói, em novembro de 2010. A conferência contou, em seu comitê organizador, com personalidades científicas da problemática do meio urbano, do Brasil e outros países. O principal objetivo do evento foi o debate sobre os desafios perante a implantação de infraestruturas para a realização de Megaeventos; disso resultam produções teóricas, conceituais e práticas relacionadas à promoção, produção, consumo e impactos nas cidades-sede desses mesmos eventos.

Para ampliar a fonte de pesquisa, realizou-se uma pesquisa exploratória em duas revistas científicas eletrônicas publicadas pela Universidade de Barcelona, ou

seja, no local das grandes intervenções urbanas estudadas no estudo de caso desta tese. As revistas selecionadas, *Scripta Nova* e *Biblio 3W*, fazem parte de uma série de revistas eletrônicas da página da *Geocrítica*, na qual se publicam artigos inéditos, resenhas bibliográficas e estudos, após validação de conselho de redação e avaliadores externos. As duas revistas, difundidas exclusivamente pela internet, possuem âmbito internacional e foco num debate interdisciplinar sobre problemáticas na área da geografia e ciências sociais. A maneira de se buscar os artigos relacionados com a temática proposta foi perante a seleção de artigos diretamente nos índices de temas das duas revistas. Foram escolhidos, portanto, artigos que possuem temas envolvidos na temática desta tese.

A primeira pesquisa realizada no território nacional – a dos dois eventos – se justifica pela própria origem do estudo, o que determina o olhar daquilo a ser analisado. Já a segunda pesquisa – a das duas revistas – possui reconhecido alcance global⁷ e com aderência esperada ao debate sobre Barcelona e seus Megaeventos. Com as fontes de pesquisa definidas, realizou-se um estudo teórico conceitual como uma especificidade que consiste em reunir dois procedimentos de investigação conceituais de GPU.

O subitem denominado *Conceito abrangente de Grande Projeto Urbano* consiste em conceituar essas intervenções de forma mais generalizada. A fonte de pesquisa para se chegar a esse conceito amplo são os autores mais utilizados como referência bibliográfica nos artigos dos dois eventos e das duas revistas mencionados, portanto autores clássicos sobre o tema. A intenção de utilizar autores mais recorrentemente citados demonstra que as ideias trabalhadas como referência conceitual de GPU são – pode-se assim deduzir – as mais debatidas atualmente pela literatura acadêmica. A utilização desses autores significa conter uma base conceitual sólida e consistente sobre GPUs. Dessa forma, entende-se que a discussão conceitual oriunda das ideias desses autores serve como uma contextualização referencial que identifica tradicionalmente um Grande Projeto Urbano. Para organizar essas ideias, realizou-se uma tabela – apresentada no Apêndice A – com todos os autores citados nos artigos dos eventos e das revistas, juntamente com o número de artigos que utilizam tais

⁷ A revista científica eletrônica *Scripta Nova* possui classificação CAPES A1 e a *Biblio 3W*, classificação CAPES A2. Ambas são reconhecidas por tratar de temas relativos às ciências sociais e ao meio urbano.

autores como referência. Após essa catalogação, aplicou-se um recorte entre a recorrência do número de citações e o número de artigos que utilizam o referido autor. A multiplicação das recorrências de cada autor com o número de artigos que os utilizam foi a forma encontrada para se chegar aos autores mais recorrentemente citados. Dessa maneira, abordam-se, para esse procedimento investigativo, os três autores que possuem os maiores números. A partir da leitura das citações desses três autores (disponíveis no Apêndice B), produziu-se um texto conclusivo que aborda as principais ideias presentes nas discussões dos três autores sobre GPU. Portanto, para esta tese, o texto conclusivo forma a construção da identificação do conceito onde o GPU é tradicionalmente entendido no ambiente acadêmico.

O segundo subitem, denominado *Conceito restrito de Grande Projeto Urbano*, busca, nas publicações dos eventos e revistas selecionados, artigos⁸ com estudos de caso específicos de uma intervenção urbana onde se abrange questões relacionadas às perspectivas de análise utilizadas nos debates sobre aquilo que se convencionou chamar de GPU. São aqueles artigos que se propõem a identificar determinado problema, justificativa e solução de um projeto arquitetônico e urbanístico específico, em uma determinada área urbana, ou seja, artigos com estudos de caso que trazem análises que envolvem a estrutura urbana e questões socioeconômicas e culturais. Tais perspectivas de análise trazidas pelos artigos são catalogadas em um quadro (inserido no Apêndice C desta tese) e interpretadas como as mais recorrentes, conforme o volume de informação identificado. Para balizar esta pesquisa e chegar ao número necessário de artigos, utilizou-se um processo seletivo, estabelecido nas seguintes características:

- a) excluíram-se artigos que apresentam estudo de caso de projetos ainda não executados, pois não é o intuito desta pesquisa analisar projetos que ainda estão em fase de desenvolvimento ou em fase de mudanças projetuais. Somente foram aceitos artigos nos quais os projetos urbanísticos em questão foram executados. Essa determinação se torna necessária para analisar o posicionamento do autor do artigo após a utilização do referido GPU. Esse

⁸ Deve-se destacar que, na fonte bibliográfica utilizada para a pesquisa dos artigos do seminário de Projetos Urbanos Contemporâneos no Brasil, alguns artigos não possuem seus textos completos, ou somente possuem os resumos; assim, foram automaticamente descartados desta análise.

recorte se justifica, pois a pesquisa só poderá ser completa após a passagem do projeto pelas três principais etapas: pesquisa, desenvolvimento e utilização;

- b) também não fazem parte deste estudo aqueles artigos que tratam de projetos de leis, planos diretores, decretos, dentre outras intervenções urbanas sem uma transformação físicoterritorial rápida, característica principal de um GPU.

Para esta análise, não há interesse em examinar a qualidade da proposta do projeto arquitetônico ou urbanístico, e sim a preocupação com a forma de análise perante os olhos da academia sobre essas grandes intervenções urbanas. O importante para este estudo, então, é identificar quais são as perspectivas de análise inseridas nos referidos projetos que os autores utilizam como estudo de caso. Para tal feito, elaborou-se um texto conclusivo que se propõe a revelar e analisar as perspectivas de análise consideradas mais relevantes quando da discussão acadêmica sobre os GPUs. Por essa leitura analítica, é possível analisar o conceito em que o GPU é entendido numa escala mais próxima quando da vinculação à intervenção, a partir de exemplos tratados por autores diversos.

Após o estudo teórico-conceitual de GPU, a pesquisa se direciona para o debate de Megaevento. Para abordar o assunto e obter maior embasamento para a pesquisa empírica, realizou-se a segunda subseção do estudo teórico-referencial – denominada *Grande Projeto Urbano e sua formatação para Megaeventos* – com base em uma pesquisa secundária qualitativa sobre esses eventos urbanos. Dessa forma, primeiramente se procurou esclarecer as justificativas e os objetivos da organização de Megaeventos na cidade. Seguindo desse conhecimento geral, entendeu-se como necessário realizar um recorte na temática das Grandes Exposições Urbanas e das questões esportivas relativas a esses eventos. Desenvolveu-se, pois, uma investigação sobre essas duas tipologias, apresentada nos itens *Grandes Exposições Urbanas e Jogos Olímpicos de Verão*.

A fim de agrupar as construções conceituais dos dois principais temas desta tese, foi importante a terceira e última subseção do estudo teórico-referencial, nomeada *A aderência entre Grandes Projetos Urbanos e Megaeventos*. Procurou-se discutir a aproximação conceitual dos dois principais temas desta tese, para chegar com maior clareza à especificidade de interesse deste trabalho.

Após a realização da investigação teórico-referencial sobre GPU e Megaevento, tem-se a quarta seção, *Estudo de caso: a Barcelona dos Megaeventos*. Ela possui uma pesquisa direcionada para o estudo contemporâneo, representada por um estudo empírico na cidade de Barcelona, que trata da análise de discursos e estudos sobre GPUs desenvolvidos em seus Megaeventos – Exposição Universal de 1888, Exposição Mundial de 1929, Jogos Olímpicos de Verão de 1992 e Fórum das Culturas de 2004. Busca-se, então, identificar fatores que conduzem posicionamentos críticos e relacioná-los a recortes temporal e geográfico, bem como buscar a permanência e agregações de perspectivas de análise no debate sobre os GPUs dos Megaeventos nesta cidade. Procurou-se, então, estabelecer uma revisão literária de publicações científicas que se posicionam criticamente à Barcelona dos Megaeventos. Utilizadas neste estudo empírico como fonte bibliográfica, as publicações encontradas passaram por um filtro pautado no seguinte aspecto: possuir foco diretamente relacionado às transformações urbanísticas e arquitetônicas dos quatro Megaeventos ocorridos em Barcelona. Buscados na literatura científica mais corrente sobre as intervenções fisicoterritoriais recentes em Barcelona, os autores que apresentam posições de juízo de valor, ou seja, não apenas descrevem o fenômeno, mas também utilizam julgamentos particulares – segundo perspectivas diversas de análise. Sendo assim, a pesquisa se utiliza, fundamentalmente, de publicações constituídas por artigos e livros do acervo de três bibliotecas⁹, as quais contam com documentos únicos e especializados e bancos de dados digitais: Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona (ETSAB) da Universidade Politécnica da Catalunha (UPC), Colégio de Arquitetos da Catalunha (COAC) e Biblioteca Municipal de Barcelona.

Essas fontes, embora sejam as mais utilizadas, não são as únicas. Ao longo da própria elaboração desta pesquisa, outras fontes se mostraram importantes e, com isso, novos acervos foram adicionados àqueles disponíveis nas bibliotecas citadas. Serviram como fontes também estudos e artigos disponíveis nos bancos de dados digitais de outras universidades, bem como documentos oficiais relativos às exposições de 1888 e 1929. Essa questão determinante foi necessária, pois a distância temporal das exposições obrigou a utilizar documentos contemporâneos desses eventos com

⁹ Foi de fundamental importância iniciar a pesquisa deste trabalho em bibliotecas que contam com a preocupação de acervar material sobre sua própria cidade – Barcelona –, as quais utilizam autores reconhecidos por estudar as transformações urbanas daquela cidade.

conteúdo mais descritivo, pois a quantidade de publicações científicas e críticas, assim como a disponibilidade atual dessa literatura, é mínima e de difícil acesso. Analisaram-se, também, artigos publicados no principal jornal da cidade de Barcelona – *La Vanguardia* –, que disponibiliza informações *online* e abertas desde a primeira edição em 1882. Com essa fonte de pesquisa, procedeu-se uma análise documental das matérias do jornal, possibilitando, assim, um olhar local sobre o fenômeno estudado. Muitos desses artigos foram escritos na efervescência do momento, ou seja, bem próximos da ocorrência dos eventos; portanto, são especialmente importantes para a análise que se pretende adquirir neste trabalho.

A primeira subseção do estudo de caso, nomeada *Contextualização histórica da Barcelona dos Megaeventos*, conta com recorte geográfico especificamente da cidade de Barcelona e serve como um primeiro contato, ou seja, a familiarização do autor com o espaço de estudo. A pesquisa inicia com a descrição da importância da cidade no cenário urbano e, principalmente, a marcante utilização dos Megaeventos na construção do tecido urbano. Para se chegar a esse entendimento, realizou-se uma pesquisa exploratória sobre a história urbana recente de Barcelona, com objetivo de analisar a temática em publicações que têm como foco de estudo nas transformações urbanas realizadas na cidade para e pelos quatro Megaeventos. Após a contextualização histórica, a segunda subseção, chamada *Contexto dos debates sobre a Barcelona dos Megaeventos*, aborda a confirmação da recorrência de posturas autorais receosas e favoráveis em relação aos GPUs da Barcelona dos Megaeventos, como o incremento de posicionamentos receosos relacionados a esses fenômenos urbanos. A subseção, então, possui diferentes recortes temporais, definidos para a análise deste trabalho itemizados da seguinte forma: o primeiro recorte é iniciado na realização da Exposição Universal de 1888; o segundo começa com a realização da Exposição Internacional de 1929; o terceiro recorte temporal inicia com a divulgação da cidade como sede dos Jogos Olímpicos, em julho de 1986; e o quarto e último recorte temporal começa no ano de 2004, com a realização do Fórum das Culturas. Seguidamente, realizou-se a subseção *Barcelona dos Megaeventos por perspectivas de análise*, com a intenção em se identificar a permanência e a agregação de novas perspectivas de análise nos debates sobre os GPUs dos Megaeventos em Barcelona. Essa subseção possui sua itemização decorrente de perspectivas analíticas utilizadas

para tal estudo. Os resultados das três pesquisas deste estudo de caso se completam. Apresenta-se, inicialmente, a relação física e temporal entre os quatro Megaeventos realizados em Barcelona, seguida da confirmação da existência de posicionamentos distintos e da preeminência autoral negativa, e conclui-se com a identificação da permanência e da possível agregação de perspectivas de análise nos discursos sobre a Barcelona dos Megaeventos. Portanto, seguido das três subseções e de seus determinados itens, tem-se a *Conclusão do estudo de caso*, na qual se unem os resultados adquiridos nesta seção para realizar a comprovação das hipóteses desta tese e reiterar seus pressupostos. Por fim, desenvolve-se a quinta e última seção da tese, as *Considerações finais*, e apresentam-se as *Referências* e os *Apêndices*.

Resumidamente, o Quadro 1 localizado na próxima página mostra as fases de estudo envolvidas nesta tese. Primeiramente, tem-se o contexto sobre GPU, com destaque aos dois procedimentos de investigação, seguido do estudo sobre Megaevento e suas duas principais tipologias preponderantes a esta tese, e, por fim, as três etapas do estudo de caso.

Quadro 1 - Síntese das pesquisas da tese

O contexto sobre Grande Projeto Urbano			
MÉTODO INVESTIGATIVO	Pesquisa Secundária Qualitativa	Estudo Bibliométrico (pesquisa secundária quantitativa)	
INFORMAÇÃO	Levantamento geral sobre GPU	Procedimentos de Investigação Conceitual de GPU	
		Conceito abrangente	Conceito restrito
RECORTE ANALÍTICO	Produção acadêmica	Produção acadêmica	
OBJETIVO	Familiarizar-se com o tema	Analisar principais ideias sobre GPU	Identificar perspectivas de análise na discussão sobre GPU

Grande Projeto Urbano e sua formatação para Megaeventos		
MÉTODO INVESTIGATIVO	Pesquisa Secundária Qualitativa	Pesquisa Secundária Qualitativa
INFORMAÇÃO	Levantamento geral sobre Megaevento	Estudo restrito às duas tipologias de Megaevento
RECORTE ANALÍTICO	Produção acadêmica	Produção acadêmica
OBJETIVO	Esclarer o uso de Megaevento na cidade	Analisar as duas principais temáticas de Megaevento

Estudo de caso: a Barcelona dos Megaeventos			
MÉTODO INVESTIGATIVO	Contextualização Histórica	Contexto dos Debates	Perspectivas de Análise
INFORMAÇÃO	Levantamento geral sobre intervenções urbanísticas em Barcelona	Identificação dos posicionamentos críticos de autores sobre a Barcelona dos Megaeventos	Apropriação de perspectivas de análise nos discursos sobre a Barcelona dos Megaeventos
RECORTE ANALÍTICO	Produção acadêmica e jornalística		
OBJETIVO	Familiarizar-se com o tema	Buscar fatores que conduzem o incremento de receios nos discursos sobre a Barcelona dos Megaeventos	Buscar a permanência e agregações de perspectivas de análise nos discursos sobre a Barcelona dos Megaeventos

Fonte: Dados da pesquisa.

3 ESTUDO TEÓRICO-REFERENCIAL

Dividido claramente por suas temáticas estudadas – GPU e Megaevento –, este estudo teórico-referencial possui inicialmente uma pesquisa secundária qualitativa sobre GPUs, com a finalidade de aprofundar o conhecimento sobre essa temática. Após a realização desse estudo, o trabalho segue por um estudo bibliométrico, à procura de opiniões acadêmicas sobre essas intervenções urbanas, para chegar aos conceitos abrangente e restrito de GPU. Posteriormente à construção conceitual de GPU, e também por uma pesquisa secundária qualitativa, esta seção direciona-se para o estudo teórico sobre Megaeventos e aprofunda-se na tipologia de Grandes Exposições Urbanas e Jogos Olímpicos de Verão. Como desfecho para o estudo teórico-referencial, realiza-se uma aproximação conceitual entre GPU e Megaevento, pois se entende que a proximidade entre os dois temas se dá por uma consubstanciação de percepções e reflexões.

3.1 O CONTEXTO SOBRE GRANDE PROJETO URBANO

Na Europa e nos Estados Unidos, o modelo de atividades industriais utilizado durante o século XIX iniciou sua decadência na década de 1970, proporcionada pela rápida implantação de novas tecnologias. Para Harvey (2001), as transformações no modo de produção fordista/keynesiano¹⁰, que contava com grandes plantas industriais e grandes áreas portuárias, não se adequaram no formato de produção e acumulação flexível trazido pela reorganização da economia global. O cenário de processo fabril obsoleto nas cidades industriais leva a acreditar na existência do processo de desindustrialização. No entanto, muitos autores aqui estudados atestam e intitulam esse processo como *reespacialização industrial*, pois acreditam que a sociedade ainda vive em um mundo industrial, porém com novas geografias.

Nesse contexto, pode-se constatar que a reespacialização industrial ou desindustrialização ocorreu em momentos diferentes nas cidades industriais pelo

¹⁰ Regime industrial de acumulação em que o modo de produção, implantado durante as décadas de 1930 a 1970, possuía como característica a produção humana em série, produzindo linhas de montagem. Morfologicamente, esse modelo produziu grandes espaços industriais nas cidades.

mundo¹¹. Seja reespecialização industrial, seja desindustrialização, os impactos são observados pelas mudanças econômicas que influenciam a forma de ocupação e uso dessas antigas áreas industriais. A partir dos anos 1970, esse fenômeno denominado *reconversão econômica*, possui como principal característica a transformação do setor secundário, industrial, para o setor terciário de serviços culturais e bens de consumo. Diante desse cenário, Somek e Marques (2010, p. 1) afirmam que “a cidade capitalista passou a enfrentar sérios problemas relacionados ao esvaziamento e à perda de vitalidade das áreas centrais”. No entanto, esses impactos negativos parecem ter servido como potenciais para o crescimento e desenvolvimento de projetos de reestruturação, e é nesse contexto que surge o objeto discutido nesta tese, os GPUs.

As antigas áreas industriais, em sua maioria, são possuidoras de uma localização quase sempre central, privilegiada dentro da malha urbana, dotadas de infraestrutura e eventualmente dotadas de um valor histórico-arquitetônico. A infraestrutura existente nesses espaços obsoletos permitiu a visualização de determinados potenciais para grandes projetos imobiliários, com a finalidade na recuperação de seu potencial econômico. O novo modelo de produção iniciou uma transformação econômica e física nos antigos espaços industriais das cidades, sobretudo naqueles mais fortemente estruturados pela indústria em seus territórios. Tal reestruturação urbana foi largamente manifestada pela reutilização de plantas industriais pretéritas pela iniciativa governamental e privada com fins em novos usos destinados ao setor de serviços culturais e bens de consumo. A nova dinâmica econômica caracterizada pela mudança do setor secundário para o terciário produziu novas formas de gerenciamento das cidades. Portanto, segundo Sassen (1998, p. 78), é notável “o declínio ou a diminuição das indústrias manufatureiras, acompanhados de um grande crescimento do setor de prestação de serviços”. Essa conexão entre a crise do setor econômico industrial e o crescimento do setor terciário marca o início do processo socioeconômico que utiliza áreas subutilizadas dentro da malha urbana.

Se a reutilização de edificações obsoletas foi evidente nas áreas industriais pretéritas situadas nas cidades de países desenvolvidos, nos demais países essa

¹¹ A diferença cronológica do envelhecimento das cidades industriais, e então do aparecimento de espaços industriais obsoletos, aconteceu primeiramente nos países centrais, como Estados Unidos e potências econômicas da Europa, e somente mais tarde em países menos favorecidos economicamente como o Brasil.

potencialidade foi também observada em vazios urbanos e áreas degradadas por fatores diferentes da desindustrialização ou reespecialização industrial. Sejam áreas industriais obsoletas, vazios urbanos ou áreas degradadas, o setor terciário impõe novas espacialidades para a configuração de uma cidade que, até então, era configurada para o exercício competitivo de atividades secundárias. Lançam-se, para todos esses casos, uma nova competitividade: justamente aquela revelada por um setor terciário e por uma arquitetura e um urbanismo que lhe dão concretude. Também aqui entendidas como aquelas cidades que assimilam o raciocínio mercadológico empresarial, no qual desenvolvem a competitividade, direcionando seus esforços para a lucratividade. É a busca dessa lucratividade que o preparo das cidades para novas espacialidades indica a busca de seu reposicionamento na lista de cidades globais¹².

Campos (1999), por exemplo, majoritariamente, demonstra que essas transformações econômicas da década de 1970 provocaram profundas alterações nas estruturas socioeconômicas dos anos 1980 e 1990, proporcionando fortes implicações no planejamento e na forma de gerenciamento das cidades. Até o início dos anos 1980, a gestão urbana abordava questões físico-territoriais voltadas ao controle do uso do solo e ao ordenamento setorial por planos diretores. Após essa década, por consequência das mudanças econômicas e do descrédito que a aplicação e valorização de tais instrumentos provocaram, as estratégias da gestão urbana se voltaram para a valorização de espaços pontuais da cidade, com planos de utilização da sua imagem evidenciados por ícones arquitetônicos. Desse modo, Delgado (2007) expressa a existência de uma vontade em fazer cada espaço da cidade um território acabado e definido. Nessa mesma visão positiva, Campos e Somekh (2001) complementam, ao destacar a implementação de atividades do setor terciário nesses territórios para aumentar a atração de novos investidores, bem como a visibilidade perante o mundo.

O surgimento desse novo modelo de gestão urbana, chamado de *Planejamento Estratégico*, é, para Castells e Borja (1996), um modelo que materializa a nova organização espacial do sistema capitalista pela parceria público-privada, resultando numa nova dinâmica da produção de riqueza. Esse modelo apresenta-se como

¹² Cidades que assimilam o raciocínio mercadológico de empresas, e desenvolvem a competitividade de atração de empresas, direcionando seus esforços para a lucratividade.

estratégia alternativa a outros modelos rígidos e normativos inseridos em zoneamentos e planos diretores. A respeito da diferença de objetivos entre esses dois modelos de gestão, percebe-se, então, que um é fundamentado num direcionamento do controle fisicoterritorial do espaço urbano como um todo. Já o novo modelo de gestão se utiliza de conceitos empresariais e se preocupa com intervenções pontuais e resultados imediatos motivados pelas relações públicas com o setor privado.

A nova forma de gerenciamento das cidades, norteadada para uma concorrência pela atração de novos investimentos, fez com que houvesse, pois, uma flexibilização da política urbana. Essa nova administração urbana está contextualizada no modelo neoliberal de redução do papel do Estado e valorização dos interesses do setor privado. Prática de gestão urbana que, a partir dos anos 1980, sobretudo nas cidades europeias, segundo Arantes (2002, p. 153), introduz “uma postura competitiva e empresarial preocupada com a atração de investimentos, eventos e turismo, com a imagem urbana e a reinserção otimizada de cada cidade no panorama europeu e mundial”. Com o surgimento desse novo modelo de planejamento e gestão urbana, cresce o uso da intervenção pontual marcada pela união dos setores públicos com agentes privados, resultando numa nova dinâmica da produção de riqueza (CASTELLS, 1999). Para Del Rio (2001), o novo planejamento urbano permite a gestão segundo uma lógica neoliberal, cuja prática urbanística acredita-se ser capaz de agregar vantagens competitivas para respostas de um mercado globalizado. Propõem-se, portanto, políticas de internacionalização e liberalização de mercado e tem início a implantação de projetos estratégicos de intervenção pontual no tecido urbano como instrumento de concorrência entre as cidades. Para Fontenele (2003), esses projetos estratégicos buscam a inserção da cidade na lista dos grandes centros mundiais de atração de investidores e visitantes interessados em seus espaços de lazer, serviço e cultura.

A concretude do Planejamento Estratégico pode ser encontrada no desenvolvimento e no progresso de áreas degradadas ou subutilizadas, baseados na construção de novos simbolismos arquitetônicos e urbanísticos, os chamados GPUs. Destinados à renovação urbana e, portanto, a uma nova dinâmica da sociedade, segundo Sanchez e Vainer (2003), esses megaprojetos urbanos são relacionados como estratégia apta a estimular o desenvolvimento e a articular o tecido urbano. Do

mesmo modo, Swyngedouw, Moulaert e Rodríguez (2002) estabelecem essas mesmas grandes estruturas como uma das expressões mais visíveis e difundidas de estratégia urbana de revitalização buscadas por cidades que visam o crescimento econômico e competitividade. Tal fato ocorrido detém a característica peculiar de otimizar a imagem urbana e a criação de condições favoráveis para a competição entre as cidades.

En un primer momento, los grandes proyectos son vistos como antídoto del estancamiento económico y urbano. Después, se ponen en marcha diversos proyectos como mecanismo de recuperación y de “relanzamiento” de las ciudades. Es entonces cuando se generaliza el “marketing urbano”, las distintas variantes de promoción urbana, la renovación de la imagen de la ciudad coherente con la reconversión de una base económica industrial a otra terciaria y de servicios¹³ (MONCLÚS, 2003, p. 6).

Os olhares que relacionam os GPUs como geradores de impactos positivos no espaço físico e social, bem como elemento de atração de investimentos que garante o desenvolvimento econômico de uma cidade, são usualmente mais observados na Europa e nos Estados Unidos. Exemplos de revitalização motivados pela subutilização de espaços obsoletos nas cidades inglesas de Manchester e Leeds são lembrados pela academia por desenvolver a reestruturação na infraestrutura dos centros urbanos com espaços para o lazer e entretenimento e direcionar investimentos para projetos arquitetônicos ícones utilizados como imagem pós-industrial.

No cenário brasileiro, mesmo contando com inovações arquitetônicas, urbanísticas e valorização das cidades como atores políticos, esses projetos de intervenção são fracos em nível de implementação. Ultramari e Rezende (2008) observam que esses esforços são desprezados numa questão diminuta na discussão urbana, pois normalmente são vistos como projetos elitistas e integrados aos elementos obrigatórios do Planejamento Estratégico. No meio de debates relacionados aos GPUs, muitos pesquisadores demonstram insatisfações com relação aos gastos exorbitantes inseridos nas construções e na manutenção desses grandes projetos. Pode-se observar, então, que as opiniões com relação às características de um GPU são amplas e divergentes. A crítica aos GPUs pode ser encontrada também no circuito

¹³ Num primeiro momento, os grandes projetos são vistos como antídoto do estancamento econômico e urbano. Depois, põe-se em curso diversos projetos como mecanismo de recuperação e de “relançamento” das cidades. É, então, quando se generaliza o “marketing urbano”, as distintas variantes de promoção urbana, a renovação da imagem da cidade coherente com a reconversão de uma base econômica industrial a outra terciária e de serviços.

mais literário, demonstrando uma quase generalizada visão receosa por parte da sociedade contemporânea à obra. Referindo-se às obras de Pereira Passos no Rio de Janeiro do começo do século XX, Lima Barreto (1923 apud BARBOSA, 2001, p. 147) faz crítica e, ironicamente, cita a capital fluminense como uma cidade cenográfica:

[...] já lá se vão quase dez anos e o Rio ainda era uma cidade velha e feia cidade, de ruas estreitas e mal calçadas, mas, não sei porque, mais interessantes, mais sincera, do que esse Rio bionocular que temos agora, Rio trompe l'oeil, com avenidas e palácios de fachadas, só cascas de casa, espécie de portentos cenográficos (BARRETO, 1923 apud BARBOSA, 2001, p. 147).

A observação de Lima Barreto (1923) demonstra o receio e o temor que GPUs implicam no cotidiano dos cidadãos. Do mesmo modo visto nos meios acadêmico e literário, pode-se encontrar o interesse da população em geral com relação às problemáticas nesse tipo de intervenção urbana. Nos debates relacionados a esse fenômeno urbano, é forte a relação por parte do grupo de pesquisadores que identificam um GPU com um conceito carregado com suspeitas qualitativas que ressaltam o lado negativo. Esse fenômeno, explicitado nesta seção a partir do estudo bibliométrico proposto, é debatido numa discussão composta por dois procedimentos investigativos a partir da visão conceitual por distintas perspectivas visando à formatação de um conceito de GPU.

3.1.1 Dos diferentes conceitos de Grande Projeto Urbano

Este item analisa a organização conceitual desses grandes equipamentos urbanos para se tentar sintetizá-los conceitualmente pela leitura de posicionamentos autorais recorrentemente citados na produção acadêmica contemporânea sobre a temática. Procede-se, então, um resumo de ideias teóricas sobre GPU, com a finalidade de entender a evolução conceitual dessas mesmas intervenções urbanas. Como já mencionado na *Metodologia de pesquisa*, para realizar esta pesquisa foram selecionados, primeiramente, dois eventos científicos sobre GPUs ocorridos no meio acadêmico nacional. Assim, a Tabela 1 descreve as seções temáticas existentes nesses eventos. Na coluna da esquerda aparece o título completo de cada seção, e na

da direita, o número de artigos de cada seção. Neste recorte, portanto, totalizam-se o número de 130 artigos.

Tabela 1 - Sessões temáticas dos eventos nacionais selecionados

Seminário Projetos Urbanos Contemporâneos no Brasil	
Nome da seção	N. de artigos
Habitação e Patrimônio	08
Saneamento e Meio-ambiente	04
Transporte e infraestrutura	02
Equipamentos públicos e lazer	02
Intervenções em centros urbanos, orlas, áreas portuárias e outras áreas urbanas especiais	25
Novos instrumentos regulatórios e de gestão das cidades: possibilidades e limites para suas implementações	16
Operações urbanas, duas décadas de experiências	02
Projetos urbanos contemporâneos: atuação do setor privado e parcerias público-privadas	20
Gestão social da valorização da terra	12
TOTAL	91
Conferência Internacional de Megaeventos e a Cidade	
Nome da seção	N. de artigos
Território e transformações urbanas (dimensão territorial e urbanística)	16
Conflitos e resistências (dimensão sociopolítica e ambiental)	05
Coalizões, escalas e atores (dimensão político-institucional)	06
Cultura e investimento simbólico (dimensão simbólica)	07
Financiamento, aplicação e apropriação de capital (dimensão econômica)	05
TOTAL	39
TOTAL GERAL	130

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à leitura da Tabela 1, destaca-se a utilização para o estudo proposto de 91 artigos do Seminário Projetos Urbanos Contemporâneos no Brasil. Interessante citar o número de 25 artigos inseridos na seção intitulada *Intervenções em centros urbanos, orlas, áreas portuárias e outras áreas urbanas especiais* e o número de 20 artigos inseridos na seção intitulada *Projetos urbanos contemporâneos: atuação do setor privado e parcerias público-privado*, pois ambas as seções relatam artigos relacionados, direta ou indiretamente, com o tema desta tese. No que diz respeito aos artigos inseridos na **Conferência Internacional de Megaeventos e a Cidade**, chama a

atenção a seção *Território e transformações urbanas (dimensão territorial e urbanística)* – temática diretamente relacionada a este trabalho – possuir o maior número de artigos entre as seções desenvolvidas neste evento: 16 artigos no total. Dessa forma, as temáticas diretas das problemáticas discutidas nesta tese somam 61 artigos, tornando-se mais uma justificativa da escolha pelos dois eventos referidos.

Com relação à segunda fonte de pesquisa – revistas eletrônicas internacionais *Scripta Nova* e *Biblio 3W* –, a Tabela 2 descreve as palavras-chave buscadas nos índices das duas revistas, seguidas do número de artigos encontrados sobre cada uma delas.

Tabela 2 - Temáticas buscadas nas duas revistas científicas eletrônicas internacionais

Temáticas	N. de artigos
Grandes Eventos	01
Juegos Olímpicos	13
Juegos Pan-americanos	01
Megaeventos	01
Megaeventos Esportivos	02
Mega Evento Desportivo	01
Megaproyectos	01
TOTAL	20

Fonte: Dados da pesquisa.

O resultado de apenas 20 artigos relacionados com a temática de GPU e de Megaevento inseridos nas duas revistas espanholas nos faz crer que o processo urbano contemporâneo no Brasil está realmente direcionado ao contexto dos grandes acontecimentos esportivos. Com a celebração dos Jogos Pan Americanos em 2007, da Copa das Confederações da FIFA em 2013, da Copa do Mundo da FIFA em 2014 e dos Jogos Olímpicos em 2016, é natural que debates acadêmicos nacionais relacionados ao urbanismo se debrucem nessas temáticas mais que em outros países.

Com total de 150 artigos inseridos como campo de trabalho para se entender o contexto de GPU, foi necessário primeiramente delimitar os procedimentos investigativos conceituais como forma de organização da pesquisa. Para isso, essa pesquisa se utiliza de dois distintos procedimentos de investigação, que analisam, cada qual em sua dimensão, as matrizes conceituais existentes nos trabalhos científicos selecionados. Essas fontes, no entanto, não esgotam a pesquisa; elas foram assim

determinadas para agregar segurança na construção do debate teórico-referencial, o qual poderia, de modo tradicional, ser realizado a partir de escolhas diversas e menos concentradas.

3.1.1.1 O conceito abrangente de Grande Projeto Urbano

O primeiro procedimento de investigação consiste em conceituar GPU segundo as ideias de autores recorrentemente citados pela literatura específica para o tema. Entende-se que esse conceito reúne um consórcio de ideias de autores primários que são transferidas de formas múltiplas por outros pesquisadores, formando, portanto, um o conhecimento sobre GPU. A intenção principal de utilizar esses autores primários é para certificar sobre a não influência de adaptações, interpretações e outras práticas específicas de situações em que pesquisadores replicadores das informações primárias estão, naturalmente, inseridos.

Após a listagem dos autores referenciados nos artigos selecionados – Apêndice A –, realizou-se um recorte perante a multiplicação da recorrência do número de citações com o número de artigos que se utilizam no referido autor. Assim, a Tabela 3, localizada na próxima página, ilustra os autores em que o resultado ultrapassou 50 pontos.

Tabela 3 - Autores recorrentemente citados nos artigos dos eventos selecionados

Autor citado	Número de artigos que usam as citações	Número de citações	Pontuação final	Obra mais citada
HARVEY, David	26	35	910	A condição pós-moderna
CASTELLS, Manuel	15	26	390	A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura
BORJA, Jordi	14	26	364	As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão europeia e latino-americana
SANTOS, Milton	15	22	330	A natureza do espaço: tempo, razão e emoção
ARANTES, Otília B. F.	13	22	286	A cidade do pensamento único
VAINER, Carlos	14	18	252	Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano
LEFEBVRE, Henry	10	15	150	O direito à cidade
MASCA-RENHAS, Gilmar	07	15	105	Cada artigo citado somente uma vez
VILLAÇA, Flávio	10	10	100	Espaço intraurbano no Brasil
MARICATO, Ermínia	08	12	96	As ideias fora do lugar e o lugar for a das ideias
SÁNCHEZ, Fernanda	07	12	84	A reinvenção das cidades para um mercado mundial
SOMEKH, Nádia	08	10	80	Desenvolvimento local e projetos urbanos
LYNCH, Kevin	08	09	72	A imagem da cidade
PREUSS, Holger	05	11	55	The economics of staging the Olympics Games

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a realização do recorte quantitativo, os autores selecionados são aqueles que ultrapassaram 350 em sua pontuação final. Portanto, os autores utilizados para o procedimento investigativo são: David Harvey¹⁴, Manuel Castells¹⁵ e Jordi Borja¹⁶. Com

¹⁴ Professor e pesquisador britânico, nascido em 1935 na cidade de Gillingham, largamente citado em trabalhos referente às problemáticas urbanas.

¹⁵ Sociólogo espanhol, nascido em 1942 na cidade de Hellín, é reconhecido por pesquisar a sociedade da informação.

base nesse recorte, foi possível discorrer sobre as principais ideias desses autores como contribuição para o debate de GPUs nesta pesquisa. Vale ressaltar que, para a tentativa de se chegar a esse conceito abrangente, foram utilizadas, predominantemente, as citações encontradas nos artigos dos eventos e revistas selecionados como fonte de pesquisa. No entanto, demais considerações desses mesmos autores vindas de outros estudos são também aqui utilizadas, com a intenção de aprofundar as ideias deste debate.

O cenário onde começa a relação entre GPUs e centros urbanos é aquele ilustrado na obra *A questão urbana* (primeira edição em 1970), de Manuel Castells. Nessa publicação, demonstra-se a transformação da cidade por uma ordem do Estado em ação conjunta e transformativa dos trabalhadores organizados. Em meio a esse cenário, Castells mostra uma cidade marcada por conflitos sociais e formações de movimentos sociais urbanos contra a imposição do Estado.

Das citações inseridas nos artigos selecionados que utilizam Castells, predominantemente, circundam a temática da construção social no meio urbano. Em suas publicações mais recentes – *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*, publicada ao fim da década de 1990, é a segunda mais citada –, Castells discute as problemáticas existentes nos grandes centros urbanos do século XX após a transformação social, o que, para esta tese, seria a implantação do Planejamento Estratégico na gestão das cidades. Minimamente da perspectiva que mais interessa discutir nesta pesquisa, esta obra é relevante, pois debate problemáticas sociais procedentes da nova forma de gestão urbana voltada ao capital. “Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social” (CASTELLS, p. 23, 1999).

Diferente de obras publicadas sem parceria, nas quais Castells apresenta visão receosa com relação ao desenvolvimento desigual da sociedade em rede, juntamente com Jordi Borja, os dois autores assumem uma posição mais positiva à integração global das cidades. Nas publicações conjuntas, segundo Souza (2006, p. 5), Castells e Borja “têm divulgado a ‘fórmula instrumental’ na qual as cidades devem se espelhar para impulsionar seu planejamento estratégico”. Uma obra que trata da posição mais

¹⁶ Geógrafo e urbanista espanhol, nascido em 1941 na cidade de Barcelona, possui reconhecimento na área urbana, principalmente após seus estudos direcionados ao Planejamento Estratégico.

favorável às formas mais contemporâneas de gerenciar as cidades é *Local y global: La gestión de las ciudades en la era de la información*, publicada na década de 1990. Nessa publicação, Borja e Castells apresentam uma classificação de intervenção urbana distinta em três escalas de abrangência, com o intuito em detectar os objetivos com que as grandes intervenções são utilizadas na cidade. O Quadro 2 apresenta essa classificação juntamente com descrições realizadas pelos mesmo autores.

Quadro 2 - Classificação de intervenções urbanas

ESCALA	DESCRIÇÃO
Grande	Projetos de grande porte que, associados às operações funcionais das cidades, servem como união entre o local e o global.
Intermediária	Projetos de reestruturação de espaços degradados que podem gerar novas centralidades, novos serviços, bem como a promoção da nova imagem.
Local	Intervenções pontuais possuidoras de forte visibilidade com funções estratégicas no desenvolvimento urbano.

Fonte: Elaborado a partir de BORJA; CASTELLS, 1997.

No Quadro 2, é possível detectar que, mesmo em diferentes escalas, os objetivos de uma intervenção urbana devem estar, para Borja e Castells (1997), relacionados beneficentemente num projeto maior de cidade voltado aos aspectos inseridos no Planejamento Estratégico. Ou seja, os autores destacam as parcerias público-privadas, o *marketing* urbano e a inserção de ícones arquitetônicos como características de intervenções urbanas.

Em publicações sem a parceria de Castells, Jordi Borja é ainda mais incisivo com relação aos benefícios da cidade mercadológica. Em suas múltiplas obras, o geógrafo catalão defende o *marketing* urbano como ferramenta usada pelos governos locais em parcerias com o setor privado para despertar a competição entre as cidades. Em *Planes Estratégicos y Proyectos Metropolitanos*, publicado em 2007, Borja mostra que, com a venda da cidade, criam-se símbolos arquitetônicos como atração de investidores externos. Borja (1997, p. 14 apud SOARES, p. 7) destaca o uso desses símbolos – ou ícones arquitetônicos – como ferramenta para “reforçar a identidade, incluindo o patriotismo cívico de sua gente”. Em seus diversos estudos, Borja cita o exemplo dos Jogos Olímpicos de 1992. Da experiência da cidade de Barcelona com esse Megaevento esportivo, o autor relata que o sucesso do Plano Estratégico foi

alcançado principalmente pela aplicação do instrumento do empresariamento urbano em conjunto com os anseios da sociedade. Na obra *Barcelona: un modelo de transformación urbana*, Borja (1995) afirma sobre a existência de dois distintos momentos em Barcelona separados em um período anterior aos Jogos Olímpicos de 1992 e outro depois do evento.

Barcelona se posicionó en el mapa del mundo en 1992. Antes debía darse a conocer. A partir del 92 debe ofrecer ventajas comparativas suficientes para atraer inversores, congresistas o visitantes. Antes apostó por un gran acontecimiento que se utilizó, es cierto, para crear infraestructura urbana, pero que fue una extraordinaria operación de *city marketing*. Ahora debe funcionar permanentemente como ciudad internacional¹⁷ (BORJA, 1995, p. 276).

No entanto, nem todas as publicações de Borja são compostas por posicionamentos favoráveis aos GPUs. O autor, que se mostrava confiante, minimamente, com o sucesso da proposta de Barcelona, diante da característica de produção da espetacularização dos espaços e estímulo do consumo de entretenimento concentrado nos visitantes e na população local elitizada, entende que o empresariamento urbano pode produzir malefícios à cidade. Diante da necessidade de valorizar os espaços urbanos com a promoção de edificações ostentosas, Borja critica veementemente a construção de um GPU sem qualquer ligação com seu entorno próximo. Borja (2009, p. 85) observa a caracterização de uma cidade moldada pelo interesse do setor privado, onde se pratica uma arquitetura tendenciosa “a un monofuncionalismo especulativo y que a menudo permite que los intereses particulares de los promotores se impongan a los colectivos de los ciudadanos”¹⁸.

Es el caso de algunas operaciones del Poblenou, del proyecto Barça 2000 y especialmente del Fórum 2004. Los operadores privados se benefician, además, del “prestigio” del objeto arquitectónico que creará un vacío o una isla, un espacio poco integrado en su entorno, como sucede con la torre Agbar¹⁹ (BORJA, 2009, p. 85).

¹⁷ Barcelona se posicionou no mapa do mundo em 1992. Antes, devia dar-se a conhecer. A partir de 1992, ofereceram-se vantagens comparativas suficientes para atrair investidores, congressistas ou visitantes. Antes apostou em um grande acontecimento que se utilizou para criar uma infraestrutura urbana, mas que foi uma extraordinária operação de *city marketing*. Agora deve funcionar permanentemente como cidade internacional.

¹⁸ “a um monofuncionalismo especulativo e que com frequência permite que os interesses particulares dos promotores se imponham ao coletivo dos cidadãos”.

¹⁹ É o caso de algumas operações do Poblenou, do projeto Barça 2000 e, especialmente, do Fórum 2004. O setor privado se beneficia, também, do “prestígio” do objeto arquitetônico que criará um vazio ou uma ilha, um espaço pouco integrado com seu entorno, como sucede com a torre Agbar.

A mudança de posicionamento observada nas ideias de Borja inteira-se na importância da discussão de uma das hipóteses desta tese: aquela que identifica uma mutabilidade autoral influenciada pelo tempo. O posicionamento receoso de Borja pode ser observado também na obra *Grandes projetos metropolitanos: mobilidade e centralidade*, publicada em 2001. Nesta, em especial, Borja discute o caso de revitalização com uso, sobretudo, de entretenimento, comércio e serviço de alta produção em *Puerto Madero*, na cidade de Buenos Aires, Argentina, onde a desconfiança parece ser o tom principal do debate.

O resultado, creio eu, foi uma operação bonita, mas mal feita neste momento em que se utilizou o ponto mais fácil, onde havia galpões de tipo inglês do século XIX para fazer restaurantes de luxo e alguns escritórios, também de gente in, digamos, e o resto foi abandonado (BORJA, 2001, p. 83 apud SOUZA, 2006, p. 16).

Essa mudança, que se mostra evidente ao longo do tempo, demonstra nas citações diretas de Borja uma clara revisão no posicionamento autoral ao conjunto de práticas que envolvem o Planejamento Estratégico nas cidades. No entanto, os autores que utilizam Borja com referência parecem reconhecê-lo, predominantemente, apenas como uma referência otimista. De fato, nos artigos aqui analisados, as citações a esse autor limitam-se, na maioria das vezes, apenas a apologias referentes aos benefícios da cidade mercadológica. Ainda que num cenário de valorização do capital privado, o controle por parte do Estado é indispensável para o novo empresariamento urbano defendido por Borja. O autor não propõe o desaparecimento do Estado, e sim uma parceria com o setor privado em prol de necessidades específicas que ele acredita serem da sociedade. Juntamente com Forn, Borja (1996) reivindica uma liderança pública, mas em condições que se sustente uma eficiência da economia e do controle social na cidade. Sendo assim, o Borja apresentado a nós pelos autores que o utilizam se mostra reticente em relação à ausência do Estado, alertando, inclusive, para um maior envolvimento da população nas questões urbanas.

No que diz respeito às questões socioeconômicas com a implantação de um GPU, as críticas de Borja são semelhantes àsquelas realizadas por David Harvey. Posicionando-se negativamente com relação às novas formas econômicas concebidas pelas cidades desindustrializadas, Harvey acusa o aumento da segregação social perante o desenvolvimento das novas atividades posicionadas para o consumo e

prestação de serviços especializados: “A sombria história da desindustrialização e da reestruturação deixaram a maioria das grandes cidades do mundo capitalista avançado com poucas opções além da competição entre si, em especial como centros financeiros, de consumo e de entretenimento” (HARVEY, 1992, p. 92).

Ou seja, Harvey (1996, p. 58 apud FELLOW, 2006, p. 15) destaca que, mesmo com a atração de investimentos e o aumento do turismo, essas intervenções urbanas contribuem “para as crescentes disparidades de riqueza e renda, bem como para o aumento da pobreza urbana”. Essa conclusão saiu da sua obra *Espaço de Esperança*, publicada em 1992, na qual o autor utilizou como estudo de caso, quando da análise de intervenção urbana, a cidade de Baltimore²⁰, nos Estados Unidos.

Figura 1 - Inner Harbour, Baltimore, Estados Unidos



Fonte: http://www.baltimore.to/baltimore_panorama.html

O plano de reestruturação da área foi finalizado nos anos 1980 e, atualmente, possui inúmeros estudos que indicam elevados índices de criminalidade, apropriação demasiada da arquitetura-espetáculo para a valorização de áreas particulares e gentrificação²¹ em prol da promoção da cidade de Baltimore no competitivo processo

²⁰ O projeto de renovação da área do antigo porto de Baltimore foi iniciado pela iniciativa privada no fim dos anos 1950, e posteriormente integrado aos projetos da prefeitura. Foram propostos três usos para a área degradada: um distrito empresarial com edifícios comerciais; um espaço habitacional com vários tipos de habitações; e uma grande área de lazer com centro de convenções, espaços verdes, restaurantes, mercados, museus, aquários, marina e hotéis. Destacam-se a conservação de edifícios históricos, a construção de edificações âncoras, novos arranha-céus projetados por grandes nomes da arquitetura, e a utilização de festivais para atração da população para o espaço reestruturado.

²¹ Segundo Ultramari (2006), o processo de gentrificação (do inglês *gentrification*) é a mudança na área revitalizada dos moradores originais para moradores de classes média e alta, não por meio de

de hierarquia econômica global. Ou seja, as mudanças tecnológicas, políticas e culturais do neoliberalismo econômico produziram efeitos de distanciamento entre os privilegiados (elite social) e os marginalizados (menos favorecidos economicamente). Diante de suas análises a respeito das transformações urbanas implementadas na cidade de Baltimore, Harvey (apud ULTRAMARI, 2006, p. 15) “fundamenta sua hipótese de que a política e a ideologia contemporâneas são dominadas por injustiça e segregações sociais, parecendo mesmo não haver alternativas”.

Ainda na mesma obra (*Espaço de Esperança*, 1992), o autor relata sua versão pessimista com relação aos resultados da reestruturação da área portuária de Baltimore. A falta de compromisso no plano de reestruturação em construir um novo tecido social igualitário é vista por Harvey com o natural aparecimento da expulsão da população local de seu espaço para a construção de edificações que atendem às necessidades de uma população elitista. Mesmo com a renovação do tecido urbano, as críticas utilizadas por Harvey referem-se, muitas vezes, ao descomprometimento das políticas urbanas utilizadas na cidade de Baltimore com a população local. Ao discutir as intervenções nesta cidade, Harvey (2000, p. 144-145) se serve de expressões como “the urban spectacle as a commodity²²” e “yuppie utopia²³” ao se referir ao referido projeto de revitalização. Assim o faz numa referência em termos de GPU, indicando a forte e constante relação entre gentrificação e renovação urbana (HARVEY, 1992, p. 184):

A pobreza crônica e todo o tipo de sinais de tensão social reinam à sombra de algumas das mais sofisticadas instituições médicas e de saúde pública do mundo, inacessíveis às populações locais [...]. A expectativa de vida no entorno imediato dessas instituições hospitalares de reputação internacional está entre as menores dos Estados Unidos, sendo comparável a muitos países mais pobres do mundo [...].

Com relação à desigualdade social, Harvey (1996, p. 62 apud FELLOW, 2006, p. 14) ainda complementa que a imagem de uma cidade de sucesso proporcionada pelas

desapropriações, mas sim por mudanças de usos e valorização dos terrenos e edifícios urbanos. Para Otilia Arantes (2002, p. 31), “a gentrificação é uma resposta específica da máquina urbana de crescimento a uma conjuntura histórica marcada pela desindustrialização e conseqüente desinvestimento de áreas urbanas significativas, a terceirização crescente das cidades, a precarização da força de trabalho remanescente e sobretudo a presença desestabilizadora de uma 'underclass' fora do mercado”.

²² “o espetáculo urbano como uma mercadoria”.

²³ “utopia yuppie”.

intervenções urbanas gera “um centro renovado cercado por um mar de pobreza crescente e impactos regressivos na distribuição de renda”. Diante dessa dualidade, Harvey conflita o sucesso desses GPUs entre as duas vertentes estudadas nesta tese – a da apologia e a do receio. “Esta impulsão se reflete na reabilitação de paisagens e na recuperação da história, gerando também fenômenos como o fascínio pelo embelezamento urbano e o conseqüente processo de gentrificação” (HARVEY, 2001 apud SOMEKH; MARQUES, 2010, p. 7).

A eventual e sempre criticada expulsão da população local pela implantação de GPUs é primeira causa da valorização do espaço após a implantação da “arquitetura do espetáculo” (HARVEY, 2005a, p. 89), que foca na forma especulativa do setor imobiliário. A renovação da união entre os setores políticos e econômicos direciona uma produção do espaço destinado à valorização do capital, produzindo, segundo Harvey (2005b apud MASCARENHAS; BORGES; MARQUES, 2010, p. 3), “a mudança do paradigma do administrativismo para o empreendedorismo urbano”. Mesmo com a criação de uma imagem positiva, na tentativa de entrar na competição entre as cidades, a atitude política empreendedora, segundo Harvey (2006), promove investimentos pontuais, em vez de melhoramentos socioeconômicos em um espaço territorial maior.

Ainda com relação às ideias de Harvey, é possível identificar que o autor é especificamente mais citado que Castells e Borja nos debates referentes aos resultados conseqüentes da implantação da nova gestão urbana, baseada no empreendedorismo com uma perspectiva cética e decididamente crítica. Nesse novo cenário, os governos substituem a simples forma de ordenar o crescimento das cidades para a promoção de “intervenções pontuais em áreas de potencial interesse à venda” (HARVEY, 2006 apud BEHNKEN, 2010, p. 7). Essa nova forma de administrar as cidades, buscando adequá-las às oportunidades da dinâmica de acumulação (HARVEY, 1996), trouxe a valorização dos espaços públicos pelos investimentos de projetos urbanos ligados à atração ao consumo imediato.

Diante de diferentes abordagens temáticas inseridas nas ideias dos três autores recorrentemente citados nos artigos selecionados e emprestados como referência para a construção de um conceito abrangente de GPU, pode-se destacar que Harvey, Castells e Borja utilizam, em suas obras, um consórcio de ideias que abordam conflitos

entre sociedade, Estado e setor privado como forte elemento de uma transformação urbana após reconversão econômica. Na abordagem desses autores sobre GPU, não se observa uma preocupação em defini-los conceitualmente. Eles inserem, no entanto, temáticas urbanas que se relacionam em um debate sobre as problemáticas e os avanços urbanos existentes no planejamento, projeto, construção e posterior uso dessas grandes estruturas e impactos no entorno próximo.

O conceito abrangente de GPU para esta tese está ligado diretamente aos posicionamentos que os três autores – e, portanto, a academia – se referem a esse fenômeno urbano. Ora são posicionamentos do lado positivo sendo favoráveis à implantação dessas grandes estruturas, ora são posicionamentos do lado negativo sendo receosos quanto a esses GPUs. Diante das análises constatadas, é possível verificar que o conceito de GPU é carregado de presunções qualitativas que ressaltam o lado crítico receoso. Essa postura receosa diminui possíveis impactos positivos como, por exemplo, a revitalização ou reestruturação de áreas subutilizadas, desenvolvimento econômico e introdução de novos espaços de serviço e cultura. A evidência da existência do temor e do receio leva à conclusão de que os GPUs são ainda mais complexos do que se mostrou no primeiro subitem desta seção.

Sejam discutidos numa visão receosa ou positiva, os três autores prioritariamente analisados são unânimes em apresentar GPU como importante instrumento do Planejamento Estratégico para a reestruturação urbana visando ao reposicionamento na competição entre as cidades. No entanto, esses mesmos autores revelam posicionamentos que podem de fato ser conflituosos. Os objetivos, justificativas e consequências da implantação de GPU proporcionam conflitos de ideias entre os autores, entre suas próprias posições diferenciadas em publicações diversas – como específico de Castells – e, ainda, na forma de publicar, como o caso específico de Borja em parceria ou não com Castells. Percebe-se, então, que a utilização de GPUs como forma de promoção da cidade provoca debates ligados às temáticas territorial, social e econômica das cidades. Após o entendimento na escala conceitual mais abrangente de GPU, busca-se entender quais são, especificamente, as temáticas inseridas nas ideias da academia quando da discussão sobre essas grandes intervenções urbanas. Para tanto, o próximo subitem trata do conceito restrito desses

grandes projetos, o qual apresenta e discute as perspectivas de análise recorrentemente utilizadas nas discussões acadêmicas sobre esse fenômeno.

3.1.1.2 O conceito restrito de Grande Projeto Urbano

Na construção deste conceito, analisam-se os GPUs sob um olhar mais específico, ou seja, pela intervenção propriamente dita, com a observação em escala menor. O conceito restrito de GPU tem, como metodologia analítica, a busca e a análise de perspectivas de análise que se acredita, de antemão, como sempre presentes no debate desse tipo de intervenção urbana. Para se construir esse conceito, a fonte de pesquisa continua sendo os mesmos artigos científicos pertencentes aos dois eventos e às duas revistas eletrônicas já selecionados. Entretanto, esses textos se diferenciam daqueles que compuseram a análise apresentada no subitem anterior, por escolherem casos específicos e por priorizarem a discussão em limites de análise projetual de cada um deles. Como método investigativo adotado e apresentado na *Metodologia de pesquisa*, pôde-se selecionar publicações científicas que possuem, pelo menos, a descrição específica de um GPU, analisando suas diferentes perspectivas. Após a seleção dos artigos, a leitura proporcionou o levantamento de perspectivas de análise recorrentemente citadas na discussão dos GPUs, servindo-se, então, de um quadro síntese no Apêndice C. Observa-se que a literatura utilizada neste estudo aponta para dez perspectivas de análise empregadas nos debates referentes a essas intervenções urbanas, apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 - Perspectivas de análise encontradas nas publicações selecionadas

Ícone arquitetônico

Revitalização espacial

Espaços multifuncionais

<i>Marketing</i> urbano

Parceria público-privada

Projeto maior de cidade

Anseios sociais

Intervenções no patrimônio histórico

Questões ambientais

Utilização de recursos públicos
--

Fonte: Dados da pesquisa.

Iniciando pela perspectiva de análise mais utilizada nos artigos selecionados, pode-se observar que uma das principais características do Planejamento Estratégico é a aposta na construção de símbolos arquitetônicos reconhecíveis na cidade, com a intenção de produzir *ícones arquitetônicos* para as intervenções urbanas. Normalmente, nessas intervenções adotam-se projetos arquitetônicos e urbanísticos arrojados, que marcam a paisagem com a finalidade de traduzir uma nova imagem para a cidade. Essas edificações permanecem na memória pessoal de quem as vê e se propagam para além do significado de seu propósito original, assumindo forma histórica na cidade. Está presente nesses projetos de impacto o trabalho de arquitetos conceituados com a intenção de realizar a propaganda da intervenção urbana para aumentar o potencial turístico da cidade e alcançar maior número de investidores. Choay (1998) observa que esses GPUs se destacam na paisagem, servindo, então, como catalizadores para o processo de recuperação e desenvolvimento de áreas degradadas. Do mesmo modo, Harvey (1994), lembra que as intervenções das cidades de Baltimore e Boston²⁴ formam a arquitetura do “espetáculo”. Corroborando a esse entendimento sobre a monumentalidade arquitetônica, Vasques, Volpe e Lombardo (2006, p. 26) destacam que tais intervenções urbanas são dotadas de um “conjunto arquitetônico marcado por espaços monumentais, advindos de uma composição formal bastante diversificada de elementos construtivos e linguagens arquitetônicas”. É, portanto, a força da espetacularização arquitetônica que demonstra um exagero na busca por arquitetos reconhecidos mundialmente, em detrimento das necessidades reais da intervenção urbana.

Em meio a justificativas, plausíveis ou não, pode-se afirmar que é comum a força arquitetônica presencial de um GPU na transformação da imagem de uma área revitalizada da cidade. Esses projetos, normalmente, são desenhados juntamente com uma renovação de seu entorno próximo. Seja uma simples renovação de mobiliários urbanos, readequação da pavimentação de vias ou até mesmo grandes reestruturações no sistema de transporte metropolitano, a melhoria que esses projetos produzem também no entorno urbano é outra perspectiva de análise envolvida na

²⁴ Refere-se aqui a intervenções na área central desta cidade, nos anos 1970, com a revitalização do *Quincy Market* e seu entorno.

discussão de um GPU. É nesse sentido, então, que a *revitalização espacial* é um argumento utilizado para defender a realização de uma intervenção urbana. Para Teixeira (2006, p. 2), o termo *revitalização* é utilizado como discurso de “retomada do espaço público”, produzindo o “embelezamento das áreas externas e envoltórias aos megaemprendimentos comerciais implantados, e, conseqüentemente, na valorização dos mesmos”. As modificações físicas por uma intervenção urbana na área degradada realizam não só transformações diretas, mas também indiretas em seu entorno próximo. O exemplo citado por Vasques, Volpe e Lombardo (2006, p. 17) com a implantação do Serviço Social do Comércio (Sesc) na capital paulista demonstra que a intervenção urbana “estimulou a abertura de restaurantes e outros empreendimentos que se sentiram atraídos a investir no bairro após a implantação da unidade no Belenzinho”. Outro exemplo de valorização do entorno após a implantação de um GPU é o trazido por Palma (2006, p. 16) na implantação do Shopping Iguatemi em Porto Alegre (RS). Segundo o autor, “a paisagem urbana do entorno do Shopping sofreu grandes modificações a partir de sua implantação”. Nesse exemplo, houve a substituição natural de residências unifamiliares de dois pavimentos pela construção de edifícios residenciais de oito pavimentos, bem como de novas vias de acesso ao bairro.

Figura 2 - Shopping Iguatemi e entorno modificado, Porto Alegre (RS)



Fonte: <http://portoimagem.wordpress.com/2012/04/28/iguatemi>

Outra perspectiva de análise observada nos artigos selecionados é aquela que relata a união de distintas tipologias de uso do solo num mesmo espaço urbano, ou seja, a produção de *espaços multifuncionais* na área urbana revitalizada. Nos artigos dos dois eventos e das duas revistas selecionados, observa-se o discurso dessa

temática na análise de GPU por meio também de sua capacidade ou não de promover espaços arquitetônicos e urbanísticos multifuncionais. A associação de funções e usuários caracterizados por diversidades distintas é observada, por exemplo, nas operações urbanas realizadas no Eixo Tamanduatehy em Santo André (SP), onde se possibilitou o aparecimento de edificações com diferentes tipos de uso, como, por exemplo: “shopping ABC Plaza, [...] complexo hoteleiro Íbis/Mercure; [...] centro empresarial Cidade Pirelli; Universidade UniABC; Pão de Açúcar e Carrefour (comércio varejista); Terminal Rodoviário de Santo André e o Global Shopping” (TEIXEIRA, 2006, p. 9). Essa multifunção espacial está diretamente ligada com conceitos de sustentabilidade e, portanto, é entendida pelos autores como uma nova forma de despender menos energia na mobilidade urbana. Diferente do urbanismo modernista, que produziu compartimentos específicos para cada uso nas cidades, o urbanismo estratégico produz uma variedade de atividades em um mesmo espaço.

Outra temática urbana inserida nos debates aqui estudados refere-se à produção de publicidade no entorno das intervenções urbanas, para captação de investimentos. O instrumento de comunicação chamado de *marketing urbano* possui como função divulgar os projetos de intervenção urbana para a captação de recursos financeiros. Segundo Souza (2006, p. 7) e Teixeira (2006, p. 2), esse instrumento se impõe “dentro da esfera do planejamento e da gestão das cidades”, com “o foco de atuação para o consumo da imagem das cidades”. Com o capital investido, o *marketing urbano* contribui para a competitividade da cidade, tornando-a atrativa para empreendedores, investidores, turistas e novos moradores.

Esse instrumento urbano – o *marketing urbano* – pode ser utilizado em três tipologias diferentes de atuação. Mesmo dividida em três tipologias de atuação, o *marketing urbano* possui sempre o mesmo objetivo de converter determinado espaço urbano em produto a ser vendido e consumido. Uma dessas tipologias se refere às atuações publicitárias e promocionais que desenvolvem marcas e *slogans* da cidade, como forma de inseri-la no mercado mundial. Outra forma de utilização é o *marketing territorial*, no qual se utiliza determinado espaço na cidade, muitas vezes espaços obsoletos, para a criação de ícones arquitetônicos como símbolo para determinada região e até mesmo para a cidade. Uma terceira forma de atuação do *marketing urbano* é pela realização de eventos, seja de pequena proporção de espectadores ou de

grande proporção. Dessa tipologia, Rubio (2005) destaca os Jogos Olímpicos realizados em Tóquio, no Japão, em 1940, os quais, segundo a autora, serviram para o país mostrar ao mundo que sua população superou os traumas provenientes da II Guerra Mundial. Do mesmo modo, Renau e Trudelle (2010) mostram o exemplo da cidade de Valência, na Espanha, como uma gestão pública que utilizou com sucesso essa ferramenta marqueteira. O principal objetivo de mudar a imagem de Valência de uma cidade desindustrializada para uma cidade potencialmente turística foi tentado a partir da realização da revitalização do porto marítimo. Entretanto, somente com a implantação de dois Megaeventos Esportivos – Grande Prêmio de Fórmula 1 e 32ª Copa América de Barco à Vela – é que Valência trouxe a cidade turística pretendida pelos seus gestores urbanos.

In spite of the big tackled works and the restoration of numerous monuments it was still needed something, a symbolic event to attract international media to Valencia in order to set the city as a great destination for tourism preferably of luxury²⁵ (RENAU; TRUDELLE, 2010, p. 11).

Figura 3 - Puerto Maritimo, Valência, Espanha



Fonte: RENAU; TRUDELLE, 2010.

Com o objetivo de conseguir investimentos para a implementação de GPUs, outra perspectiva de análise encontrada nas publicações selecionadas, e que faz parte da ideologia do Planejamento Estratégico, é a *parceria público-privada*. A adoção dessa parceria por parte do poder público permite que os investimentos não advenham

²⁵ Apesar das grandes obras realizadas e a restauração de inúmeros monumentos, ainda era preciso algo, um evento simbólico para atrair a mídia internacional à Valência, para definir a cidade como um grande destino para o turismo, preferencialmente de luxo.

somente dos órgãos governamentais, mas também do setor privado, a fim de “ter sua continuidade garantida com certa independência do poder público” (VIEIRA; ZANCHETTI, 2006, p. 13). No entanto, a clara lucratividade do setor privado na apropriação de áreas urbanas públicas permite que muitos autores sejam contrários a essa modalidade que pode valorizar os interesses do setor privado em detrimento dos interesses públicos maiores, ganhos exclusivos ou majoritários do setor privado e/ou priorização de interesse outros que não os intrínsecos ao próprio GPU. Irônico e em tom crítico, Teixeira (2006) destaca que essa parceria otimiza o aumento de desigualdade social e a exclusão da população mais carente.

O setor privado, através de uma postura pragmática e conceitual, vem se apropriando do discurso relativo à retomada do espaço público, traduzindo-o, principalmente no “espaço privado de uso público”, através do tratamento das áreas abertas de entorno ou externas aos empreendimentos. Obtém-se, desse modo, um melhor tratamento estético-formal destes espaços que passam a funcionar, sob a ótica do lucro e da rentabilidade econômica, como um atrativo potencial nas estratégias de venda (TEIXEIRA, 2006, p. 9).

Corroborando a afirmação de Teixeira, Kuszniir e Pallamin (2006, p. 23), ao analisarem a Operação Urbana de Água Branca em São Paulo, citam que o poder público se encontra “muito próximo dos interesses privados e muito distante de promover uma cidade socialmente mais equilibrada”.

A preocupação com a inserção das intervenções urbanas no planejamento municipal é outra perspectiva de análise discutida com recorrência nos artigos selecionados. As ações de um Planejamento Estratégico podem ser inseridas em um *projeto maior de cidade* quase sempre restrito às preocupações do planejamento tradicional dos Planos Diretores Municipais. A apropriação de desejos projetuais de planos urbanos propostos em tempos pretéritos produzem o consentimento da população, que, naturalmente, convive com os transtornos e desconfortos causados pelas obras. Tomando como exemplo o caso de Barcelona, destaca-se a realização de um sonho projetual antigo – a revitalização da orla marítima de Barcelona – como principal elo entre os projetos desenvolvidos para os Jogos Olímpicos de 1992 e a população, já nos momentos de construção dos GPUs olímpicos.

La apertura de la ciudad al mar era un deseo compartido desde antiguo. “Barcelona cara al mar” fue uno de los eslóganes más coreados, que respondía

a una voluntad de recuperar el rostro marítimo como ya propusieron Le Corbusier y arquitectos del GATPAC en los años 30, de manera que se reflejaba una operación en beneficio de toda la ciudad²⁶ (CLARÓS i FERRET, p. 3, 2010).

A inserção de GPU num projeto maior de cidade foi analisada também de modo positivo no estudo sobre a renovação do sistema de transporte da cidade de Beijing na China. Seguindo a priorização de projetos de mobilidade urbana emergenciais, Barzack e Duarte (2010, p. 17) destacam que “a prioridade de planejamento foi o aumento da capacidade das linhas de transporte terrestres e subterrâneos”. O que, na ocasião deste Megaevento – Jogos Olímpicos de 2008 –, produziu-se foram vetores de desenvolvimento urbano nos espaços afastados do centro. Ainda com relação a essa perspectiva de análise, vale ressaltar a observação da academia pelo inverso dos acontecimentos, pois, pela implementação de um GPU, permite-se a “modificação da legislação urbanística vigente na área” (PALMA, 2006, p. 65). Um exemplo inserido nos artigos selecionados é o das Operações Urbanas do Eixo Tamanduatehy, em Santo André, onde, segundo Teixeira (2006, p. 11), contou-se com benefícios concedidos pela Prefeitura Municipal para “a ampliação do gabarito das edificações; a flexibilização nos índices e parâmetros urbanísticos; a isenção de Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU) para os imóveis localizados no perímetro da operação urbana Pirelli [...]”.

Outra perspectiva de análise retirada dos artigos selecionados foi aquela referente às questões relacionadas aos *anseios sociais*. Ela se fundamenta naquilo que se refere a planos e projetos direcionados às necessidades da população local, bem como à participação da comunidade no processo projetual de tais intervenções urbanas. O envolvimento da população local é sempre presente na discussão de GPUs, principalmente com relação ao não atendimento dos interesses mais imediatos da população diretamente envolvida, como observado no estudo sobre a revitalização do porto marítimo da cidade de Valência. Nesse caso, algumas transformações significativas no porto afetariam parte do bairro tradicional da cidade, bem como a orla marítima. Para mitigar incômodos futuros, Renau e Trudelle (2010, p. 14) destacam

²⁶ A abertura da cidade para o mar era um desejo antigo. "Barcelona de frente para o mar" foi um dos *slogans* mais cantados, que respondia a uma vontade de recuperar a face marítima como já propuseram Le Corbusier e arquitetos do GATPAC na década de 1930, de modo que se refletia uma operação em benefício de toda a cidade.

que “the citizens played a role of a passive audience in this key urban plan”²⁷ e transformaram o diálogo entre setor público e sociedade numa importante ferramenta na produção do novo espaço urbano.

Observa-se, na leitura desses artigos, que nem sempre um GPU atende aos desejos da população, sobretudo aos daquela originária do local de revitalização. Nas publicações selecionadas, observa-se que certas revitalizações urbanas podem causar impactos negativos como a exclusão da população original do local. Entende-se, então, que normalmente a população original é a parcela da sociedade que mais sofre com os efeitos da inflexão causada por intervenções urbanas. Para atenuar tais efeitos, a preocupação revelada pela discussão dessa perspectiva de análise, segundo os autores, é a utilização de projetos sociais para introduzir a população local no espaço revitalizado pelo GPU. Diante desse cenário, Muniz (2010, p. 19) afirma que uma das consequências é diminuir a “dificuldade de acesso da população de baixa renda aos eventos” e demais áreas de lazer, serviço e cultura, “devido aos altos valores cobrados para assistir/visitar” esses novos espaços. No exemplo do Sesc implantado na Zona Leste da capital paulista, os autores citam a implantação de atividades abertas ao público como ação para envolver a população local no espaço revitalizado.

As atividades que beneficiaram o bairro, e de maneira geral a zona leste, que se favoreceu de maneira positiva da presença do SESC, são: atividades permanentes como as esportivas, além de um leque de atividades voltadas para a área de saúde e culinária (VASQUES; VOLPE; LOMBARDO, 2006, p. 15).

Ainda referente à perspectiva de análise da participação da população, observam-se críticas relacionadas à remoção da população original dos espaços utilizados para as intervenções urbanas, principalmente na tentativa de reformular a posição social da sociedade na área revitalizada. Essa mudança da população local – normalmente com pouco potencial econômico, por estar em um espaço obsoleto da cidade – por uma população elitizada é verificada no Plano de Desenvolvimento Cultural de Fortaleza (CE). O referido plano, então, citado no artigo selecionado que trata do estudo sobre essa cidade, demonstra a clara tentativa de atração de uma população predominantemente elitizada para o espaço revitalizado:

²⁷ “os cidadãos desempenharam o papel de uma audiência passiva neste plano-chave urbano.

O Centro Cultural se insere, assim, como parte de um programa de processos abertos a novos 'inputs' que, somados a outros, implementarão a revitalização do centro de Fortaleza. Considere-se, desta forma, mais do que um edifício de centro cultural; é um esforço de atrair novos moradores, principalmente de classe média e jovens profissionais de serviços com seus ateliês (PLANO DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL, s.d, p. 74 apud SMITH, 2006, p. 28).

As críticas negativas relacionadas à expulsão da população original na implantação de novos espaços revitalizados também são encontradas no estudo sobre a revitalização do bairro do Recife, capital pernambucana. Na área central da cidade – repleta de patrimônio histórico arquitetônico – encontra-se um antigo espaço popular dotado de edificações antigas. Segundo Vieira e Zancheti (2006, p. 10), após a revitalização desse espaço urbano, as edificações tradicionais se encontram “fechadas à visitação pública e ao adentrar a área as pessoas são avisadas de antemão que se trata de propriedade privada”. Portanto, a apropriação do setor privado sobre os espaços revitalizados, juntamente com a falta de inclusão de equipamentos urbanos e infraestrutura para a população nessas áreas, torna-se uma preocupação nos debates acadêmicos. Essa inquietação pode ser observada nas discussões referentes à segregação social dos espaços revitalizados trazidas por Teixeira (2006). O autor cita que:

[...] um projeto deste porte deveria atuar, não só no sentido de alavancar atividades econômicas, mas também de possibilitar a apropriação do mesmo por toda a sociedade, particularmente através de projetos habitacionais e de espaço público, a partir da existência de mecanismos públicos visando uma equação mais equilibrada entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento social (TEIXEIRA, 2006, p. 15).

Figura 4 - Shopping Paço Alfândega, Recife (PE)



Fonte: <http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/pontual-arquitetos-centro-de-04-05-2004.html>

Diante da leitura dos artigos selecionados, observa-se que, majoritariamente, os autores citam que uma intervenção urbana deve ser não somente implementada a partir da união dos setores público e privado, mas também juntamente com a participação da população local no desenvolvimento e na execução de projetos, planos e programas de revitalização urbana. Essa característica garante um processo de maior transparência do projeto a ser executado com a intenção de privilegiar o interesse coletivo da sociedade.

Outra perspectiva de análise recorrentemente debatida nos artigos selecionados é aquela que discute as *intervenções no patrimônio histórico* das cidades. A conservação de espaços urbanos e edificações históricas passa a ser fator preponderante na implantação de um GPU, tornando-os protagonistas da revitalização física e da recuperação econômica da cidade. A partir do fim da década de 1970, o interesse pelas atividades culturais e de lazer provocou a utilização do patrimônio arquitetônico histórico como uma ferramenta para se alcançar o objetivo de cidade criativa. Dos artigos selecionados, destacam-se os estudos realizados em Fortaleza e em São Paulo, que demonstram a preocupação desta temática em dois distintos níveis de intervenção. Na capital cearense, juntamente com a implantação do centro de arte e cultura Dragão do Mar, onde se realizou a restauração das fachadas de 56 imóveis de seu entorno (SMITH, 2006). Já na cidade de São Paulo, houve a necessidade de readequar as plantas industriais obsoletas para a implantação do Sesc Pompeia (VASQUES; VOLPE; LOMBARDO, 2006). Nesses dois casos, seja apenas em pequenas intervenções na fachada, seja na refuncionalização de grandes edificações, as intervenções no patrimônio histórico transformam a imagem da cidade, ajustando-se à nova realidade de interesse de consumo e lazer.

No entanto, observa-se que antigos centros históricos são muitas vezes vistos como áreas problemáticas para as cidades. A característica desses espaços é relacionada, normalmente, como locais cuja vizinhança é marcada por criminalidade, poluição visual e equipamentos urbanos deteriorados. Kuszniir e Pallamin (2006, p. 3) afirmam que, em muitos casos, “infelizmente, o tombamento de imóveis é visto por seus proprietários mais como uma inesgotável fonte de problemas e restrições do que como algo que valorize o imóvel”. O fato de descaracterizar o espaço histórico

destacado por Kusnir e Pallamin pode ser observado em Barcelona, com a revitalização do antigo bairro industrial da cidade em 2004, onde “se eliminó así el referente histórico y cultural significativo de la ciudad industrial²⁸” (CLARÓS I FERRET, 2010, p. 2). Por outro lado, notam-se discursos que envolvem essa perspectiva de análise num ponto de vista favorável. Numa perspectiva positiva diante da preocupação sobre a história arquitetônica da cidade, Vieira e Zancheti (2006, p. 24) destacam que a “indústria patrimonial tem sido colocada, para muitas localidades, como sinônimo de sobrevivência e futuro econômico”.

Outra perspectiva de análise verificada nos artigos selecionados é aquela referente às *questões ambientais* envolvidas nos projetos de intervenção urbana, nas quais se discutem propostas sustentáveis inseridas na implantação de GPUs como mitigadoras de problemas ambientais. O apelo ao desenvolvimento sustentável insere um GPU na reestruturação de espaços infraestruturados, ocupação de vazios urbanos, reutilização do patrimônio arquitetônico, bem como intensificação de espaços multifuncionais. Um exemplo da adoção de conceitos sustentáveis em GPUs está inserido no estudo realizado sobre Beijing na China, onde os autores confirmam o comprometimento ambiental durante a candidatura da cidade para os Jogos Olímpicos de 2008 e citam a oportunidade de:

[...] melhorar seu ambiente urbano através da redução dos níveis de poluição, do incremento de áreas verdes e de proteção ambiental, da introdução de tecnologias ambientalmente corretas, medidas de controle de emissões nos transportes e de tratamento de resíduos urbanos (UNEP, 2007 apud BARCZAK; DUARTE, 2010, p. 15).

Por fim, a última perspectiva de análise revelada como sempre presente nos debates sobre GPU é a *utilização de recursos públicos*, sobretudo na construção e manutenção dessas estruturas e na não transparência do uso desses recursos. Observa-se que a preocupação inicial com os gastos do setor público na promoção e construção de um GPU é citada principalmente naqueles artigos que utilizam GPUs de Megaeventos como estudo de caso. Isso é observado por Rubio (2005, p. 4), pois, como esses eventos são efêmeros em sua temporalidade, “é preciso considerar a preocupação com os investimentos feitos e o conseqüente aproveitamento dos

²⁸ “se eliminou a referência histórica e cultural significativa da cidade industrial”.

equipamentos para uso posterior”. Uma política urbana sem transparência de seus investimentos públicos produz a possibilidade da negação da população local com relação à implantação de um determinado GPU. Os custos exorbitantes são inerentes a esses megaprojetos e necessitam ser aprovados ou, pelo menos, mostrados para a população, para que não ocorra um gerenciamento corrupto de verbas públicas. Esse ato de transparência evita mobilizações populares contra a implantação de um GPU e até mesmo contra a ideia de sediar um Megaevento – e, mais que isso, uma aproximação entre o setor público e a sociedade civil.

As dez perspectivas de análise aqui explicitadas formam um grupo de ideias que demonstra aquilo que mais se discute nos debates sobre implementação de GPUs. Os atributos aqui apresentados não formam, evidentemente, base suficiente para uma única conclusão a respeito do posicionamento acadêmico sobre essas grandes estruturas. Porém, refletem as discussões recentes realizadas por esses estudos produzidos sobre o tema aqui debatido. Nesta pesquisa, ficam explícitas não apenas as principais perspectivas de análise envolvidas nos debates sobre GPU, mas também a afirmação de que essas intervenções urbanas, quaisquer que sejam a justificativa e o local, utilizam-se de instrumentos urbanos em comum para alcançar o objetivo de cidade competitiva. Esses instrumentos urbanos aqui apresentados em suas perspectivas analíticas específicas não são únicos para a implementação de um GPU, mas se apresentam como importantes no debate atual dessas intervenções urbanas. Portanto, na grande importância que esses instrumentos urbanos envolvem nos debates sobre GPUs, uma série de características pode ser constatada.

Daquilo que foi debatido, observa-se que o volume de informação indica que essas intervenções urbanas são complexas e abrangem não somente o aspecto físico-territorial das cidades, mas também as diversas perspectivas analíticas envolvidas no meio urbano. Corroborando essa afirmação, Januzzi e Razente (2007) citam que essas grandes estruturas formam uma nova postura de intervenção, por meio de um conjunto de ações que leva em consideração questões urbanas como econômicas, sociais, funcionais, ambientais, dentre outras.

Relacionando a importância dessas questões na implantação de um GPU, Abascal (2004) cita que esses projetos estratégicos não são apenas uma ação pontual, pois relacionam a cidade em sua totalidade, suportando estratégias fora de seu entorno

próximo, como recuperação de periferias e patrimônio histórico, promoção de habitação e ações diretas sobre os espaços públicos. O entendimento de Abascal é similar ao adotado por Del Rio (2000), para quem um GPU remete a oportunidades distintas.

Através de um planejamento estratégico entre poder público (viabilizadores), poder privado (investidores) e comunidades (usuários), identifica-se planos e programas que maximizem e compatibilizem os esforços e investimentos, e norteia-se a implementação integrada de ações e projetos a curto, médio e longo prazos. Os resultados positivos, por sua vez, realimentam o processo atraindo novos investidores, novos moradores e novos consumidores, e gerando novos projetos (DEL RIO, 2009).

Se Abascal e Del Rio – dentre outros pesquisadores – trazem um conceito de GPU a partir de uma visão positiva, sem de imediato identificar interesses que tais intervenções suscitam e de fato provocam, outros autores adotam entendimento mais negativo, reforçando os riscos que esses projetos agregam à cidade. GPUs, portanto, constituem espetacularização do urbano, uma certa encenação de uma vida pública que há muito deixou de existir. Nessa visão pessimista, Arantes (1998, p. 25) afirma que, por vezes, “não passa de recurso publicitário, quando não, inclusive, de inibição e controle cultural e social”.

Diante das análises realizadas nesta subseção, reintera-se a confirmação do pressuposto levantado no início desta tese, aquele no qual se confirmam dois distintos posicionamentos entre apologia e receio sobre GPU. Na busca pelo conceito restrito, observa-se que diferentes posicionamentos sobre GPU parecem estar sempre presentes nas discussões sobre esse tipo de intervenção. Para corroborar essa análise, é interessante citar o trabalho realizado por Novais et al. (2007), no qual os autores sintetizam essas divergências do posicionamento na literatura acadêmica sobre os GPUs. No texto, Novais et al. (2007, p. 5) relatam dois diferentes grupos separados em “apologistas, que entendem os GPUs como práticas adequadas ao mundo contemporâneo, e os críticos, que põem o acento sobre seus efeitos perversos”. Resumidamente, os autores trazem as principais abordagens que caracterizam as questões referentes de cada grupo sobre essas intervenções estratégicas. Assim, o grupo dos apologistas compreendem GPU como um projeto de desenvolvimento mútuo de negociação e coordenação para o acordo entre os diferentes interesses públicos e privados; como projetos nos quais suas escalas ultrapassam o entorno imediato do projeto e que garantem o desenvolvimento econômico da cidade com a atração de

investimentos; e projetos geradores de impactos positivos no espaço físico e também social. A síntese bibliométrica analítica realizada por esses autores mostra que os críticos apontam os GPUs como projetos que possuem a elite como detentora do poder de decisão e desconsidera os interesses das comunidades locais, bem como projetos dotados de tecnologias inacessíveis ao cidadão comum. Para tanto, segundo os mesmos autores, a produção literária sobre os GPUs indica que consolidam novas práticas de decisão e intervenção na cidade.

Seja ela prescritiva ou descritiva, de louvor ou de censura, a produção literária sobre os GPUs indica que estão a se consolidar novas práticas de decisão e intervenção na cidade. De fato, o embate entre os apologistas e seus críticos, se por um lado evidencia a falta de consenso em torno a uma ideia e, assim, dos limites das formulações propostas, por outro, ao expressar divergências em torno de pontos comuns, contribui para evidenciar tendências no planejamento urbano contemporâneo (NOVAIS et al., 2007, p. 6).

Os posicionamentos divergentes com relação a esse tipo de intervenção urbana são também enfatizados quando Mascarenhas (2010, p. 4) relaciona GPUs a “operações emblemáticas [...] quase sempre, acompanhadas das parcerias público-privadas, da desregulamentação edílica, da concessão de vantagens fiscais e da privatização dos espaços urbanos”. Pode-se, então, afirmar a existência de posicionamentos que relacionam os GPUs como geradores de impactos positivos na cidade e como elemento de atração de investimentos que garante o desenvolvimento econômico da cidade, bem como posicionamentos que colocam esses mesmos projetos como causadores de efeitos negativos. Essa recorrente crítica negativa analisada é observada a partir da identificação do uso indevido do dinheiro público, interesses políticos, expulsão da população local, elitização dos espaços revitalizados pela implementação, dentre outros resultados.

A próxima subseção analisa uma das tipologias possíveis de razões que exigem sua consubstanciação em GPU, no caso, os Megaeventos. A subseção ainda discorre sobre uma maneira de proceder a implantação de um GPU na cidade, especificamente para atender às demandas de Grandes Exposições Urbanas e Jogos Olímpicos de Verão. Assim, contribui com a construção do debate recente na sociedade contemporânea brasileira, bem como serve como base contextual do estudo empírico desta tese.

3.2 GRANDE PROJETO URBANO E SUA FORMATAÇÃO PARA MEGAEVENTOS

Com a globalização econômica, os gestores urbanos utilizam o Planejamento Estratégico e, combinado com o *city marketing*, dirigem as cidades numa gestão empresarial (SÁNCHEZ, 2003). Esse foi o cenário apresentado até então, quando das análises sobre GPUs e sua caracterização como um dos instrumentos do tal planejamento. Diante deste contexto, entende-se, portanto, que os interesses de gestores urbanos que adotam esse Planejamento Estratégico assemelham-se aos interesses de uma empresa, ou seja, a constante busca pelo lucro e pela competitividade.

Verifica-se, na produção de Megaeventos, um exemplo de fenômeno articulador de grandes recursos e interesses diversos dos setores público e privado. A organização desses eventos de grande escala tem sido uma das principais estratégias utilizadas na busca de investimentos para a realização de rápidas e radicais transformações no tecido urbano. O uso de Megaeventos é identificado, sobretudo, na promoção de um exibicionismo da cidade, almejando se sobressair perante as outras numa disputa que objetiva a atração de novos investidores e turistas. Para Muniz (2010, p. 12), esses eventos podem ser considerados como “um complexo projeto de desenvolvimento urbano e importantes pontos de referência nos processos de transformação e modernização dentro e entre os estados-nação”. Do mesmo modo, Seixas (2010, p. 6) caracteriza esses Megaeventos “como uma das mais relevantes linhas de exaltação e de demonstração de hegemonia e de poder político-econômico e cultural das nações e das cidades mais dominantes do planeta” (SEIXAS, 2010, p. 6).

Na maioria dos casos, o interesse em organizar um Megaevento está ligado a possíveis transformações de espaços ociosos, degradados e desestruturados em locais para o entretenimento e, conseqüentemente, novos potenciais econômicos para a cidade. É, portanto, com a transformação desses espaços que as cidades promovem uma reestruturação física, social e econômica, visando à revalorização de sua imagem. Neste contexto, France e Roche (1998) sustentam a ideia da criação de novas atrações direcionadas ao turismo como instrumento propulsor de uma transformação na cidade. Para esses mesmos autores, nessas atrações são englobadas exposições artísticas,

culturais e eventos esportivos que possibilitam a organização de um grande número de expectadores. Uma característica que realça os Megaeventos como um evento de grande proporção urbana é sua visibilidade perante diversos olhares focados para determinado local. No século XIX, o grande impacto promovido por esses eventos mostrou para a Europa e para os Estados Unidos, não somente a capacidade de organização, mas também o desenvolvimento urbano e a publicidade da cidade para outros lugares do mundo. Tanto em carácter local como global, segundo Busquets (1994, p. 131), as exposições “permitían a cualquier persona ver, disfrutar y participar em los productos más innovadores y las ideas más avanzadas²⁹”.

E é pela característica de sua visibilidade que se pode distinguir Megaevento de outros eventos urbanos, sobretudo na inserção de um olhar estrangeiro no âmbito global. Sendo assim, a existência da junção presencial e não presencial desses expectadores sobre as cidades, no momento em que elas são apropriadas por um evento, é também algo significativo para transformá-lo em mega. Dessa forma, entende-se como uma característica marcante de um Megaevento a existência desse consórcio presencial que extrapola o circuito local, o que, segundo Marx (2010, p. 12), “facilitan que las ciudades sean conocidas en todo el mundo³⁰”. Para classificar os eventos urbanos conforme sua escala popular de visibilidade, Roche (2000) realizou diferentes tipologias de eventos seguido de seus exemplos mais expressivos, bem como o público não local, os quais resumem-se na Tabela 4.

Tabela 4 - Tipos e dimensões de um evento urbano segundo o público não local

TIPO DE EVENTO	EXEMPLO	ALVO DA MÍDIA	TIPO DE MÍDIA INTERESSADA
Megaevento	Grandes Exposições Urbanas, Jogos Olímpicos, Copa do Mundo de Futebol	Global	TV Global
Evento Especial	Jogos Panamericanos	Nacional	TV Inter-/Nacional
Hallmarkt Event	Australian Games	Nacional/Regional	TV Nacional
Evento da Comunidade	Rural Town Event	Regional/Local	TV Local

Fonte: Elaborado a partir de ROCHE, 2000.

²⁹ “permitiam a qualquer pessoa ver, disfrutar e participar nos produtos mais inovadores e as ideias mais avançadas”.

³⁰ Facilitam que as cidades seja conhecidas em todo o mundo.

Na distinção de Megaevento e de seus similares, tais como os apresentados por Roche (2000) – Eventos Especiais, *Hallmarkt Event* e Eventos Comunitários –, compreende-se o grau de interesse da mídia televisionada³¹. Então, para essa análise, apenas o Megaevento teria interesse de uma mídia televisionada global e, portanto, é entendido para este trabalho como o evento urbano de maior proporção no que se refere à escala de expectadores. Corroborando com Roche, Rubio (2005, p. 2) destaca que um Megaevento se caracteriza pela sua capacidade de atração de “grande número de participantes de diversas nacionalidades e também por chamar a atenção dos meios de comunicação com um ressonância global”. Com a cobertura extensiva da mídia, naturalmente – pela força do *city marketing* – a cidade-sede de um Megaevento é contemplada com grandes investimentos financeiros. A atração desses investimentos – nacionais e internacionais – e o incremento do turismo são entendidos por Castells e Borja (1996) como necessários para se criar uma imagem positiva da cidade, tanto para seus habitantes como para o exterior.

Megaeventos são consolidados como novos e importantes instrumentos de intervenção na cidade. Essa prática urbana faz parte de uma nova política urbana e são analisados perante suas modificações econômicas, políticas e sociais, seus projetos arquitetônicos e urbanísticos. A ideia de utilizá-los como catalizador para projetos já defendidos de longa data ou projetos inovadores é sempre influenciada pela dialética de receio e apologia. Mais ainda – como ocorrido no debate sobre GPU –, a recorrente crítica parece sempre estar presente nas discussões sobre Megaevento. Discursos receosos com relação aos excessos de uma política urbana neoliberal apontam para o domínio do controle restrito de importantes decisões, a falta de preocupação com a população local e a valorização exagerada do solo urbano. É nessa perspectiva pessimista que Lefebvre (1968, p. 133 apud SÁNCHEZ et al., 2010, p. 7) define esses grandes eventos “como a mais pura expressão da sociedade burocrática de consumo dirigido”. Ou seja, para um grupo de autores, diante da organização desse evento de grande porte, as necessidades projetuais em áreas deficientes da cidade são deixadas em segundo plano pelas oportunidades direcionadas para o interesse privado.

³¹ Na pesquisa de Roche, realizada ao fim da década de 1980, a internet ainda não era dimensão midiática atual. Assim, a base de medição do público foi realizada pela mídia televisionada.

As dúvidas em relação à realização desses grandes eventos e a necessária concretização por meio de GPUs são, constantemente, apontadas pelos maus resultados que eles impõem. Questões relacionadas aos prazos e orçamentos em desacordo com os anunciados, questionamentos com relação às vantagens econômicas – seja do setor privado ou público – e o real custo-benefício dessas obras são motivos de grande discussão por parte da academia e da sociedade em geral. Com relação ao fator econômico, Szymanski e Kuper (2002) defendem que os ganhos econômicos não são suficientes em comparação aos gastos com grandes obras de infraestrutura. Grupos de pesquisadores sustentam a ideia de que as cidades-sede desses grandes eventos sofrem prejuízos pela manutenção de edificações que normalmente não são reaproveitadas após o fim do evento. Nessa perspectiva pessimista, Muniz (2010, p. 25) destaca que, “com a falta de uso, os altos custos de manutenção e a falta de eventos futuros darão origem a verdadeiros elefantes brancos”. Para que o cenário negativo citado por Muniz não se concretize, espera-se que a visão mercantilista tradicionalmente imposta nas tratativas para a definição de uma cidade como sede de Megaevento seja também utilizada para garantir retorno dos recursos públicos investidos e para a sustentabilidade financeira das estruturas que, ao fim do evento, seguem como patrimônio público ou privado da população local.

Mesmo diante do cenário em que muitos Megaeventos possuem como resultado final um prejuízo financeiro para a cidade, os investimentos são justificáveis, não somente pela recuperação de áreas ociosas e depreciadas nas cidades, mas também pela otimização de serviços e turismo ligados ao lazer e à cultura. Pode-se exemplificar algumas cidades europeias que se utilizaram de Megaeventos como comprovação da propulsão socioeconômica que esses mesmos eventos promovem para as cidades. Robertson e Guerrier (2003) lembram que os Jogos Olímpicos de Barcelona³², o Ano Europeu da Cultura em Madri e a Exposição Universal em Sevilha, todos realizados no ano de 1992, foram utilizados para transformar a – então degradada economicamente – imagem espanhola. Já a capital portuguesa é descrita por Freitag (2002) como um caso de sucesso de transformação em metrópole moderna após a organização da Exposição Mundial de 1998 – última exposição mundial europeia do século XX –, a qual desenvolveu um novo bairro economicamente ativo em Lisboa. E, além disso,

³² Esse tema é debatido no estudo empírico desta tese.

realizou a apologia de um mundo que não mais existe, o da potência colonial portuguesa, fazendo, assim, uma ligação desse evento com a cultura local.

Até mesmo em uma das principais qualidades desses grandes eventos é possível observar o predomínio do receio. Mesmo diante de legados culturais positivos da organização desses Megaeventos, Arantes (2002, p. 49) lembra que “a colonização cultural é ostentada pelo reino da mercadoria numa dimensão jamais vista e num registro despudorantemente midiático [...]”. Do mesmo modo, na conversão desses eventos como bens culturais, Bralibea (2005, p. 10) corrobora a afirmação de Arantes quando cita que a “producción y consumo está aumentando exponencialmente en el mercado global de ocio y cultura, y el afán de las ciudades por producirlos es tanto causa como efecto de este aumento de la industria cultural del espectáculo urbano³³ (BRALIBEA, 2005, p. 10).

Portanto, sejam vistos como necessários para o desenvolvimento de GPUs e o progresso socioeconômico das cidades ou como um fenômeno efêmero que individa os cofres públicos em prol de novos espaços elitizados, pode-se afirmar que o Megaevento se torna uma oportunidade singular de reestruturar o meio urbano de uma forma rápida.

Na continuidade da construção de um estudo teórico-referencial sobre Megaevento – a partir da lente da arquitetura e do urbanismo –, é interessante dividir esse fenômeno urbano em duas distintas tipologias. Assim, a busca pela construção de um conceito de Megaevento, naquilo que se relaciona com um projeto maior de cidade, coloca as Grandes Exposições Urbanas – iniciadas no século XIX – como primeira referência na história mais recente da sociedade. Após essa primeira relação, tradicionalmente quando se discute um Megaevento dentro da temática aqui estudada, a relação observada na grande maioria de textos sobre o assunto é referida às atividades esportivas como os grandes eventos que proporcionam transformações no tecido urbano. É, portanto, a partir dessa observação e da aproximação com o estudo empírico desta tese que os próximos itens descrevem sobre as Grandes Exposições Urbanas e os Jogos Olímpicos de Verão.

³³ “produção e consumo está aumentando exponencialmente no mercado global de lazer e cultura, e a vontade das cidades por produzi-los é tanto causa como efeito deste aumento da indústria cultural do espectáculo urbano”.

3.2.1 Grandes Exposições Urbanas

A Revolução Industrial, ocorrida no fim do século XVIII e início do século XIX, juntamente com o crescimento demográfico na Europa e nos Estados Unidos, proporcionou a industrialização de mercadorias e também novas técnicas de utilização de materiais. Para ampliar as relações comerciais internacionalmente, fez-se necessário o agrupamento de comerciantes e indústrias, para aproximar relações internacionais e expandir contatos. Mais que isso, essas reuniões trouxeram também a necessidade de exibir avanços tecnológicos como forma de competitividade de mercados, indústrias e cidades. É nesse cenário de expansão industrial e exposições diversas que surgem as Grandes Exposições Urbanas³⁴ como ferramenta urbana de visualização global do espetáculo da indústria moderna. Dominados pelo clima mercadológico, os gestores urbanos das cidades-sede das exposições não estavam somente interessados em mostrar os avanços tecnológicos dos sistemas fabris de países industrializados, mas também em se promover como epicentros da modernidade. Para conseguir tal feito, as cidades se transformaram em palco da transformação de áreas ociosas em espaços atrativos repletos de novas edificações e suas tecnologias arquitetônicas para acomodar expositores e o público presente. Corroborando a essas afirmações, Valls (2011, p. 9) define que essas exposições são:

[...] normalmente instaladas en zonas abiertas y bien conectadas de la ciudad y organizadas en palacios y pabellones – por ámbitos y países – tenían la finalidad de mostrar los avances científicos y técnicos, principalmente en materia industrial, de los diferentes países participantes³⁵.

Símbolos de avanço tecnológico e poder, as transformações urbanísticas e as edificações arquitetônicas realizadas para as exposições são tradicionalmente consideradas marcos de inflexões planejadas para as cidades-sede. Iniciada em Londres no ano de 1851, essa exposição deixou um importante legado para a

³⁴ Para simplificar a leitura desta tese, o termo aqui utilizado como exposições refere-se às duas modalidades de evento, ou seja, as Exposições Universais ou Mundial e as Exposições Internacionais ou Especializadas.

³⁵ “normalmente instaladas em espaços abertos e bem conectados da cidade e organizadas em palácios e pavilhões – por temas e países –, tinham a finalidade de mostrar os avanços científicos e técnicos, principalmente em matéria industrial, dos diferentes países participantes”.

arquitetura moderna – com o *Crystal Palace* projetado pelo arquiteto John Paxton. Corroborando a ideia de símbolo que se transformou o *Crystal Palace*, esse ícone arquitetônico da Exposição Universal de Londres, marcou época por sua dinâmica e pelo avançado do desenho de sua arquitetura: “[...] el edificio de 1851 pies de largo, fijado el año del evento em su longitud, presentaba una arquitectura de hierro y crystal y convertía a este gran container en el paradigma de los edificios de exposición del siglo XIX”³⁶ (BUSQUETS, 1994, p. 129).

Figura 5 - Crystal Palace, Londres, Inglaterra



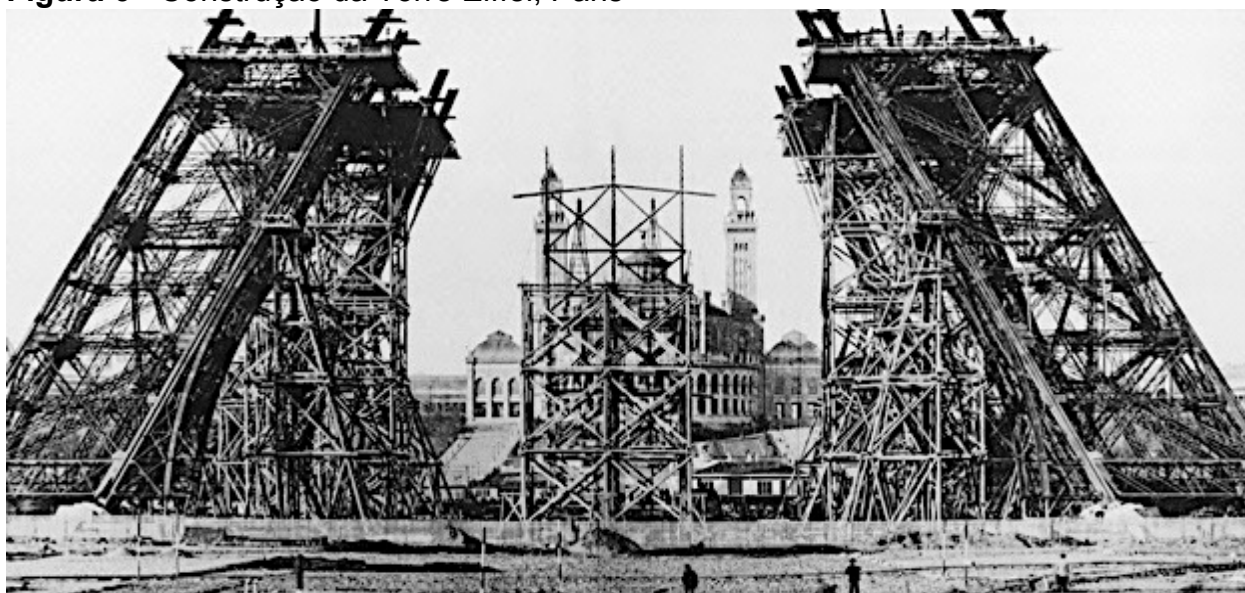
Fonte: <http://www.theguardian.com/news/2011/nov/27/weatherwatch-crystal-palace-exhibition>

Utilizando o exemplo de Londres, é possível observar não somente posicionamentos favoráveis a esses Megaeventos, pois essas mesmas estruturas são analisadas também pelo viés do receio. Negativamente ao *Crystal Palace* de Londres, Plum (1979, p. 30) o define como símbolo “de uma civilização projetada para um grande momento e, ao mesmo tempo, em alegoria de uma monstruosa arquitetura-de-esbanjamento da época moderna”. Em outras exposições do século XIX, também parece haver um deslumbre diante da arquitetura iconográfica e uma crítica negativa a essa mesma característica. Em alguns casos, a crítica parece desaparecer e a intervenção é absorvida não apenas pelo cotidiano das cidades, mas também como um referencial do mundo contemporâneo. Esse é o caso, por exemplo, das três exposições

³⁶ “o edificio de 1851 pés de comprimento, fixado o ano do evento em sua longitude, apresentava uma arquitetura de ferro e cristal e convertia este grande recipiente no paradigma dos edificios de exposição do século XIX”.

realizadas em Paris, na França, as quais possuem peculiaridades interessantes para a arquitetura e o urbanismo contemporâneos. A primeira, realizada no ano de 1878, foi marcada pelo início da construção da Estátua da Liberdade³⁷. Presenteada aos Estados Unidos, até hoje é utilizada como ícone arquitetônico para a cidade de Nova York. A exposição parisiense ocorrida em 1889 ficou marcada pela inauguração da Torre Eiffel, ícone arquitetônico da cidade, que até hoje “se mantém como um dos locais mais visitados do mundo” (VITARI, 2010, p. 2). Já na exposição de 1900, Paris realizou inovações nos projetos urbanísticos, com a implantação do “novo transporte metropolitano subterrâneo, solução moderna para os transportes urbanos das grandes metrópoles” (VITARI, 2010, p. 3).

Figura 6 - Construção da Torre Eiffel, Paris



Fonte: <http://www.royarden.com/blog/066.htm>

Outra cidade e outra exposição também são marcantes, arquitetônica e urbanisticamente, na história recente desses grandes eventos urbanos. Segundo Simões Jr. (2012, p. 1), na Exposição Universal de Chicago em 1893, foi possível registrar, pela primeira vez, “soluções para organizar o caos urbano em que se encontravam as grandes cidades norte-americanas”. Este evento foi, então, marcado pela relação direta com o movimento reformista chamado *City Beautiful*, que respondia

³⁷ Segundo Vitari (2010, p. 12), “a Estátua da Liberdade presenteada pela França aos Estados Unidos como memorial a sua Constituição foi exposta, ainda inacabada, na Exposição Mundial de Paris, em 1878, antes de ser transplantada para o posto de Nova York em 1886”.

ao rápido crescimento desordenado das metrópoles norte-americanas entre 1890 e 1900. Esse movimento pretendia reformar a arquitetura e o urbanismo daquele país, tendo como características o embelezamento e a monumentalidade das cidades, em prol de uma ordem social e de qualidade de vida. A disposição dos pavilhões da Exposição de Chicago transformou, segundo Kasson (1978, p. 20 apud VITARIO, 2010, p. 11), o espaço em “uma deslumbrante cena de grandeza clássica, unidade, simetria e perspectiva, tudo em escala monumental”. O controle coordenado da cidade pelas funções destinadas à higienização, infraestruturas e serviços urbanos foram unidos ao cenário chamado *White City*³⁸. A exposição foi responsável pela revitalização com a adoção de espaços públicos emblemáticos de cidades norte-americanas durante mais de uma década. Em outros casos, a despeito de o ícone não mais existir na cidade que tenha sediado uma exposição, seu significado permanece pela concretude do exemplo replicado em outras cidades. Esse é o caso da Exposição Universal de Chicago que, ao adotar o movimento *City Beautiful*, prossegue ainda hoje influenciando o planejamento de muitas outras cidades. Para esse caso específico, pode-se citar Berlim, Moscou e Brasília, além de inúmeros exemplos menores em áreas selecionadas de tantas outras cidades pelo mundo.

Figura 7 - Movimento reformista *City Beautiful*, Chicago, Estados Unidos



Fonte: http://games.parsons.edu/wp-content/uploads/2012/02/infinite_worldsfair1.jpg

³⁸ Segundo Simões Jr. (2012) adquiriu-se esse nome pelo fato de que todos os edifícios monumentais expostos deveriam ser pintados de branco, implicando, assim, impacto visual significativo.

Foi a partir do ano de 1931, que as Grandes Exposições Urbanas começaram a ser administradas pela organização intergovernamental denominada BIE – *Bureau International des Expositions*. Para Muniz (2010, p. 15) o BIE é a organização “que avalia e aprova as condições das nações candidatas em receber os eventos”. Assim, categorizando esses eventos em duas tipologias: Exposições Mundiais e Exposições Internacionais (Especializadas)³⁹. Esses dois tipos de Megaeventos diferem com relação ao tamanho do local de implantação das edificações, à duração e à temática utilizada nesses eventos. No Quadro 4, é possível verificar essas principais diferenças.

Quadro 4 - Diferenças entre Exposição Universal e Exposição Internacional

	EXPOSIÇÃO UNIVERSAL (MUNDIAL)	EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL (ESPECIALIZADA)
CATEGORIA	Registrada	Reconhecida
FREQUENCIA	A cada 5 anos	Entre 2 exposições mundiais
DURAÇÃO MÁXIMA	6 semanas	3 meses
PARTICIPAÇÃO	Países, organizações internacionais, sociedade civil e empresas	
TEMA	Preocupação universal	Especializada
CONSTRUÇÃO	Os próprios participantes projetam e constroem seus pavilhões	O organizador disponibiliza aos participantes módulos dos pavilhões
LOCAL	Sem limite de área	Máximo de 25 hectares
OBJETIVOS	Acelerar os projetos de renovação urbana e econômica da cidade sede	Estabelecer a cidade sede na área internacional e promoção de crescimento econômico

Fonte: Elaborado a partir de BUREAU INTERNATIONAL DES EXPOSITIONS, 2013.

Das características ilustradas no Quadro 4, naquilo que se refere ao urbanismo e à arquitetura, pode-se estabelecer que, mesmo diferentes na frequência, na duração, na temática utilizadas, bem como na forma de construção das edificações e no tamanho da área destinada ao evento, as Exposições – Mundial ou Internacional – possuem intrínseca em seus objetivos particulares a promoção da cidade no cenário mundial. Isso é o que, de fato, faz com que a utilização de GPUs, desenvolvidos em

³⁹ Segundo o site do BIE, essas regulamentações não se aplicam a exposições com duração inferior a três semanas, exposições de belas artes e de natureza essencialmente comercial. Entretanto, desde 1960, o BIE reconhece as Exposições Internacionais de Horticultura, aprovadas pela Associação Internacional de Produtores de Horticultura (AIPH), e a Exposição Trienal de Milão de Artes Decorativas e Arquitetura Moderna, por sua precedência histórica.

projetos arquitetônicos e urbanísticos, seja relevante na construção dos cenários envolvidos nestes grandes eventos.

Após a administração do BIE, as exposições passaram a se dissociar do caráter comercial e mercantil para o conceito da troca de informação cultural entre os países participantes e seus visitantes. Embora ainda existentes no mundo dos Megaeventos, hoje esses eventos se perdem num contexto muito mais múltiplo de competitividade global. Apesar desse relativo enfraquecimento das exposições como reveladoras de um “possível sucesso” do país ou da cidade que as acolhem, vale mais uma vez o exemplo recente de Lisboa, em Portugal. Nessa cidade, pôde-se confirmar sua inclusão no mundo urbano europeu por meio da Exposição Mundial de 1998. Diante dessa troca, esses Megaeventos se aproximaram das novas exigências das cidades contemporâneas pautadas no lazer, cultura e serviço e, portanto, adequados ao novo modelo de Planejamento Estratégico e de cidade – aquela com reduzida importância do setor secundário. Entende-se, então, que os Megaeventos que atendem às exigências dessa nova fase urbana são aqueles inseridos no contexto esportivo e concretizados, principalmente, na Copa do Mundo de Futebol da FIFA e nos Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno. Assim, para entender como esses eventos esportivos são conformados no meio urbano, o próximo item discorre sobre um exemplo desses mesmos eventos, os Jogos Olímpicos de Verão.

3.2.2 Jogos Olímpicos de Verão

Assim como ocorre com as Grandes Exposições Urbanas, os Jogos Olímpicos também se utilizam de um órgão internacional para administrar os eventos. O Comitê Olímpico Internacional (COI) dirige as edições dos jogos nos meses de verão – objeto de estudo desta tese – e nos de inverno, que, alternadamente, ocorrem a cada dois anos. O primeiro evento administrado pelo COI, ainda com uma expressão popular inferior à das exposições, foram os Jogos Olímpicos realizados juntamente com a Exposição⁴⁰ de Atenas, na Grécia, no ano de 1896. Marcado por um momento de confraternização entre as diversidades culturais dos participantes, o período entre os

⁴⁰ Os Jogos Olímpicos de Verão de 1900, em Paris, e de 1904, em St. Louis, nos Estados Unidos, também foram realizados juntamente com as exposições daquele ano.

Jogos Olímpicos de Atenas e os de Estocolmo, em 1912, relacionavam-se, segundo Rubio (2005, p. 8), a uma “prática de tempo livre e não contavam com o apoio do poder público, nem da iniciativa privada”. Entretanto, cerca de duas décadas após os Jogos Olímpicos serem organizados pelo COI, esses eventos esportivos se transformaram num acontecimento de grande importância para o cenário internacional. Ou seja, foi a partir dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, que governantes e políticos reconheceram a abrangência popular e, conseqüentemente, o alcance econômico desses Megaeventos esportivos.

Figura 8 - Jogos Olímpicos de 1936, Berlim, Alemanha



Fonte: http://www.uni-potsdam.de/db/up_blog/wpcontent/uploads/2013/06/olympia1936_fb.jpg.png

Não há dúvida de que os Jogos de Berlim foram um sucesso de organização e de público, êxito que custou 30 milhões de dólares ao governo, destinados à construção de estádios, ginásios, piscinas e demais instalações. Em troca o público deixou nos cofres dos organizadores algo em torno de 3 milhões de dólares, afirmando o que já se percebera em Los Angeles quatro anos antes. Os Jogos Olímpicos podiam ser altamente rentáveis (RUBIO, 2005, p. 10).

Durante a segunda metade do século XX, para Mol et al. (2007, p. 10), os Jogos Olímpicos “foram se transformando em fenômeno sócio-cultural marcado por um alto grau de complexidade, apropriados e inseridos na lógica capitalista”. Um dos fatores que contribuíram com o desenvolvimento dos Jogos Olímpicos foram as transmissões

ao vivo do evento esportivo realizado em Roma no ano de 1960, que “permitiu que mais de 200 milhões de pessoas do continente europeu tivessem acesso às competições em tempo real” (RUBIO, 2005, p. 11). E foi justamente a partir da década de 1960, segundo Chalkley e Essex (1999), que os Jogos passaram a ser utilizados na implementação e promoção de políticas urbanas num projeto maior de cidade, com grandes impactos sobre a paisagem urbana. Influenciado diretamente pelas características do Planejamento Urbano Estratégico, observou-se nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, a geração de lucros financeiros aos seus organizadores públicos e privados. Para Sanchez et al. (2010, p. 2), a parceria do setor público com agentes privados e agências internacionais usou a imagem dos Jogos Olímpicos “como um espetáculo em escala mundial para chamar a atenção internacional”.

Figura 9 - Jogos Olímpicos de 1984, Los Angeles, Estados Unidos



Fonte: <http://pusz4frog.files.wordpress.com/2012/03/dodger-stadium-1.jpg>

A partir, então, da década de 1980, o uso da imagem do esporte e do entretenimento como estratégia cultural e social se associa diretamente aos novos interesses do consumo da cidade contemporânea. Com a venda de direitos televisivos da cobertura do evento e com o *marketing* voltado para a comercialização de símbolos e imagens do evento olímpico, os setores público e privado conseguiram arrecadar recursos financeiros e ainda obter lucros.

Si le damos un vistazo a las ediciones más recientes de los Juegos Olímpicos, desde Munich 1972 a Seúl 1988, veremos como el modo en que se han financiado y el porcentaje de inversiones públicas y privadas han cambiado radicalmente. Mientras que años atrás los Juegos se financiaban

preferentemente mediante procedimientos como loterías y ediciones especiales de sellos y monedas, esta tendencia se cambió por la venta de los derechos de televisión para la cobertura de los Juegos y el marketing y la venta de los símbolos y la imagen Olímpicos⁴¹ (SOLE TURA; SUBIRATS, 1994, p. 7).

No entanto, é com os Jogos Olímpicos realizados em Barcelona no ano de 1992 que o evento esportivo se transformou num modelo de atração de investimentos público e privado em prol da execução da transformação urbana, em seus níveis sócioeconômicos e de infraestrutura urbana. Nesse evento, gestores urbanos produziram um resultado significativo na transformação urbana da cidade. Capel (2005, p. 15) confirma Barcelona como exemplo dessa grande transformação, quando cita que o privilégio em sediar o evento esportivo “permitió activar una serie de proyectos de intervención en la ciudad y desencadenó una fase de ritmo intenso de construcciones, con apoyo de inversiones públicas”⁴². Tais transformações urbanas produziram outra característica marcante nesse tipo de Megaevento esportivo: a reconstrução da imagem social da cidade. A atração de investimentos para a revitalização de espaços públicos, assim como melhorias na infraestrutura e nos serviços urbanos, é um instrumento urbano favorável diretamente à qualidade de vida dos cidadãos. Na visão positiva, Arantes (2002, p. 47) destaca que a transformação urbana produzida pelos Megaeventos é capaz “de devolver aos seus moradores algo como uma sensação de cidadania, [...] que lhes estimulem a criatividade, lhes aumentem a autoestima, ou os capacitem do ponto de vista técnico e científico”. Nessa mesma leitura positiva, Sanchez et al. (2010, p. 10) destacam que, “desse modo, reinventar a cidade em sua era olímpica significa reconstruir sua imagem buscando corrigir percepções negativas da audiência nacional e internacional”. Portanto, pode-se afirmar que os altos investimentos canalizados para a candidatura de uma cidade para se tornar sede dos Jogos Olímpicos são compreensíveis, pois os Jogos Olímpicos são utilizados pelos governos como catalizadores do desenvolvimento urbano.

⁴¹ Se dermos uma olhada nas edições mais recentes dos Jogos Olímpicos, desde Munique 1972 a Seul 1988, veremos como o modo em que foram financiados e a percentagem de investimentos públicos e privados mudaram radicalmente. Enquanto anos antes os jogos se financiavam, de preferência, por procedimentos como loterias e edições especiais de selos e moedas, essa tendência mudou com a venda de direitos de televisão para a cobertura dos Jogos e a comercialização e venda dos símbolos e imagens olímpicos.

⁴² “permitiu ativar uma série de projetos de intervenção na cidade e desencadeou uma fase de intenso ritmo de construção apoiada por investimentos públicos”.

Entretanto, a importância dos Jogos na realização de importantes inflexões urbanas físicas e socioeconômicas é, também, alvo de críticas negativas. Esse receio está mais relacionado com o aumento do interesse com a lucratividade obtida na venda dos jogos para uma sociedade elitizada do que propriamente com as modificações no tecido urbano. Atenuando ainda mais essas consequências negativas, observa-se que o COI e seus semelhantes⁴³ introduzem modelos padronizados de governança que, muitas vezes, são diferentes dos modos locais, contribuindo negativamente com as políticas públicas locais. Na inserção desse acontecimento, tais exigências dos órgãos administrativos desses Megaeventos formam um padrão internacional, e, para Sanchez et al. (2010, p. 10), “compõem a imagem urbana que promove a cidade olímpica, à qual os cidadãos devem se moldar”. Um forte resultado consequente desse processo é o consumo da cidade pela elite local e estrangeira e a natural exclusão da população menos favorecida economicamente.

Portanto, além de serem vistos como um processo cultural e social e de visibilidade mundial da cidade-sede, os Jogos Olímpicos – bem como as Grandes Exposições Urbanas – são também observados como propulsores de rompimentos nas diversas dimensões urbanas – social, econômica, cultural e territorial. Essa dicotomia é estabelecida no contexto dos debates, no qual esses Megaeventos são vistos como uma oportunidade de criar GPUs para minimizar as problemáticas dos centros urbanos. Essa ligação entre Megaevento e GPU é discutida na próxima subseção.

3.3 A ADERÊNCIA ENTRE GRANDE PROJETO URBANO E MEGAEVENTO

Diante da síntese conceitual de GPU e das análises de Megaevento discutidos até então, observa-se forte ligação entre esses dois fenômenos urbanos. Essa aderência se confirma pelo fato de ambos serem tratados concomitantemente em muitos dos estudos aqui analisados e, muitas vezes, por serem confundidos em seus conceitos e caracterizações. São, pois, objetos de difícil conceituação precisa, indicando também influências temporais nas análises mais fundamentais para se entender aquilo que é um GPU e aquilo que é um Megaevento, no passado e na

⁴³ Outro órgão internacional que administra um Megaevento esportivo é a Fédération Internationale de Football Association (Fifa), a qual promove, de quatro em quatro anos, o mundial de futebol masculino.

contemporaneidade. Essa similitude reforça mais uma vez a dificuldade de conceituá-los de modo mais explícito e direto. Confirma-se, então, que, urbanisticamente, ao se discutir um determinado Megaevento, discute-se diretamente também um GPU, ou seja, os conceitos desses dois fenômenos urbanos são vinculados entre si. Observa-se, assim, a existência de uma sobreposição de características entre essas duas manifestações urbanas, estabelecendo um paralelo entre seus conceitos e análises aqui apresentados.

Naquilo que se refere à arquitetura e urbanismo, encontra-se certo relativismo entre esses dois fenômenos. Arrisca-se afirmar que um GPU é observado como a visualização físicoterritorial mais concreta de um Megaevento, utilizados, então, como suporte físico a um evento. Nos Megaeventos aqui debatidos, observa-se que o agrupamento de uma grande celebração cultural, com a reestruturação física de parte da malha urbana, cria uma situação única de desenvolvimento do meio urbano e uma oportunidade de debate sobre as temáticas que compõem esse cenário de transformação. Dessa leitura teórico-conceitual, pode-se concluir algumas características que formam certa aproximação entre GPU e Megaevento. De imediato, o que se observa ao estudar esses dois fenômenos é a possibilidade de classificá-los perante suas características peculiares. Diante dessa capacidade de atribuir valores, observa-se que, para se definir um Megaevento, é possível diferenciá-lo segundo a temática envolvida. Assim, pode-se realizar um grande evento religioso, esportivo, comercial, rural etc., desde que assegurada sua grande visibilidade. Já um Grande Projeto Urbano pode ser classificado de duas distintas maneiras: com relação à sua escala e com relação à sua ênfase projetual. Perante sua escala, como exibido por Borja e Castells – apresentado no subitem relacionado ao conceito abrangente dessas grandes estruturas –, um GPU pode ser classificado como sendo de grande escala, intermediária ou escala local. Com relação à distinção dessas grandes estruturas ante suas características projetuais, nesse aspecto, podem ser diferenciadas como projetos vinculados com ênfase arquitetônica, preocupação com o patrimônio histórico ou envolvidos com questões ambientais, dentre outros tantos temas urbanos. Essas características são apresentadas, e, portanto, destacadas, quando discutidas as temáticas envolvidas nesses GPUs. Portanto, pode-se estabelecer como uma

característica comum entre esses dois fenômenos urbanos a manifestação de diferentes composições e temáticas, possibilitando, assim, classificá-los.

Outra aderência encontrada é a existência da diferença entre os olhares acadêmicos do observador local e o olhar do observador estrangeiro sobre os dois fenômenos urbanos. Observa-se, então, que o caso do observador local – aquele que possui um olhar próximo ao objeto – é tradicional e esperadamente mais crítico e receoso com relação à organização de um Megaevento e à construção de seus GPUs. Entretanto, o observador distante e/ou passageiro é compreensivelmente menos crítico quando questionado sobre Megaeventos e suas grandes construções. Dessa forma, pode-se afirmar que a proximidade do observador em relação ao objeto analisado é fator que influencia e une conceitualmente um Megaevento de um GPU. Assim, para se entender esses dois fenômenos, considerar a distância do observador é fundamental no entendimento que se tem do objeto. Derivada da observação desses dois olhares, outra proximidade encontrada é a existência de discursos divergentes – favoráveis e receosos – quando se utiliza da literatura acadêmica para se discutir GPU e Megaevento. Mais que isso, observa-se também a predominância de discursos acadêmicos negativos relacionados a esses dois fenômenos urbanos. Assim, são identificados pela academia como objetos de recorrente receio quanto à implantação e posterior uso de suas infraestruturas.

No entanto, frente a essa aderência entre os dois fenômenos, a dúvida que ainda permanece é aquela que relaciona possíveis mudanças de posicionamentos autorais e permanência e agregação de perspectivas de análise de GPUs ao longo de diferentes momentos históricos marcados por Megaeventos. Pela ocorrência desses acontecimentos urbanos pontuais e esporádicos nas cidades contemporâneas, é possível encontrar publicações científicas numa ordem cronológica, o que facilita a análise de discursos pela influência de um lapso temporal. Para tanto, entra em questão a necessidade de uma análise empírica do que se concluiu sobre a proximidade conceitual de GPU e Megaevento. Assim, com o objetivo de agregar um maior aprofundamento para o avanço desse estudo, a próxima seção busca, na cidade de Barcelona, analisar os debates sobre as iniciativas de impacto no espaço urbano provocadas pela transformação física na linha do tempo.

4 ESTUDO DE CASO: A BARCELONA DOS MEGAEVENTOS

Após a realização de uma construção conceitual sobre GPU e da pesquisa analítica referente a Megaevento, esta seção realiza o estudo empírico sobre a cidade de Barcelona, local onde foram realizados a Exposição Universal de 1888, a Exposição Mundial de 1929, os Jogos Olímpicos de Verão de 1992 e o Fórum das Culturas de 2004. Esta seção é composta por quatro subseções. A primeira apresenta a revisão histórica da cidade segundo as principais transformações urbanas ocorridas. A ênfase dessa contextualização histórica se baseia na relevância das duas exposições para a construção da cidade, bem como a organização dos Jogos Olímpicos de 1992 e o Fórum das Culturas de 2004 como ferramenta do Planejamento Estratégico para a renovação de Barcelona. Dos autores pesquisados para este estudo, chama atenção como os Megaeventos (e, por consequência, seus GPUs) são utilizados como referência marcante na história daquela cidade – principalmente no período da industrialização no século XIX – e como são capazes de revelar relações entre o espaço físico e o distanciamento temporal desses mesmos eventos. Evidenciam-se aqui esses GPUs de Megaeventos como elementos de inflexões urbanas capazes de demarcar a linha do tempo urbana de Barcelona. A segunda subseção discute posicionamentos críticos distintos relacionados à Barcelona dos Megaeventos, e se desmembra em quatro itens, cada qual analisando um determinado Megaevento ocorrido em Barcelona. Muitos dos trabalhos utilizados para formar esse debate possuem textos que apresentam, sem menção de juízo, soluções projetuais urbanísticas e arquitetônicas. Entretanto, o tom crítico que se acentua nesta subseção é o de apresentar posicionamentos autorais e não descrever ideias de correção de problemas identificados pelos autores aqui citados. Esta pesquisa procura confirmar a predominância de posicionamentos receosos contra uma minoria favorável, identificar uma mutabilidade autoral influenciada pelo tempo dos autores com relação à Barcelona dos Megaeventos e identificar fatores inerentes ao debate de GPUs de Megaeventos que influenciam os posicionamentos autorais. Na terceira subseção identificam-se e analisam-se as perspectivas de análise presentes nos artigos utilizados como fonte bibliográfica. Por fim, conclui-se o estudo empírico, na quarta e última subseção, na compilação dos resultados obtidos neste estudo.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA BARCELONA DOS MEGAEVENTOS

A história urbana de Barcelona pode ser interpretada como um relato de acontecimentos repletos de inflexões urbanas, e cada um deles marca uma mudança na morfologia da cidade. Desde as reutilizações de seu núcleo urbano romano no século III, para frear o período de invasões bárbaras, até as invasões árabes em 711, a estrutura murada romana foi elemento principal da malha urbana, até a destruição da cidade na Idade Média. Com a expansão mercantil na cidade medieval, em 1260, para envolver vilas que se articulavam aos demais elementos de defesa da cidade, construiu-se uma nova muralha, oferecendo maior estrutura de proteção contra os invasores (BUSQUETS, 1994). No século XIV, com o aumento da população e, em consequência, a necessidade de se incrementar o território, realizou-se o processo de construção da terceira e última muralha de proteção.

Sendo um aglomerado urbano próximo ao Mar Mediterrâneo, Barcelona iniciou as obras de seu porto marítimo em 1438, durante a monarquia de Alfonso IV (TARÍN, 2009), entretanto, “por dificultades técnicas y económicas y la imposibilidad de luchar contra el fuerte transporte litoral de arenas⁴⁴, se demora cuatro siglos, finalizando su construcción en el año 1874⁴⁵” (NÓVOA, 1998, p. 63). Ainda no século XV, com o crescimento da cidade e a intensa atividade comercial, priorizou-se a construção de uma grande via que modificou a malha urbana de Barcelona. Utilizada como prioridade para o lazer e o comércio dos cidadãos, a *Rambla* foi o primeiro espaço urbano de grande dimensão para passeio, lazer, feiras e mercados da cidade (BUSQUETS, 1994). Finalizada em 1444, foi mantida como a principal avenida de Barcelona, repleta de edifícios com diferentes usos, estruturas, tamanhos e estilos.

As áreas agrícolas próximas ao aglomerado urbano, bem como as grandes obras de ampliação do porto mediterrâneo, aumentaram significativamente o território de Barcelona no século XVII. Sem a necessidade de proteção física das muralhas e, portanto, a demolição delas, em 1854 foi possível implantar o *Plan Cerdà* (Figura 12), o qual permitiu a extensão da cidade “en el llano que se extendería entre la Antigua

⁴⁴ Segundo Tarín (2009), os depósitos de areia e demais sedimentos marítimos se acumularam na orla marítima, assim criando a praia de Barceloneta, ponto turístico da Barcelona dos séculos XX e XXI.

⁴⁵ Por dificuldades técnicas e econômicas, e pela impossibilidade de lutar contra o forte transporte de areias da praia, a construção demorou quatro séculos, sendo finalizada no ano de 1874.

ciudad y las laderas de Collserola⁴⁶ (LA VANGUARDIA, 1986, p. 23). Esse avanço em áreas extramuralhas reformulou a malha urbana em grande escala, segundo componentes higienistas, de circulação e funcional, transformando-a, assim, em um dos grandes projetos urbanísticos do século XIX na Europa. Esse processo lento e complexo ampliou o território da cidade sem a preocupação com os antigos limites municipais, em um traçado quadriculado. Mesmo com inúmeras revisões e reformas⁴⁷, o *Plan Cerdà* continua sendo um elemento urbanístico na morfologia de Barcelona, introdutor de “un orden global para toda la ciudad, existente y futura, que desplazó su centro y anexionó los municipios del llano⁴⁸” (MONTANER apud BORJA; MUXÍ; 2004, p. 204).

Figura 10 - Ortogonalidade do Plan Cerdà e a sinuosidade da Cidade Velha, Barcelona, Espanha



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Google Earth®.

Com o fim do processo de adensamento do *Plan Cerdà*, juntamente com o crescimento industrial, os municípios vizinhos – *Sants*, *Gràcia*, *Sant Andreu de Palomar* e *Sant Martí de Provençals* – foram anexados à Barcelona. Essa “Grande Barcelona” abre, então, um período de incremento populacional urbano, o qual gerou novas necessidades urbanas com grandes transformações nos setores de transportes,

⁴⁶ “numa área que se estendia entre a Cidade Velha e as ladeiras da montanha de Collserola”.

⁴⁷ Segundo o jornal *La Vanguardia* (1986), a insatisfação dos investidores foi que Cerdà previa demasiados espaços entre as edificações e também grandes áreas verdes. Assim, *edificaron los cuatro lados de cada manzana, en lugar de los dos previstos; se olvidaron los jardines interiores, e hicieron más pisos de los que Cerdà recomendaba. Aún así el innovador proyecto urbanístico pudo pasar a la historia por su estructura reticular, los chaflanes y la anchura de las calles* (LA VANGUARDIA, 1986, p. 23).

⁴⁸ “uma ordem global para toda a cidade, existente e futura, que deslocou seu centro e anexou os municípios da planície”.

equipamentos urbanos e novos sistemas de áreas verdes. Diante dessas necessidades urbanísticas, os 125 anos seguintes foram importantes para o crescimento e o desenvolvimento de Barcelona, com a utilização de GPUs oriundos de Megaeventos. Conhecida como possuidora de uma das experiências mais significativas do urbanismo contemporâneo, Barcelona possui uma singularidade no processo de transformação urbana identificado por meio de GPUs de Megaeventos. Corroborando com essa afirmação, Capel (2004, p. 99) destaca que “Barcelona es así una ciudad que ha sabido sacar partido del ‘efecto pulsar’, la utilización de grandes acontecimientos que se producen de forma ocasional⁴⁹”. E foram esses grandes acontecimentos que marcaram física, social e economicamente o desenvolvimento urbano da cidade de Barcelona nos últimos 125 anos.

Os itens a seguir discorrem sobre a importância e o impacto gerado na malha urbana pelos principais Megaeventos realizados em Barcelona nos últimos 125 anos. Apresentam-se também descrições fisicoterritoriais de cada Megaevento, com o propósito em identificar as principais transformações urbanísticas e arquitetônicas executadas na Barcelona dos Megaeventos.

4.1.1 Exposição Universal de 1888

No fim do século XIX, Barcelona ocupava papel de cidade industrialmente desenvolvida e apta para novas ideias tecnológicas e modernas. Entretanto, os primeiros anos desse século foram marcados por uma forte crise política e econômica que resultou no declínio da produção industrial na cidade. A ferramenta encontrada para superar essa crise econômica, segundo Varela (1999), foi a indicação de Barcelona como sede para a Exposição Universal em 1888⁵⁰. Observa-se, já nesse momento, uma possível relação entre grandes eventos e o rejuvenescimento urbano⁵¹. Para a realização desse evento, procurou-se implantar novas construções, destinadas

⁴⁹ “Barcelona é uma cidade que soube aproveitar o ‘efeito pulsar’, o uso de grandes eventos que ocorrem ocasionalmente”.

⁵⁰ O evento, organizado no Parque de *La Ciudadela*, ocorreu entre os dias 8 de abril e 9 de dezembro, recebendo nesses dias cerca de 2.240.000 visitantes. No espaço destinado ao evento, cerca de 450.000 m², localizava-se uma antiga fortaleza militar.

⁵¹ Vale aqui a lembrança da análise feita por Ultramar (2006) a respeito da cidade de Blumenau (SC). Tal qual outras análises, esse autor acredita na relação entre a necessidade de se recuperar das enchentes de 1982 e a organização da primeira Oktoberfest em âmbito nacional.

aos pavilhões e serviços para atendimento dos visitantes, numa área próxima aos principais pontos de mobilidade de Barcelona, com demais centros urbanos da Espanha e Europa – porto marítimo e estação central de trens –, bem como às principais vias de comércio da cidade. O local escolhido foi uma área central onde, em 1714, fora construído um forte militar – *La Ciudadela*⁵² – integrado ao recinto murado da cidade de Barcelona. No espaço da antiga fortaleza militar, Barcelona organizou sua primeira Exposição Universal, a qual “le daría proyección internacional y un derecho moral a competir con Madrid por la capitalidad, también moral, de España⁵³” (LA VANGUARDIA, 1986, p. 23). Assim, o evento não devolveria somente o giro capital econômico à Barcelona, mas também a possibilidade de competir nacionalmente com Madri como principal cidade espanhola.

Figura 11 - Plano da cidade de Barcelona, 1806



Fonte: Museu Nacional de España.

⁵² Após anos de conflitos e bombardeios por conta da Guerra de Sucessão, Felipe V, rei da Espanha, autorizou a construção de forte militar em Barcelona para obter um maior controle da cidade.

⁵³ “Ihe daria projeção internacional e um direito moral de competir com Madri pela condição de capital, também moral, da Espanha”.

Porém, para a construção deste forte militar, houve a necessidade do derrubamento de inúmeras edificações do bairro de *La Ribera* – um dos espaços mais populares da cidade – sem qualquer indenização aos proprietários. Sendo assim, uma das contribuições urbanísticas da Exposição foi revitalizar parte do bairro de *La Ribera*, como forma de valorização da população local, bem como inibir a repressão causada pelos militares e, conseqüentemente, o aumento do nacionalismo catalão. Para Heureu (1988 apud VALLS, 2011, p. 10), a preocupação dos organizadores do evento foi, inclusive, “que las obras de la exposición representasen la culminación definitiva de ese proyecto ciudadano”⁵⁴ – valorizando, portanto, de fato, os cidadãos e desenvolvendo uma sociedade mais participativa com relação às transformações urbanas.

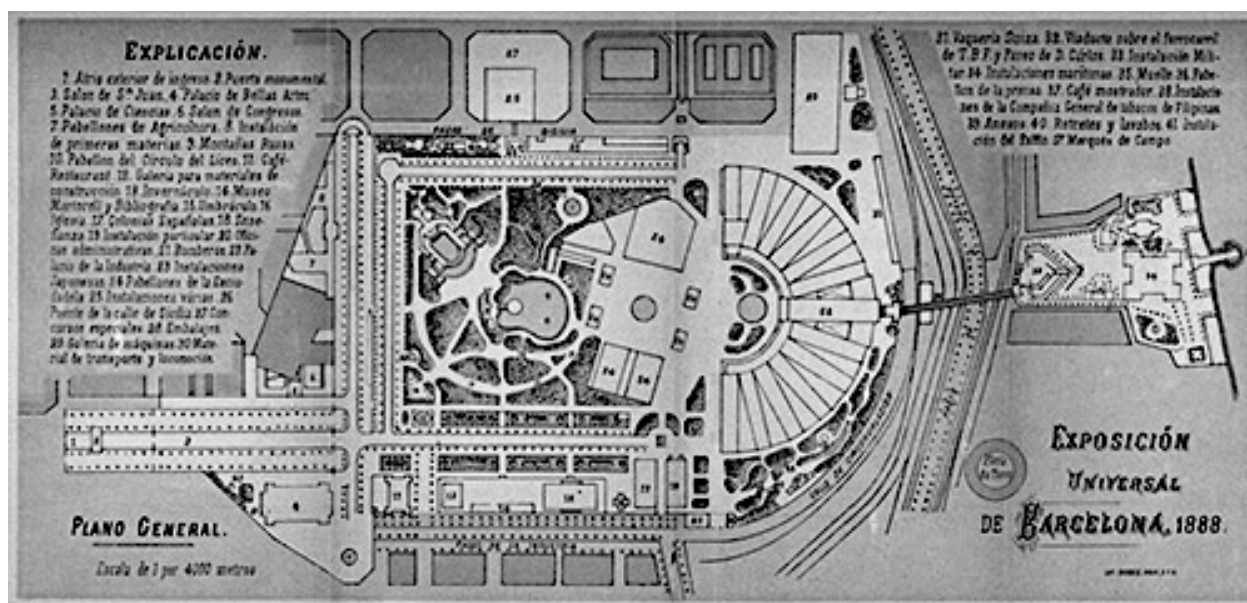
Numa área ligada aos nós de mobilidade regional e principais eixos comerciais da cidade de Barcelona, para Valls (2011, p. 10), a localização no “Parque de La Ciudadela pareció lógica porque desde hacía tiempo se había concebido la antigua Ciutadella como un espacio para exposiciones industriales”⁵⁵. No entanto, pelo fato de ter sido o espaço militar dentro da malha urbana de Barcelona, o novo parque não era um local agradável para os barceloneses, já que os lembrava do controle militar exercido na cidade.

Com a Exposição Universal de 1888, Barcelona utilizaria pela primeira vez um evento para transformar a cidade, e era preciso mudar a percepção das pessoas em relação ao antigo forte. Com a Exposição, pretendeu-se colocar este parque no mapa mental dos habitantes, construindo pavilhões efêmeros e conservando no parque alguns elementos do forte: a igreja, os quartéis e a casa do comandante, conformando o conjunto barroco mais importante da cidade (MUXÍ, 2010, p. 107).

⁵⁴ “que as obras da exposição representassem a culminação definitiva desse projeto de cidadania”.

⁵⁵ “Parque de La Ciudadela pareceu lógica porque desde muito há tempo se tinha concebido a antiga Ciutadella como um espaço para exposições industriais”.

Figura 12 - Plano da Exposição Universal, 1888, Barcelona, Espanha



Fonte: http://johost.eu/vol6_fall_2012/agusti_galan.htm

Mesmo cientes desse desprezo dos habitantes com o local escolhido para celebrar o evento, os gestores urbanos de Barcelona se atentaram para a importância da promoção de um Megaevento como projeção internacional. Ou seja, mais que a instalação de um novo parque urbano para seus habitantes, a Exposição Universal de 1888 implicou grande impulso para a economia catalã, bem como para o avanço de novos processos tecnológicos. Urbanisticamente, segundo Pascual (2007), a celebração desse evento também serviu como condutor para a finalização de inúmeras obras inacabadas, bem como para melhorias nos serviços públicos e para a implantação de novas infraestruturas, como a construção do *Paseo de Colón* e um novo molhe marítimo, como forma de reurbanização da orla marítima – a qual foi dotada de iluminação elétrica, algo inexistente na cidade até aquele momento. Esse novo advento tecnológico foi também utilizado nas vias mais movimentadas de Barcelona, como *Las Ramblas* (importante via comercial), *Plaza de San Jaime* (centro político) e no espaço destinado ao evento. Juntamente a essas intervenções urbanas, importantes ícones arquitetônicos foram erguidos em Barcelona, para a celebração da Exposição de 1888. Entretanto, destacam-se duas edificações e dois marcos escultóricos:

a) **Palacio de Justicia.** Ícone da arquitetura modernista catalã realizado pelos arquitetos Enric Sagnier i Villavecchia e Josep Domènech i Estapà. Um dos primeiros edifícios públicos de Barcelona construídos com caráter monumental dentro da malha de expansão concebida por Ildefonso Cerdà. Coberto por um sistema de arcos em ferro, o palácio é composto por pinturas e esculturas de grandes artistas catalães.

Figura 13 - Palácio da Justiça, Barcelona, Espanha



Fonte: RTVE, 2009.

b) **Hotel Internacional.** Obra do arquiteto catalão Luis Domenèch Montaner, construído em tempo recorde para a época: 53 dias. Mesmo aceita pela população, a edificação efêmera construída em ferro para acolher os visitantes da Exposição de 1888 foi demolida logo que o evento terminou.

Figura 14 - Arquitetura catalã como patriotismo regional, Barcelona, Espanha



Fonte: EXPOSICIÓN UNIVERSAL BARCELONA, 1888.

c) A mais famosa estátua da cidade de Barcelona, **Monumento a Colón**, obra de Rafael Atché, foi construída em homenagem a Cristóvão Colombo. Erguida no fim da principal via comercial da cidade – *La Rambla* –, foi concebida como um ícone arquitetônico das melhorias realizadas na orla marítima.

Figura 15 - Monumento à Colombo, Barcelona, Espanha



Fonte: http://instituto.ampalluiscompanys.org/web_4tESO_2011_12/WEB51/historiabcn2.html

d) **Arco do Triunfo**. Construído para ser tornar a porta de entrada para a Exposição de 1888, foi projetado pelo arquiteto Josep Vilaseca i Casanovas. A estrutura possui uma altura de 30 m e se caracteriza por motivos civis marcando processos artísticos, científicos e econômicos.

Figura 16 - Arco do Triunfo, Barcelona, Espanha



Fonte: <http://www.todocoleccion.net/postal-barcelona-arco-triunfo-publicidad-nouvel-hotel>

O êxito do evento de 1888 demonstrou a grande capacidade de organização por parte das autoridades, instituições públicas e organizadores privados, para fomentar investimentos e desenvolver a economia. Além de conter o momento de enfraquecimento econômico, a Exposição não só revitalizou o setor da construção civil catalã, mas também marcou por se tornar um modelo de utilização de Megaeventos como propulsor do desenvolvimento físicioterritorial, político e socioeconômico de Barcelona. No entanto, muitos projetos propostos foram engavetados, motivando novamente a sociedade a se manifestar, anos mais tarde, pela realização de uma nova Exposição, a fim de garantir a execução desses projetos públicos para a cidade (PASCUAL, 2007).

4.1.2 Exposição Mundial de 1929

No início do século XX, a Espanha encontrava-se atrasada e empobrecida em comparação com seus vizinhos países europeus. Diante do sentimento de inferioridade e da certeza de que a organização de um Megaevento serviria como um remédio contra a crise – como ocorrido em 1888 –, foram organizadas duas Exposições

Universais no ano de 1929, uma em Sevilha e outra em Barcelona⁵⁶. Na primeira, buscou-se resgatar o sentimento nacionalista, e na segunda, acelerar o desenvolvimento industrial espanhol. Segundo Rubio (2010, p. 324), a Exposição de 1929 foi organizada “com un projecte claramente urbanístic, polític i econòmic a mans dels seus promotors⁵⁷”. Não somente por ser a capital da principal região industrial do país, a Exposição Mundial de Barcelona obteve sucesso também por possuir uma tradição urbanística pela implantação do *Plan Cerdà* e pela organização da Exposição Internacional de 1888 (ABREU FILHO, 2010).

A escolha pela montanha de *Montjuïc*⁵⁸, limite oeste entre a cidade antiga e o *Eixample* – quadras do *Plan Cerdà* –, trouxe a oportunidade de urbanizar um lugar-símbolo da cidade, porém esquecido por seus habitantes. A localização do evento “enquadra-se naquilo que se poderia denominar recinto fora da cidade” (SCHERER, 2002, p. 103), ganhando, assim, um dinamismo de caráter metropolitano. A singularidade na escolha do local para o evento é evidenciada por se realizar em lugar com topografia acidentada. Segundo o jornal *La Vanguardia* (1986, p. 23), essa peculiaridade foi um grande mérito, pois o evento ocorreu em uma montanha, “en lugar de hacerlo en un llano, como se había hecho en todas las exposiciones universales habidas desde la de Londres de 1851⁵⁹”.

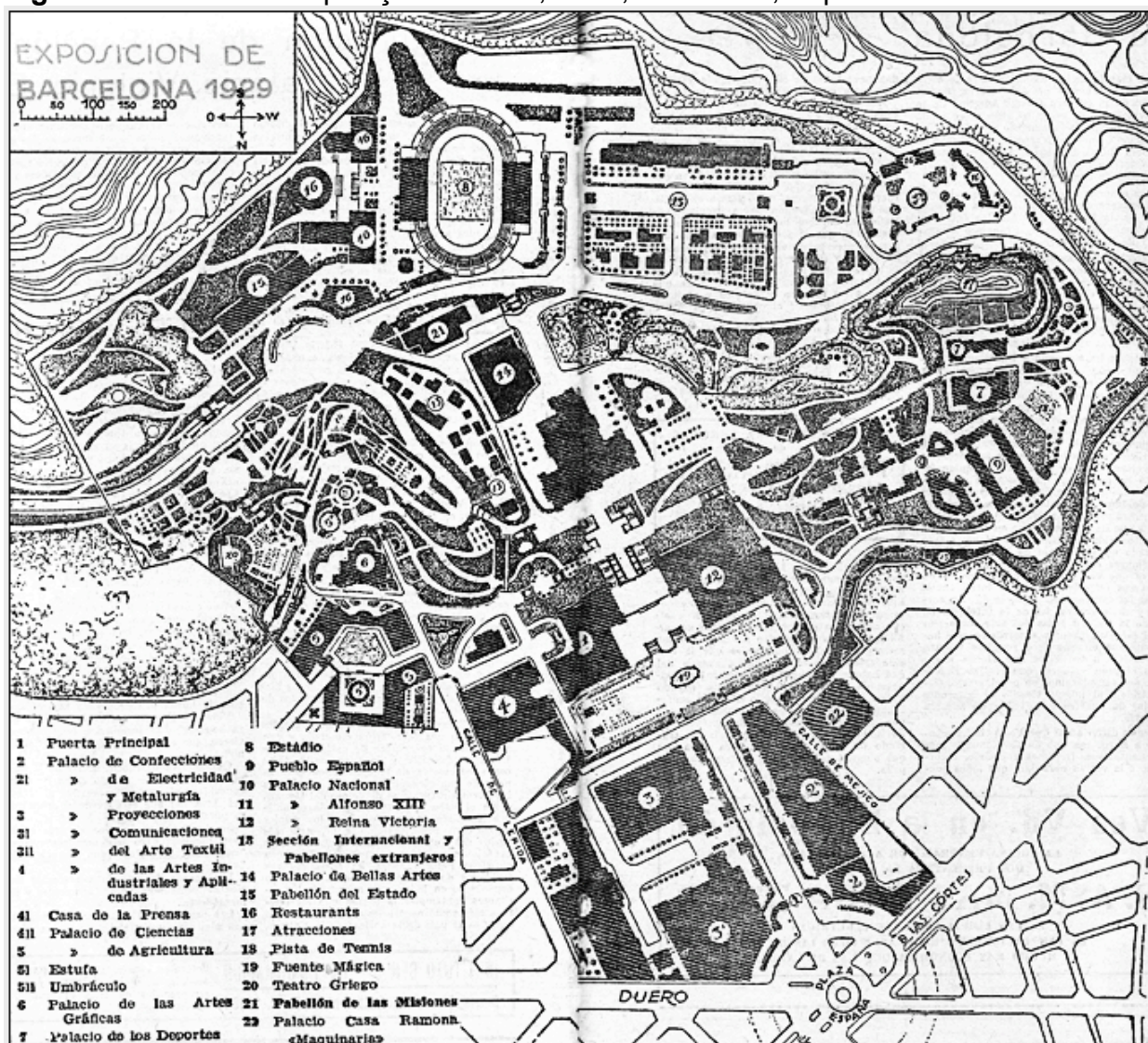
⁵⁶ Em meio a conturbados anos de uma execução com ritmo lento, a exposição foi inaugurada em 19 de maio de 1929, sob o tema “Indústria, Arte e Esporte”, para cerca de 200 mil pessoas celebrarem a inserção da Espanha industrial na Europa moderna.

⁵⁷ “como um projeto claramente urbanístico, político e econômico pelo interesse de seus organizadores”.

⁵⁸ Na época, *Montjuïc* resumia-se numa área com pouca urbanização e separada do núcleo histórico da cidade, bem como de suas expansões. Sua ocupação urbanística começou por volta de 1872, quando, segundo estudos de *Cerdà*, criaram-se novos bairros, dentre eles *Sant Beltrá* e *La Fransa* (SCHERER, 2002, p.102).

⁵⁹ “no lugar de fazer em uma área plana, como se tinha feito em todas as exposições universais desde a de Londres de 1851”.

Figura 17 - Plano da Exposição Mundial, 1929, Barcelona, Espanha



Fonte: http://wiki.ead.pucv.cl/index.php/Exposición_Internacional_Barcelona_1929

Mesmo com topografia acidentada, diante da pouca ocupação existente na área da montanha e em seu entorno próximo, pôde-se ordenar os caminhos tortuosos e ajardinados segundo o traçado geométrico do *Plan Cerdà*. Ponto de difícil convergência entre três grandes avenidas, aos pés da montanha, e então acesso principal da Exposição, implementou-se, segundo Abreu Filho (2010), a principal peça urbanística da Exposição de 1929 em Barcelona: o grande eixo entre a Praça Espanya e o Palácio Nacional. Urbanisticamente, criou-se um elemento de marcação e organização do sistema viário naquela região da cidade e, arquitetonicamente, criou-se um conjunto de construções monumentais. Isso, para Rubio (2010), proporcionou o aparecimento de

uma nova centralidade para a cidade. Assim, “Montjuïc i la Plaça Espanya passaven a convertir-se en l’epicentre real de la Gran Barcelona⁶⁰” (RUBIO, 2010, p. 325). Como elemento artístico da Plaça Espanya, destaca-se a Fuente Monumental, projetada pelo arquiteto Pujol, discípulo de Antoni Gaudí.

Figura 18 - Avenida Reina Maria Cristina, Barcelona, Espanha



Fonte: http://cvc.cervantes.es/artes/paisajes_sonoros/p_sonoros02/daumal/daumal_02.htm

Com relação às revitalizações na área da montanha, destaca-se, primeiramente, a construção da *Fuente Mágica*, projetada pelo arquiteto Carles Buïgas e dotada de uma arte cênica, que, após anos da celebração, é a principal imagem do evento. Outra construção emblemática erguida na montanha é o *Pueblo Español*⁶¹, espaço temático que reúne as várias tipologias arquitetônicas da Espanha. Segundo Torreblanca (2009, p. 139), esse complexo arquitetônico “fue uno de los lugares relacionados con el ocio más visitados durante la celebración de la Exposición Internacional de 1929⁶²”. Destacam-se também os jardins projetados pelo arquiteto francês Jean-Claude Nicolas Forestier, que, com os ideais do movimento catalão *Noucentisme*⁶³, recuperou a cultura

⁶⁰ “Montjuïc e a Praça Espanha se passaram a converter-se no epicentro real da Grande Barcelona”.

⁶¹ “El complejo arquitectónico reconstruye con detalle la vida de pueblo en diferentes épocas y regiones de distintas partes de España. El recinto reconstruye una imagen global y abstracta de los pueblos españoles” (TORREBLANCA, 2009, p. 142).

⁶² “foi um dos lugares relacionados com o lazer mais visitados durante a celebração da Exposición Internacional de 1929”.

⁶³ Movimento catalão que sucedeu o Modernismo no início do século XX. Faziam parte desse grupo os arquitetos: Puig i Cadafalch, Guillem Busquets, Manuel Vèja, Lluís Domènech, Augusto Font e Enric Sagnier. Deve-se levar em consideração a participação do paisagista francês Jean-Claude-Nicolas Forestier, que baseou suas ideias nos sistemas de parques de Frederick Law Olmsted.

tradicional mediterrânea. Esses jardins, portanto, segundo Solà-Morales (1976), converteram a montanha de *Montjuïc* em um parque com os conceitos da cidade-jardim vinculados aos valores de lazer, recreação e higiene.

Já com relação à criação de novas edificações construídas no recinto da montanha, põe-se em destaque a construção dos pavilhões e palácios representativos da arquitetura modernista catalã. Nesse caso, o mais emblemático é o *Palau Nacional*, que, para a Exposição, foi o pavilhão espanhol, e hoje se destina ao abrigo das obras do Museu Nacional de Arte da Catalunha. Corroborando com essa singularidade do pavilhão, Navas (1995) destaca que a principal propaganda deste Megaevento é a imagem da visão dos jatos de água iluminados e, ao fundo, o *Palau Nacional*.

Figura 19 - Museu Nacional de Arte da Catalunha, Barcelona, Espanha



Fonte: MNAC, 2012.

Outra edificação de grande valor arquitetônico erguida para o evento foi, sem dúvida, o pavilhão alemão projetado pelo arquiteto Mies van der Rohe e que representa um exemplo da arquitetura moderna. A forte singularidade dessa edificação na história da arquitetura contemporânea fez com que, na década de 1980, fosse remontada no mesmo local onde havia sido erguida no ano de 1929.

En la década de los años 1980, reconstruido el Pabellón de Mies —ya no de Alemania—, Barcelona empezaba a completar su actual imagen, su tarjeta de presentación: una

ciudad internacional y cosmopolita, objeto de deseo y de culto, que ha devenido el llamado «modelo Barcelona», ejemplo de modernización y desarrollo urbano digno de estudios⁶⁴ (SAGARRA, 2006, p. 122).

Figura 20 - Pavilhão da Alemanha, Barcelona Espanha



Fonte: <http://www.miesbcn.com/en/foundation.html>

Projetada pelos principais nomes do *Noucentisme*, a Exposição Mundial de 1929 revitalizou a área da montanha de *Montjuïc* destinada à construção dos pavilhões quanto suas áreas limítrofes. Desde melhorias em praças, parques e reforma de edifícios públicos até construções de pontes e prolongamento de vias importantes para a cidade, uma série de melhorias foi executada para celebrar a Exposição. Contudo, observou-se que as melhorias não foram projetadas somente na montanha de *Montjuïc* e em seu entorno próximo. Outro elemento preponderante nas melhorias realizadas está ligado ao patrimônio histórico, com a recuperação de edificações antigas representativas em diferentes regiões da cidade. Observaram-se também questões relativas à mobilidade urbana, com a ampliação do sistema de metrô ligando o centro da cidade até o local da Exposição. Solà-Morales (1976) aponta que a Exposição contribuiu com a expansão urbana para o lado oeste da cidade de Barcelona, onde,

⁶⁴ Na década de 1980, reconstruído o Pavilhão de Mies – já não mais da Alemanha – Barcelona começava a completar a sua imagem atual, seu cartão de visita: uma cidade internacional e cosmopolita, objeto de desejo e adoração, que se tornou o chamado “modelo Barcelona”, exemplo de modernização e desenvolvimento urbano digno de estudos.

após a celebração do evento, implantaram-se o aeroporto *del Prat* e novas zonas industriais e residenciais.

Enfim, Barcelona não utilizou a Exposição Mundial de 1929 para realizar melhorias pontuais na área da Exposição e no entorno próximo, como ocorrido no evento de 1888. A expansão de projetos urbanos para além de seu entorno próximo e também para além dos limites do município tornaram-se símbolos da ideia de grande metrópole urbana destinada a participar da competição entre cidades globais.

4.1.3 Jogos Olímpicos de Verão de 1992

Após a Guerra Civil Espanhola, que durou de 1934 a 1936, iniciou-se um regime ditatorial – o Franquismo –, o qual desencadeou um momento de crise econômica e de repressão política em toda a Espanha. Diante da crise instaurada na cidade de Barcelona, Capel (2005, p. 10) destaca que “los déficits urbanísticos que se acumularon durante este último período llegaron a ser enormes, con graves problemas en viviendas y equipamientos⁶⁵”. Com o fim do Franquismo em 1975 – pela morte do general Francisco Franco – e, portanto, a instauração da democracia, surgem as primeiras respostas urbanísticas diante da repressão social e política pela reivindicação de melhor qualidade de vida. Borja (1995, p. 8), então, destaca que esse momento é composto por uma “transición a la democracia (1975-79) e pelos primeros años de gobierno local electo (1979-83)⁶⁶” introduzindo pequenos, porém numerosos programas de urbanização nos bairros.

⁶⁵ “os *deficit* urbanísticos que se acumularam durante este último período chegaram a ser enormes, com graves problemas em moradias e equipamentos”.

⁶⁶ “transição para a democracia (1975-79) e pelos primeiros anos de governo local eleito (1979-83)

Figura 21 - Manifestação cultural, Los Diablos de El Carmel⁶⁷, Barcelona, Espanha



Crédito: Bruno Zaitter, 2011.

A recuperação de quatro décadas começou com pequenas transformações urbanas emergenciais e pontuais de revitalização do espaço público, entre os anos de 1979 e 1983. Já na segunda metade da década de 1980, os projetos de pequena escala, como praças, parques e demais áreas verdes, foram substituídos por projetos maiores como as intervenções no arruamento dos bairros. Essa iniciativa fez parte dos Planos Especiais de Reforma Interior (PERI)⁶⁸, os quais, segundo Esteban e Ferrer (apud BORJA, 1995, p. 65) manifestaram “la virtud de hacer perceptibles a los ciudadanos las transformaciones y mejoras deseables en cada uno de los sectores de la ciudad⁶⁹”. Zapatel (2010) confirma esse forte momento democrático quando cita que a transformação urbana de Barcelona tem sua maior realização na conquista do direito à cidade por seus cidadãos.

Com uma sensível melhora na economia espanhola durante os anos 1980, Barcelona entrou em uma nova fase econômica, na qual pôde experimentar operações urbanas ainda mais ambiciosas. Para Capel (2007), foram essas transformações urbanas, de tratamento e regeneração dos espaços centrais, que iniciaram o

⁶⁷ Jaume Quiles, responsável pela manifestação cultural de *Los Diablos de El Carmel*, em texto retirado do livro *El Carmel 30 años de Progreso: u'n barrio de gente combativa*, menciona as manifestações coletivas num período de grande atividade política e social. Nos anos 1980, recuperaram-se muitas tradições proibidas pela ditadura e se criaram outras como manifesto da reconquista dos espaços urbanos perdidos.

⁶⁸ Momento em que as associações de vizinhos possuíram uma forte posição política para o desenvolvimento de projetos urbanísticos. As associações de vizinhos eram organizadas em centros comunitários, onde realizavam reuniões para debater e procurar soluções sobre os problemas comuns entre os bairros.

⁶⁹ “a virtude de fazer perceptíveis aos cidadãos as transformações e melhorias desejáveis em cada um dos setores da cidade”.

aparecimento do Modelo Barcelona⁷⁰. Nele, as articulações e iniciativas dos atores urbanos constituíram um papel fundamental para o processo de transformação na cidade. Inseridas nesse modelo de desenvolvimento urbano, iniciativas promocionais da cidade foram organizadas, tais como: criação de espaços públicos, promoção de festas para a recuperação das tradições e as campanhas com anúncios da candidatura olímpica.

Muitas razões foram decisivas para apresentar Barcelona como cidade-sede para os Jogos Olímpicos de Verão de 1992. Dentre elas estão o sucesso na renovação urbana experimentada com as Exposições Urbanas de 1888 e 1929, e a própria história de uma cidade marcada por intervenções urbanísticas, por meio de GPUs que reconhecidamente agregam um perfil de inovação à cidade no cenário internacional. Nesse sentido, Borja (1995, p. 17) cita que Barcelona, “a lo largo de su historia moderna, siempre había avanzado a saltos y siempre había realizado sus principales transformaciones urbanas aprovechando grandes acontecimientos⁷¹”. Para Busquets (1994), as Exposições, o Plano Comarcal de 1953⁷² e os Jogos Olímpicos de 1992 marcam um ritmo de atualização urbana por saltos de 40/50 anos, significando um processo constante e equilibrado de desenvolvimento e transformação urbana. Reconhece-se, então, a tradição em utilizar Megaeventos na transformação urbana como importante fator para a evolução urbana de Barcelona.

La utilización de un acontecimiento excepcional como son los Juegos Olímpicos para reestructurar la ciudad y realizar grandes inversiones públicas, procedentes del Estado, es algo que ya tenía una tradición en la ciudad. Había sido

⁷⁰ Teoricamente, o Modelo Barcelona conta com uma discussão sobre a existência do termo “modelo” para o fenômeno urbanístico ocorrido. Dentre os autores analisados, parece haver uma concordância a respeito do termo; entretanto, alguns declaram não existir um modelo em Barcelona e sim um processo urbano ao longo dessas últimas três décadas. Em texto escrito para o jornal catalão *El Punt Avui* e divulgado na revista *Finisterra*, Oriol Bohigas⁷⁰ (2010) – importante arquiteto propulsor do Modelo Barcelona – entende a utilização da expressão “Modelo Barcelona” como uma questão meramente publicitária e de apoio político. Para o autor, o que acontece é um fenômeno ou um processo urbano, pois a linha de atuação, durante todos os anos do modelo, é contraditória. O comentário de Bohigas é implementado no livro *El modelo Barcelona: un examen crítico*, de Horácio Capel, e ressaltado outra vez em um artigo do mesmo autor. O que Capel (2007) enfatiza em seus estudos é o pensamento de Bohigas com relação à existência, não de um modelo, mas de um aspecto fundamental de um método de utilização dos instrumentos urbanísticos e de planificação.

⁷¹ “ao longo de sua história moderna, sempre tinha avançado por saltos e sempre tinha realizado suas principais transformações urbanas aproveitando grandes acontecimentos”.

⁷² Resposta ao novo âmbito territorial. [Isto não faz nenhum sentido. Não explica o Plano. Na minha opinião será melhor tirar.]

usado con ocasión de la Exposición Universal de 1888 y de la Exposición Internacional de 1929. Al igual que en ellas, las actuaciones en relación con los Juegos Olímpicos se concibieron también, y de forma más amplia que en los casos anteriores, como un proyecto de reconversión de la ciudad⁷³ (CAPEL, 2005 p. 15).

A reunião de esforços políticos, econômicos e sociais para transformar Barcelona gerou, entre os anos de 1986 a 1992, uma intensa renovação urbana, bem como a projeção da imagem da cidade para o exterior. Nesse período, iniciou-se uma mudança na forma de atuação do planejamento urbano, agora com projetos urbanos estratégicos de grande escala e de abrangência metropolitana, com parcerias públicas e privadas.

As estratégias urbanísticas adotadas em Barcelona durante esse período são identificadas como um fenômeno que possibilitou um processo de mudanças significativas na cidade. É recorrente encontrar em bibliografias que o principal legado olímpico foi a transformação urbana. Focadas para impulsionar e direcionar a expansão do tecido urbano da cidade, as intervenções urbanas para os Jogos Olímpicos⁷⁴ propuseram desenvolver a cidade de forma densa e compacta. Segundo Borja (1995), a opção projetual da política urbana de Barcelona se concentrou em projetos de infraestruturas físicas nos espaços públicos das novas centralidades e na mobilidade entre elas. Portanto, os GPUs desenvolvidos para a preparação dos Jogos focaram-se em dois eixos projetuais:

a) **Mobilidade urbana.** A retirada de linhas férreas, que se transformavam em um umbral entre a cidade e a orla marítima, reordenou a rede ferroviária e a construção da maior estação ferroviária da cidade: *Estació Sants*. Contudo, a maior modificação fisicoterritorial nesse setor foi a construção de vias perimetrais para descongestionar as áreas centrais da cidade e fazer ligação com as cidades vizinhas. Esse cinturão viário –

⁷³ “A utilização de um acontecimento excepcional como são os Jogos Olímpicos para reestruturar a cidade e realizar grandes investimentos públicos, procedentes do Estado, já tinha uma tradição na cidade. Havia sido usado por ocasião da Exposição Universal de 1888 e da Exposição Internacional de 1929. Como ocorreu nelas, as atuações em relação com os Jogos Olímpicos se conceberam também, e de forma mais ampla que nos casos anteriores, como um projeto de reconversão da cidade”.

⁷⁴ Segundo Sánchez (2003, p. 528), “embora o marco temporal mais citado seja o do ano de 1992, a transformação mais intensa se deu a partir de 1986, com a nomeação da cidade como sede dos jogos olímpicos”.

Las Rondas – redistribuiu a rede central da cidade e conectou as quatro áreas olímpicas, bem como os municípios vizinhos a Barcelona, produzindo, assim, forte abrangência com a região metropolitana.

Figura 22 - *Ronda de Dalt*, Barcelona, Espanha



Fonte: LA CLAU, 2013.

b) **Novas centralidades.** A base urbanística executada foi fundamentada em uma dimensão redistributiva dos setores olímpicos com características multifuncionais. Segundo Montaner (apud BORJA; MUXÍ, 2004, p. 204), a reurbanização caracterizada pela separação dos setores olímpicos em quatro áreas distintas da cidade “ha quedado configurada como un conjunto de partes con autonomía y carácter propios, conectadas por una compleja red de líneas de comunicación de todo tipo⁷⁵”. Essas novas centralidades foram desenvolvidas para impulsionar novas direções de crescimento e descentralizar as atividades terciárias. Para Oriol (1992, p. 9), as novas áreas corrigiram um problema da cidade com relação a “la polarització social i l'especialització funcional”⁷⁶, o qual, até então, estava “associat a l'existència d'un centre únic i d'un sistema radial de comunicacions”⁷⁷.

⁷⁵ “ficou configurada como um conjunto de partes com autonomia e caráter próprios, conectadas por uma complexa rede de linhas de comunicação de todo o tipo”.

⁷⁶ “a polarização social e a especulação funcional”.

⁷⁷ “associado à existência de um único centro e de um sistema radial de comunicação comunicações”.

Figura 23 - Quatro novas centralidades olímpicas, Barcelona, Espanha



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Google Earth®.

Para entender a relação entre a mobilidade urbana e novas centralidades desenvolvidas em Barcelona, Montaner (2004) utiliza como referência o entendimento de Kevin Lynch⁷⁸, que estabelece quatro tipos formais de intervenção: pontos, nós, linhas e áreas. As menores peças identificadas são os pontos, estruturas mais simples que reúnem e transformam o entorno urbano próximo, exemplificadas pelas praças, parques e edifícios culturais. Os nós são entendidos por Montaner (apud BORJA; MUXÍ, 2004, p. 204) como “aquelles lugares de confluencia de diversas líneas de circulación o franjas de contacto entre barrios⁷⁹”, onde se reúnem diversos usos e áreas de circulação. A conexão dessas áreas é realizada pelas linhas, ou seja, todas as vias de acesso que unem esses quatro setores olímpicos. As principais são: *Ronda de Dalt* e *Ronda Litoral*, posicionadas respectivamente a oeste e leste no território do município. As áreas, mesmo configuradas de distintas formas, têm como ponto comum a produção de uma rápida transformação urbana. São elas: *Montjuïc*, *Vall d'Hebron*, *Diagonal* e *Nova Icària* (Vila Olímpica).

⁷⁸ A proposta de perceber a imagem da cidade por parte dos diferentes usuários desenvolvida no texto *The image of the city*, de 1960, Lynch identifica a imagem e a forma da cidade segundo os elementos com que os habitantes a estruturam. Conceitos psicológicos e formais que podem ser agrupados em cinco tipos: vias, limites, bairros, nós e marcos.

⁷⁹ “aqueles lugares de confluência de diversas linhas de circulação ou franjas de contato entre bairros”.

A área de *Montjuïc*⁸⁰, já revitalizada pela Exposição de 1929, consiste em uma reestruturação urbana da área-símbolo da cidade. Nessa área e nos espaços centrais da cidade foram desenvolvidas restaurações do patrimônio histórico arquitetônico e artístico, como, por exemplo, o Estádio Olímpico, originalmente construído para o evento de 1929. A área de *Vall d'Hebron* – região afastada do centro da cidade – teve como objetivo redirecionar o crescimento urbano para o lado oeste da cidade. Já a *Diagonal* – desmembrada em setores *Diagonal-Mar*, *Diagonal-Sarria* e *Diagonal-Pedralbes* – possuiu o objetivo de integrar Barcelona com as áreas das cidades vizinhas. No entanto, das quatro novas centralidades, foi na área de *Nova Icària* que se produziu uma das maiores (se não a maior das) intervenções urbanísticas do Modelo Barcelona. A intenção projetual para esse novo polo urbano foi a criação de uma estratégia capaz de introduzir um novo fragmento urbano socialmente diversificado. Essa operação contou com equipamentos esportivos e culturais, e “vivienda aunque falte, nos parece, densidad y diversidad de población y como área atractiva para empresas de servicios avanzadas, de terciario de calidad⁸¹” (BORJA; MUXÍ, 2004, p. 172). A recuperação da orla marítima proporcionou a retirada das plantas industriais obsoletas e da ferrovia ao longo do litoral da cidade, que por muito tempo configuraram um umbral entre o mar e o aglomerado urbano. A construção de novas praias como mais um ponto de lazer e entretenimento para a população foi fundamental para a alteração do antigo setor industrial para uma zona residencial.

Figura 24 - Construção da Villa Olímpica dos Jogos de 1992, Barcelona, Espanha



Fonte: DOMÈNECH, 2003, p. 67.

⁸⁰ Antes utilizada para a Exposição Universal de 1929, essa montanha situada no centro da cidade possui um rico e diversificado conjunto cultural e arquitetônico, bem como equipamentos esportivos.

⁸¹ “residências ainda que falte, aparentemente, densidade e diversidade de população e como área atrativa para empresas de serviços avançados, de terciário de qualidade”.

Com menor impacto fisicoterritorial, outras oito áreas foram dotadas de equipamentos públicos, serviços e espaços para o desenvolvimento do setor privado, fazendo parte dessa nova organização da cidade. São elas: *Carrer de Tarragona*, *L'eix des del carrer de Numància fins a la plaça d'Espanya*, *Plaça Cerdà*, *Port Vell*, *Les Glòries* (rede da Meridiana) e *La Sagrera*.

Pela intenção de proporcionar melhorias para os mais diversos espaços da cidade, Borja (2009, p. 51) afirma que “los grandes proyectos son y parecen estar pensados para la ciudad de después del 92, no al servicio del acontecimiento⁸²”. O êxito das transformações urbanas permitiu que, logo após a realização dos jogos, houvesse uma vasta literatura com comentários favoráveis sobre a preparação para os Jogos Olímpicos de 1992. Barcelona adquiriu importantes prêmios internacionais por sua política de espaços públicos nos anos 1980, e por seu planejamento estratégico nos anos 1990 (BORJA; MUXÍ, 2004). Outros importantes prêmios foram obtidos em 1987, quando a cidade obteve o prêmio da Universidade de Harvard pelo seu bom desenho, e no ano de 1999, quando o RIBA – Colégio Britânico de Arquitetos – outorgou a Medalha de Ouro aos políticos e arquitetos barceloneses pelo compromisso com o urbanismo. Há ainda outros dois outros indicativos da importância deste modelo no cenário urbano mundial. A apresentação sobre as virtudes do modelo redigida por Jordi Borja e Manuel Castells para a Conferência Habitat II em Istambul, na Turquia, no ano de 1997, bem como a publicação em 1999 pelo *Towards an Urban Renaissance* – informativo coordenado pelo arquiteto Richard Rogers – no qual se destaca a capacidade de regeneração e tratamento dos espaços centrais da cidade e operações de maior alcance.

4.1.4 Fórum das Culturas de 2004

Após o sucesso dos Jogos Olímpicos no cenário urbano de Barcelona, os gestores públicos decidiram utilizar novamente a ferramenta de um Megaevento para estimular novos projetos urbanísticos e de infraestrutura na cidade e região

⁸² “os grandes projetos são e parecem estar pensados para a cidade de depois de 92, não ao serviço do acontecimento”.

metropolitana. Para esse novo evento e com o desígnio em continuar com o sucesso de Barcelona para o exterior, gestores urbanos catalães reinventaram uma imagem para a cidade, baseada nas temáticas de uma cidade sustentável e cultural. A imagem cultural pretendida foi pauta em constantes citações científicas, na certeza de que os 150 dias da realização do evento tornaria a cidade um local de encontro de “intelectuales, científicos, sociólogos, urbanistas y gentes del pueblo que estudiarán cuál debe ser el rumbo de la sociedad contemporánea⁸³” (VARELA, 1999, p. 21).

El alcalde pensó primero que podría organizar otra exposición universal, un acontecimiento que organizan los Estados, sin percatarse – he ahí el error – que estaban todas comprometidas hasta el año 2010. Sobrepejó la posibilidad de aspirar a otros Juegos Olímpicos, cuya adjudicación controla el COI, pero vio que era demasiado pronto para repetir. Fue entonces cuando se le ocurrió que podría organizarse algo propio, inédito, de carácter cultural y controlado por las ciudades. Un encuentro mundial. El Fórum Universal de les Cultures. Y se marcó la meta del año 2004⁸⁴ (MADUEÑO; AROCA, 2001, p. 4).

Exatamente como ocorreu nos eventos anteriores, para se tornar viável a captação de investimentos, os órgãos públicos envolvidos na organização do Fórum das Culturas estabeleceram convênios com empresas privadas, com o objetivo de abater os gastos previstos. No que se refere ao urbanismo, a mudança projetual do Modelo Barcelona que proporcionou a troca de iniciativas pontuais de pequenos projetos para as iniciativas mais ousadas de grandes transformações na malha urbana foi desenvolvida também para a realização do Fórum das Culturas em 2004. Para Arantes (2002, p. 54), o evento em 2004 “tratava-se de estabelecer uma meta clara, que evidentemente não se esgotasse no evento de 1992 e que dissesse respeito ao que se aspirava com todas estas melhorias para a cidade como centro vital”. No entanto, as transformações urbanas realizadas em 2004 não foram tão pontuais como

⁸³ “intelectuais, cientistas, sociólogos, urbanistas e população que estudarão qual deve ser o rumo da sociedade contemporânea”.

⁸⁴ “O prefeito primeiro pensou que poderia organizar outra exposição universal, um acontecimento que organizam os Estados, sem perceber – e aí o erro – que estavam todas comprometidas até ao ano 2010. Repensou a possibilidade de aspirar a outros Jogos Olímpicos controlados pelo COI, mas percebeu que era cedo demais para repetir. Foi então quando lhe ocorreu que poderia organizar algo próprio, inédito, de carácter cultural e controlado pelas cidades. Um encontro mundial. O Fórum Universal das Culturas. E marcou a meta do ano de 2004”.

as apresentadas nas duas Exposições de 1888 e 1929, nem tão espalhadas como nos jogos de 1992. A reestruturação urbana executada para o evento de 2004 aconteceu, sobretudo, na região norte do litoral de Barcelona, pois se entendia que essa área era potencialmente valiosa para ser simplesmente utilizada como área residencial da comunidade, muitas delas irregulares, do antigo bairro industrial *Poblenou*.

Uma das maiores contribuições geradas pela organização do Fórum das Culturas de 2004 foi a alteração do uso do solo na região onde ocorreu o evento. A reestruturação do antigo bairro industrial *Poblenou* em uma nova área pública proporcionou a expansão comercial da cidade naquela área. Com a revitalização desse espaço e com incentivos legais para a instalação de um uso voltado ao setor comercial e de serviços, essa área passou a ser chamada de *Manhattan* catalã. Diante desses novos incentivos, um novo distrito tecnológico⁸⁵ – chamado 22@Barcelona – direcionou a cidade para uma nova vocação voltada à tecnologia. O novo uso do solo, então, transformou a antiga área industrial obsoleta em um novo espaço econômico para cidade. Esse novo espaço comercial foi exaustivamente citado como o principal projeto da transformação urbana na área, como na citação a seguir:

El distrito tecnológico, el 22@, en el vetusto Poblenou, con sus 3,5 millones de metros cuadrados de techo edificable, se ha consolidado ya como la nueva gran expectativa de transformación urbana de Barcelona al igual que la operación inmobiliaria que rodea el escenario donde ha de celebrarse el Fòrum de les Cultures, con otros 600.000 m² (AROCA; PEIRÓN, 2001, p. 21)⁸⁶.

⁸⁵ Chamado por muitos como o distrito da inovação, o Projeto contém uma concentração de empresas voltadas para a tecnologia do conhecimento. Ainda nesse espaço de cerca de 200 hectares, são realizadas instalações de hotéis, centros comerciais, grandes edificações para escritórios e habitações voltadas à elite social.

⁸⁶ “O distrito tecnológico, o 22@, no antigo Poblenou, com seus 3,5 milhões de metros quadrados de locais edificáveis, consolidou-se já como a nova grande expectativa de transformação urbana de Barcelona assim como a operação imobiliária que rodeia o cenário onde vai ser celebrado o Fórum das Culturas, com outros 600.000 m²”.

Figura 25 - Edificações precárias – *Somorrostro* –, 1950, Barcelona, Espanha



Fonte: DOMÈNECH, 2003, p. 38.

Na área utilizada para a revitalização urbana, Peirón (2004) destaca a construção de cinco GPUs como sendo as principais marcas da transformação urbana em Barcelona para o Fórum das Culturas de 2004:

a) **Edifício Fòrum**. Projetado pelos suíços Jacques Herzog e Pierre de Meuron, representa a vanguarda arquitetônica europeia. Plasticamente, a edificação se conforma como um grande triângulo azul de 25 m de altura e abriga um grande auditório com 3.500 assentos. Atualmente, nessa edificação funciona o Museu de Ciências Naturais de Barcelona.

Figura 26 - Edifício Fòrum, Barcelona, Espanha



Fonte: <http://www.arqhys.com/contenidos/fotos/contenidos/Edificio-Forum-Barcelona-1.jpg>

b) **Centro de Convenções**. Projetado pelo arquiteto catalão Josep Lluís Mateo, possui uma grande sala com capacidade para 15 mil pessoas. Nessa obra, há ainda duas torres que marcam a fachada frontal, uma destinada para um hotel e a outra, para um complexo de escritórios.

Figura 27 - Centro de Convenções, Barcelona, Espanha



Fonte: AP PRODUCTIONS, 2013.

c) **Hotel Princess**. Projetado pelo arquiteto catalão Óscar Tusquets, é um edifício envidraçado com cerca de 100 m de altura, dividido por uma passarela.

Figura 28 - Princess Hotel, Barcelona, Espanha



Fonte: <http://wirednewyork.com/forum/showthread.php?t=18241&page=4>

d) **Praça do Fórum.** Com cerca de 14 hectares, está situada acima da estação de tratamento de água de Barcelona. Projetada como um espaço destinado para os cidadãos, durante o Fórum das Culturas de 2004 foi área de encontro, com atrações e barracas com projetos de energias renováveis e demais práticas urbanas sustentáveis.

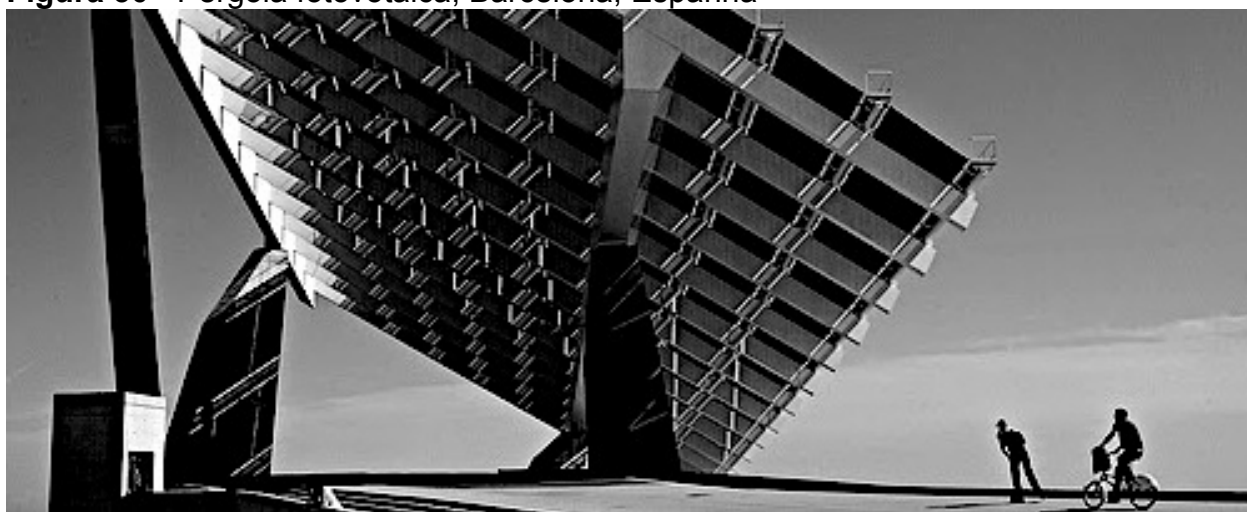
Figura 26 - Praça, Fórum das Culturas, Barcelona, Espanha



Fonte: <http://www.landezine.com/index.php/2009/10/forum-s-e-coastal-park/forum-barcelona-foa-09/>

e) **Pérgola Fotovoltáica.** Mais que sua função energética para a porção norte da cidade, destaca-se na paisagem como um elemento escultórico. Posicionada em frente à orla marítima, essa escultura energética funciona como mais um ponto turístico da cidade.

Figura 30 - Pérgola fotovoltáica, Barcelona, Espanha



Fonte: <http://jumanjisolar.com/2010/11/la-fotovoltaica-unida-frente-a-industria.html/pergola-fotovoltaica-forum-barcelona>

Outro ponto reestruturado pela organização do Fórum das Culturas de 2004 foi, segundo Bohigas (2002), a reconfiguração física e também produtiva da *Plaza de las Glòries*. Com a iniciativa de proporcionar uma nova identidade para o local, ergueram-se novas e ousadas edificações, dentre elas o ícone arquitetônico do novo centro comercial de Barcelona, a *Torre Agbar*. Esse edifício cilíndrico revestido por pequenos módulos de vidro foi projetado pelo famoso arquiteto francês Jean Nouvel e tornou-se o terceiro edifício mais alto da capital catalã.

Figura 27 - *Torre Agbar* e nova urbanização do distrito 22@, Barcelona, Espanha



Crédito: Bruno Zaitter, 2012.

Juntamente com as edificações ora relacionadas, também foram realizados projetos urbanísticos de reestruturações emergenciais metropolitanas na parte de mobilidade urbana. As principais contribuições nesse setor foram a ampliação do Aeroporto Internacional *El Prat*, localizado no município *El Prat de Llobregat*, e a construção de uma nova estação ferroviária – *La Sagrega* –, localizada na região nordeste da cidade.

Observa-se que tais projetos arquitetônicos e urbanísticos do Fórum das Culturas exemplificam uma absorção, minimamente no âmbito do discurso, das questões ambientais. Diante dessa revitalização fundamentada na sustentabilidade, o evento realizado em 2004 tornou-se uma ferramenta de fechamento das reformas urbanísticas realizadas nos últimos 125 anos impulsionadas por Megaeventos.

4.2 CONTEXTO DOS DEBATES SOBRE A BARCELONA DOS MEGAEVENTOS

As transformações urbanas realizadas pela organização de Megaeventos em Barcelona se estabelecem como um exemplo de princípios, práticas e regras para outras cidades. Por se tratar de um fenômeno urbano intenso, essa experiência urbanística contemporânea de Barcelona tem sido debatida com grande frequência pelos meios políticos, publicitários, profissionais, técnicos e acadêmicos da área do Urbanismo. A pesquisa apresentada nesta subseção não intenciona esgotar uma determinada fonte de informações, ou mesmo a discussão sobre a Barcelona dos Megaeventos, mas agregar subsídios para um debate já iniciado sobre processos de transformação nas cidades, aqui nomeado *inflexões urbanas* (ULTRAMARI; DUARTE, 2009).

No que a literatura fornece como base para um debate sobre a Barcelona desses grandes eventos, pode-se identificar uma série de características urbanísticas referentes a essas transformações urbanas. Essas características urbanísticas formam, então, um plano para a discussão da dualidade existente entre os posicionamentos distintos, bem como a análise do incremento de discursos receosos. A pesquisa avança nessa discussão separando os posicionamentos autorais segundo os quatro Megaeventos, num recorte temporal que se inicia no fim do século XIX e termina na contemporaneidade deste trabalho.

4.2.1 Exposição Universal de 1888 e o nacionalismo catalão

Na tentativa de incentivar o patriotismo nacional e estimular a economia espanhola diante da crise existente no país, a Espanha foi palco de exposições urbanas nas cidades de Barcelona, Sevilha e Madri. No que se refere à cidade de Barcelona, Molas (1987) observa que o forte sentimento nacionalista catalão⁸⁷ motivou a população a vencer as dificuldades urbanas de uma cidade grande e,

⁸⁷ Para a arquitetura e o urbanismo, esse sentimento nacionalista catalão foi dissipado pelos anos seguintes com obras de valor histórico arquitetônico projetado por grandes arquitetos catalães para a burguesia catalã. Esse movimento teve influências do *Art Nouveau* francês e se transformou em um estilo próprio chamado de Modernismo Catalão.

consequentemente, promover-se perante a população espanhola e mundial. Diante do apelo nacionalista, muitas foram as apologias à celebração do evento em Barcelona. Entre tantas, as mais mencionadas nos artigos analisados foram pautadas na contribuição em otimizar o sentimento de pertença da população com relação à cidade e melhorar a imagem de Barcelona para o mundo.

La Exposición Universal de 1888 representó para Barcelona no sólo un triunfo circunstancia, sino sobretudo un cambio cualitativo de cara al future. Contribuyó a que los barceloneses recobraran la confianza perdida en las posibilidades de su propia ciudad y también para que en el extranjero se formaran una imagen distinta bajo el siglo de la modernida⁸⁸ (PERMANYER, 1988, p. 35).

Essa identidade catalã foi ainda mais evidenciada na construção de conjuntos de edifícios espalhados na malha urbana de Barcelona, com obras arquitetônicas do movimento Modernista⁸⁹ realizadas por importantes arquitetos, tais como Josep Puig i Cadafalch, Lluís Domènech i Montaner e Antonio Gaudí⁹⁰. Corroborando a ideia de que a Exposição de 1888 foi realizada perante um forte sentimento patriotista, Busquets (1994 p. 140) cita que “la explosion del modernisme es un fenómeno específicamente catalán que condensa esta búsqueda de la identidad com unos procesos urbanos que se dan con gran fuerza en la ciudad de Barcelona⁹¹”. Nesse caso, vale a lembrança de Vainer (2002), que cunha a expressão “cidade-pátria”, sendo possível aplicar a ótica crítica muito comum nas análises contemporâneas a respeito de GPUs de Megaeventos.

A intenção em mostrar ao mundo a vontade de uma cidade em superar suas deficiências urbanas provocou a realização de intervenções urbanas baseadas no *City Beautiful* como promoção de seus espaços públicos.

⁸⁸ “A Exposição Universal de 1888 representou para Barcelona não só um triunfo perante as circunstâncias, mas, sobretudo, uma mudança qualitativa ante o futuro. Contribuiu para que os barceloneses reencontrem a confiança perdida nas possibilidades de sua própria cidade e também para que no exterior se forme a imagem distinta sobre o século da modernidade”.

⁸⁹ O movimento Modernista foi também seguido por muitos artistas, escritores, pintores, escultores e designers de móveis.

⁹⁰ Arquiteto catalão mais conhecido internacionalmente, projetou importantes obras da arquitetura mundial como a Sagrada Família, Casa Batlló, La Pedrera, Parque Güell, dentre outros edifícios e esculturas em Barcelona e demais localizações da província da Catalunha.

⁹¹ “A explosão do modernismo é um fenômeno especificamente catalão que condensa esta busca da identidade com processos urbanos que se dão com grande força na cidade de Barcelona”.

[...] es realitzaren intervencions puntuals valorades com a signe de monumentalitat, modernitat i cosmopolitisme en els sectors privilegiats de l'Eixample central i del casc antic: reforma d'edificis oficials, nova pavimentació, estatuària urbana, enjardinaments a la plaça Urquinaona, a la de Tatuà o la plaça Universitat, mobiliari urbà (fanals, fonts, urinaris, quioscos de venda de premsa...), millora de l'enllumenat a gas i electrificació del passeig de Colom i de les Rambles⁹² (PASCUAL, 2007, p. 203).

Diante de novas edificações, novos marcos arquitetônicos e novas vias infraestruturadas, muitos autores relatam positivamente a mudança fisicoterritorial que Barcelona alcançou com a realização da Exposição Universal de 1888. Mesmo sem transformações radicais, as melhorias proporcionaram avanços urbanos significativos para a época. Nessa leitura positiva, Valls (2011, p. 11) destaca que as transformações serviram “para acelerar una serie de cambios urbanísticos que la ciudad estaba realizando desde hacía años y que incluyeron también otras zonas, entre ellas, significativamente, el puerto y el *Eixample*⁹³”.

Para se executar projetos de grande escala no local do evento, na área portuária da cidade e no bairro *Eixample*, a política implantada pelo prefeito Rius i Taulet utilizava empréstimos e financiamentos a longo prazo para a captação de grandes investimentos. Para tal feito, os órgãos governamentais contaram com empréstimos de capital privado para a realização da desejada monumentalidade, “esdevingué un èxit polític indiscutible⁹⁴” (PASCUAL, 2007, p. 194). Mesmo proporcionando dívidas municipais, com base na literatura estudada, entende-se que os investimentos da parceria público privada obtidos para a realização do evento foram essenciais para a valorização do sítio em que se localizou o evento, bem como os espaços em seu entorno.

Por conta da realização do evento, havia um clima distinto em Barcelona. De um lado, parte da sociedade se alienava a favor da realização do evento, e de outro lado,

⁹² “[...] as intervenções foram realizadas com sinais de monumentalidade, modernidade e cosmopolitismo nos setores privilegiados da *Eixample* central e na cidade antiga: a reforma de edifícios oficiais, nova pavimentação, estátuas urbanas, jardins da Praça Urquinaona, a lá Tátua ou Praça Universitária, mobiliário urbano (luzes, fontes, mictórios, bancas de jornais...), melhorias na iluminação a gás e eletricidade do Passeio de Colombo e das Ramblas”.

⁹³ “para acelerar uma série de modificações urbanísticas que a cidade estava realizando há anos e que incluíeram também outras zonas, entre elas, significativamente, o porto e o *Eixample*”.

⁹⁴ “Convertendo em um êxito político indiscutível”.

havia aqueles que eram contra aquilo que consideravam um evento organizado para a elite. Personalidades acadêmicas consideravam o evento resultado de uma aliança da monarquia espanhola com a burguesia catalã, naturalmente prejudicial aos interesses da população menos favorecida (PASCUAL, 2007). Acreditavam que a cidade se modernizava, crescia economicamente e era destino de visitantes, mas ao mesmo tempo se esquecia de sua população local menos favorecida.

Nesse momento, permite-se digressão com a obra *La Ciudad de los Prodigios*, de Eduardo Mendonza, publicada em 1986. Essa narrativa possui como protagonista um garoto de 13 anos morador de uma pequena aldeia na região dos Pirineus – área montanhosa da Catalunha – que vai à Barcelona no ano de 1888, em busca de condições melhores de vida. O cenário agitado de mudanças urbanas, sociais e econômicas da Barcelona que se industrializava é atrativo e leva o menino a viver o sonho de fazer fortunas na metrópole. Na necessidade de conseguir um emprego, Onofre Bouvila se relaciona com um grupo de jovens que decidem acabar com as injustiças e misérias que a cidade impõe aos moradores que sofrem com o cenário de transformação urbana direcionada aos novos visitantes e à burguesia. Entretanto, com o êxito imobiliário da cidade pela vinda da Exposição, Onofre Bouvila muda seus ideais e consegue um trabalho diante de circunstâncias ilícitas, para conseguir dinheiro e poder. Assim, o jovem começa a conhecer a Barcelona dos grandes negócios imobiliários, bem como a vida noturna dos *cabarets*, da prostituição e do tráfico de drogas. A obra de Eduardo Mendonza apresenta a transformação da cidade de Barcelona personificada na vida do protagonista. A história elucida satiricamente a mudança da postura ingênua de um garoto pobre de uma aldeia quando se depara com as oportunidades que visam ao lucro. Essa mutação no comportamento do protagonista é, durante a narrativa, comparada com os processos em que Barcelona passa dos interesses dos moradores para os interesses da burguesia.

O cenário de júbilo que parecia estar atrelado à Exposição de 1888, então, começa a ser questionado. Questões referentes à grande inflação de preços no setor imobiliário, aumento das despesas municipais e a paralisação de projetos de infraestrutura urbana geraram, ao longo dos anos, manifestações públicas contra a implementação do evento.

La Vanguardia de la época se hacía eco de la preocupación popular por la incensante subida de precios sufrida con motivo de la Exposición: ‘Los peluqueros subían cinco céntimos por afeitado, la carne subía diez y los restaurantes duplicaban sus tarifas’⁹⁵ (GASSIÓ, 1988, p. 43).

Segundo Guàrdia i Bassols (1994 apud PASCUAL, 2007), um dos principais argumentos críticos negativos com relação à Exposição de 1888 foi o fato de que importantes projetos de infraestrutura como saneamento e abastecimento de água foram adiados. Pascual (2007, p. 203), então, cita que as melhorias foram “concentraren en aspectes més superficials, menys complicats de resoldre o ja encetats dins de tendències establertes en els anys passats”⁹⁶. Nem mesmo a crise demográfica causada pela insalubridade que experimentava Barcelona foi suficiente para estimular a prioridade de construção de projetos higienistas, pois o “conservadorisme ideològic, la manca d’instruments legals i la situació pressupostària precària van limitar molt notablement les iniciatives municipals”⁹⁷ (PASCUAL, 2007, p. 56). Nesse cenário mais elitizado e menos social, a vontade de promover a cidade com a implantação de ícones arquitetônicos foi, sem dúvida, vista com desagrado. O esquecimento ou o desinteresse de se discutir aquilo que seria de maior importância para a população diretamente envolvida nas obras de um grande projeto urbano é ampliado com o passar do tempo, como se a história de fato trabalhasse a favor das críticas negativas.

Da monumentalidade construída para entreter a burguesia catalã, o que ficou marcado pela transformação urbana realizada para a Exposição Universal de 1888, segundo os autores aqui estudados, demonstra duas características do evento. A primeira é a implemetação de ícones arquitetônicos e a utilização do nacionalismo catalão como ferramenta de promoção da cidade de Barcelona no cenário das cidades mundiais. A utilização do Modernismo Catalão como estilo arquitetônico nas novas edificações exprime o sentimento da identidade nacionalista, como, por exemplo, as

⁹⁵ [O jornal] *La Vanguardia* da época fez pressão sobre a preocupação popular ante a incensante subida de preços ocasionada pela Exposição: “Os cabelereiros subiam cinco centavos por corte, a carne subia dez e os restaurantes duplicavam suas tarifas”.

⁹⁶ “concentradas na parte mais superficial e menos complicado de se resolver, como as realizadas dentro de tendências estabelecidas nos últimos anos”.

⁹⁷ “conservadorismo ideológico, a falta de instrumentos legais e a situação orçamentária precária limitaram substancialmente as iniciativas municipais”.

gravuras do Arco do Triunfo. A segunda característica do evento de 1888 é a parceria do setor privado com os órgãos governamentais para movimentar maiores investimentos. Nesse sentido, é proveniente dos autores que as grandes intervenções urbanas parecem necessitar de um apoio generalizado e irrestrito daqueles que detêm poder e recursos financeiros. No entanto, os mesmos autores frisam que se deveria realizar construções estrategicamente sobre o fundamento e justificativa da urgência e necessidade da população local.

Nem mesmo a característica monumental e a preferência por projetos direcionados para a burguesia local ofuscaram o sucesso urbanístico e arquitetônico do evento. Isso, de fato, pôde ser comprovado no lançamento de Barcelona, quatro décadas mais tarde, para sediar uma segunda Grande Exposição Urbana.

4.2.2 Exposição Mundial de 1929 e a reestruturação do *Montjuïc*

O sucesso das melhorias urbanas realizadas em 1888 motivou a cidade para a realização do Megaevento no ano de 1929. O deslumbramento da renovação da arquitetura e do urbanismo em grandes proporções oferecido pela Exposição de 1888 é também encontrado nos debates sobre a Exposição Mundial de 1929. Em 1905, o arquiteto Josep Puig i Cadafalch publicou um artigo jornal *La Veu de la Catalunya* com o título “A votar! Per l’Exposició Universal”, para chamar a atenção da sociedade sobre as novidades tecnológicas e urbanas que o evento trouxe em 1888 e trará novamente. Logo após a nomeação de Barcelona como sede de uma nova exposição urbana, jornais da época fizeram grande apologia, colocando em pauta a importância para o desenvolvimento da cidade: “[...] ha de influir extraordinariamente en el desarrollo de Barcelona, como influyó la Universal de 1888, debida al gran patricio Rius y Taulet, [...]”⁹⁸ (LA VANGUARDIA, 1915, p. 4).

O facínio de trazer um novo Megaevento era tão grande que tanto a população quanto a mídia e a academia estavam entusiasmados com essa nova possibilidade de transformar fisicamente a cidade e otimizar o desenvolvimento político, econômico e social.

⁹⁸ “influienciará extraordinariamente no desenvolvimento de Barcelona, como influenciou a Universal de 1888, devido ao grande patricio Rius y Taulet [...]”.

Per tot això, el gran projecte del 29 havia de fer possible la generació de noves funcions urbanes a la ciutat, com per exemple la definició d'un nou centre, la simbolització d'alguns elements urbans i la creació de nous escenaris, entre d'altres qüestions lligades a la política, l'economia i els canvis funcionals del territori⁹⁹ (RUBIO, 2010, p. 324).

Imersa no início de uma ditadura chefiada pelo militar Primo de Rivera, Barcelona mais uma vez utilizou a promoção do nacionalismo catalão como fator preponderante para a realização do novo evento. Corroborando com essa afirmação, Scherer (2002, p. 98) destaca que, “como a anterior, esta exposição serviria, em linhas gerais, para elevar os brios do povo catalão e projetar uma imagem de progresso e modernidade perante as demais províncias da Espanha”. Reconhecido e respeitado em toda a província da Catalunha como arquiteto difusor do catalanismo, Josep Puig i Cadafalch projetou, aos pés da montanha de Montjüic, quatro colunas em concreto simbolizando as listras vermelhas da bandeira da Catalunha. Contando com o apoio da sociedade, o arquiteto assumiu o projeto da Exposição Universal de 1929 e realizou todas as negociações com as instituições e organizações governamentais.

A realização de uma nova exposição urbana em Barcelona surge, então, como uma possibilidade de mais uma vez reforçar a força do catalanismo e aumentar o apoio da sociedade. No entanto, o ambiente político delicado que a Espanha vivia introduziu uma luta entre militares da ditadura de Primo de Rivera contra os anarquistas do nacionalismo catalão e a população local. Como um ato de imposição da ditadura militar, em 1928 as colunas em Montjüic foram derrubadas, bem como todos os símbolos públicos do catalanismo. Essa ação de imposição ocorreu para que símbolos catalães não fossem ligados diretamente às transformações urbanas produzidas para a Exposição de 1929. Mais uma vez ficam evidenciadas as relações entre cidade e pátria (VAINER, 2002) pela eliminação da esfera política local, em prol da centralidade do poder.

⁹⁹ “Portanto, o grande projeto de 29 havia de ser possível pela geração de novas funções urbanas para a cidade, como, por exemplo, a definição de um novo centro, a simbolização de alguns elementos urbanos e a criação de novos cenários, dentre outras questões ligadas à política, economia e às mudanças funcionais do território”.

Figura 28 - Colunas projetadas por Puig i Cadafalch, Barcelona, Espanha



Fonte: EL PERIODICO, 2010.

Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/archive/4/4b/20071013094746%21Catalunya-Barcelona-EnderrocamentColumnesMontjuic.jpg>

O interesse político do Estado espanhol pela imagem de uma nação unida é percebido também pela implementação de um espaço turístico chamado de *Pueblo Español*, localizado na parte sul da montanha de *Montjuïc*. Por outro lado, no que diz respeito à ideia de nação do Estado catalão, Arantes (2002, p. 53) observa nesse Megaevento uma relação de assimilação “dos valores mais representativos de Barcelona, por exemplo, no campo das artes, Miró, Picasso, Tapiés; do urbanismo e da arquitetura, Cerdà, Gaudí, o Modernismo catalão, ‘regionalismo crítico’, pós-moderno, etc”.

Contradições também foram observadas com relação à localização do espaço para a realização do evento, pois com o processo de expansão urbana do *Plan Cerdà*, Barcelona possuía inúmeras áreas ociosas para realizar a Exposição Mundial de 1929. Algumas localidades foram debatidas para implantar o evento, como a área do parque de *La Ciudadella* – local do evento realizado em 1888 –, *Les Glòries Catalanes* – área plana ao norte da antiga cidade murada – e a montanha de *Montjuïc*. Com a opção pela instalação do evento na montanha de *Montjuïc*, ocorreram polêmicas relacionadas à topografia acidentada da montanha e a contradição entre o espaço proposto pelo *Plan Jaussely*¹⁰⁰, região com forte mudança na especulação imobiliária, prevendo a

¹⁰⁰ Plano urbanístico, do arquiteto francês Léon Jaussely, que ganhou o concurso internacional realizado pela prefeitura de Barcelona em 1903, potencializava as áreas totalmente planas da Plaza de Les Glòries. Tal espaço que, para León Jaussely, seria mais apropriado para a celebração da Exposição de 1929.

[...] “proyecto reflejaba el ideario de Georges Hausmann en cuanto a transformaciones urbanas: una red

instalação do evento. Segundo Scherer (2002, p. 102), “vários especuladores compraram terrenos com a intenção de vendê-los, a melhor preços, posteriormente para a organização da exposição”. Foi, então, principalmente por esse motivo econômico que a decisão por *Montjuïc* não foi unanimemente aceita. Entretanto, para muitos estudiosos, os gestores da cidade souberam escolher o local para o evento, pois direcionou o crescimento urbano para o lado oeste da cidade. Esse direcionamento envolveu desde a expansão portuária e industrial até a formação de um novo centro estratégico do setor terciário para a cidade. O conflito entre os interesses do setor privado e o desejo do governo local em implantar o evento na montanha de *Montjuïc* pode ter sido o principal fator que proporcionou a maioria das críticas negativas relacionadas ao evento.

Pois bem, definida a montanha de *Montjuïc* como área da Exposição Mundial de 1929, observa-se que o conjunto de pavilhões expositivos oficiais e as melhorias urbanísticas na área do evento e em seu entorno próximo foram concebidos seguindo uma proposta de grandiosidade e espetáculo. A ideia de oferecer uma Barcelona ávida economicamente e dinâmica urbanisticamente foi pautada na monumentalidade de seus espaços. Seguindo essa perspectiva, Scherer (2002, p. 108) destaca que “tanto a conjunção das edificações quanto a utilização de materiais numa mesma edificação pretendia favorecer o efeito teatral”.

El recinto de 1929 se convirtió en una magnífica muestra de edificios construidos a gran velocidad y con los medios económicos imprescindibles; edificios que en realidad eran estupendas naves industriales convertidas por arte y gracia de los arquitectos en impresionantes palacios que loaban la artísticidad de la mejor arquitectura española ¹⁰¹ (SAGARRA, 2006, p. 113).

de avenidas y plazas acompañada de una arquitectura «internacional» en la que la inexistente modernidad desaparecía bajo construcciones eclécticamente monumentales y académicamente correctas, haciendo una lectura de repaso de la historia de la arquitectura en la que se mezclaban estilos y tendencias arquitectónicas y artísticas que acababan adaptándose en una nueva escala, dimensionada por un planteamiento limitado en el espacio y en la capacidad económica” (SAGARRA, 2006, p. 107).

¹⁰¹ “O recinto de 1929 se converteu numa magnífica mostra de edifícios construídos a grande velocidade e com os meios económicos imprescindíveis; edifícios que, na realidade, eram estupendas naves industriais convertidas por arte e graça dos arquitetos em impresionantes palácios que louvavam a arte da melhor arquitetura espanhola”.

Na descrição das obras realizadas, não apenas o custo parece ser um tema de grande importância, mas também o excesso de esculturas e ornamentos das novas construções. Deste último, Pascual (2007, p. 600) observa que os projetos dos pavilhões e, principalmente, a *Fuente Mágica* inserida na Praça Espanha “rebé moltes crítiques en el seu moment i fou qualificada d’horrorosa”¹⁰². Se o conjunto arquitetônico da Exposição Internacional de 1929 recebeu críticas negativas, a utilização da – até então inovadora – eletricidade nos espaços do evento e outras áreas economicamente ativas da cidade enfatizou o lado positivo do evento para a burguesia, para os órgãos institucionais e, também, para a população em geral. Há publicações que se referem aos jogos de luzes da *Fuente Mágica* executada por Carlos Buigas¹⁰³ como:

[...] un importante programa de juegos de agua y luz, sobretudo y especialmente para el sector inmediato al eje principal de la Exposición, la avenida María Cristina, del que actualmente permanece la denominada Fuente Mágica, caracterizada por sus notables juegos de agua que cambian de color al ritmo de la música¹⁰⁴ (SAGARRA, 2006, p. 115).

A *Fuente Mágica* revela a nítida abordagem de apologia e receio observada nos discursos sobre a Exposição de 1929. O que, para alguns autores, foi um considerável jogo de luzes e água, ou seja, uma amenidade urbana bem-vinda, para outros, como Almeida (2002 apud SCHERER, 2002, p. 107), “funcionou como um embrulho moderno e surpreendente, disfarçando uma arquitetura pouco criativa”. O exemplo da *Fuente Mágica* sustenta a confirmação de que um GPU provoca, de fato, debates diversos, no caso, sobre o ineditismo ou paradismo arquitetônicos.

¹⁰² “recebeu muitas críticas na época e foi descrita como horrível”.

¹⁰³ Engenheiro eletricitista espanhol, projetou o conjunto de fontes luminosas que inauguraram a Exposição Internacional de 1929. Por esse feito, ganhou fama mundial e convites para projetar outras fontes luminosas e iluminações decorativas nas exposições internacionais subsequentes. Até hoje, o espetáculo da Fonte Mágica acontece na Montanha de *Montjuïc*, sendo um dos importantes legados de tecnologia e criatividade da época.

¹⁰⁴ “um importante programa de jogos de água e luz, sobretudo e especialmente para o setor imediato ao eixo principal da exposição, a avenida María Cristina, do que atualmente permanece a denominada Fonte Mágica, caracterizada por seus notáveis jogos de água que mudam de cor no ritmo da música”.

Figura 33 - Fuente Mágica, Barcelona, Espanha



Fonte: http://farm9.staticflickr.com/8148/7513866852_888f16bdf6_c.jpg

Diante da ostentação arquitetônica construída, segundo as fontes de pesquisa publicadas distante do evento, a Exposição de 1929 foi utilizada como propaganda econômica e política para o fortalecimento da imagem de uma Espanha desgastada nos âmbitos nacional e internacional. Mais uma vez, o uso de GPUs de Megaevento externou um conflito de oposições políticas na produção de projetos arquitetônicos e urbanísticos. A interminável disputa política entre Espanha e Catalunha fez com que as obras prometidas para a inauguração do evento demorassem para começar. A morosidade estabelecida pela disputa política produziu afastamento e repúdio da população com relação ao evento.

Consta que la lentitud i els reiterats ajornaments de la gran celebració van ser motius de desencantament per part d'una sector de societat civil, cosa que la Sociedad de Atracción provava de redreçar: opinava que la manca de suport popular tenia a veure amb una actitud de desil·lusió i desconfiança vers la pròpia ciutat, fet que d'una manera o altra perjudicava l'èxit de l'esdeveniment¹⁰⁵ (RUBIO, 2010, p. 324).

Entretanto, em meio a críticas negativas relacionadas ao desinteresse da população, nota-se o lado positivo relacionado às melhorias realizadas para a Exposição de 1929. Mesmo com os altos custos financeiros permitidos pela parceria

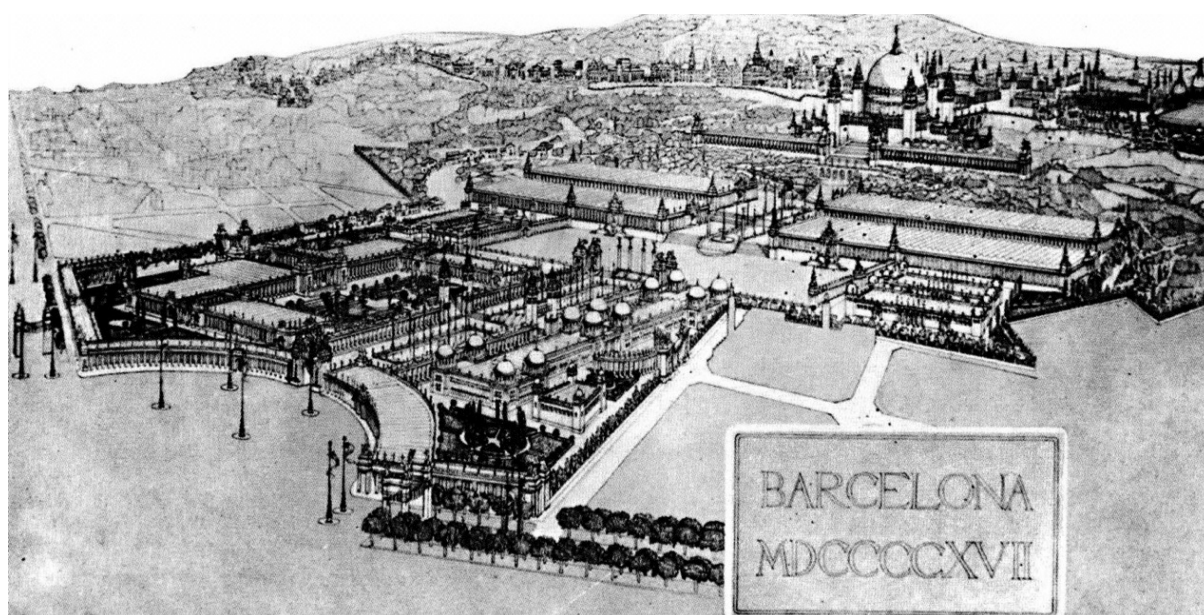
¹⁰⁵ “Consta que a lentidão e os sucessivos adiamentos da grande celebração foram motivos de desencantamento por parte de um setor da sociedade civil, coisa que a *Sociedad de Atracción* tentava contornar: opinava que a falta de suporte popular tinha a ver com uma atitude de desilusão e desconfiança da própria cidade, que de alguma forma prejudicava o êxito do evento”.

público-privada para realizar um evento destinado à sociedade elitizada, ocorreu um considerável desenvolvimento urbanístico num espaço obsoleto de Barcelona. Essa perspectiva pode ser confirmada por Abreu Filho, que identifica uma rápida apropriação, por parte da população, das estruturas urbanas que lhe foram ofertadas pela Exposição de 1929.

As finanças municipais foram seriamente afetadas, e duramente criticadas, mas Barcelona recebeu um novo alento, a montanha de Montjuïc começou a ser usada pela população e tornou-se rapidamente insubstituível como parque urbano (ABREU FILHO, 2010, p. 48).

Mesmo assim, o maior legado arquitetônico do evento – a reurbanização da montanha de Montjuïc – foi capaz de produzir o sentimento de receio. A montanha que fora, em tempos anteriores, uma pedreira e, portanto, sem vegetação em muitas áreas, demorou alguns anos para se tornar o parque urbano projetado pelos organizadores e esperado pela população. A adoção desse espaço como local de lazer foi muito pouco utilizado após os meses de celebração do evento. Segundo Muxí (2010, p. 109), “desde os anos 1930 até os anos 1960 seria um local oficialmente abandonado e esquecido, onde muitas famílias sem recursos encontrariam lugar onde construir suas casas”.

Figura 34 - Exposição Mundial de 1929, ilustração de 1917



Fonte: ABREU FILHO, 2010.

Finalmente, o que se destaca a partir dos autores aqui utilizados para manifestar os lados opostos sobre GPUs da Exposição de 1929, bem como da Exposição de 1888, é a observação de importância maior dada aos aspectos arquitetônicos – na verdade, estilos e magnificência – e de menor importância às suas funcionalidades urbanísticas. O que se verifica também é, certamente, uma atenção maior aos interesses de ganho do setor privado; nisso, a polêmica centra-se nas questões relativas ao interesse de uma população elitizada. O resultado das duas exposições, segundo os autores, trouxe mais atrativos de embelezamento para uma sociedade elitizada que transformações urbanas consideráveis no que diz respeito à infraestrutura da cidade.

4.2.3 Jogos Olímpicos de 1992 e a ascensão urbana

Até metade dos anos 1980, Barcelona experimentou pequenas intervenções nos bairros e espaços centrais da cidade que, juntamente com a participação da comunidade, conjugaram uma inovação urbana. Com a nomeação da cidade como sede dos Jogos Olímpicos de Verão de 1992, possibilitou-se produzir grandes intervenções urbanas numa escala metropolitana. A mudança da escala das intervenções urbanas provenientes da preparação desse Megaevento é confirmada como uma importante ferramenta “para poner en marcha grandes proyectos urbanos que se extendieron al conjunto de la ciudad, con el diseño de operaciones de gran alcance¹⁰⁶” (CAPEL, 2007, p. 8). Essa mesma apologia é encontrada quando Oriol (1992, p. 8) aponta a nomeação para os Jogos Olímpicos como “una renovació, una requalificació urbana a una escala impensable fins a aquest moment¹⁰⁷”.

A primera vista, hi ha hagut d'ençà el 1986 un salt a gran escala, s'ha passat d'actuar sobre sistemes locals a actuar sobre sistemes generals. Si abans parlàvem de parcs, de places, de jardins, de carrers, ara parlem de cinturons, de façanes marítimes, de grans infrastructures, de torres de

¹⁰⁶ “para pôr em curso grandes projetos urbanos que se estenderam ao conjunto da cidade, com o desenho de operações de grande alcance”.

¹⁰⁷ “uma renovação, uma requalificação urbana em uma escala impensável até este momento”.

comunicacions: hi ha un salt d'escala¹⁰⁸ (ORIOI, 1992, p. 8).

Mais que um salto na escala projetual, nas publicações científicas estudadas observa-se uma recorrência autoral que reitera críticas distintas a partir da nomeação da cidade como sede dos jogos. A ambição de utilizar esse Megaevento como catalizador de novos empreendimentos trouxe outra dinâmica urbana para a cidade. Projetados em estratégias implantadas nos diversos espaços da cidade, os GPUs para os Jogos de 1992 foram imersos entre discursos de apologia e receio sobre a nova dinâmica urbana desenvolvida para Barcelona. Enquanto, anteriormente à nomeação de sede do evento, o planejamento urbano propunha projetos tímidos, para os Jogos Olímpico propôs projetos grandiosos e capazes de fazer de Barcelona, decididamente, uma cidade competitiva no âmbito internacional. Assim, a importância dos Jogos Olímpicos de 1992, observada pelos autores, é com relação à grande transformação urbana realizada em um curto espaço de tempo. Corroborando com essa afirmação, Borja (1995, p. 7) cita que “las grandes realizaciones infraestructurales que se realizaron en el período 87-92 hubieran requerido dos, tres o cuatro veces, más tiempo sin los juegos¹⁰⁹”. Nos artigos acadêmicos publicados na época do evento, geralmente os discursos direcionam-se aos jogos como “una oportunidad de transformar la ciudad, de engrandecerla y de hacerla mejor¹¹⁰” (BORJA, 1995, p. 17).

As apologias referentes às intervenções urbanas para os Jogos Olímpicos de 1992 transformaram Barcelona em um fenômeno urbano a ser copiado por outras cidades. Sánchez (2003), por exemplo, define essas intervenções urbanas como constituintes de modelo em processos de revitalização urbana em âmbito mundial. Reiterando essa afirmação, Monclús (2003, p. 2) define que “Barcelona se ha convertido en una especie de referente y modelo, sobre todo en el entorno de los poderes locales y de los urbanistas de otras ciudades europeas y latinoamericanas¹¹¹”.

¹⁰⁸ “À primeira vista, tem havido desde 1986 um salto para a grande escala, passou-se de atuar em sistemas locais para atuar sobre sistemas gerais. Se antes falavam sobre parques, praças, jardins, ruas, agora falam sobre cinturões viários, de fachadas para o mar, de grandes infraestruturas, de torres de comunicações: há um salto de escala”.

¹⁰⁹ “as grandes realizações de infraestrutura que se realizaram no período de 1987 a 1992 teriam requerido duas, três ou quatro vezes mais tempo sem os jogos”.

¹¹⁰ “uma oportunidade de transformar a cidade, de engrandecê-la e de fazê-la melhor”.

¹¹¹ “Barcelona se converteu em uma espécie de referência e modelo, sobretudo no contexto dos poderes locais e dos urbanistas de outras cidades europeias e latino-americanas”.

A difusão do modelo pode ser vista em cidades na Europa Central e no Leste Europeu, bem como na Argentina, no *Puerto Madero*, em Buenos Aires. Outro exemplo sulamericano é o intercâmbio entre gestores da cidade de Barcelona e do Rio de Janeiro – sede dos Jogos Olímpicos de 2016 –, com assessorias de arquitetos barceloneses para o projeto olímpico brasileiro. Afirma-se, então, que tanto o desenho urbano das reestruturações urbanas e de suas edificações arquitetônicas como a reestruturação econômica, política e social formaram um modelo a ser seguido por outras cidades mundiais.

El concepto del modelo Barcelona es positivo, alabatorio, y considera como un gran éxito tanto las resoluciones urbanísticas adoptadas en diseño y arquitectura, tenidas como de alta calidad formal y estética, como las políticas que las respaldan y el impacto de todo ello en la ciudadanía y en la economía de la ciudad¹¹² (BALIBREA, 2005, p. 1).

Definidos como legados olímpicos, a originalidade do desenho urbano e a plástica de suas novas edificações proporcionaram críticas positivas como contribuição à integração social na cidade. No cumprimento de uma tripla função, esses GPUs reforçam a identidade urbana – com a construção de referências culturais –, contribuem para a igualdade social – constrói sentido ao todo –, e acentuam os atrativos turísticos da cidade (BORJA, 1995).

Figura 35 - Playa de Bogatell, Barcelona, Espanha



Crédito: Bruno Zaitter, 2011.

¹¹² “O conceito do modelo Barcelona é positivo, laudatório, e considera como um grande êxito tanto as resoluções urbanísticas adotadas em desenho e arquitetura, tidas como de alta qualidade formal e estética, como as políticas que as apoiam e o impacto de tudo isso na cidadania e na economia da cidade”.

Entretanto, na maioria das publicações distantes dos Jogos observa-se a existência de uma crítica autoral pela utilização excessiva de arquitetos reconhecidos internacionalmente – portanto, projetos arquitetônicos impactantes – com a venda da cidade e a promoção de exageros dispensáveis. Observa-se a existência de uma ideia referente à utilização da arquitetura sem conexão com a história e as características morfológicas da cidade. Diante dessa perspectiva negativa, Delgado (2007, p. 28) afirma que os edifícios dotados de uma arquitetura monumental contrariam “la limitación de la edificación en altura que contenía el PGM – Plano Metropolitano – de 1974¹¹³”. Para Borja e Muxí (2004, p. 179), as intervenções urbanas produzidas por uma “arquitectura de objetos singulares de los arquitectos del star system es la cara artística de los productos aislados del urbanismo de los negocios¹¹⁴”. No seguimento dessa linha pessimista, Montaner (apud BORJA; MUXÍ, 2004, p. 215) entende que o urbanismo adotado para os Jogos Olímpicos “es un urbanismo cada vez más parcial y fragmentario. Está hecho mucho más de objetos autónomos firmados por arquitectos globales y mediáticos que de conceptualizaciones y discusiones urbanas¹¹⁵”. Para Delgado (2005, p. 89), após os jogos, Barcelona se converteu em “un parque temático donde se trata a los ciudadanos como turistas de los que solo se espera que admiren, consuman y callen¹¹⁶”. Nesse mesmo contexto, Balibrea (2005, p. 4) aponta que, após a realização dos Jogos Olímpicos, Barcelona torna-se uma cidade para visitantes e não moradores, pois as transformações urbanas respondem às necessidades da cidade-espetáculo.

Em meio a tantas transformações no tecido urbano, é o projeto executado nas franjas da cidade que recebe a denominação de maior modificação fisicoterritorial no setor de mobilidade. O cinturão viário – *Las Rondas* –, criado para produzir a ligação com os municípios vizinhos, formaram uma medida de urgência contra o congestionamento entre os municípios. A crítica sobre esse eixo de transformação urbana é analisada como positiva logo após a realização dos jogos. Por um lado,

¹¹³ “a limitação da edificação em altura que continha o PGM – Plano Metropolitano – de 1974”.

¹¹⁴ “arquitectura de objetos singulares dos arquitetos do *star system* é a cara artística dos produtos isolados do urbanismo dos negócios”.

¹¹⁵ “é um urbanismo cada vez mais parcial e fragmentado. Está feito muito mais de objetos autónomos assinados por arquitetos globais e midiáticos que de conceitos e discussões urbanas”.

¹¹⁶ “um parque temático onde se trata os cidadãos como turistas daqueles que somente se espera que admirem, consumam e se caleem”.

segundo Borja (1995, p. 14), “la operación rondas (viales perimetrales) se planteó como una gran operación de cualificación urbana de la primera corona”¹¹⁷. Por outro lado, Borja e Muxí (2004) citam que, negativamente, a construção de *Las Rondas* refletiu diretamente no aumento da circulação de automóveis particulares em detrimento do transporte público.

Figura 36 - *Ronda Litoral*, Barcelona, Espanha



Crédito: Bruno Zaitter, 2012.

Muitos autores afastam-se da euforia imediata produzida pelos benefícios urbanísticos e passam a enxergar más consequências trazidas pelos GPUs da Barcelona Olímpica. Para Balibrea (2006), por exemplo, Barcelona cedeu cada vez mais às necessidades neoliberais e da competitividade global entre as cidades. Capel (2005), do mesmo modo, observa que, mesmo não tendo dúvidas do balanço positivo dos Jogos de 1992, nem todos os projetos urbanos foram de qualidade, e completa citando que a quantidade de projetos não foi suficiente. Para esse mesmo autor, as transformações urbanas possuem custos e impactos negativos, sendo importante saber quais setores se beneficiam e quais pagam os custos pelas decisões tomadas (CAPEL, 2004). Nessa mesma visão crítica, Escur (2008, p. 26) cita que “el modelo Barcelona ha vertido sus voces críticas. Pervive cierto espejismo de progreso bajo la estetización de la ciudad”¹¹⁸. Observa-se, então, uma recorrência autoral científica que

¹¹⁷ “a operação rondas (vías perimetrais) apresentou-se como uma grande operação de qualificação urbana da primeira coroa.” Também denominada Aglomeración Central de la Región Metropolitana de Barcelona (RMB).

¹¹⁸ “o modelo Barcelona derramou suas vozes críticas. Sobrevive certa ilusão do progresso sob a estetização da cidade”.

aponta as transformações urbanas olímpicas como uma ferramenta de reapropriação capitalista. Assim, para Delgado (2007, p. 239), Barcelona foi “convertida en modelo, pero en modelo de cómo una ciudad se concibe sólo como poder y como dinero, contra o de espaldas a los problemas más acuciantes de sus habitantes¹¹⁹ [...] (DELGADO, 2007, p. 239). Pode-se afirmar, portanto, que o sucesso internacional da palavra “modelo” é utilizado ironicamente para expressar a política de realizar projetos para uma elite local e uma população flutuante, em prejuízo aos projetos sociais.

Como se pôde observar, há uma justaposição, na literatura analisada, de posicionamentos antagônicos – apologias e receios – sobre os GPUs produzidos na Barcelona Olímpica. Em alguns casos, esse fenômeno fica ainda mais evidenciado como no posicionamento de Marx (2010, p. 13).

El aspecto positivo es que Barcelona se ha convertido en una ciudad internacionalmente conocida, con su lugar específico en el mapa y con capacidad para atraer turistas, inversores, eventos internacionales de carácter cultural, artístico, deportivo, etc. Ha pasado de ser una ciudad mediana desconocida a ser una capital conocida y ser la segunda ciudad de referencia de España, después de Madrid. La estrategia de *marketing* de ciudad ha tenido éxito por todos los factores descritos anteriormente y por haber sido referencia de la arquitectura y del diseño urbanístico para el mundo.

El aspecto negativo reside en que “estar en todas las partes” exige muchos esfuerzos para mostrar que somos buenos en todo. En consecuencia, no se ha delimitado un campo de actuación y no se ha profundizado en su seguimiento. Muchas veces se han mostrado proyectos vacíos de contenido y de profundidad, donde hay una fachada fruto del *marketing* que no corresponde a la realidad¹²⁰.

¹¹⁹ “convertida em modelo, mas num modelo de como uma cidade se concebe somente como poder e como dinheiro, contra ou de costas aos problemas mais importantes de seus habitantes”.

¹²⁰ “O aspecto positivo é que Barcelona se converteu em uma cidade internacionalmente conhecida, com seu lugar específico no mapa e com capacidade para atrair turistas, investidores, eventos internacionais de caráter cultural, artístico, esportivo etc. Passou de ser uma cidade mediana desconhecida para ser uma capital conhecida e ser a segunda cidade de referência na Espanha, depois de Madri. A estratégia de *marketing* urbano teve êxito por todos os fatores descritos anteriormente e por ter sido referência da arquitetura e do desenho urbanístico para o mundo.

O aspecto negativo reside em que ‘estar em todas as partes’ exige muitos esforços para mostrar que somos bons em tudo. Consequentemente, não se delimitou um campo de atuação e não se aprofundou em seu seguimento. Muitas vezes se mostraram projetos vazios de conteúdo e de profundidade, onde há uma fachada fruto do *marketing* que não corresponde com a realidade”.

Portanto, a citação de Marx reitera a dos demais autores analisados, no ponto em que parece haver a concordância de distintos posicionamentos em relação à mudança ideológica na forma de transformar a cidade. Vazia para a população original, mas cheia de atrativos para os visitantes, Barcelona se confirma como uma cidade onde foram valorizados os projetos relativos ao lazer, consumo, turismo e promoção imobiliária. Segundo as referências aqui utilizadas, houve claramente uma vasta abertura de novos espaços para o lazer, mas projetados e adquiridos por e pela economia do comércio. Borja e Muxí (2004) indagam sobre os efeitos da valorização das áreas revitalizadas da cidade.

[...] el aumento desproporcionado del precio de la vivienda tiende a expulsar la población joven, que no puede así beneficiarse de la nueva calidad urbana de los barrios de sus padres¹²¹ (BORJA; MUXÍ, 2004, p. 177).

Para Montaner (2004), após a realização dos Jogos Olímpicos, a cidade de Barcelona foi posta ao capitalismo e ao mercantilismo, convertendo-se em um produto a ser consumido. O modelo de características neoliberais é entendida por Borja (2009, p. 124) como “un riesgo serio de desnaturalización del modelo urbanístico barcelonés¹²²”. Essa mudança conceitual foi, para o lado do consumismo imediato, uma mudança positiva; entretanto, para a população original desta nova Barcelona reestruturada foi um rompimento significativo do modo tradicional de viver. Com relação a essas críticas negativas, pode-se destacar a destruição de parte das edificações originais do século XVIII do bairro de *Barceloneta*. Desconfigurado pelas intervenções urbanas olímpicas, muitos dos novos edifícios construídos não foram capazes de seguir o gabarito e/ou a composição do entorno, levando assim a uma desvalorização do patrimônio permanecido.

La ciudad es [...] dinámica, pero no debe ser mutilada o descoyuntada, especialmente en centros históricos que tienen, como el de Barcelona, una antigüedad milenaria y que poseen edificios medievales que han resistido el paso

¹²¹ “o aumento desproporcional do preço da residência tende a expulsar a população jovem, que não pode assim beneficiar-se da nova qualidade urbana dos bairros de seus pais”.

¹²² “um sério risco de desnaturalização do modelo urbanístico barcelones”.

del tiempo y que solo necesitan intervenciones de consolidación y rehabilitación¹²³ (CAPEL, 2004, p. 67).

Diante da reutilização de espaços históricos da cidade de Barcelona, o setor privado é visto, por muitos autores, como detentor de maior poder de decisão na formação das operações urbanas para os Jogos Olímpicos. Esse domínio transparece mais fortemente nas propostas de conjuntos arquitetônicos entendidos como agregadores da visibilidade da transformação urbana. Grande parte dos trabalhos científicos publicados após lapso temporal da realização do evento relata que a união público-privada trouxe mais malefícios na morfologia urbana que desenvolvimento econômico nas áreas revitalizadas.

Com o afastamento da realização do evento, os discursos receosos se baseiam na troca do interesse social pela proposta de desenvolvimento socioeconômico capitalista. Se Borja (2009, p. 189) define que na “preparación y realización de las obras de los JJ.OO. y na organización de éstos gerouse un intenso flujo positivo entre la ciudad, el Ayuntamiento y la ciudadanía¹²⁴”, após os jogos permitiu-se que a grande parte das decisões urbanas não fossem apoiadas pelos cidadãos. Nesse sentido, Borja (2009, p. 145) mostra que, com o desenvolvimento da política estratégica, “los ciudadanos se sienten progresivamente desposeídos de su ciudad, o sea, los grandes proyectos no parecen hechos por ellos¹²⁵”.

Mesmo diante da dimensão formal da cidade, numa aproximação de sucesso internacional da arquitetura e do desenho urbano, os posicionamentos analisados se referem à Barcelona Olímpica como uma cidade neoliberal com excessiva ênfase no turismo e promoção de espaços privados em detrimento de prioridades sociais mais emergenciais. O que deixa claro, mais uma vez, a forte presença da dialética entre o receio e a apologia nos discursos referentes à GPUs de Megaeventos e o incremento de posicionamentos receosos ao longo do tempo.

¹²³ “A cidade é [...] dinâmica, mas não deve ser mutilada ou desconjuntada, especialmente em centros históricos que possuem, como o de Barcelona, uma antiguidade milenar e que possuem edifícios medievais que resistiram ao passar do tempo e que somente necessitam intervenções de consolidação e reabilitação”.

¹²⁴ “preparação e realização das obras dos Jogos Olímpicos e na organização destes gerouse um intenso fluxo positivo entre a cidade, a Prefeitura e os cidadãos”.

¹²⁵ “os cidadãos se sentem progressivamente despossuídos de sua cidade, ou seja, os grandes projetos não parecem feitos por eles”.

4.2.4 Fórum das Culturas de 2004 e a desilusão urbana

Na continuação da adoção do Planejamento Estratégico Urbano proposto na década de 1980, Barcelona novamente decidiu sediar um Megaevento como estímulo para execução de novos GPUs. Desde a organização desse evento, a vertente empresarial e especulativa se impôs sobre todas as outras – inclusive a cultural, temática do próprio Megaevento. As tentativas de aproximação com a sociedade foram fracassadas: tanto as associações de moradores e ONGs quanto os intelectuais se declararam contra o uso perverso da palavra “cultura” e a gestão empresarial do evento. Para Borja (2009), a transformação urbana foi uma operação comercial exitosa, porém recebeu críticas de movimentos sociais e profissionais, bem como dos mesmos responsáveis políticos que a realizaram. Assim, a continuidade do desenvolvimento econômico baseado na promoção de Megaeventos foi mais uma vez discutida exaustivamente pela academia.

No que diz respeito às ações urbanas realizadas, nos artigos estudados observa-se que a reestruturação do litoral barcelonês, muitas vezes considerada como de grande mérito para a realização dos Jogos Olímpicos e também para o contexto da cidade como um todo, foi o principal local de transformação urbana em 2004. Positivamente com relação a essa modificação urbana, a porção norte da orla marítima experimentou uma reestruturação tanto na volumetria de novas construções quanto na infraestrutura básica da região.

Después de los Juegos Olímpicos, se concibió otra operación vinculada a un gran evento, El Forun de las Culturas, que se ha celebrado en 2004. Con ello se ha ampliado la recuperación de la frente litoral, cubriendo una gran depuradora de aguas residuales, construyendo una nueva marina, y levantando palácios de exposiciones y congresos, para todo lo cual se ha contado igualmente con inversión pública de La Generalitat y del Estado¹²⁶ (CAPEL, 2005, p. 15).

¹²⁶ “Depois dos Jogos Olímpicos, se concebeu outra operação vinculada a um grande evento, o Fórum das Culturas, que foi celebrado em 2004. Com ele ampliou-se a recuperação da orla marítima, cobrindo uma grande estação de tratamento de água, construindo uma nova marina, e levantando palácios de exposições e congressos, para o que se contou igualmente com investimento público do governo catalão e espanhol”.

Na porção norte da cidade encontra-se o antigo bairro industrial chamado *Poblenou*, importante espaço dotado de patrimônio urbano e arquitetônico aproveitado diretamente pelas transformações ocorridas para o evento. As infraestruturas industriais obsoletas permitiram reutilizar o bairro mais uma vez como motor econômico para a cidade – nomeado como Distrito 22@Barcelona. No entanto, as críticas referentes a esse processo de requalificação foram pautadas na real necessidade de derrubar os resquícios das indústrias, bem como da expropriação de habitações para a instalação desse novo distrito tecnológico.

Figura 37 - Gentrificação no antigo bairro industrial *Poblenou*, Barcelona, Espanha



Crédito: Sergi Reborado – retirado de DOMÈNECH, 2003.

A crítica recorrente se fundamenta no fato de que, mais uma vez, as transformações urbanas foram direcionadas à camada social mais elitizada. Para Delgado (2007), essa transformação fez com que os cidadãos locais perdessem seus pontos originais e culturais de referência do bairro, sendo substituídos por referências de serviços multinacionais. Existe uma recorrência autoral que indica a pressão imobiliária exercida nas áreas revitalizadas como fracasso do Modelo Barcelona ante a política de habitação popular. Partindo da proposta de devolver a cidade aos cidadãos,

para muitos autores, a política pública foi incapaz de evitar o fenômeno da gentrificação. Portanto, novamente a intensa disputa entre grupos sociais e o setor privado foi alvo de discussão diante das transformações urbanas.

Es casi inevitable el debate y el conflicto entre la transformación física y la rehabilitación de la construcción existente, especialmente con respecto al importante patrimonio arquitectónico industrial. Los promotores privados optan casi siempre por la demolición-construcción. Y los movimientos socioculturales quieren rehabilitar lo existente para dar si hacen falta nuevos usos manteniendo la identidad física y social de la zona¹²⁷ (BORJA, 2009, p. 69).

Essas mesmas críticas relacionadas ao conflito entre setor privado e movimentos sociais são observadas, sobretudo, na questão morfológica do bairro. Ruínas industriais são identificadas como elementos decorativos introduzidos como anexos a novos edifícios e novas praças, onde a monumentalização do remanescente fabril é observada ironicamente como nova paisagem urbana. Essa preservação simbólica industrial pretérita é, em tom sarcástico, entendida por Delgado quando o autor descreve as chaminés industriais como “verdaderas capillas de memoria colectiva¹²⁸” (DELGADO, 2007, p. 101).

Figura 38 - Resquícios industriais, Universidade Pompeu Fabra e Fundação Vila Casas



Crédito: Bruno Zaitter, 2012.

¹²⁷ “É praticamente inevitável o debate e o conflito entre a transformação física e a reabilitação da construção existente, especialmente com respeito ao importante patrimônio arquitetônico industrial. Os promotores privados optam quase sempre pela demolição e construção. E os movimentos socioculturais querem reabilitar o existente para dar novos usos, mantendo a identidade física e social da área”.

¹²⁸ “verdadeiras capelas da memória coletiva”.

Os efeitos consequentes da troca das plantas industriais do setor secundário por edificações ousadas do setor terciário são também vistos negativamente na continuação no desenho urbano da cidade. Uma corrente literária declara-se contra a destruição de parte do bairro industrial para a construção de novos edifícios numa composição inacabada. Para Borja (2009, p. 68), a Avenida Diagonal – que corta o bairro *Poblenou* – se compõe por uma “pobre animación urbana que se crea, por la pésima concepción del Parque y por el incomprensible error de sus terminaciones antes de llegar al mar¹²⁹”.

Los edificios-esculturas firmados por grandes estrellas de la arquitectura internacional, y que toda ciudad que se precie debe poseer y exhibir, se despliegan arrogantes de espaldas a la realidad social que les circunda, como si ésta no existiera, como si toda la función de las construcciones singulares fuera olvidar y hacer olvidar las condiciones de vida real de la gente real¹³⁰ (DELGADO, 2007, p. 239).

Observa-se que muitos autores indicam que as transformações urbanas procedentes do evento de 2004 não possuem diálogo com a memória arquitetônica do local e, portanto, carecem de conexão entre passado e presente. A concentração de novos arranha-céus em que se transformou o antigo bairro industrial é entendido por Borja (2009, p. 63) como “una operación ensimismada, con torres aisladas, sin continuidad de construcción y con espacios abiertos a la nada, de escasa vida ciudadana¹³¹”. O produto final desses espaços sem comunicação arquitetônica é entendido por Balibrea (2005, p. 4) como um ato de “festivalización de las ciudades, de su parquematización, de la ciudad-evento o de la economía de la experiencia¹³²”.

Outra área reestruturada pela transformação urbana – *Les Glòries* – também é citada com relação à demasiada apelação do setor imobiliário e pela incompatibilidade

¹²⁹ “pobre animação urbana que se cria, pela péssima concepção do Parque e pelo incompensível erro de suas terminações antes de chegar ao mar”.

¹³⁰ “Os edifícios-esculturas assinados pelas grandes estrelas da arquitetura internacional, e que toda cidade que se preze deve possuir e exhibir, desdobram-se arrogantes de costas à realidade social que os circunda, como se esta não existisse, como se toda a função das construções singulares fosse esquecer e fazer esquecer as condições da vida real de pessoas reais”.

¹³¹ “uma operação voltada para si mesma com torres isoladas, sem continuidade de construção e com espaços abertos para nada, de escassa vida cidadã”.

¹³² “festivalização das cidades, de sua parquematização, da cidade-evento ou da economia da experiência”.

morfológica do novo espaço. Este espaço, segundo Montaner (apud BORJA; MUXÍ, 2004, p. 210), “sigue sin resolverse y lo que está realizado y proyectado no promete que deje de ser un museo de los horrores que acrecienta la tendencia terciaria y la proliferación de objectos arquitectónicos aislados¹³³”. Críticas referentes aos mesmos conjuntos arquitetônicos são intensificadas quando Borja (2009, p. 183) se refere a Barcelona como “un parque temático donde los grandes nombres de la arquitectura dejan lo menos bueno, incluso lo peor, de su producción¹³⁴”.

A falta da continuidade arquitetônica não é o único atributo crítico acadêmico diante da transformação de *Les Glòries* advinda do evento de 2004. O entorno da *Torre Agbar*¹³⁵, onde se esperava a evolução de uma zona comercial, apresenta-se, segundo Delgado (2007) um comércio informal onde aparecem centenas de imigrantes sem trabalho, que compram e vendem num bazar surgido naturalmente, existindo assim uma cidade indesejada, porém verdadeira.

Figura 39 - Torre Agbar e entorno, Barcelona, Espanha



Crédito: Bruno Zaitter, 2012.

¹³³ “segue sem se resolver, e o que está realizado e projetado não promete deixar de ser um museu dos horrores que acrescenta a tendência terciária e a proliferação de objetos arquitetônicos isolados”.

¹³⁴ “um parque temático onde os grandes nomes da arquitetura deixam o ‘menos bom’, inclusive o pior, de sua produção”.

¹³⁵ Pertencente à Companhia das Águas de Barcelona, essa edificação é ícone da cidade. Projetada pelo famoso arquiteto francês Jean Nouvel e construída em 2007, a Torre Agbar possui cerca de 140 m de altura, assim sendo o terceiro edifício mais alto da capital catalã.

Com uma ênfase menor, porém com soluções e resultados semelhantes, a *Ciutat Vella*¹³⁶ também experimentou transformações a partir da oportunidade de Barcelona sediar o Fórum das Culturas de 2004. Para Capel (2007, p. 12), essa área central “se trata de una morfología urbana que es resultado de una evolución de 2000 años, y en la que están presentes todas las etapas de la evolución histórica, desde la época romana hasta hoy¹³⁷”. Espaço urbano que sentiu fortes processos de degradação ao longo do tempo, acolheu as intervenções urbanas como uma resposta à justificativa plausível em revitalizar os espaços degradados. Críticas positivas são relacionadas às melhorias realizadas com a implantação de novos equipamentos culturais, como o Museu de Arte Contemporânea (MACBA) e espaços universitários, bem como revitalizações no Palácio da Música, no Liceu e mercados tradicionais. Essas novas e reformadas edificações, beneficiadas pela facilidade da acessibilidade e melhoria dos serviços públicos na região, converteram-se em importantes pontos de atração turística para a cidade. Essas intervenções, segundo Borja (2009), permitiram a recuperação de áreas subutilizadas de todo o centro histórico de Barcelona e não somente os espaços tradicionalmente turísticos e reconhecidos internacionalmente. Entretanto, parece existir um consenso entre os autores analisados a respeito da falta de planejamento para o patrimônio histórico existente nesta área. Críticas são manifestadas com relação à destruição de edifícios medievais para construção de uma nova arquitetura fora do contexto do local. Um exemplo desse descaso é a destruição de parte do bairro *Raval* para a construção do MACBA. Isso evidencia a expulsão da classe baixa para a construção de uma edificação de utilização elitizada, sem qualquer atenção ao uso do solo e a identidade do local.

Sin duda era preciso actuar en el centro historico para mejorar la habitabilidad y la higiene. Pero eso podía hacerse mediante ampliaciones de las viviendas, la liberación de patios de edificios y manzanas, la eliminación de alojamientos en las terrazas, sin necesidad de recurrir a los traumáticos derribos generalizados. Deberían haberse

¹³⁶ Em detrimento de seus mais de 2 mil anos de história, a cidade de Barcelona é composta por tecidos urbanos repletos de edificações portadoras de um rico patrimônio histórico cultural e arquitetônico. Segundo Delgado (2007, p. 120), “para los historiadores un lugar de memoria es aquel punto en que se produce un retorno reflexivo de la historia sobre sí misma”. A região central, que até o século XVIII era fechada pela muralha e chamada de Cidade Velha, é um dos mais extensos e populosos sítios históricos da Europa.

¹³⁷ “se trata de una morfología urbana que é resultado de uma evolução de 2000 anos, e na qual estão presentes todas as etapas da evolução histórica, desde a época romana até hoje”.

hecho operaciones exigentes, manzana a manzana, teniendo gran cuidado en conservar los edificios que se encontraban en buen estado y rehabilitar edificios sólidos¹³⁸ (CAPEL, 2007 p. 12).

A partir dos textos analisados, e sempre com a perspectiva de identificar os posicionamentos receosos e favoráveis, pode-se dizer que as transformações urbanas para o Fórum das Culturas de 2004 não foram capazes de proteger a identidade e história dos tradicionais bairros da *Ciutat Vella*. Para esses autores analisados, quadras inteiras e repletas de edificações do século XVII e XVIII não foram poupadas de derrubamentos. Corroborando com essa afirmação, Capel (2004, p. 66) cita que “la falta de respeto a la historia ha sido a veces muy grave, por la insensibilidad de políticos y de técnicos¹³⁹”.

Figura 40 - Praça do MACBA no bairro *Raval*, Barcelona, Espanha



Crédito: Bruno Zaitter, 2011.

Como nas áreas industriais pretéritas do bairro *Poblenou*, a *Ciutat Vella* sofreu com a expulsão de sua população original. Com relação a esse problema habitacional, a falta de diálogo entre sociedade e gestores urbanos foi peça principal desse descontentamento.

¹³⁸ “Sem dúvida, era preciso atuar no centro histórico para melhorar a habitabilidade e a higiene. Mas isso podia ser feito mediante ampliações das residências, a liberação de patios de edifícios e quadras, a eliminação de alojamentos nos terraços, sem necessidade de recorrer aos traumáticos derrubamentos generalizados. Deveriam ter-se feito operações exigentes, quadra a quadra, tendo grande cuidado em conservar os edifícios que se encontravam em bom estado e reabilitá-los”.

¹³⁹ “a falta de respeito com a história tem sido às vezes muito grave, pela insensibilidade de políticos e de técnicos”.

Las actuaciones de realojamiento de la población afectada por las reformas emprendidas en Ciutat Vella no siempre se gestionaron bien, y en ocasiones no fueron acompañadas de un equipamiento adecuado. No hubo un adecuado proceso de diálogo, participación ni concertación; tampoco se estudiaron suficientemente los criterios para el realojamiento, o las consecuencias para aquellos que no podrían beneficiarse del reacomodo en el mismo barrio; ni se tuvieron en cuenta las consecuencias que podrían tener los desalojos y realojamientos en las redes sociales existentes, que se vieron seriamente afectadas¹⁴⁰ (CAPEL, 2010, p. 187-188).

O descomprometimento com a história de bairros como *Raval* e *Poblenou* é, tradicionalmente, entendido como a confirmação de que houve a troca da população original por uma elitizada. É nessa perspectiva negativa que Beriatos e Colman (2003, p. 15) citam que houve um “desplazamientos de comunidades tradicionales por infraestructuras de alto estatus para unos pocos¹⁴¹”. Para Babriela (2006, p. 19), esse processo de gentrificação ocasionou uma mudança radical de áreas tradicionais para áreas que geram “recursos al servicio de una hipotética población flotante de visitantes y semiflotante de ejecutivos y burocratas¹⁴²”. Daquilo que se observou nas análises sobre as transformações urbanas para o Fórum das Culturas de 2004, pode-se afirmar que houve operações destinadas à população original, entretanto foram insuficientes do ponto de vista quantitativo e, em alguns casos, equivocadas do ponto de vista arquitetônico e urbanístico.

¹⁴⁰ “As atuações de realojamento da população afetada pelas reformas empreendidas na Cidade Velha nem sempre se administraram bem, e às vezes não foram acompanhadas por equipamentos adequados. Não houve um processo adequado de diálogo, participação nem consulta, tão pouco se estudaram suficientemente os critérios para a relocação, ou as conseqüências para aqueles que não poderiam se beneficiar do acomodamento no mesmo bairro, nem levou em conta as possíveis conseqüências dos desabrigados nas redes sociais existentes, que foram gravemente afetadas”.

¹⁴¹ “deslocamento de comunidades tradicionais por infraestruturas de alto *status* para poucos”.

¹⁴² “recursos ao serviço de uma hipotética população flutuante de visitantes e semiflutuante de executivos e burocratas”.

4.3 BARCELONA DOS MEGAEVENTOS POR PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

Esta subseção avança na discussão sobre os quatro Megaeventos de Barcelona segundo as dez perspectivas de análise apresentadas no debate de GPUs do Estudo Teórico Referencial desta tese. Portanto, na continuação deste estudo empírico, esta subseção tem como objetivo verificar se essas mesmas perspectivas de análise são permanentes ao longo dos quatro diferentes momentos históricos existentes na Barcelona dos Megaeventos.

Iniciando, então, essa verificação com a perspectiva de análise *Ícone Arquitetônico*, diante das publicações estudadas percebe-se que, historicamente, Barcelona sempre foi entendida como uma cidade de vanguarda arquitetônica, e na implementação de seus Megaeventos não foi diferente. Nos quatro eventos, houve a preocupação em projetar internacionalmente a cidade utilizando obras arquitetônicas dotadas de novas tecnologias construtivas e de grandes proporções volumétricas. A adoção de edificações arrojadas indica que a Barcelona dos Megaeventos cria e utiliza-se de seus ícones arquitetônicos como forma de poder, seja político ou econômico. Com relação à Exposição Universal de 1888, na adoção de ícones arquitetônicos adicionam-se o fato de o evento se apropriar da modernidade da construção civil e a utilização de grandes nomes da arquitetura catalã para a construção dos pavilhões e demais elementos arquitetônicos pela cidade.

Aquí només ens referirem a tres dels aspectes tècnics que provocaren admiració i que ràpidament passaren a construir el nou prestigi dels nous arquitectes: en primer lloc, la rapidesa d'execució —el cas del Gran Hotel Internacional de Lluís Domènech i Montaner—, en segon lloc, l'emergència potent i espectacular d'algunes estructures metàl·liques al bell mig de la ciutat —el cas de la bastida al monument de Colom de Joan Torras Guardiola— i, en tercer lloc, la consciència de la modernitat del ferro i la discussió *inter pares* dels arquitectes amb els enginyers sobre aspectes tecnològics —en motiu de l'encavallada d'ala de mosca, també de Joan Torras¹⁴³

¹⁴³ Aqui nos referimos apenas a três dos aspectos técnicos que causaram admiração e que rapidamente construíram o novo prestígio da nova arquitetura: a primeira, a velocidade de execução – o caso do Grande Hotel Internacional de Lluís Domènech i Montaner –; em segundo lugar, o surgimento de algumas estruturas metálicas poderosas e espetaculares no coração da cidade – o caso do monumento a Colombo construído por Joan Torras Guardiola –; e, em terceiro lugar, a modernidade do ferro e a discussão de arquitetos com os engenheiros sobre os aspectos tecnológicos – por ocasião da treliça, também de Joan Torras.

(ROVIRA, 2012, p. 10).

A monumentalidade arquitetônica explorada nas construções para o evento de 1888 foi novamente utilizada na reurbanização da montanha de *Montjuïc* e demais edificações e monumentos construídos para a Exposição de 1929. A utilização de grandes nomes da arquitetura catalã foi empregada descomedidamente, como no exemplo do *Palau Nacional* do arquiteto catalão Josep Puig i Cadafalch. Contudo, segundo Dorca (1998, p. 23), a principal contribuição desse evento para a arquitetura foi a “introducción a la nueva arquitectura internacional¹⁴⁴”. Sobresaindo-se dentre tantas edificações espalhadas pela montanha de *Montjuïc*, o pavilhão da Alemanha, do arquiteto Mies van der Rohe.

Nos Jogos Olímpicos de 1992, a imagem de ícones arquitetônicos foi fundamental para traduzir o significado existente por trás de uma candidatura olímpica. Com referência aos quatro setores do projeto olímpico e, portanto, à mobilidade urbana que os une, Montaner (1991) cita que a utilização de edifícios com forte símbolo arquitetônico tornou-se ponto de referência para se reconhecer um agrupamento urbano. Mais que a grife utilizada por arquitetos famosos, muitas dessas transformações urbanas possuíram características impactantes na perspectiva da cidade e marcam a nova identidade de cidade global contemporânea. Barcelona utilizou dessa ferramenta na construção de edificações como a Torre de Comunicação desenhada por Santiago Calatrava e a Torre de Telecomunicações projetada por Norman Foster.

Y de la misma manera que en 1889 la torre Eiffel introdujo un nuevo orden, mostrando que París era ya inevitablemente una gran capital industrial, por mucho que no les gustase reconocerlo a una parte de los intelectuales del momento, ahora la torre de Collserola juega un papel similar: otorga a Barcelona su identidad de ciudad postindustrial, de metrópolis de servicios¹⁴⁵ (MONTANER apud BORJA; MUXÍ, 2004, p. 208).

¹⁴⁴ “introdução da nova arquitetura internacional”.

¹⁴⁵ E da mesma maneira que, em 1889, a torre Eiffel introduziu uma nova ordem, mostrando que Paris já era inevitavelmente uma grande capital industrial, por muito que uma parte dos intelectuais do momento não gostasse de o reconhecer, agora a torre de Collserola realiza um papel similar: outorga a Barcelona sua identidade de cidade pós-industrial, de metrópole de serviços.

Figura 41 - *Peix d'or, Hotel Arts e Torre Mapfre, Barcelona, Espanha*



Crédito: Bruno Zaitter, 2011.

Com relação ao Fórum das Culturas de 2004, segundo os autores analisados, mesmo com a valorização espacial pela arquitetura desenhada por profissionais reconhecidos internacionalmente, o maior erro ocorrido foi inaugurar o evento com obras ainda por finalizar. Junta-se a essa crítica negativa o receio causado pelos edifícios demasiadamente ousados e sem conexão com a morfologia urbana.

En la nueva Diagonal y como pórtico del Fórum aparece entre las construcciones, algunas de ellas incipientes y otras medio terminadas, la torre Agbar, de forma redondeada que recuerda inmediatamente la de Babel pintada por Pieter Brueghel¹⁴⁶ (SANTÍS, 2003, p. 23).

Em meio a discursos positivos ou críticas negativas, a análise que se faz com relação aos ícones arquitetônicos é que são imprescindíveis para a promoção da nova imagem urbana da cidade. Mais que isso, as edificações projetadas por grandes nomes da arquitetura mundial auxiliam também a valorizar a marca da cidade e o sentimento de pertence da população local. A busca pela projeção de Barcelona no cenário global é percebida no ineditismo arquitetônico e na vanguarda urbanística marcante nos GPUs dos Megaeventos. No estudo realizado, confirma-se a ideia de que o GPU

¹⁴⁶ Na nova Diagonal e como pórtico do Fórum das Culturas de 2004, aparece entre as construções, algumas ainda incipientes e outras meio terminadas, a torre Agbar, de forma arredondada que recorda imediatamente a Torre de Babel pintada por Pieter Brueghel.

permanece concreto ao longo do tempo. Essa característica fica clara quando se analisa o curto recorte temporal da celebração de um Megaevento ante a longa permanência da concretude dessas grandes edificações.

No se refere à perspectiva de análise *Revitalização Espacial*, percebe-se que, seja por motivos políticos, econômicos ou sociais, a Barcelona dos Megaeventos experimentou a criação de novos cenários que, de uma forma geral, agradou a população, a mídia e a academia. Diferenciados pela escala de abrangência, os quatro Megaeventos proporcionaram importantes mudanças físicas na cidade com as revitalizações propostas.

Mesmo com uma pequena área de intervenção – ao se comparar com os outros três eventos –, segundo Permanyer (1988a, p. 30), a Exposição Universal de 1888 relacionou “íntimamente la Ciutadella con el mar –Puede de la Marítima–, con el Eixample –Saló de Sant Joan–, con la Ciutat Vella –un eje de tres paseos que conducía directamente hasta Colón”¹⁴⁷. Baseada na monumentalidade arquitetônica e urbanística, para Villalbí, Carreras e Candi (1934), essa revitalização proporcionou a primeira urbanização moderna da área entre a *Ciutat Vella* e o *Plan Cerdà*, servindo, então, de acesso para a área do evento. Outras revitalizações de pequeno porte aconteceram pela cidade. Permanyer (1988a) ainda destaca o fechamento do córrego *d'en Mall*, as decorações na *Plaça Catalunya*, a pavimentação de algumas ruas, o término da fachada da catedral, as melhorias na iluminação pública e a construção do monumento a Colombo.

Dentre as duas Exposições realizadas em Barcelona, a ocorrida no ano de 1929 foi, segundo Huertas (2004), seguramente a mais eficaz, pois conformou perfeitamente o arquitetônico e o monumental, o paisagístico e o lúdico. As transformações urbanas ocorridas em maior abrangência territorial proporcionaram melhorias na infraestrutura da cidade, como por exemplo a mobilidade urbana com o início da linha de metrô. Segundo Rovira (2006, p. 14), este evento também serviu para “remodelar la plaza Espanya y concluir projectos como la reordenación de las plazas Catalunya, Tetuán y Letamendi, abrir la calle Balmes y prolongar la Diagonal hasta la actual plaza Francesc

¹⁴⁷ “íntimamente a Cidadela com o mar – Ponte da Marítima –, com o *Eixample* – Salão de *Sant Joan* –, com a Cidade Velha – um eixo de três passeios que conduzia diretamente até Colombo”.

Macià”¹⁴⁸.

Figura 42 - Revitalização Avenida Reina Marina e Plaza Espanya, Barcelona, Espanha



Fonte: http://www.mampel.biz/barcelona_1900_005_pza.espanya_montjuic.htm

Seis décadas mais tarde, no ano de 1992, os Jogos Olímpicos se consolidaram como o terceiro pretexto para reinventar a cidade. A marca olímpica é vista como uma das grandes transformações urbanas que a capital catalã experimentou em seus 2 mil anos (ROVIRA, 2006). Nesse evento, a área de abrangência das revitalizações ocorreu na escala metropolitana, atingindo municípios vizinhos de Barcelona. Naquilo que se pretendia realizar como elementos principais da reestruturação da cidade, Barcelona foi enfática em devolver a maior área de lazer da cidade – a orla marítima – e otimizar a mobilidade urbana – projeto das *Las Rondas*. Para Busquets (1994), as transformações urbanas formaram uma união de projetos em diferentes espaços da cidade articulados com áreas obsoletas. Ou seja, diferente dos outros três Megaeventos, a transformação urbana para os Jogos Olímpicos proporcionou grande impacto em quatro diferentes pontos na cidade.

¹⁴⁸ “remodelar a praça Espanya e concluir projetos como a reordenação das praças Catalunya, Tetuán e Letamendi, abrir a rua Balmes e prolongar a Diagonal até a atual praça Francesc Macià”.

Perante o sucesso urbanístico em 1992, muitos estudiosos e a mídia em geral imaginaram que a cidade havia esgotado seu desenvolvimento urbano (SANTÍS, 2003). No entanto, ainda no que diz respeito à revitalização espacial, o Fórum das Culturas de 2004 serviu tanto para recuperar a degradada porção norte da cidade como para finalizar a reestruturação da orla marítima iniciada no evento olímpico. A intenção do Fórum das Culturas de 2004 foi revitalizar e reestruturar a infraestrutura da antiga região industrial da cidade, pois, segundo Casas i Masjoan (2004, p. 5), essa área era composta por “un río completamente contaminado y unas instalaciones ambientales obsoletas y contaminantes, por un pedazo más de ciudad¹⁴⁹”.

Y así, gracias a la industrialización, iniciada con tanto empuje a mediados del siglo XIX, se ha podido, al desmontarla, disponer hoy de un territorio totalmente ciudadano para la Barcelona postindustrial de servicios y que haceres terciarios ligados a las nuevas tecnologías¹⁵⁰ (SANTÍS, 2003, p. 23).

Portanto, iniciadas por uma revitalização tímida no espaço da Exposição de 1888 e seu entorno próximo, e terminadas no reuso do antigo espaço industrial obsoleto em 2004, as revitalizações urbanas ocorridas na Barcelona dos Megaeventos transformaram não somente o espaço destinado aos eventos, como também produziram um processo de revitalização da cidade como um todo, numa escala metropolitana.

A inserção de novas edificações com distintos usos é uma característica do Planejamento Urbano Estratégico inserido nas cidades após os anos 1980 e, portanto, entendido nesta tese como a perspectiva de análise *Espaços Multifuncionais*. Diante da leitura das publicações, verifica-se que a proposta de combinar esses diferentes usos já foi utilizada no primeiro grande evento em Barcelona. Para a Exposição Universal de 1888, a proximidade do local do evento com o terminal de trens e com o centro da cidade foi estratégica para a integração com meios modais de transporte e com comércio de Barcelona. Das edificações construídas para a exposição, chama a atenção da literatura pesquisada a instalação de um hotel e de um restaurante para a

¹⁴⁹ “um rio completamente contaminado e umas instalações ambientais obsoletas e contaminantes, por um pedaço mais de cidade”.

¹⁵⁰ “E assim, graças à industrialização, iniciada com tanto empenho no começo do século XIX, pode-se, ao desmontá-la, dispôr hoje de um território totalmente cidadão para a Barcelona pós-industrial de serviços e afazeres terciários ligados às novas tecnologias”.

comodação dos visitantes. Com a construção desses dois edifícios, o espaço do evento destinado às trocas de informações comerciais ganhou um atrativo a mais para os visitantes, assim contribuindo para a multifuncionalidade do espaço do evento. A adição de um espaço de lazer com uma grande área verde foi mais uma iniciativa de inserir outro diferente elemento na paisagem da cidade, transformando a área da antiga *Ciudadella* no maior parque da época na cidade. Atualmente, o espaço destinado para o evento de 1888 potencializou ainda mais sua multifunção espacial, com a abertura do maior zoológico da cidade. O espaço de lazer ainda conta com o restaurante – obra de Domènech i Muntaner –, o Parlamento da Catalunha – antigo Palácio do governador – e outras edificações destinadas à cultura.

A reutilização das edificações observada no evento realizado em 1888 também ocorreu na celebração da Exposição de 1929. Após o fim do evento, segundo Rubio (2010, p. 334), “molts hotels de la ciutat, ja finalitzada l’Exposició, van ser rehabilitats com a dependències escolars o oficials¹⁵¹”. Portanto, pela reutilização de antigos pavilhões para o uso de novos museus e outros espaços culturais, a perspectiva de análise da multifuncionalidade espacial só pôde ser vista com ênfase ao final do evento de 1929. Pode-se afirmar que, embora timidamente e mesmo que seja após a realização dos eventos, as Exposições de 1888 e de 1929 já foram espaços pensados em uma área multifuncional.

Para o evento de 1992, desde suas primeiras concepções, o projeto olímpico já foi concebido com vistas à reutilização de suas edificações e infraestruturas após o encerramento do evento. Esse pensamento fez com que as quatro novas centralidades e vias de ligação fossem desenvolvidas com a preocupação em transformar a malha urbana com objetivos outros, e não somente objetivando as áreas esportivas.

[...] en ningún momento se plantearon los equipamientos deportivos como un objetivo em sí mismo ni tan sólo prioritario. Eran indispensables, evidentemente, pero no más que las infraestructuras de acceso y de comunicación (aeropuertos, rondas), de telecomunicaciones (dos torres, una de alta capacidad), la operación frente de mar para ubicar la Villa y el Puerto Olímpico [...] o el Plan de Hoteles. Todas estas operaciones se justificaban como necesarias

¹⁵¹ “muitos hotéis da cidade, finalizada a exposição, vão ser reabilitados como escolas ou escritórios”.

para los JJ.OO. y se consideraban indispensables para después del 92¹⁵² (BORJA, 1995, p. 18).

O efeito positivo dessa multifuncionalidade para a cidade foi expressivo ao ponto de ser utilizado como um dos grandes legados do Megaevento seguinte. Com relação ao Fórum das Culturas de 2004, destaca-se a disputa entre a sociedade e a união público privada sobre os espaços multifuncionais. A sociedade não aceitava novos aportes financeiros em mais um Megaevento, visto que o alto índice de falta de habitação era presente na cidade. Naquela ocasião, muitos debates foram realizados em torno da multifuncionalidade espacial; tanto a academia quando a mídia faziam o possível para mostrar à população a necessidade que o evento proporcionaria para a cidade. Antes mesmo do início das festividades, as publicações debatiam, principalmente, a vantagem de um espaço obsoleto da cidade se transformar numa nova área com “hoteles, oficinas, parques, el palacio de convenciones más grande del sur de Europa y el edificio escultura de Herzog y De Meuron¹⁵³” (PEIRÓN, 2002, p. 3).

Es un error grave afirmar que la vivienda es la única materia prima de la urbe. Las ciudades son mucho más que eso. La esencia de la ciudad es la mezcla de vivienda, espacio público, equipamientos, actividad económica, parques, etcetera¹⁵⁴ (CASAS I MASJOAN, 2004, p. 5).

Em meio a consensos e disputas, a aplicação de espaços multifuncionais foi, sem dúvida, uma forte característica dos quatro eventos ocorridos em Barcelona. A mescla de diferentes usos com diferentes tipologias arquitetônicas foi a tônica que promoveu os espaços revitalizados da Barcelona dos Megaeventos. Presença tímida nas Exposições de 1888 e de 1929, foi nos jogos de 1992 que a aposta pela

¹⁵² “[...] em nenhum momento se apresentaram os equipamentos esportivos como um objetivo próprio em si mesmo nem tão somente prioritário. Eram indispensáveis, evidentemente, mas não mais que as infraestruturas de acesso e de comunicação (aerportos, estradas), de telecomunicações (duas torres, uma de alta capacidade), a operação frente ao mar para localizar a Vila e o Porto Olímpico [...] ou o Plano de Hoteis. Todas estas operações se justificavam como necessárias para os Jogos Olímpicos e se consideravam indispensáveis para depois de 1992”.

¹⁵³ “hotéis, escritórios, parques, o maior palácio de convenções do sul da Europa e o edifício escultura de Herzog e De Meuron”.

¹⁵⁴ “É um grave erro afirmar que a habitação é a única matéria-prima de uma cidade. As cidades são muito mais que isso. A essência da cidade é a mescla de habitação, espaço público, equipamentos, atividade econômica, parques, etc.”.

multifuncionalização dos espaços reestruturados contribuiu profundamente para a fortificação do conceito de cidade densa e compacta.

Com relação à perspectiva de análise do *Marketing Urbano*, segundo os debates relativos à Exposição Universal de 1888, pode-se afirmar que o evento cumpriu seu objetivo principal de inserir Barcelona na competição das metrópoles europeias e, portanto, tornar-se atrativa para moradores, investidores e turistas. Permanyer (1988b) destaca, cem anos após a realização da Exposição Universal de 1888, que o impulso publicitário internacional situou Barcelona definitivamente na vanguarda arquitetônica e urbanística espanhola.

Empolgada com o sucesso ocorrido em 1888, a mídia não poupou elogios e apoio à realização da Exposição Mundial de 1929. As notícias favoráveis com relação a esse evento, ainda durante os preparativos do evento, fez com que a cidade pudesse ser observada pela sociedade. Um cenário voltado à paz continental, com revitalizações estratégicas e funcionais para a população, sem custo algum para os cofres públicos foi a promoção midiática proporcionada para o Megaevento de 1929.

Una relativa á la Exposición proyectada, que se celebrará en 1918, en el supuesto de que se firme pronto la paz europea, y que no costará un centime al Ayuntamiento, á pesar de que sus consecuencias se traducirán en el ensanche de la ciudad desde el Besós al Llobregat, y otra la serie de mejoras urbanas que han de realizar-se, para qué los forasteros que con ocasión del próximo certamen nos visiten, vean que Barcelona puede rivalizar, en lo que se refiere y higiene y urbanización con las capitales más importantes del extranjero¹⁵⁵ (LA VANGUARDIA, 1915, p. 4).

A escolha do local do evento também foi estratégia marqueteira dos organizadores da exposição de 1929. Primeiramente por utilizar uma montanha como espaço destinado ao evento – até então inédito nesse tipo de Megaevento –, e também

¹⁵⁵ “Uma nota à exposição projetada, que se celebrará em 1918, no interesse de que rapidamente se assinasse a paz europeia, e que não custará um centavo à Prefeitura, apesar de que suas consequências se traduzirão na extensão da cidade desde o rio *Besós* ao rio *Llobregat*, e outra à série de melhorias urbanas que se realizarão, para que os visitantes que, por ocasião do próximo evento, visitem-nos, vejam que Barcelona pode rivalizar, no que se refere à higiene e urbanização, com as capitais estrangeiras mais importantes”.

por reurbanizar esse espaço de geografia acidentada, relativamente próximo ao centro da cidade, num espaço conscientemente destinado ao turismo (RUBIO, 2010).

Foi nos Jogos Olímpicos de 1992 que Barcelona realizou o maior *marketing* urbano dos Megaeventos aqui discutidos. As transformações urbanas daquele evento alcançaram a proposta do Planejamento Estratégico pautada na competitividade. Monclús (2003, p. 8) cita que o foco principal foi converter Barcelona “en una ciudad más competitiva y dinámica utilizando los JJ.OO. como catalizador ocasional de todos esos proyectos estratégicos”¹⁵⁶. Afirma-se, então, que a necessidade do reposicionamento entre as metrópoles mundiais continuou sendo o causador para a realização de mais este Megaevento na cidade.

En 1984 la ciudad lanzó su candidatura olímpica, y la lanzó consciente de para qué la quería: para lanzarla internacionalmente; para comprometer a la Administración del Estado en la construcción de la nueva ciudad; para atraer la inversión privada necesaria para la reconversión económica de la misma¹⁵⁷ (HERCE apud BORJA, 1995, p. 53).

Após a realização do evento, observa-se uma recorrência de autores que relacionam Barcelona como uma das principais cidades turísticas da Europa e inserida na lista das cidades europeias que mais atraem agentes econômicos. Diante desse cenário, Borja (1995, p. 22) afirma que Barcelona “ha dado un salto considerable en su imagen internacional. Los JJ.OO. situaron a la ciudad en el mapa del mundo¹⁵⁸ [...]”. Essa projeção midiática, segundo Varela (1999, p. 21) foi positiva, pois mostrou a “organización y el entusiasmo popular, inteligente y generalizado la que ha impulsado a Barcelona a su actual y envidiable lugar en la estimación mundial¹⁵⁹”.

Já assimilada como importante ferramenta de promoção das transformações urbanas realizadas, para o Fórum das Culturas de 2004 chama a atenção a valorização

¹⁵⁶ “em uma cidade mais competitiva e dinâmica utilizando os Jogos Olímpicos como catalizadores ocasionais de todos esses projetos estratégicos”.

¹⁵⁷ “Em 1984, a cidade lançou sua candidatura olímpica, e a lançou consciente de para que a queria: para lançá-la internacionalmente; para comprometer a Administração do Estado na construção da nova cidade; para atrair o investimento privado necessário para sua reconversão econômica”.

¹⁵⁸ “deu um salto considerável em sua imagem internacional. Os Jogos Olímpicos situaram a cidade no mapa do mundo.”

¹⁵⁹ “organização e o entusiasmo popular, inteligente e generalizado que impulsionou Barcelona ao seu atual e invejável lugar na estima mundial”.

do *marketing* urbano na utilização da mídia televisionada, como principal canal de atração de espectadores não presenciais na cidade.

Así pues, durante cinco meses –155 días, de abril a octubre de 2004– Barcelona será el escenario de este acontecimiento mundial por perfilar, que habrá de ser lo suficientemente atractivo como para interesar cuanto menos a 5 millones de visitantes presenciales –los mínimos para que resulte rentable– y cientos de millones más interesados en seguirlo a través de las imágenes que les servirán las plataformas televisivas mundiales ¹⁶⁰ (MADUEÑO; AROCA, 2001, p. 4).

A informação passada para um maior número possível de espectadores, não somente aqueles presentes mas também aqueles distantes de Barcelona, fez a imagem da cidade transformada fisicamente adquirir proporções maiores. Um exemplo disso é o contentamento do setor turístico de Barcelona com receber mais um Megaevento. Segundo Gaspart (2004, p. 5), o uso da mídia televisiva “supone una gran proyección internacional de Barcelona y un gran número de visitantes, por lo cual el sector turístico crecerá mucho y obtendrá unos resultados excelentes”¹⁶¹.

Portanto, para os autores analisados, um grande triunfo do urbanismo aplicado em Barcelona foram atuações publicitárias realizadas na Barcelona dos Megaeventos. Finalmente com relação a essa perspectiva de análise, é possível afirmar que há um predomínio autoral, que afirma o sucesso na utilização do *marketing* urbano nas três fases de preparação do evento – atuações publicitárias como atração de investidores, investimentos em ícones arquitetônicos e reestruturações urbanas de impacto e promoção do próprio evento.

Outra perspectiva de análise característica do urbanismo moderno e estratégico são as *parcerias que envolvem os setores públicos e privados*. Já na Exposição Universal de 1888 foi possível verificar essa ferramenta urbana sendo aplicada com a construção de algumas edificações como o Grande Hotel Internacional. Segundo Rovira (2012, p. 11) essa construção foi “impulsat per l’Ajuntament però finançat per la

¹⁶⁰ “Assim, durante cinco meses – 155 dias, de abril a outubro de 2004 – Barcelona será o cenário deste acontecimento mundial que será suficientemente atrativo para interessar cerca de 5 milhões de visitantes presenciais – o mínimo para que seja rentável – e centenas de milhões mais interessados em segui-lo através de imagens das emissoras mundiais de televisão”.

¹⁶¹ “supõe uma grande projeção internacional de Barcelona e um grande número de visitantes, pelo qual o setor turístico crescerá muito e obterá resultados excelentes”.

iniciativa privada, concretamente per la societat *El Crédito Español* que operava amb seu a Barcelona¹⁶². A rapidez na construção do hotel, possível pela ação do setor privado, foi outro aspecto diferenciado na instalação daquele edifício.

Pocos ignorarán que el Gran Hotel Internacional, soberbio edificio levantado por El Crédito Español en el Paseo de Colón, ha sido hecho en cincuenta y tres días. Dudaban de esta maravilla en los Estados Unidos, y telegrafieron al Alcalde de Barcelona, que se apresuró á desvanecer las dudas de aquellos hombres acostumbrados á las grandes empresas; la noticia causó admiración en todo el mundo¹⁶³ (MARTÍNEZ DE VELASCO, 1888, p. 202).

Verificou-se também na Exposição Mundial de 1929 a presença de parceria público-privada, com destaque para as compras e vendas de terrenos destinados para o evento, com contratos de arrendamento por dez anos, entre donos dos terrenos e Prefeitura de Barcelona. O interessante desta parceria foi a grande vantagem do lado do setor público.

[...] los solares de la parte baja, después de la Exposición serán vendidos en subasta pública, renunciando los propietarios en favor del Ayuntamiento un tanto por ciento, á estipular, sobre el aumento de precio que hayan tenido. En cuanto al arriendo de los terrenos de la parte alta que se han de ocupar con motivo de la Exposición no costará al Ayuntamiento más allá de 40 á 50.000 pesetas¹⁶⁴ (LA VANGUARDIA, 1915, p. 4).

A mudança da pequena escala projetual de projetos sociais dos anos 1970 para a grande escala dos projetos urbanísticos para o evento de 1992 demonstrava haver uma evolução natural das políticas urbanas em Barcelona. Seguindo o mesmo exemplo das duas exposições, Roca i Albert (2000, p. 35) cita que o planejamento urbano para os Jogos Olímpicos de 1992 “perseguía obtener inversión de las administraciones

¹⁶² “patrocinado pela Prefeitura mas financiada pela iniciativa privada, especificamente pela sociedade *El Crédito Español* que operava em Barcelona”.

¹⁶³ “Poucos ignorarão que o Grande Hotel Internacional, grande edifício levantado pelo Crédito Espanhol no Passeio de Colombo, foi feito em 53 dias. Nos Estados Unidos, duvidavam dessa maravilha e mandaram um telegrama para o prefeito de Barcelona, que logo se apressou em sanar as dúvidas daqueles homens acostumados às grandes empresas; a notícia causou admiração pelo mundo todo”.

¹⁶⁴ “[...] os terrenos da parte baixa, depois da exposição serão vendidos em leilão público, renunciando os proprietários em favor da Prefeitura um tanto por cento, a estipular, sobre o aumento de preço que tenham tido. Quanto ao arrendamento dos terrenos da parte alta que se ocuparão pelo motivo da Exposição, não custará à Prefeitura mais que de 40.000 a 50.000 pesetas”.

públicas y de la empresa privada en mejoras que el municipio no podía de otro modo realizar”¹⁶⁵ Existe uma recorrência autoral na afirmação de que essas parcerias são fundamentais para a vida da cidade, em especial os espaços públicos. A parceria entre os setores público e privado é entendida, portanto, como ferramenta ideal para produzir um novo alcance projetual para a cidade.

La experiencia de Barcelona experimenta un cambio de escala, de la pequeña actuación, a la gran intervención; también una evolución del proyecto simple monográfico— una plaza, un parque, una escuela—, al proyecto complejo —un conjunto de calle, edificio y zona verde con gestión integrada—; del proyecto público al partnership (cooperación), asegurando el compromiso de la iniciativa privada en operaciones de claro alcance general o público¹⁶⁶ [...] (BUSQUETS, 1994, p. 323).

A contribuição financeira do setor privado unida com a regulamentação legal e projetual do setor público produziu em Barcelona, nos anos de 1986 a 1992, segundo a bibliografia utilizada, uma das maiores transformações físicas do urbanismo contemporâneo. Entretanto, a continuação desta parceria não surtiu o mesmo efeito nas transformações urbanas para o Fórum das Culturas de 2004.

Al llamado “urbanismo consensuado” entre administración y promotores privados que se practica en Barcelona ya le habían surgido voces críticas de urbanistas, arquitectos, políticos y líderes vecinales. El nuevo foro, que desconfía de las consecuencias urbanísticas del gran proyecto de Fòrum Universal de les Cultures del 2004, lo llama “urbanismo confabulado”, que “convierte la planificación de la ciudad en un gran negocio privado para los intereses comerciales, financieros y de los propietarios de suelo”¹⁶⁷ (LA VANGUARDIA, 2000, p. 5).

¹⁶⁵ “perseguiu obter investimento das administrações públicas e da empresa privada em melhorias que o município não poderia de outro modo realizar”.

¹⁶⁶ “A experiência de Barcelona experimenta uma mudança de escala, da pequena atuação à grande intervenção; também uma evolução do projeto simples monográfico – uma praça, um parque, uma escola –, ao projeto complexo – um conjunto de rua, edifício e zona verde com gestão integrada –; do projeto público à cooperação, assegurando o compromisso da iniciativa privada em operações de claro alcance geral ou público”.

¹⁶⁷ “Do chamado ‘urbanismo consensual’ entre administração pública e promotores privados que se pratica em Barcelona já se tinham ouvido vozes críticas de urbanistas, arquitetos, políticos e líderes vicinais. O novo foro, que desconfia das consequências urbanísticas do grande projeto do Fórum Universal das Culturas de 2004, chama-o de ‘urbanismo confabulado’, que ‘converte a planificação da cidade num grande negócio privado para os interesses comerciais, financeiros e dos proprietários de solo’”.

Para muitos autores que possuíam discursos positivos, a apropriação de áreas públicas da cidade pelo setor privado após a celebração dos dois últimos Megaeventos é sinônimo da comercialização dos espaços da cidade. Isso ocorreu porque os GPUs executados levantaram grandes esforços financeiros dos cofres públicos, assim fazendo com que o governo municipal oferecesse algumas dessas grandes construções ao setor privado como pagamento de dívidas. Outro fato foi necessitar de grandes orçamentos para a manutenção dos edifícios e de seu entorno revitalizado após os eventos. Reiterando essa afirmação, Borja e Muxí (2004, p. 177) acreditam que a proposta de oferecer os espaços públicos para empresas do setor privado torna-se um “riesgo de abrir la puerta a la venta de la ciudad al mejor postor”¹⁶⁸. Nessa mesma perspectiva negativa, Clarós i Ferret (2010, p. 4) menciona que a parceria público-privada se refere a um desenvolvimento urbano de “formalización elitista y rompedora”¹⁶⁹. Mesmo diante de tantas críticas negativas, pode-se afirmar que a proposta de parceria público-privada proporcionou a possibilidade de Barcelona experimentar intensas e rápidas mudanças de cenários urbanos.

No seguimento da verificação das perspectivas de análise inseridas nos debates sobre a Barcelona dos Megaeventos, chama a atenção a denominada *Projeto Maior de Cidade*. Mais do que apenas transformações pontuais na malha urbana, os quatro Megaeventos realizados em Barcelona propuseram projetos urbanísticos, cada qual com sua abrangência territorial, inseridos com o planejamento urbano da época. Outro fator preponderante dos Megaeventos, segundo os autores analisados, foi o fato de possuírem uma continuidade projetual entre as propostas desses mesmos eventos.

Talvez, realmente, não fosse a principal intenção da Exposição Universal de 1888 se envolver num projeto maior de cidade. No entanto, a ligação entre a expansão territorial da malha urbana de Barcelona para além das muralhas mediáveis de Ildefonso Cerdà transformou o projeto da exposição em mais uma contribuição para essa expansão territorial. Destaca-se, portanto, a área destinada ao evento – *Parque de La Ciudadella* –, como ponto estratégico para aumentar o número de edificações nas quadras projetadas pelo *Plan Cerdà*.

¹⁶⁸ “risco de abrir a porta à venda da cidade ao melhor licitante”.

¹⁶⁹ “formação elitista e segregadora.”

La primera Exposición Universal organizada en Barcelona tiene, en cuanto a urbanismo se refiere, un antecedente que sirvió de ‘motor’ a la idea y luego se desarrolló gracias en buena parte, a la aquella muestra internacional: el Ensanche barcelonés¹⁷⁰ (LA VANGUARDIA, 1986, p. 23).

Numa perspectiva positiva com relação ao caso específico da Exposição Mundial de 1929, Rubio (2010) destaca que a principal contribuição da segunda exposição foi otimizar a expansão territorial da cidade com a implantação de uma nova área urbanizada – Montanha de *Montjuïc* –, bem como realizar melhorias no setor industrial e aeroportuário como atrativos comerciais.

Naquilo que se refere à inserção das propostas urbanísticas inseridas num projeto maior de cidade, segundo os autores analisados, entre os quatro Megaeventos realizados em Barcelona, os Jogos Olímpicos de 1992 foram os mais envolvidos com antigos planos urbanísticos. Borja (2009) cita que as características das intervenções urbanas para os jogos são baseadas numa

[...] tradición que se remonta en los planes de Cerdà y Jaussely, a las posteriores propuestas no realizadas del plan de Le Corbusier o Macià de los treinta, a la cultura urbanística de los sesenta y setenta, se basa em: los espacios públicos, la continuidad de los ejes urbanos, la mixtura social y funcional de todas las áreas de la ciudad, la diversidad y la accesibilidad de los centros, el equilibrio residencial y de usos en las diferentes zonas, la prioridad al transporte público y la diferenciación arquitectónica y monumental em el marco de una trama básica homogénea e igualitaria de forma vocacional¹⁷¹ (BORJA, 2009, p. 124-125).

Como em 1992, publicações na contemporaneidade da celebração do Fórum das Culturas de 2004 produziram artigos apoiando a continuidade do projeto

¹⁷⁰ “A primeira Exposição Universal organizada em Barcelona tem, no que se refere ao urbanismo, um antecedente que serviu de motor à ideia e logo se desenvolveu graças a boa parte, àquela mostra internacional: a expansão barcelonesa”.

¹⁷¹ “[...] tradição que remonta, nos planos de Cerdà e Jaussely, às posteriores propostas não realizadas do plano de Le Corbusier ou Macià dos anos 30, à cultura urbanística dos anos 60 e 70, baseia-se em: os espaços públicos, a continuidade dos eixos urbanos, a mistura social e funcional de todas as áreas da cidade, a diversidade e a acessibilidade dos centros, o equilíbrio residencial e de usos nas diferentes zonas, a prioridade ao transporte público e a diferenciação arquitetônica e monumental no marco de uma trama básica homogênea e igualitária de forma vocacional”.

estratégico olímpico. Mais que a continuação de um processo urbanístico de sucesso, o evento de 2004 se caracterizou ainda pelo apelo sustentável de seus GPUs. Com relação a essa afirmação, Peirón (2004, p. 3) destaca que, após a construção do anel rodoviário e a recuperação do litoral, “la desembocadura del Besòs se quedó en la lista de espera para someterse a una reparación cirúrgica en profundidad¹⁷²”. No entanto, mesmo observado por Casas i Masjoan (2004, p. 5) como sendo “una de las actuaciones urbanísticas más radicales e innovadoras jamás proyectadas¹⁷³”, os GPUs executados para o evento de 2004, para Roca i Albert (2000, p. 35), “sólo aseguran la continuidad de la remodelación del frente litoral¹⁷⁴”. As críticas à falta de inserção projetual com o desenvolvimento espontâneo da cidade podem ser observadas em diversos discursos sobre o evento de 2004. Muitos desses discursos debatem o interesse maior na promoção de novos espaços comerciais em prol das necessidades sociais existentes na cidade. Diante dessa realidade, Roca i Albert (2000) definem que Barcelona necessitava de um projeto de cidade mais ambicioso que a implantação de mais uma nova centralidade – 22@Barcelona – e mais negociado com a sociedade. Como fortalecedor do repúdio entre a sociedade e o Megaevento de 2004, o grande projeto de mobilidade urbana para a cidade e região metropolitana – trem de alta velocidade projetado para ligar a cidade de Barcelona e a fronteira francesa – não foi concretizado naquela época. Para Muñoz (2004, p. 53), essa situação trouxe, nos primeiros dias do evento, um “ambiente de desánimo que parece indicar que podría estarse agotando un modelo que llegó a parecer incuestionable¹⁷⁵”.

Mesmo num cenário de rupturas políticas – pois o distanciamento natural entre os eventos faz com que interesses políticos sejam alterados – na linha do tempo em que se constitui a Barcelona dos Megaeventos, pode-se observar uma continuidade projetual entre os GPUs dos quatro Megaeventos e entre os Planos Diretores ao longo da história contemporânea da cidade. Essa constância projetual é notada, mesmo diante da dialética autoral, na permanência de projetos arquitetônicos de vanguarda e de projetos urbanísticos sustentáveis e de mobilidade na promoção de espaços

¹⁷² “a foz do rio Besòs ficou na lista de espera para submeter-se a uma profunda reestruturação cirúrgica”.

¹⁷³ “uma das atuações urbanísticas mais radicais e inovadoras jamais projetadas”.

¹⁷⁴ “somente asseguram a continuidade da remodelação da orla marítima”.

¹⁷⁵ “ambiente de desânimo que parece indicar que se poderia estar esgotando um modelo que chegou a parecer inquestionável”.

urbanos. Entende-se, então, que GPUs podem servir para redirecionar vetores urbanos, ou seja, podem se constituir em instrumentos para eventuais políticas maiores de desenvolvimento urbano.

Com relação à perspectiva de análise relacionada aos *Anseios Sociais*, observa-se que o declínio da produção industrial amargada pela crise política e econômica foi um dos principais motivos intrínsecos no desejo de sediar a Exposição Universal em 1888. A expectativa gerada na população pela promoção de novos postos de trabalho foi foco dos primeiros artigos de jornais com relação à Exposição de 1888.

No necesitamos decir cuánto nos alegramos por todos conceptos de poder dar á nuestros lectores esta agradable noticia. Por los pronto, y dando por sabidos los inmensos beneficios que la citada exposición ha de acarrear á nuestra capital y á la nación española en general, por de pronto, —decimos— se proporcionará ocupación á muchos trabajadores, que harto necesitamos de alguna reposición después de las críticas circunstancias que estamos atravesando¹⁷⁶ (LA VANGUARDIA, 1885, p. 5701).

Além da promoção de empregos, outros motivos proporcionaram grande contentamento com a possibilidade de sediar um Megaevento. O júbilo presente nesta celebração também foi potencializado pelas melhorias sanitárias executadas na cidade. Centri i Surede (1988, p. 64) destaca “que garantizar la salud de todos los visitantes era preocupación constante de los organizadores¹⁷⁷”. Para tanto, uma série de contribuições na área da saúde foi realizada naquele momento, como forma de combater as epidemias manifestadas pela alta densidade populacional e industrial da cidade (CENTRICH i SUREDA, 1988).

Se o emprego e a saúde formaram o foco principal da Exposição de 1888, com relação aos anseios da população, no evento ocorrido em 1929 o *deficit* habitacional dirigiu o tom das melhorias urbanas. Solà-Morales (1976) recorda que a Exposição Mundial de 1929 surgiu primeiramente como argumento para a realização das primeiras operações de habitação popular em Barcelona. Essas intervenções foram

¹⁷⁶ “Não necesitamos dizer quanto nos alegramos, de todas as formas, em poder dar aos nossos leitores esta agradável notícia. Sabendo dos imensos benefícios que a citada exposição acarretará à nossa capital e a toda nação espanhola, — dizemos — se proporcionará empregos a muitos trabalhadores, que tanto necessitam de alguma reposição depois das críticas circunstâncias que estamos atravessando”.

¹⁷⁷ “que garantir a saúde de todos os visitantes era uma preocupação constante dos organizadores”.

fundamentais para a desocupação de parte das invasões situadas na orla marítima e também na Montanha de *Montjuïc*.

Figura 43 - Invasões na montanha de *Montjuïc*, 1915, Barcelona, Espanha



Fonte: <http://www.barraques.cat/en/1-barraques-abans-del-barraquisme.php>

Logo após a celebração de 1929, o desgaste de 30 anos de ditadura franquista levou Barcelona – com os Jogos Olímpicos de 1992 – a introduzir o sentimento nacionalista catalão em seus discursos oficiais como forma de entusiasmar a sociedade. Com relação a esse evento olímpico, Borja (1995, p. 27) relata sobre “la afirmación de la identidad catalana en un momento histórico de recuperación de la autonomía política, [...] democratización de España y de integración en Europa¹⁷⁸” como ponto positivo trazido pelos Jogos Olímpicos de 1992. As operações urbanas em prol de uma ideologia patriota e permanente na vida dos catalães fizeram com que a sociedade se entregasse à forte reconstrução morfológica da cidade. Corroborando com essa afirmação, Borja (1995, p. 27) pontua que “la mayoría de los ciudadanos entendieron los JJ.OO. como la oportunidad de obtener un éxito y un reconocimiento ante todo el mundo¹⁷⁹”. Entretanto, críticas não foram poupadas, insinuando a falta de preocupação com a necessidade da sociedade. As muitas melhorias urbanas

¹⁷⁸ “ a afirmação da identidade catalã num momento histórico de recuperação da autonomia política, [...] democratização da Espanha e de integração na Europa”.

¹⁷⁹ “a maioria dos cidadãos entenderam os Jogos Olímpicos como a oportunidade de obter um êxito e um reconhecimento perante todo o mundo”.

realizadas para a Barcelona Olímpica foram incapazes de diminuir o *deficit* habitacional na cidade. Para Roca i Albert (2000, p. 35) “no se ha podido actuar al mismo nivel en otros temas cruciales, como la industria y la vivienda¹⁸⁰”.

Durante os anos que antecederam os Jogos de 1992, muitas associações de vizinhos se queixaram do planejamento excessivamente capitalista e, naturalmente, renegaram as obras olímpicas (LA VANGUARDIA, 2000). Para essa ocasião, destaca-se o apontamento de Borja (apud ESCUR, 2008, p. 26) quando o urbanista cita que “el declive aparece cuando el poder político democrático es cómplice de los intereses capitalistas más depredadores, la ciudadanía se aburre y se instala en el conformismo¹⁸¹”. A falta da participação popular foi a principal queixa diante das operações urbanas que abordavam objetivos estratégicos de uma renovação urbana radical.

A final de los 90 y primeros años del nuevo siglo aparecieron multitud de pequeños y grandes conflictos en toda la ciudad certificando un divorcio entre los gestores municipales i la ciudadanía¹⁸² (CLARÓS i FERRET, 2010, p. 4).

O sentimento de inconformismo social progrediu para o Fórum das Culturas de 2004. Para a celebração desse evento, toda a camada social, de alguma forma, atentou para as novas propostas urbanísticas e se pôs a manifestar seus anseios. Para acalmar os ânimos exaltados da população e introduzi-la às transformações urbanísticas realizadas para o evento, criou-se um mirante sobre os terrenos reestruturados. A iniciativa de união entre a população e os projetos de intervenção urbana foi, para Fabre (2002, p. 26), “la primera idea razonable que han tenido los cerebros pensantes vinculados al proyecto¹⁸³”. Mesmo assim, discussões intermináveis entre a população e o setor público foram realizadas sobre as transformações urbanas para o evento. Todas essas desavenças, para Bohigas (2002), são dadas pela falta de explicação para a população do objetivo e conteúdo reais do evento, como os Jogos Olímpicos, por exemplo.

¹⁸⁰ “não se pôde atuar ao mesmo nível em outros temas cruciais, como a indústria e a habitação”.

¹⁸¹ “o declínio aparece quando o poder político democrático é cúmplice dos interesses capitalistas mais depredadores, a cidadania se aborrece e se instala no conformismo”.

¹⁸² “No fim dos anos 90 e primeiros anos do novo século, apareceram pequenos e grandes conflitos em toda a cidade, certificando um divórcio entre os gestores municipais e a sociedade”.

¹⁸³ “a primeira ideia razoável que tiveram os cérebros pensantes vinculados ao projeto”.

As críticas negativas envolvendo a perspectiva de análise *Anseios Sociais* e o Fórum das Culturas de 2004 foram também observadas nas mídias internacionais. A publicação do jornal britânico *The Independent* questionou as operações urbanas realizadas para o Fórum das Culturas de 2004. Com o título *Barcelona, humillada por el fracaso de un costoso festival*, Sala i Martín (2002) resume o que se publicou no jornal:

Lejos quedan los días gloriosos cuando Barcelona organizó unos Juegos Olímpicos que todavía se consideran modélicos y cuando artistas y diseñadores transformaron una ciudad gris en un destino de moda y pasión intelectual. Ahora es una ciudad que parece haber perdido el contacto con sus ciudadanos¹⁸⁴ (SALA i MARTÍN, 2004, p. 20).

De uma forma geral, com relação às políticas públicas adotadas nos quatro Megaeventos em Barcelona, há uma recorrência autoral negativa relacionada à falta de priorização dos desejos sociais em prol de novos espaços elitizados. No entanto, pode-se observar que maiores críticas são relacionadas mais especificamente aos dois últimos eventos, ou seja, após a adoção dos princípios do Planejamento Estratégico Urbano e sua característica de relacionar a cidade como uma empresa.

Sobre a perspectiva de análise relacionada ao *Patrimônio Histórico*, o que se discute nos dois primeiros Megaeventos é, principalmente, a ligação entre os GPUs das Exposições e a malha urbana proposta no *Plan Cerdà*. Esse plano é compreendido como um importante projeto de expansão urbana para fora dos limites das muralhas e recebeu a colaboração da Exposição de 1888 como fortificadora da expansão e, portanto, da insubmissão militar.

Poques dècades abans, la ciutat havia iniciat un procés d'expansió marcat pels projectes de reforma de Haussmann a París o Cerdà a Barcelona, que dotaven a la nova ciutat d'una perspectiva fora de les enrunades muralles obsoletes per a la defensa militar. Aquells nous carrers, bulevards, grans vies, rings, vies i passejos obrien als ulls un cel urbà nou, obert, sense símbols d'opressió

¹⁸⁴ “Longe ficam os dias gloriosos quando Barcelona organizou uns Jogos Olímpicos que ainda se consideram modelares e quando artistas e desenhistas transformaram uma cidade cinza em um destino de moda e paixão intelectual. Agora é uma cidade que parece ter perdido o contato com seus cidadãos”.

militar (els castells i les fortificacions o baluards militars)¹⁸⁵
(HERRERO, 2010, p. 288).

A desvinculação de Barcelona com a opressão militar foi peça-chave para a derrubada das muralhas com o *Plan Cerdà* e sua continuidade com a instalação da Exposição Universal de 1888 na antiga *Ciudadella Militar*. Nesse evento, foi fundamental a ininterruptão do traçado urbano proposto por Cerdà, acatando, assim, o processo de expansão da cidade de Barcelona e liberdade política. Na Exposição Mundial de 1929, a ligação com o patrimônio histórico urbano da cidade pôde ser visto na inserção do traçado geométrico – seguindo o paralelismo do *Plan Cerdà* – nos caminhos da montanha. Outra ligação com o projeto de Ildefonso Cerdà foi a principal entrada do evento, que seguiu o traçado das quadras de Cerdà, fazendo a ligação, em um grande eixo simétrico, entre a *Plaça Espanya* e o *Palacio Nacional*.

Com relação às transformações urbanas para os Jogos Olímpicos de 1992, destaca-se a ligação projetual entre os projetos urbanísticos olímpicos com antigos planos urbanísticos de décadas passadas. As melhorias realizadas no centro histórico de Barcelona pelo projeto olímpico, bem como a renovação da orla marítima, eram propostas desde o *Plan Macià* de Le Corbusier já nos anos 1930. A otimização da mobilidade urbana com a construção das *Rondas* e o desenvolvimento do litoral norte da cidade – principais legados urbanos olímpicos – eram projetos pensados já nos anos 1960. No que se refere às estratégias de descentralização, novos espaços públicos e equipamentos de qualidade em quatro novas centralidades foram a resposta às demandas dos movimentos sociais iniciados nos anos 1970.

O patrimônio histórico, quando discutido no Fórum das Culturas de 2004, recebeu críticas negativas relacionadas ao futuro das plantas industriais do bairro *Poblenou*. A reestruturação de parte do litoral norte da cidade, preenchido por uma área industrial pretéria, foi compreendida como objeto de extinção da história da industrialização de Barcelona.

[...] justo cuando se reconoce la necesidad de contar con

¹⁸⁵ “Algumas décadas antes, a cidade iniciou um processo de expansão marcada por projetos de reforma de Haussmann para Paris ou Cerdà para Barcelona, que possibilitou à nova cidade uma perspectiva fora das muralhas em ruínas e obsoletas de defesa militar. Aquelas novas ruas, avenidas, estradas, anéis, trilhas e caminhos abriu os olhos a um novo urbanismo, sem símbolos de opressão militar (castelos e fortificações ou defesas militares)”.

un plan de patrimonio industrial se derribara la mayor parte de Can Ricart, un testimonio clave de la modernización barcelonesa y catalana del que por ahora se prevé conservar unos pocos elementos (chimenea, torre y dos naves) esparcidos entre nuevas construcciones¹⁸⁶ (ROCA I ALBERT, 2005, p. 22).

A ameaça de demolição da histórica área industrial produziu, entre 2004 e 2006, uma campanha de protestos contra o plano urbanístico de 22@Barcelona. Destaca-se o complexo industrial *Can Ricart*, que teve parte de suas edificações destruída, transformando-se em ícone do paradoxo entre a ideia da atuação cultural do evento de 2004 e a realidade de transformar o antigo bairro industrial em um espaço voltado ao setor terciário.

Diante da perspectiva de análise *Questões Ambientais*, pode-se relacionar as melhorias propostas para as exposições de 1888 e de 1929 à valorização dos espaços públicos abertos com a construção de duas importantes áreas verdes da cidade de Barcelona – *Parque de la Ciudadella* e a Montanha de *Montjuïc*. Especificamente no ano de 1888, a realização da exposição – e, portanto, do grande *Parque de La Ciudadella* – veio como um presente para a cidade, impulsionada pelas melhorias urbanas pautadas nos conceitos higienistas. A contribuição urbana ambiental em 1929 veio com os jardins que remetiam a flora mediterrânea na montanha urbanizada de *Montjuïc*. Nesse evento, também se iniciou a urbanização da cidade no sentido da Montanha de *Tibidabo* – Serra de *Corserola* –, com a construção de uma estrada que ligava a cidade ao pavilhão que acomodou a rainha Maria Cristina durante sua visita à Exposição de 1929. O impulso ambiental definitivo foi promovido por Salvador Andreu i Grau, que, com projeto paisagístico, criou no topo da montanha um parque de diversão, bem como o acesso por um sistema de transporte funicular.

¹⁸⁶ “justo quando se reconhece a necessidade de contar com um plano de patrimônio industrial se derrubou a maior parte de *Can Ricart*, um testemunho-chave da modernização barcelonesa e catalã de que, por ora, prevê-se conservar alguns poucos elementos (chaminés, torre e duas naves) espalhados entre novas construções”.

Figura 44 - *Funicular del Tibidabo*, 1901, Barcelona, Espanha



Fonte: <http://www.repasosayer.com/2009/11/el-funicular-del-tibidabo.html>

Com o crescimento da densidade demográfica do *Eixample* – quadras do *Plan Cerdà* –, a necessidade de ampliação de áreas verdes na Barcelona densa e compacta foi pontuada significadamente na transformação urbana para os Jogos Olímpicos de 1992 (BUSQUETS, 2004). A criação de novas praças e parques urbanos, bem como a revitalização de áreas industriais obsoletas foram alvos intensos da transformação urbana. Naquele evento, inclui-se a recuperação dos patios internos das quadras propostas no *Plan Cerdà*, onde, ao longo dos anos, foram tornando-se espaços privados e não mais espaços públicos.

Segundo a literatura estudada, nos projetos urbanísticos referentes ao Fórum das Culturas de 2004, a perspectiva de análise das questões ambientais estabeleceu relação direta com conceitos de sustentabilidade. Para Casas i Moasjoan (2004), a ideia de fazer do conceito de cidade sustentável um reconhecimento para as intervenções urbanas está incorporado nos GPUs desenhados com critérios de sustentabilidade e adequados para evitar desconforto à população local. Nessa mesma observação positiva, Muñoz (2001, p. 2) Ricar e Beltran (1999) citam que esse novo tecido urbano, que inclui “la regeneración del Besòs, las mejoras en la depuradora, las

nuevas zonas verdes y de baño, los equipamientos congresuales, las oficinas, las viviendas, el centro comercial¹⁸⁷”, reintegra as demais novas edificações num plano de ação que tem a sustentabilidade como princípio.

Figura 45 - Fórum das Culturas de 2004, Barcelona, Espanha



Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:BCN-ParcForum-4923.jpg>

Portanto, observa-se que a perspectiva de análise relativa às questões ambientais está claramente presente na elaboração projetual dos quatro Megaeventos ocorridos em Barcelona. Diante das propostas realizadas, verifica-se ainda que essas questões ambientais formam um importante elo entre os órgãos públicos e a iniciativa privada com a população.

Com relação à perspectiva de análise *Utilização de Recursos Públicos* existentes nas publicações estudadas, observa-se que a preocupação com as dívidas públicas para a celebração da Exposição Universal de 1888 foi pauta constante nos debates. A iniciativa de juntar esforços dos cofres do governo municipal gerou certas contradições a respeito da instalação desses Megaeventos. Um ano antes do início do evento, Valentí Almirall i Llozer – político considerado o pai do nacionalismo catalão – questionou a realização do evento. Segundo o Jornal *La Vanguardia* (1986, p. 23), o

¹⁸⁷ “a recuperação de Besòs, as melhorias na estação de tratamento de água, as novas áreas verdes e de banho, os equipamentos de congresso, os escritórios, as habitações, o centro comercial”.

político disse que “la exposición pondrá en ridículo a Barcelona en particular y a Cataluña en general, produciendo la ruina completa de nuestro municipio¹⁸⁸”. Nesse mesmo artigo, o jornal catalão citou que, mesmo impulsionando a indústria catalã e o crescimento da cidade, a Exposição de 1888 endividou fortemente os cofres públicos municipais (LA VANGUARDIA, 1986). Confirmando a afirmação do jornal, Rubio (2010, p. 323) afirma que “la primera gran Exposició de finals de XIX havia deixat feixucs endeutaments econòmics que hagué de sufragar la ciutadania¹⁸⁹”. Problemas de endividamento do dinheiro público também foram observados na segunda exposição organizada em Barcelona em 1929. Sobre este evento, Dorca (1998, p. 23) afirma que “las cuentas tampoco resultaron muy favorables y significaron un fuerte endeudamiento para la ciudad¹⁹⁰”.

Já os debates relacionados à Barcelona Olímpica tiveram como preocupação os gastos públicos com a manutenção dos GPUs projetados para o evento. Borja, que na contemporaneidade do evento produziu publicações favoráveis aos Jogos Olímpicos, juntamente com Muxí (2004) discute a problemática da utilização dos projetos construídos. Para os dois autores, é primordial refletir tanto no uso durante o evento quanto na continuidade dessas grandes estruturas urbanas com o passar do tempo. Reiterando as preocupações de Borja e Muxí, Montaner (apud BORJA, MUXÍ, 2004, p. 207) cita que se deve pensar “cuidadosamente cada uno de los proyectos relacionados con los Juegos Olímpicos de manera que después del 92 repercutieran en toda la ciudad y pudieran seguir siendo utilizados¹⁹¹”. Para esses três autores, a absorção durante o tempo dos GPUs pelo setor privado é um indício de que os altos custos dessas grandes estruturas não são devidamente amortizados pelo setor público.

Com relação ao evento realizado em 2004, a tônica maior foi o investimento de recursos públicos na geração de um novo tecido urbano destinado a empresas multinacionais e ao lazer e turismo de uma população elitista e daquela flutuante.

No que se refere à preocupação formada diante da utilização dos recursos

¹⁸⁸ “a exposição irá ridicularizar Barcelona, em particular, e Catalunha, no geral, produzindo a ruína completa do nosso município”.

¹⁸⁹ “a primeira grande Exposição do fim do século XIX deixou pesados endividamentos econômicos que para atender às necessidades do público”.

¹⁹⁰ “as contas tão pouco resultaram muito favoráveis e significaram um forte endividamento para a cidade”.

¹⁹¹ “cuidadosamente cada um dos projetos relacionados com os Jogos Olímpicos, de maneira que depois de 1992 repercutam em toda a cidade e que possam continuar a ser utilizados”.

públicos inseridos nas publicações aqui estudadas, os quatro Megaeventos formam um único conjunto. Observa-se, então, que a grande preocupação dos autores é com relação aos valores de recursos públicos gastos com prioridades particulares em detrimento dos valores e necessidades da sociedade. Na época das Exposições de 1888 e 1929, acreditava-se na reestruturação dos espaços com a inserção de monumentos, grandes edificações e largas vias de acesso. Após seis décadas, nos Jogos Olímpicos de 1992 e Fórum das Culturas de 2004, o que se observa é a mesma necessidade de revitalização com a utilização de edificações com arquitetos reconhecidos internacionalmente, aberturas de largas e extensas vias e a promoção de novos espaços públicos.

4.4 CONCLUSÃO

Considerando a maneira como foi realizado este estudo de caso, estruturado em três grandes blocos de análise – Contextualização Histórica da Barcelona dos Megaeventos, Contexto dos debates sobre a Barcelona dos Megaeventos e Barcelona dos Megaeventos por perspectivas de análise – as conclusões são também organizadas segundo essa mesma estrutura, conforme subseções a seguir.

4.4.1 Da relação físico-temporal dos Megaeventos em Barcelona

A descrição apresentada sobre os quatro Megaeventos constrói a imagem de uma cidade marcada por grandes decisões que, por sua vez, implementam-se por meio de transformações físicas e concretas para Barcelona. Diante da análise desses quatro Megaeventos, foi possível observar uma forte relação entre esses mesmos eventos sob as óticas física e temporal. Assim, foi possível verificar que os GPUs de Megaevento contam com potenciais bastante visíveis de transformação de uma cidade.

Seja para a devolução de uma antiga área popular da cidade tomada pelos militares ou para a revitalização da Montanha de *Montjuïc* – respectivamente com as exposições de 1888 e 1929 –, bem como para a abertura para o mar tomado pelas indústrias ou para a ocupação de áreas obsoletas – respectivamente, em 1992 e 2004

–, notou-se que a maior concentração de intervenções urbanas acontece significativamente perto ou exatamente na orla do Mar Mediterrâneo.

Os impactos na cidade causados pelos Megaeventos permitem entendê-los por meio de fatores recorrentemente observados. Da leitura descritiva do caso específico de Barcelona, pode-se concluir sobre características que configuram a implantação dos Megaeventos em Barcelona. Inicialmente, com base nas análises realizadas, pôde-se separar os quatro Megaeventos de Barcelona em dois grandes conjuntos, formatados diferentemente pelo seu tempo e características físicas. Assim, pode haver uma grande separação entre a análise dos dois eventos mais antigos (1888 e 1929) e dos dois mais novos (1992 e 2004).

No que se refere às características físicas dos eventos, pode-se observar que as transformações urbanas realizadas nas Exposições de 1888 e 1929 foram predominantemente no local onde ocorreu o evento e nas regiões próximas. Entretanto, nos dois últimos eventos, as mudanças na malha urbana pode ser vista em diferentes espaços da cidade. No caso dos Jogos Olímpicos de Barcelona, houve a separação em quatro diferentes locais para as competições. No Fórum das Culturas, o que se observa é a transformação urbana ocorrendo em um espaço que se espalha por uma grande área da cidade que envolve muito mais área que o espaço destinado ao evento.

Na análise física desses Megaeventos, observou-se uma distinção física existente entre as duas Exposições e os dois últimos eventos. A clara intervenção pontual na malha urbana da cidade nos dois primeiros eventos é inversamente oposta às intervenções espraiadas dos dois últimos eventos. Inclui-se o fato de que o planejamento urbano estratégico propôs novos direcionamentos para o crescimento da cidade, introduzindo diferentes focos de intervenção urbana pela cidade. Portanto, mesmo no momento contemporâneo, quando a poética mais comum que segue as diretrizes de um planejamento estratégico, fundamentado em acupunturas urbanas, tal qual proposto por Lerner (2003), a Barcelona dos Megaeventos experimenta situações projetuais contrárias ao projeto pontual.

Uma aproximação entre os dois conjuntos de eventos foi observada na utilização do sítio escolhido para a implantação do Megaevento. Para as exposições, as escolhas do terreno envolveram claramente os espaços subutilizados da cidade, bem como aqueles pela necessidade de se otimizar o transporte urbano e metropolitano. Já os

dois últimos eventos, embora houvesse uma reorientação do crescimento da cidade, o que se observou foi a escolha de espaços com as mesmas características de revitalização e otimização do transporte.

É claro o objetivo de transformação da paisagem do local dos quatro eventos, bem como de seu entorno próximo. Essa característica mostra-se evidente desde a concepção dos eventos para a cidade, pois é esse um dos fatores originários para a realização dos quatro eventos em Barcelona. Seja nos dois primeiros pela necessidade de devolver parte da cidade consumida pelo militarismo e pela introdução de conceitos do *City Beautiful* – respectivamente, em 1888 e 1929 –, seja pelo desenvolvimento dos conceitos do Planejamento Estratégico com a adoção de ícones arquitetônicos e *city marketing*, como forma de promoção dos espaços revitalizados nos dois últimos eventos. Corroborando com essas ideias, Scherer (2002) descreve os Megaeventos em Barcelona para transformar os espaços na cidade:

[...] a cidade de Barcelona sempre aproveitou ocasiões deste tipo para materializar aspirações, vide, além das exposições de 1888 e 1929, os jogos Olímpicos de 1992. Todos tiveram efetiva participação na transformação e qualificação da paisagem urbana da cidade (SCHERER, 2002, p. 98).

Observa-se, na transformação do espaço por meio dos GPUs e na referência que essa nova paisagem proporciona para a cidade, uma contribuição benéfica para a morfologia urbana. Nesse momento, volta-se ao conceito de Harvey (2005a), para quem um GPU é composto por uma arquitetura do espetáculo, possuindo a força de transformação da paisagem na produção de marcos referenciais na paisagem. Outro referencial que se pode utilizar é o de Choay (2001), para quem os ícones arquitetônicos destacam-se na paisagem de regiões degradadas, servindo como catalizadores na recuperação desses locais. Apesar de possíveis desconfianças existentes, esses autores – sobretudo no caso de Harvey – concordam, pois, que os GPUs guardam forte capacidade transformadora de espaços urbanos.

No estudo dos quatro Megaeventos, observou-se também que eles possuem relação direta com o patrimônio histórico arquitetônico e urbanístico da cidade. O respeito ao patrimônio existente – sobretudo o *Plan Cerdà* –, segundo Montaner (2004 apud BORJA; MUXÍ, 2004, p. 204) “permanece hasta ahora, a pesar de revisiones y

reformas¹⁹²”. Não apenas respeitam, mas vão além, com propostas de intervenções que, em termos de princípios arquitetônicos e urbanísticos, configuram uma continuidade e não uma ruptura projetual. Portanto, além de esses projetos possuírem um respeito em relação àquilo que é considerado patrimônio existente, os novos GPUs contam com potencial para constituírem novas heranças urbanas. Ainda com relação ao resgate de um patrimônio histórico arquitetônico e/ou urbanístico, observaram-se indícios de uma relação de permanências entre os GPUs pretéritos e os contemporâneos na Barcelona dos Megaeventos. Mesmo em edificações com pouca importância para a história da arquitetura, a “museificação¹⁹³” é diagnosticada como elemento fundamental nas propostas da reestruturação de espaços obsoletos. Menos reconhecido internacionalmente, o Fórum das Culturas de 2004, por exemplo, contou com a força de permanência de sua principal edificação: o edifício projetado pelo escritório Herzog & De Meuron para a realização do evento e que se tornou o Museu das Ciências Naturais. Mesmo havendo um palimpsesto projetual – caso idêntico ao do antigo pavilhão espanhol da Exposição Mundial de 1929, hoje Museu de Arte Contemporânea de Catalunha –, os GPUs do evento de 2004 constituem ícones arquitetônicos indissociáveis ao tecido urbano.

Ainda com relação ao Fórum das Culturas de 2004, observa-se o sentido de “espetacularização¹⁹⁴” do novo patrimônio arquitetônico cultural localizado no antigo bairro industrial *Poblenou*. Nesse espaço se proporcionou uma nova vida econômica, tendo sido transformado no polo tecnológico 22@Barcelona. Nesse tipo de transformação, Jacques (2005, p. 24) observa que, “na maior parte das vezes, a própria população local, responsável e guardiã das tradições culturais, é expulsa do local da intervenção, pelo processo de gentrificação”. Essa análise é válida tanto para o resgate

¹⁹² “[tal como é claro aqui, no resto da citação que não aparece acima, o que Montaner afirma é que se mantém a “ordem”, o que é absolutamente verdade, mas esta será apenas a da quadrícula, o bidimensional, que em Barcelona é fortíssimo e, por isso, de certo modo suficiente para manter identidade. Mas isto tem que ser diferenciado da preservação do patrimônio construído, sendo isto que se pretende discutir na tese. Atenção à interpretação das palavras dos autores citados para não haver subversão do seu conteúdo!]permanece até agora, apesar de revisões e reformas”.

¹⁹³ Considera-se a museificação o fenômeno resultante do desenvolvimento turístico nas cidades contemporâneas, que cria novos centros históricos caracterizando-os como espaços culturais. Arantes cita o conceito de “museificação” pela definição negativa da absorção da arte pelas políticas administrativas.

¹⁹⁴ Conceito retirado do texto *Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade*, de Paola Berenstein Jacques. Nessa publicação, a autora relaciona a espetacularização das cidades a uma “diminuição da participação popular, mas também da própria experiência física urbana enquanto prática cotidiana, estética ou artística, exemplificada aqui pelo histórico das errâncias urbanas” (JACQUES, 2005, p. 16).

de edificações de referência que foram demolidas quanto para áreas degradadas e reconstruídas para o consumo turístico, e não somente para a comunidade local. Essa característica se confirmou pela venda da cidade na utilização da arquitetura com referência internacional visando à propaganda política e especulação imobiliária.

A transformação de uma área degradada para novos usos é, na realidade, uma discussão constantemente presente nos debates sobre a Barcelona dos Megaeventos. Essa característica evidenciou-se, principalmente, pela contribuição do setor privado nas transformações urbanas promovidas pelo setor público. Observou-se que, na relação entre esses dois setores, a iniciativa privada fica mais acentuada nos últimos dois eventos. No entanto, percebe-se uma permanência da importância do papel do Estado na decisão, implementação e utilização desses GPUs. O que, para Castells e Borja (1996), a permanência marcante da imagem do Estado enquanto nação – seja espanhol ou catalão – invoca a adoção de patriotismo cívico nos habitantes, ou seja, um sentimento de pertença e de vontade coletiva de participação.

Os monumentos e as esculturas [...], a beleza plástica e a originalidade do desenho de infraestruturas e equipamentos ou o cuidadoso perfil de praças e jardins proporcionam dignidade à cidadania, fazem a cidade mais visível e reforçam a identidade, incluído o patriotismo cívico de sua gente (BORJA, 1997, p. 14 apud VAINER, 2002, p. 95).

A estética urbano-arquitetônica da Barcelona dos Megaeventos é debatida pelos autores analisados, desde seus fundamentos teóricos até suas práticas executadas nos espaços da cidade. O sucesso da cidade no campo dos Megaeventos propulsores de significativas transformações no tecido urbano é algo incontestável perante a academia e a mídia. Frente a esse fenômeno, foi observado que, em termos de especificidade desses casos, naturalmente os quatro Megaeventos possuem polêmicas geradas nos debates sobre a implementação de seus GPUs. Parte-se, então, para a análise desses mesmos eventos segundo o entendimento da mídia e da produção científica acadêmica, sempre considerando a busca da confirmação ou não da hipótese lançada nesta pesquisa. Para tanto, a subseção a seguir discute, por meio de críticas autorais, apologias e receios que envolvem essas intervenções urbanísticas em Barcelona e procura confirmar o incremento da ótica negativa presente nesse debate.

4.4.2 Da característica dos debates sobre a Barcelona dos Megaeventos

O estudo de caso a partir da análise das intervenções urbanísticas para a Barcelona dos Megaeventos mostrou a prática do planejamento urbano com a utilização de grandes eventos como ferramenta transformadora do meio urbano. A divulgação desse modelo para outros países criou uma imagem, de modo geral, bastante positiva para a cidade, mas também produziu dúvida quanto ao verdadeiro legado das iniciativas. Se por um lado, o louvor aos projetos urbanísticos e arquitetônicos colocou Barcelona no cenário das cidades globais, por outro, sugere desconfiança após a gentrificação do seu centro histórico, a privatização de muitos de seus espaços públicos, da forte especulação imobiliária que aí se observou e da desarmonia da morfologia urbana que, mais de uma vez, foi observada nos textos aqui utilizados.

Nesta tese, utilizou-se como pressuposto inicial o fato de existirem dois posicionamentos divergentes – apologia e receio – quando um GPU é analisado. De fato, aquilo que era pressuposto ficou ainda mais claro nas análises realizadas no estudo dos artigos acadêmicos e da mídia sobre aqueles que foram construídos para a concretização da Barcelona dos Megaeventos. Existem, então, duas visões antagônicas, sempre presentes, na cidade que os recebem, contando com potencial para reorganizá-las, mas também para desestabilizar suas realidades urbanas consolidadas; fato que explicaria então, ao longo do tempo, críticas receosas e apologias exageradas. Tais posicionamentos não são apenas linearmente antagônicos, mas, como foi permitido pela análise dos discursos sobre a Barcelona dos Megaeventos, refletem influências da posição do observador do objeto no tempo e no espaço: contemporâneo ou não à obra, geograficamente próximo a ela ou distante. Portanto, esses observadores – autores que expressam suas opiniões –, que podem também ser considerados como a expressão de outros tantos observadores, constroem-nas segundo suas posições geográficas, suas temporalidades específicas e seu conjunto de princípios já previamente elaborados antes mesmo da crítica ao objeto. Essas ideias podem ainda ser potencializadas ou minimizadas por características mais específicas do momento de suas formulações: situações políticas, interesses sociais,

crises e avanços econômicos, disponibilidade de tecnologias, dentre outros fatores que reduzem ou incrementam aspectos qualitativos e quantitativos verificados num determinado evento.

Na análise dos artigos estudados para este estudo empírico, observou-se nos debates contemporâneos aos três primeiros eventos – Exposição Universal de 1888, Exposição Mundial de 1929 e Jogos Olímpicos de 1992 – um generalizado deslumbre com relação às transformações urbanas. O que se observa no fervor da indicação de Barcelona como sede desses Megaeventos, bem como no momento das celebrações, é a aparente supremacia de discursos positivos com relação às instalações de seus GPUs nos espaços da cidade. Essa apologia pauta-se nas eventuais melhorias realizadas para a cidade descritas em publicações que revelam um observador *temporalmente e geograficamente perto* do Megaevento. Nesses casos específicos, pode-se afirmar que a vantagem de investigação com maior quantidade de detalhe pelas curtas distâncias geográfica e temporal tendência a disfarçar a realidade dos acontecimentos, implicando uma análise de enaltecimento das transformações urbanas. Nesses três Megaeventos, foi possível verificar que Barcelona é recorrentemente apresentada, na maioria das publicações realizadas no fervor da ocorrência do evento, como uma cidade que merece ser visitada e que, portanto, pode justificar suas transformações como elogiáveis. Mesmo indicando que suas obras atendem aos interesses de outrem que não necessariamente de sua população local, a aproximação da efervescência dos acontecimentos se traduz em uma apologia autoral iludida pelas melhorias urbanas e pelo clima de júbilo do momento.

Nos artigos contemporâneos à Exposição de 1929, por exemplo, observou-se uma apologia baseada na utilização de áreas ociosas com construção de edificações expressivas arquitetonicamente e transformações pontuais significativas no tecido urbano. A visão crítica negativa é, todavia, ignorada quando Barcelona é relatada tão somente como uma cidade submetida a transformações urbanas de grande escala, sobretudo embelezadoras. Isso pode ser justificado como diferentes modos de se pensar a cidade ao longo da história, com constante renovação e mesmo surgimento de novas prioridades sociais; estaria aí, pois, uma indicação da dificuldade ou mesmo impossibilidade de se analisar fenômenos passados com a ótica majoritária de nossas cidades contemporâneas. Na época das duas exposições de Barcelona, acreditava-se

nas intervenções meramente embelezadores como fator de importância quase incontestável, de forma acrítica mesmo. Nessas publicações, enaltecem-se o acréscimo de vias mais largas, a iluminação mais intensa, edificações mais imponentes e paisagismo renovado, todos possíveis reveladores de uma modernidade anunciada. Com esse ambiente de crítica reduzida, as transformações, juntamente com os festejos do evento, diminuíram a importância das realocações impostas e dos elevados custos para que as obras de embelezamento fossem projetadas e construídas. Esse fato, por exemplo, pode implicar uma análise mais favorável com relação ao episódio da *Fuente Mágica* da Exposição Mundial de 1929. Para os autores geograficamente perto do evento de 1929, a emoção do jogo de água e luz é entendida como um legado favorável do evento, quando a tendência das publicações após grande lapso temporal da festividade – aquelas publicações realizadas na contemporaneidade desta tese – é, em sua grande maioria, sobre a exacerbação da monumentalidade ante os anseios da população local. A supremacia do louvor nos discursos também pôde ser constatada nas publicações contemporâneas aos Jogos Olímpicos de 1992. Para o evento olímpico, as publicações enobrecem o legado dos Jogos em relatos referindo esse Megaevento como uma parte da estratégia para situar Barcelona dentro da economia global (TURA; SUBIRATS, 1994). Vale lembrar que essa mudança no entendimento de determinado GPU, quando formulado mais próximo ou mais distante, temporal e geograficamente, dele, não significa a eliminação das posturas mais positivas; ao contrário, algumas delas persistem e se impõem muitas vezes a uma maioria contrária.

No entanto, esse mesmo enaltecimento nos discursos contemporâneos a cada um dos eventos aqui analisados não foi verificado com a mesma supremacia nas publicações sobre o Fórum das Culturas de 2004. A falta da exaltação neste último Megaevento realizado em Barcelona pode estar associada a uma leitura contemporânea atualizada sobre o urbanismo, a qual se revela mais atenta a outras prioridades urbanas, intrinsecamente complexas, distantes em muito da simples aprovação e deslumbre das celebrações e dos embelezamentos arquitetônicos. Na especificidade do Fórum das Culturas de 2004, as discussões formam um conjunto maior de informações que se constituem com os debates referentes às transformações estratégicas urbanas ocorridas para os Jogos Olímpicos de 1992. Nesse caso específico, o observador introduz em seus apontamentos críticas receosas com relação

à continuação do urbanismo estratégico, o qual, diferentemente de sua forma contemporânea, parecia não existir na teoria, mas sim e apenas na prática. Esse descontentamento é percebido, por exemplo, nas declarações de Borja (2009, p. 124), ao citar que “el urbanismo de promotores y de negocios tiene a suplantar al urbanismo ciudadano y redistributivo que define el ‘modelo’ barcelonés¹⁹⁵”. Do mesmo modo, Delgado (2008, p. 14) afirma que o Fórum das Culturas de 2004 “ha dejado paso a una imagen más borrosa y ambigua, más negativa. Las voces críticas no sólo empiezan a ser oídas sino que empiezan a ser múltiples y diversas¹⁹⁶”. É possível afirmar que os depoimentos receosos sobre o Fórum das Culturas de 2004 estão inseridos na desconfiança do modelo neoliberal estabelecido como princípio do Planejamento Estratégico. Ou seja, aquilo que está ligado ao novo modelo de gerenciamento da cidade, como os próprios Megaeventos, passa nos artigos e estudos contemporâneos a essa tese sob forte crítica e suspeita.

Diante da concretude da implantação das intervenções urbanas ao longo dos quatro Megaeventos analisados, percebeu-se, na leitura dos artigos utilizados na contemporaneidade desta tese – artigos associados à leitura contemporânea atualizada sobre o urbanismo e, portanto, mais críticos –, a adição de assimilações das consequências negativas que esses mesmos Megaeventos produziram em Barcelona. Observou-se, ao fim deste estudo de caso, um acréscimo de publicações que referenciam receio aos três primeiros Megaeventos em Barcelona. Esse acréscimo se confirma nas leituras aqui realizadas em publicações *a posteriori*¹⁹⁷ do evento com relação às exposições de 1888 e 1929. Os anúncios de maior interesse com o embelezamento da cidade oferecido pelo fenômeno estudado, com o tempo, são agregados a discursos relacionados a uma exacerbação do embelezamento de edificações icônicas, vias, praças e parques e pela falta de projetos emergenciais relativos à saúde e segurança da população. As descrições feitas em publicações atuais proporcionam uma desconfiança baseada no abandono dos órgãos públicos de projetos emergenciais, em prol de grandes obras de modernização urbana,

¹⁹⁵ “o urbanismo de promotores e de negócios tem a suplantar ao urbanismo cidadão e redistributivo que define o ‘modelo’ barcelonês”.

¹⁹⁶ “deu lugar a uma imagem mais turva e ambígua, mais negativa. As vozes críticas não só começam a ser ouvidas, mas começam a ser múltiplas e diversas”.

¹⁹⁷ De fato, os dois últimos eventos – Jogos Olímpicos de 92 e Fórum das Culturas de 2004 – parecem ter fomentado uma discussão maior sobre os Grandes Projetos Urbanos e os Megaeventos em Barcelona, garantindo, assim, um debate mais completo.

enobrecidas com a realização das exposições. As grandes infraestruturas implantadas para os Jogos Olímpicos de 1992 também foram observadas de forma receosa quando analisadas em temporalidades mais distantes da realização do evento. Para exemplificar esse fato, vale a referência ao projeto *Las Rondas*. Marco da mobilidade urbana, tal intervenção, num primeiro momento, foi exaltada por sua capacidade de resolução dos problemas crônicos de transporte regional; porém, após a concretude projetual, passou a ser recorrentemente lembrada como ineficiente e de pouco impacto sobre os problemas intraurbanos de Barcelona. Pode-se perceber que os autores alertam sobre a perda da eficiência projetual das grandes infraestruturas com o distanciamento temporal. Ou seja, mudanças intrínsecas das exigências urbanas podem se constituir como justificativas para demonstrar as mudanças nos posicionamentos autorais com relação aos GPUs olímpicos.

Ainda com relação ao observador distante no tempo, destaca-se a observação relacionada a uma possível *mutabilidade autoral*. Capel (2005) observa essa mutabilidade autoral quando cita que certos autores, produtores e defensores do modelo estratégico implantado em Barcelona na década de 1980 contestam a mudança da política de um urbanismo social para um urbanismo voltado aos negócios após a consolidação e absorção dos GPUs na cidade. Ou seja, muitos dos autores que realizaram discursos favoráveis às transformações urbanas entre os anos 1986 a 1992 constituem outra visão a partir dos efeitos gerados por essas mesmas transformações. Essa mutabilidade autoral acontece de forma mais radical, com a alteração na análise do observador/autor de positiva para negativa ao se restringirem à questão da conservação e operação do GPU analisado. Na realidade, é essa última preocupação autoral que parece ser a mais importantemente analisada: a questão da falta de ações dos setores governamentais com a manutenção e a maior utilização dos GPUs após a realização do evento passam a ser o centro das análises.

A partir da leitura dos posicionamentos estudados nos quatro Megaeventos de Barcelona, foi possível verificar que os debates são, esperadamente ao longo do tempo, detentores da agregação de inúmeras questões urbanas conflituosas. Observou-se, então, que a razão do acréscimo de publicações receosas estaria nas questões urbanas que lhes são inerentes ao longo do tempo, pois alteram histórias e paisagens conhecidas, utilizam grandes volumes de recursos financeiros,

sugerem novas e talvez arriscadas parcerias, alertam para o debate sobre prioridades urbanas e produzem uma disputa injusta entre espectadores locais e expectadores globais. As duas implicações – posicionamento temporal e geográfico – presentes nos distintos discursos autorais aqui estudados funcionam como variantes causadoras de tais posicionamentos. Observou-se que, na utilização dos quatro Megaeventos como objeto a ser estudado, a variação temporal e geográfica dos autores indica que Barcelona continua sendo a mesma, entretanto mudou radicalmente com relação àquilo que fora para seus críticos e moradores na época dos períodos anteriores a 2004.

4.4.3 Das perspectivas de análise nos debates da Barcelona dos Megaeventos

No que a bibliografia buscada no Referencial Teórico desta tese nos fornece como dez perspectivas de análise incluídas no debate sobre GPUs, pode-se afirmar uma série de constatações referentes a esses projetos executados na Barcelona dos Megaeventos. Numa primeira relação entre os quatro Megaeventos, É possível estabelecer uma ligação na modificação dos espaços públicos por projetos arquitetônicos e urbanísticos arrojados com o objetivo de reposicionar Barcelona na hierarquia das cidades globais. A pesquisa mostra que, nas exposições de 1888 e 1929, a arquitetura traduzida pela monumentalidade das edificações e dos espaços abertos sugere a busca do poder e da autoconfiança perdidos pela opressão política militar. Essa arquitetura do poder é percebida também nos dois últimos eventos – Jogos Olímpicos de 1992 e Fórum das Culturas de 2004 –, quando se relacionam às edificações projetadas por arquitetos reconhecidos mundialmente, como forma de promoção da cidade. Observa-se, então, que a aplicação das três perspectivas de análise de promoção da cidade – *Ícone Arquitetônico*, *Revitalização Espacial* e *Marketing Urbano* – são permanentes na cronologia em que se estabelecem os quatro Megaeventos em Barcelona. Pode-se afirmar que, ao longo do tempo, a venda da cidade produziu efeitos positivos e negativos no tecido urbano e no modo de viver da população original. Daquilo que foi analisado pelas publicações estudadas, se por um lado houve a valorização de espaços públicos e particulares pela atração de novos investimentos e de uma população flutuante, por outro, houve consequências maléficas

como a expulsão de antigos residentes e direcionamento da política social para uma política voltada exclusivamente aos interesses do setor privado.

Outra perspectiva de análise que permanece forte nos debates referentes à Barcelona dos Megaeventos é aquela que liga os projetos arquitetônicos e urbanísticos com as necessidades básicas da população local. Denominada de *Anseios Sociais*, nos debates referentes aos quatro Megaeventos ela se mostra como centro da disputa entre os interesses dos setores públicos e privados contra as necessidades da população local. Utilizando como exemplo a Exposição Universal de 1888, em meio a uma Europa devastada por doenças oriundas da falta de higiene, intensos foram os debates referentes ao descaso da falta de execução de projetos de saneamento básico para a população. Do mesmo modo, na Exposição Mundial de 1929, negativamente os discursos foram impetuosos com relação aos projetos de saneamento engavetados na primeira exposição. Estes – entendidos como necessidade primordial pela população – foram, enfim, executados em 1929. Dessa perspectiva de análise, percebe-se a permanência nos discursos relacionados aos Jogos Olímpicos de 1992 e também ao Fórum das Culturas de 2004. Sobre esses dois casos, os debates foram pontuados na falta de projetos sociais direcionados ao *deficit* habitacional na cidade.

No que se refere à perspectiva de análise *Parceria Público-Privada*, observou-se na cronologia dos Megaeventos em Barcelona a crescente influência do setor privado nas questões projetuais. Nesse caso específico, pode-se separar os Megaeventos de Barcelona em dois distintos conjuntos de pares. A pesquisa mostra que nos dois primeiros eventos, o setor privado já se mostrava influente na construção de edificações e de espaços abertos, porém com pouca ou talvez nenhuma força na escolha dos locais e características projetuais. Os exemplos da construção do Grande Hotel Internacional, que se transformou em ícone da Exposição Internacional de 1888 – pela rapidez e pelo emprego de novos materiais construtivos –, e da escolha da montanha de *Montjuïc* em vez do local sugerido por investidores na Exposição Mundial de 1929 ilustram que a parceria entre os dois setores era mais destinada aos interesses públicos que aos particulares. Portanto, é possível observar que há, sim, um controle social sobre os interesses do setor privado nas duas exposições. No entanto, o que se observa com relação aos dois últimos eventos em Barcelona – Jogos Olímpicos de 1992 e Fórum das Culturas de 2004 – é a influência maior dos interesses privados

na organização e escolha dos espaços, bem como do perfil dos projetos arquitetônicos e urbanísticos. Nesses dois eventos, percebe-se o fortalecimento de novas centralidades impulsionadas pela adição de espaços privados compostos por escritórios multinacionais, hotéis de grupos internacionais e grandes centros comerciais. Críticas negativas, portanto, foram observadas com relação à aplicação desses novos equipamentos urbanos, impondo a transferência da população original para outros espaços da cidade. Pode-se, então, afirmar que a maior influência do setor privado nos dois últimos eventos, em comparação com os dois primeiros, deve-se ao fato de que os conceitos do Planejamento Estratégico difundido por Borja e Castells (1997) foram aplicados num grau elevado no projeto olímpico e aprimorados no projeto para o Fórum das Culturas.

Com relação à perspectiva de análise denominada *Projeto Maior de Cidade*, percebe-se, com o decorrer das décadas, um aumento gradativo no interior dos debates. Na Exposição de 1888, os discursos referentes a essa perspectiva de análise circularam positivamente sobre a localização do evento no local da antiga *Ciudadella*. A devolução de uma grande área verde – o maior parque naquele momento de Barcelona – para os momentos de lazer da população foi positivamente citada pelos autores. Do mesmo modo que na primeira exposição, no evento realizado em 1929, os debates foram constantes com relação à localização do evento. No entanto, os discursos foram distintos entre críticos quanto ao local escolhido ter sido diferente daquilo que estava disposto a ser no planejamento da cidade e favoráveis com relação à ocupação da Montanha de *Montjuïc*, que até aquele momento permanecia subutilizada. Talvez o evento que mais envolveu os espaços públicos e edificações num contexto projetual amplo foram os Jogos Olímpicos de 1992. Para essa celebração esportiva, foram separadas novas centralidades em quatro pontos estratégicos na cidade, objetivando o crescimento da cidade para fora de seu centro tradicional. Críticas positivas foram observadas com relação à prática adotada para frear e ordenar a expansão urbana desordenada e a mobilidade urbana precária. No entanto, as críticas negativas foram focadas na troca do urbanismo social – realizado nas pequenas intervenções urbanas das décadas de 1970 e início de 1980 – pelo urbanismo voltado ao setor privado. Esse foco não foi diferente nos debates relativos ao Fórum das Culturas de 2004, pois o planejamento urbano estratégico adotado na década de 1980 foi utilizado também nos

projetos urbanísticos do último evento, e igualmente envolvidos em receios e apologias.

Outra perspectiva de análise citada nos debates referentes à Barcelona dos Megaeventos foi a *Utilização de Recursos Públicos*. Entretanto, essa perspectiva, diferente de todas as demais, mostrou-se com pouca ênfase nas discussões; mesmo assim se pôde separar os quatro eventos em dois distintos grupos. A preocupação com as dívidas públicas inseridas nos debates relacionados aos dois primeiros eventos existe, porém é sutil, em comparação com as demais perspectivas de análise. Ainda referente às duas exposições, com relação às dívidas públicas que a prefeitura de Barcelona herdou após as celebrações. Já o segundo grupo, formado pelos Jogos Olímpicos de 1992 e pelo Fórum das Culturas de 2004, dispõe de debates que relacionam os gastos públicos com a manutenção e utilização posterior aos eventos dos GPUs construídos.

Há ainda uma última questão possível de se verificar na conclusão deste estudo de caso que diz respeito aos aspectos das agregações de perspectivas de análise ao longo do tempo. Para essa análise, é possível agrupar as perspectivas de análise destinadas à *Multifunção Espacial, Patrimônio Histórico e Questões Ambientais* num conjunto maior que engloba a temática da sustentabilidade urbana. Para essas três, observa-se que a apropriação dessa temática cresce na linha do tempo da Barcelona dos Megaeventos. É possível verificar a ascendência dessas perspectivas de análise nos discursos dos autores estudados quando colocados os Megaeventos num conjunto que estabelece suas prioridades projetuais. Em 1888 e em 1929, buscou-se a valorização espacial como principal elemento transformador urbano. Em meio a melhorias sanitárias pontuais, o maior apelo sustentável para os dois primeiros eventos se satisfaz na promoção de dois novos parques urbanos – Parque de *La Ciudadella*, em 1888, e a Montanha de *Montjuïc*, em 1929. Pode-se, então, afirmar que em momentos pretéritos essas perspectivas de análise parecem ter sido pouco exploradas. No entanto, o termo “sustentabilidade” cresceu no planejamento dos Jogos Olímpicos de 1992, com a adoção das novas centralidades urbanas, dotadas de espaços multifuncionais e distribuídas de forma a otimizar a mobilidade urbana, rendendo, assim, grandes debates. O evento olímpico, portanto, produziu a manutenção da cidade densa e compacta, tornando-a mais sustentável que uma malha urbana

espraiada. No entanto, o ponto alto desse conceito veio com as propostas projetuais para o evento realizado em 2004. Nesse evento, os projetos urbanísticos e arquitetônicos foram pensados em valorizar a memória dos espaços industriais pretéritos e, ao mesmo tempo, utilizar as plantas industriais infraestruturadas do bairro *Poblenou* para novos usos. Também nesse evento, associou-se à malha urbana da cidade um antigo vazio urbano para a instalação da estação de tratamento de água, e do painel fotovoltaico, para a contribuição energética do bairro.

É possível entender que o aparecimento das dez perspectivas de análise citadas se relaciona diretamente com os Megaeventos, compondo, ao objeto de estudo, diferentes análises ao passar do tempo. Esta análise, portanto, leva em consideração novas perspectivas de análise que se apresentam em tempos mais distantes dos eventos, como num palimpsesto de coisas que se acumulam nas observações do autor. Para o fenômeno urbano GPUs de Megaeventos, essas perspectivas de análise são concretizadas no legado das infraestruturas que não existiam numa primeira análise – aquela anterior e durante a realização do evento. Com a ampliação do espaço temporal, e então o aparecimento dessas análises, naturalmente, pode-se ampliar, suprimir ou mudar a crítica sobre o objeto. Portanto, afirma-se que a ampliação do espaço temporal e a agregação de novas perspectivas de análise são elementos que influenciam o posicionamento autoral com relação a um determinado Megaevento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto de estudo analisado nesta tese, os GPUs, sobretudo aqueles envolvidos em Megaeventos, é aquele que se insere na cidade contemporânea e observado pelos agentes sociais selecionados como um projeto estratégico possuidor de diferentes variáveis urbanas analíticas. Dessas variáveis, algumas complementares, outras distintas e aparentemente com pouca relação, duas se destacam, de caráter antagônico. Esse antagonismo se revela pela existência, em um extremo, de uma visão de autores favoráveis que sustentam a ideia de que a capacidade de regeneração e tratamento de espaços subutilizados estimula o uso dos espaços públicos da cidade tanto pela sua população residente quanto por novos visitantes. Para esse grupo de críticos positivos, os espaços revitalizados se revelam importantes elementos urbanos para o estímulo de novas transações econômicas, sociais, culturais e ambientais na cidade. No outro extremo, está a visão negativa de autores que acreditam que esses projetos, muitas vezes, promovem excessivamente a monumentalidade arquitetônica, em vez de resolver os problemas urbanos. Para esse grupo receoso, os GPUs são também criticados pelo processo de expulsão da população original, pela eventual má administração do recurso público, pela possível apropriação política de sua imagem e por ganhos imobiliários de grupos envolvidos.

Dos estudos aqui analisados, os autores recorrentemente citados que mais explicitam esse antagonismo de observação e análise são Jordi Borja (1995), representando o grupo de críticos que enxergam aspectos positivos em GPUs, e David Harvey (2005a), representando um grupo bastante mais ampliado que observa os aspectos negativos dessa intervenção. De modo geral, para Harvey, o urbanismo que observa o GPU como ferramenta principal de intervenção no espaço urbano, pouco valoriza as necessidades sociais mais básicas e privilegia os interesses do setor privado. Já para Borja, os GPUs, integrantes de uma política urbana que combina parceria público-privada e participação popular, transformam espaços subutilizados e obsoletos em novas áreas vitais para a cidade.

A evidência desses posicionamentos antagônicos, no início da elaboração desta tese, constituiu uma de suas três hipóteses. Porém, pela evidência e recorrência de sua constatação, tornou-se, no decorrer dos estudos, um pressuposto. De fato, tal característica se confirmou logo quando da elaboração do Estudo Referencial Teórico

e, na sequência, repetiu-se no Estudo de Caso, confirmando-se, assim, menos como uma hipótese e mais como uma característica intrínseca de um GPU.

Esse antagonismo revela, de uma forma mais geral, a oposição mútua existente e praticada no urbanismo contemporâneo: de um lado, tem-se o urbanismo tradicional fundamentado no plano maior da cidade, na intenção explícita de acesso universal a demandas mínimas e na gestão social da administração pública; e do outro lado, o urbanismo estratégico e de caráter mais pontual, que, algumas vezes, denominado de planejamento por projeto ou de acupunturas, está baseado no ato de privilegiar fragmentações sociais.

Na análise dessas posturas antagônicas, parece ter havido uma minimização ou então uma não consideração daquilo que o posicionamento oposto julga importante. Assim, mais de uma vez, o debate a respeito dos GPUs parece se constituir em tomada de posições prévias, em opiniões preestabelecidas e não em verdadeiros debates científicos que coloquem em dúvida posicionamentos anteriores. Assim, aquilo que poderia resultar num debate ampliado sobre a própria cidade, em virtude do caráter potencial de discussão trazido por um GPU, não é apropriado como uma ferramenta de transformação, ou seja, para além das suas eventuais qualidades e problemas. Quando um GPU propõe a alteração de um espaço da cidade, tal qual majoritariamente aceito pela prática do planejamento estratégico, é capaz de agregar um debate sobre o todo da cidade, conforme desejado pelo planejamento mais tradicional, ocasionando, assim, um paradoxo de intenções. Portanto, pode-se afirmar que o GPU permite uma discussão, paradoxalmente, do todo urbano; porém, esse potencial pode não ser observado pelos agentes integrantes das discussões analisadas nessa tese.

Esse antagonismo entre apologia e receio é observado numa linha do tempo que inicia no debate propositivo de um GPU e que prossegue para além de sua implementação, compondo um processo cumulativo de variáveis que embasam posicionamentos. Esse processo cumulativo inicia na proposição da função do GPU, de sua localização na cidade, do valor de sua obra, dos modos de seu uso, nos detalhes de seu projeto e de sua obra, nas formas de manutenção, dentre outros que ampliam as oportunidades de polêmica e diversificam interesses de agentes diversos.

Esse antagonismo ainda apresenta outra temporalidade, também específica, que é aquela que advém de uma maior ou menor distância do observador em relação ao objeto analisado, os GPUs. Essa temporalidade coloca, em um extremo, observadores contemporâneos à proposta, à construção e ao uso de um determinado GPU, e, em outro extremo, observadores historicamente distantes desse tempo inicial. Nesta temporalidade observou-se, na maioria das vezes, segundo as informações aqui trabalhadas, a permanência dos posicionamentos favoráveis e o incremento dos posicionamentos receosos diante do aumento de perspectivas de análise que um determinado GPU possa sugerir. Esse fenômeno constitui a primeira hipótese desta tese, a qual se mostrou confirmada. Tal confirmação foi anunciada no estudo referencial-teórico e reiterada no estudo empírico da Barcelona dos Megaeventos. Vale lembrar que o estudo empírico serviu-se de publicações sobre um mesmo GPU, porém de momentos temporais diversos e que permitiu a observação de incremento de perspectivas de análise sobre o mesmo objeto, facilitando, pois, visões crescentemente receosas. A análise dos posicionamentos referentes aos quatro Megaeventos, e numa temporalidade específica entre a contemporaneidade de publicações com o evento e após lapso temporal, observou-se que os autores contemporâneos a este trabalho revelam um olhar mais crítico. Tal olhar, contemporâneo, resulta de uma leitura mais complexa sobre o meio urbano e exige respostas para além do mínimo anteriormente aceito, que era o das valorizações espaciais e arquitetônicas, mas avança para a discussão sobre outras perspectivas de análise referentes aos GPUs, dentre as quais, as demandas em termos de questões sociais, econômicas e ambientais.

Uma ressalva que pode ser feita a essa confirmação da hipótese, do incremento de receios numa linha do tempo histórica, é o fato de se analisar um objeto do passado com olhares da atualidade. Se essa é uma ressalva à hipótese, indica, porém, uma complexidade crescente na discussão da cidade, na qual se observa não apenas a adição de novos agentes observadores, mas também de perspectivas de análise que eles utilizam. Assim, os GPUs estão cada vez mais sujeitos a um escrutínio mais exigente, mais diversificado, mais complexo e, portanto, a críticas cada vez mais negativas. Fica para estudos complementares a discussão sobre esse fato frente à adequabilidade em se julgar intervenções distantes de nosso tempo pela perspectiva da nossa contemporaneidade.

A força da dualidade crítica autoral observada no pressuposto e na primeira hipótese, porém, não obscurece a existência de múltiplas visões sobre os GPUs, havendo, portanto, áreas intermediárias que mesclam posicionamentos diversos. Esse intermédio de posições apresenta especificidades que são mais visivelmente afloradas quando analisadas temporal e geograficamente. Pôde-se observar que as divergências autorais existentes estão inseridas num contexto que engloba dois elementos fundamentais que se agregam: o tempo e a posição geográfica do autor. Para sustentar essa hipótese, levou-se em consideração o apontamento de Kevin Lynch (1960), no qual o autor destaca que o ambiente urbano não é apenas o resultado de características externas, mas também um produto de seu observador. A imposição desses dois elementos reitera a diversidade de fatores que influenciam os olhares sobre GPUs e auxilia no entendimento da adoção de ideias e até mesmo na migração delas. Foi dessas diversidades de olhares que surgiu a segunda hipótese desta tese, a mutabilidade influenciada pelo tempo dos posicionamentos autorais que discutem os GPUs. Na análise desses posicionamentos, reconheceu-se que as ideias consolidam-se e difundem-se tanto pelas características intrínsecas de seus observadores, sobretudo àquelas que dizem respeito ao tempo e o espaço que ocupam, como também nas especificidades dessas mesmas características. A imposição do tempo, da geografia e das especificidades ajuda a entender a formulação de posicionamentos e até mesmo de mutabilidade autorais. Essas mutabilidades, as quais constituiriam a segunda hipótese da tese, dizem respeito, pois, a alterações elaboradas em relação a um mesmo objeto por um mesmo autor em diferentes momentos. Nesse caso, remete-se ao entendimento de Ortega y Gasset (1984), que compreende o homem como o resultado não apenas daquilo que ele é, mas também de suas circunstâncias. Apesar de essa não ser uma característica recorrente nas análises elaboradas para esta tese, talvez fruto da limitação de seu recorte analítico temporal e geográfico, por mais uma vez se identificaram em um mesmo autor posicionamentos favoráveis, num primeiro momento, e num segundo, mais explicitamente receosos.

A confirmação dessas hipóteses sugere transitoriedades, efemeridades e mutabilidades autorais quando da análise de GPUs. Todavia, ao se discutir análises diversas sobre esse objeto de estudo em momentos marcados, concluiu-se por uma clara permanência de perspectivas de análise. Ou seja, um GPU específico, ao ser

analisado num determinado momento por observadores diversos, assim será por um conjunto de perspectivas de análise que se mantém, a despeito de permitirem posicionamentos concordantes ou não. Assim, a construção de distintos posicionamentos individuais, pela especificidade do momento, pelo espaço geográfico, pelas circunstâncias, enfim, por tudo aquilo que influencia no entendimento de um GPU, tende a se servir de um conjunto de perspectivas de análise que se repetem.

Esta pesquisa permitiu observar que, para cada momento histórico específico, há um grupo de perspectivas de análise que parecem constituir um conjunto analítico utilizado para se debater um determinado GPU que se repete de forma independente do observador ou de seu local de análise; ou seja, altera-se o agente do debate, mas permanecem as perspectivas de análise. Mantido o momento histórico, o que se observa, pois, é a manutenção de um mesmo aparato de análise. De fato, para cada um dos quatro momentos históricos – Barcelona de 1888, 1929, 1992 e 2004 – investigados no estudo empírico, há uma clara constituição de um conjunto de perspectivas que são utilizadas para o estudo de seus GPUs. Na continuidade da pesquisa desta tese para outros recortes temporais e experiências urbanas com GPUs, ter-se-ia a possibilidade de reiterar e melhor definir a confirmação desse fenômeno.

Se a segunda hipótese, confirmada, alertou para uma mudança de posicionamento autoral numa análise temporal e geográfica, para esta terceira hipótese há um indício de que as perspectivas de análise permanecem, desde que vistas no mesmo recorte histórico. A confirmação desse fato deve ser apreendida em conjunto com aquilo afirmado na segunda hipótese: a adição de novas perspectivas de análise ao longo do tempo, ou melhor, nunca a subtração de alguma delas.

Demonstrou-se aqui que os GPUs são alvo de uma discussão repleta de elementos que – dependendo de quem os observa – se agregam em diferentes visões, elencadas por distintas variáveis urbanas distribuídas ao longo do tempo. Essa conjuntura de elementos temporais e geográficos unidos a perspectivas de análise direciona discussões e, muitas vezes, modifica posicionamentos. Verificou-se que os GPUs são analisados por diferentes perspectivas, as quais permitem distintas impressões afetadas pelas situações exógenas. Há, então, uma dificuldade de formulação de críticas por parte dos autores ao analisarem um objeto

reconhecidamente multifacetado e que não permite uma única e simples perspectiva de compreensão.

Os GPUs são, portanto, objetos de estudo que não permitem consensos e que levam seus observadores a polêmicas potencialmente inconclusivas que não se reduzem ao longo do tempo; ao contrário, ampliam-se. Todavia, essa característica, que num primeiro momento parece incomodar o estudioso que não alcança uma compreensão cartesiana a seu respeito, pode se constituir em sua mais importante característica e mais forte contribuição ao debate sobre a cidade que o contém ou sobre o grupo privado ou público que o propõe. A carga crítica de posicionamentos, de interesses que os GPUs criam, exacerbam e explicitam são, de fato, propulsores de um debate muitas vezes dormente nas cidades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ABASCAL, E. H. S. **A recuperação urbana de Bilbao como processo dinâmico e polifônico**. São Paulo, Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, FAUUSP, 2004.

ABREU FILHO, S. de. Duas exposições espanholas: Sevilha e Barcelona, 1929. **ArqTexto**, n. 16, p. 28-53, 2010.

ALMEIDA, B. C. F. de. Os Jogos Pan-Americanos 2007: entre discursos e prática no Setor de Transporte. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2010.

AJUNTAMENT DE BARCELONA. **El Carmel, 30 años de progreso**: un barrio de gente combativa. Barcelona: Agència de Promoción de El Carmel y Entornos, SA. 2010.

AP PRODUCTIONS. Centre de Convencions Internacional de Barcelona. Disponível em: <<http://ap-productions.org/en/eventos/espacio/centre-de-convencions-internacional-de-barcelona>>. Acesso em: 10 maio 2013.

ARANTES, O. **Urbanismo em fim de linha**. São Paulo: EDUSP, 1998.

ARANTES, O. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, p. 11-74, 2002.

AROCA, J. V.; PEIRÓN, F. 22@, sí pero... **La Vanguardia**, Barcelona, 21 out., 2001. Vivir en Tarragona, p. 5.

ARTIS, A. A. Montjuïc, abans de la Font Màgica. **A Mirador**, v. 2, n. 82, 1930.

BALIBREA, M. P. **Barcelona**: del modelo a la marca. Forum de cultura, democratizem la democràcia. 19 nov. 2006. Disponível em: <<http://e-barcelona.org/index.php?name=News&file=article&sid=5932>>. Acesso em: 8 mar. 2011.

BARBOSA, F. A. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2001.

BARZACK R.; DUARTE F. Mega-events transportation planning legacy for urban development: the case of Beijing. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2010.

BEHNKEN, L. M. O jogo da desigualdade. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2010.

BERIATOS, E.; COLMAN, J. The pulsar effect in urban planning. In: INTERNATIONAL ISOCARP CONGRESS, 38., 2002, Atenas. **Proceedings...** Thesaly: University of Thesaly Press; International Society of City and Regional Planners, 2003.

BOHIGAS, O. Y ahora, la política social. **La Vanguardia**, Barcelona, 2000. Culturas, p. 3.

- BOHIGAS, O. El model Barcelona segons Horacio Capel. **Finisterra**, v. 14, n. 90, p. 173-204, 2010. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2010-90/90_09.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2011.
- BORJA, J. **Barcelona**: un modelo de transformación urbana. Quito: Programa de Gestión Urbana; Oficina Regional para América Latina y El Caribe, 1995.
- BORJA, J. Grandes projetos metropolitanos: mobilidade e centralidade. In: ALMEIDA, M. A. R. **O centro da metrópole**: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Terceiro Nome; Viva o Centro; Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- BORJA, J. Urbanismo festivo. **La Vanguardia**, Barcelona, 5 jun., 2004. Vivir, p. 5
- BORJA, J. **Luces y sombras del urbanismo de Barcelona**. Barcelona: UOC, 2009.
- BORJA, J.; CASTELLS, M. **Local y global**: la gestión de las ciudades en la era de la información. Barcelona: Taurus, 1998.
- BORJA, J.; FORN, M. de. Políticas da Europa e dos Estados para as cidades. **Espaço e Debates**, v. 16, n. 39, 1996.
- BORJA, J.; MUXÍ, Z. **Urbanismo en el siglo XXI**: una visión crítica. Bilbao, Madrid, Valencia, Barcelona. Barcelona: UPC; ETSAB (Arquitext), 2004.
- BRUNET, F. **An economic analysis of the Barcelona'92 Olympic Games**: resources, financing and impact. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB.
- BUSQUETS J. G. **Barcelona**: evolución urbanística de una capital compacta. Madrid: Mapfre, 1994.
- BUSQUETS, J. G. **La Construcción urbanística de una ciudad compacta**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2004. (Colección La Estrella Polar, v. 43).
- BUREAU INTERNATIONAL DES EXPOSITIONS. Disponível em: <www.bie-paris.org>. Acesso em: 30 out. 2013.
- CASAS I MASJOAN, X. El Fòrum construye una Barcelona de calidad. **La Vanguardia**, Barcelona, 14 jan. 2004. Vivir en Tarragona, p. 5.
- CAMPOS, C. M.; SOMEKH, N. Desenvolvimento Local e Projetos Urbanos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 9., 2001, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUR, 2001.
- CAPEL, H. Cien años en la construcción de la ciudad. **La Veu del Carrer**, n. 60, p. 10, 1999.
- CAPEL, H. **El modelo Barcelona**: un examen crítico. Barcelona: Editora del Serbal, 2005.
- CAPEL, H. El debate sobre la construcción de la ciudad y el llamado 'modelo barcelona'. **Scripta Nova: Revista Elect'ronica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 11, n. 233, 2007.
- CAPEL, H. **Epílogo ¿En qué ha fallado Barcelona?** Finisterra, v. 45, n. 90, p.173-204. 2010.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: a era da informação – economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CASTELLS, M.; BORJA, J. As cidades como atores políticos. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 45, p. 152-166, 1996.

CENTRICH I SUREDA, M. Más de un siglo velando por la salud de la ciudad. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 64, 24 nov. 1988.

CHALKLEY, B.S. AND ESSEX, S.J. Urban development through hosting international events: a history of the Olympic Games. **Planning Perspectives**, v.14, n.4, p.369-394, 1999.

CHOAY, F. **O urbanismo**: utopias e realidades, uma antologia. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CLARÓS I FERRET, S. Ciudadanía y Juegos Olímpicos en el Levante Barcelonés. **Biblio 3W: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 15, n. 895, 2010.

DELGADO, M. **Elogi del vianant**: del ‘model Barcelona’ a la Barcelona real. Barcelona: Edicions de 1984, 2005.

DELGADO, M. **La ciudad mentirosa**: fraude y miseria de “Modelo Barcelona”. Madrid: Los Livros de La Catarata, 2007.

DELGADO, M. Elogio de la disidencia. **La Vanguardia**, Barcelona, 19 mar. 2008. Culturals, p. 14.

DEL RIO, V. Voltando às origens: a revitalização de áreas portuárias nos centros urbanos. **Arquitextos**, v. 2, ago. 2001. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.015/859>>. Acesso em: 8 mar. 2011.

DOMÈNECH, S. **Barcelona inèdita**. Barcelona: Viena, 2003.

DORCA, N. Historia de las Exposiciones Universales. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 23, 26 mar. 1998.

EL PERIODICO. **Las cuatro columnas de Puig i Cadafalch estarán restauradas en diciembre**. 5 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.elperiodico.com/es/noticias/barcelona/20101105/las-cuatro-columnas-puig-cadafalch-estaran-restauradas-diciembre/580197.shtml>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

ESCUR, N. Del éxito al fracasso. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 26, 14 jun. 2008.

EXPOSICIÓN UNIVERSAL BARCELONA 1888. **Recuerdo**. Barcelona: Editor Audouard y C^a, 1888.

FABRE, J. El belvedere del Fòrum. **La Vanguardia**, Barcelona, 26 jun. 2002. Vivir en Barcelona, p. 2.

FELLOW, W. E. Planejamento social e empresariamento urbano: **uma disputa por hegemonia** In: SEMINÁRIO DE PROJETOS URBANS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL, 2006, SÃO PAULO. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Judas, 2006.

FERREIRA, A. F. **Gestão estratégica de cidades e regiões**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

FONTENELLE, E. C. Estudo de caso sobre a gestão do projeto em empresas de incorporação e construção. 2002. 369p. Dissertação (Mestrado) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FRANCE, A.; ROCHE, M. Sport mega-events, urban policy and youth identity: sigues of citizenship and exclusión in Sheffield. In: ROCHE, M. (Ed.). **Sport, popular culture and identity**. Aachen: Meyer & Meyer: 1998.

GASSIÓ, X. La Exposición Universal de 1888 se celebró entre el fracasso comercial y la admiración ciudadana. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 43, 11 maio 1988.

GASPART, J. El Fòrum y Barcelona. **La Vanguardia**, Barcelona, 8 maio, 2004. Vivir, p. 5.

HARVEY, D. **Spaces of hope**. Berkeley: University of California Press, 1992.

HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaço & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos**, São Paulo, n. 39, p. 48-64, 1996.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2005a.

HARVEY, D. Do administrativismo ao empreendedorismo: a transformação da governança urbana no capitalismo tardio. In: HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005b.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

HERRERO, R. A. Megalomania i obsolescència: temporalitat de l'art a l'època de la seva reproductibilitat tècnica. 2010. 375 f. Tese (Doutorado em Tecnologia de Imagem) – Facultat de Belles Arts da Universitat de Barcelona, 2010.

HUERTAS, J. M. Las expos florecen en mayo. **La Vanguardia**, Barcelona, 19 maio, 2004. Vivir, p. 3.

JACQUES, B. P. Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade. **Arqtexto**, n. 7, p. 16-25, 2005. Disponível em:

<ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

JANUZZI; RAZENTE Intervenções urbanas em áreas deterioradas Urban interventions in deteriorated areas. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 28, n. 2, p. 147-154, jul./dez. 2007

KASSON, J. F. **Amusing the million**: Coney Island at the turn of the century. New York: Hill & Wang, 1978.

KUSZNIR, M.; PALLAMIN, V. M. Urbanismo sem calçadas: a recente produção do espaço urbano no bairro paulistano da Água Branca. In: SEMINÁRIO DE PROJETOS URBANS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Judas, 2006.

LA CLAU. **De nouveaux radars intraitables à Barcelone**. Disponível em: <<http://www.la-clau.net/info/de-nouveaux-radars-intraitables-a-barcelone-8518>>. Acesso em: 22 mar. 2013.

LA VANGUARDIA. Barcelona, p. 5.701, 3 set. 1885.

LA VANGUARDIA. **Conferencia del alcalde**. Barcelona, p. 4, 13 jul. 1915.

LA VANGUARDIA. **Barcelona, ayer y hoy**: la Plaza de España. Barcelona, 3 nov. 1963.

LA VANGUARDIA. **Barcelona ya lleva un siglo en busca de la capitalidad**. Barcelona, 18 out., 1986.

LA VANGUARDIA. **Nace un frente vecinal contra el “urbanismo especulativo”**. Barcelona, 30 maio, 2000. *Vivir en Barcelona*, p. 5.

LERNER, J. **Acupuntura Urbana**. São Paulo: Editora Record, 2003

LYNCH, K. **The image of the city**. USA: MIT; President and Fellows of Harvard College, 1960.

MADUEÑO, E.; AROCA, J. 2004: la hora de la verdad. **La Vanguardia**, Barcelona, 11 fev. 2001. *Vivir en Barcelona*, p. 4.

MARTÍNEZ DE VELASCO, E. Exposición Universal de Barcelona: trabajos nocturnos en el Gran Hotel Internacional. **La Ilustración Española y Americana**, v. 32, n. 12, 30 mar. 1888.

MASCARENHAS, G. Inventando a “cidade esportiva”: Grandes Eventos e Modernidade no Rio de Janeiro. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2010.

MASCARENHAS, G.; BORGES, F. C.; MARQUES, C. N. Como ficam os movimentos sociais em tempos de empreendedorismo urbano? Conflitos e articulação por ocasião do Pan-2007. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** NITERÓI: UFF, 2010.

MARX, V. Los mega-eventos y la actuación de las ciudades en el contexto internacional. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2010.

MOL BESSA, A. et al. A indústria do turismo e as transformações urbanas no mundo globalizado: críticas ao modelo estratégico baseadas no caso dos Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro (2007). In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2010.

MONCLÚS, F. J. El “modelo barcelona” ¿una fórmula Original? De la “reconstrucción” a los Proyectos urbanos estratégicos (1979-2004). **Perspectivas Urbanas/Urban Perspectives**, v. 18, n. 4, p. 399-421, out. 2003.

- MONTANER, J. M. El arte en la calle. **El País**, Madrid, 23 nov. 1991.
- MONTANER, J. M. **Barcelona y la Propaganda**: repensar Barcelona. Barcelona: UPC, 2004. p. 31-32.
- MUÑOZ, Ó. Los mayores y el 2004. **La Vanguardia**, Barcelona, 6 jul. 2001. Vivir en Barcelona, p. 2.
- MUÑOZ, JOSEP M. EL fin de un modelo. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 53, 14 maio 2004.
- MUNIZ, Á. Megaeventos: uma alternativa para os espaços de desvalia da cidade contemporânea. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2010.
- MUSEU NACIONAL D'ART DE CATALUNYA – MNAC. **Edificio**. Disponível em: <http://www.mnac.cat/sobremnac/sob_ent_edifici.jsp?lan=002>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- MUXÍ, Z. A Episódios da Transformação Urbana de Barcelona. **Arquitextos**, 17.144, março 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/200094233/05-ZM-TRANSFORMAC,O-ES-BARCELONA>>. Acesso em: 05 set. 2012.
- NAVAS, T. La ciutat de la llum. In: GARCIA ESPUCHE, A; NAVAS, T. **Retrat de Barcelona**. Barcelona: Centre Contemporània de Barcelona; Institut Municipal d'Història. Ajuntament de Barcelona, 1995.
- NEL·LO, O. **Les repercussions urbanístiques dels Jocs Olímpics de Barcelona**. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB. 2010. Disponível em: <http://olympicstudies.uab.es/2010/docs/wp003_cat.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2011.
- NOVAIS et al. **Survey. Relatório de Pesquisa “Grandes Projetos de Desenvolvimento Urbano**: o que se pode aprender com a experiência brasileira? In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2010.
- NÓVOA, M. Una reflexió sobre la reciente transformació de Barcelona. **Revista da Faculdade de Letras — Geografia I série**, v. 14, p. 61-75, 1998.
- OLIVEIRA, A. de. Megaeventos no Brasil: o que aprendemos? In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2010.
- PALMA, N. C. Estrutura Espacial, Transformação e Relações Sócio-Econômicas: Um estudo sob a ótica da ciência da complexidade. IN: SEMINÁRIO DE PROJETOS URBANS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Judas, 2006.
- PASCUAL, J. M. M. **Aigua i societat a Barcelona entre les dues exposicions (1888-1929)**. 2007. 662 f. Tese (Doutorado) – Facultat de Filosofia i Lletres, Universitat Autònoma de Barcelona, 2007
- PERMANYER, L. Barcelona recobró impulso gracias a la Exposición de 88. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 30, 22 maio 1988a.

PERMANYER, L. El día que la Exposición Universal hizo entrar a Barcelona en el siglo XX. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 35, 20 maio 1988b.

PEIRÓN, F. Clos assegura que el Fòrum crearà 60.000 empleos. **La Vanguardia**, Barcelona, 3 dez. 2002. Vivir en Barcelona, p. 3.

PEIRÓN, F. Una idea para cultura. **La Vanguardia**, Barcelona, 11 jan. 2004. Revista, p. 3.

PLUM, W. **Exposições Mundiais no século XIX**: espetáculos da transformação sócio-cultural. Bonn: Friedrich Ebert Stiftung, 1979.

RENAU, L. R.; TRUDELLE, C. Mega-events and urban conflicts in Valencia (Spain): contesting the new urban modernity. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais... NITERÓI**: UFF, 2010.

ROBERTSON, M.; GUERRIER, Y. **Eventos como vitrines empresariais** — Sevilha, Barcelona e Madri. In: TYLER, Duncan; GUERRIER, Yvone e ROBERTSON, Martin (org.). Gestão de turismo municipal. Teoria e prática de planeamento turístico nos centros urbanos. São Paulo: Futura, 2003, p. 291-308.

ROCA I ALBERT, J. La ciudad limitada. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 35, 26 nov. 2000.

ROCA I ALBERT, J. Can Ricart y Barcelona. **La Vanguardia**, Barcelona, 5 out. 2005. Culturas, p. 22.

ROCHE, M. **Mega-events and modernity**: Olympics and expos in the growth of global culture. New York: Routledge, 2000.

ROVIRA, R. G. **Modernització tècnica i arquitectura a Catalunya, 1903-1929**. 2012. 721 f. Tese (Doutorado em Composição Arquitetônica) – Universitat Politècnica de Catalunya, 2012.

RTVE. **Una fuga de agua paraliza al Palacio de Justicia de Barcelona y lo lleva de vuelta al siglo XIX**. 2009. Disponível em: <<http://www.rtve.es/noticias/20090730/fuga-agua-paraliza-palacio-justicia-barcelona-lleva-vuelta-siglo-xix/287092.shtml>>. Acesso em: 7 mar. 2011.

RUBIO, S. P. **Barcelona, destinació turística**: promoció pública, turismes, imatges i ciutat (1888-2010). 2010. 880 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social e Cultural) – Universitat de Barcelona. 2010.

RUBIO, K. Os jogos olímpicos e a transformação das cidades: os custos sociais de um megaevento. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 9, n. 194 (85), ago. 2005. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-85.htm>>. Acesso em: 5 maio 2012.

SAGARRA, C. G. Arquitectura para una exposición: Barcelona 1929. **Artigrama**, n. 21, p. 105-123, 2006.

SALA I MARTÍN, X. Otra montaña de palabras vacías. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 20, 11 out. 2004.

SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó: Argos, 2003.

SÁNCHEZ, F. et al. A cidade olímpica como construção política e simbólica: notas sobre o Projeto Rio 2016. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2010.

SAGARRA, C. S. Arquitectura para una exposición. Barcelona 1929. **Artigrama**, n. 21, p. 105-123, 2006

SASSEN, S. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Nobel, 1998.

SCHERER, F. V. **Expondo os planos**: as exposições universais do séc. XX e seus planos urbanísticos. 2002. 281 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

SEIXAS, J. Os mega eventos na cidade: imagética social, política econômica e governança urbana. **E-metropolis**, n. 2, ano 1, 2010.

SENTÍS, C. Visita al Fòrum 2004. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 23, 24 jan., 2003.

SIMÕES Jr., J. G. A Exposição Colombiana de Chicago de 1893 e o advento do urbanismo norte-americano. **Arquitextos**, 12.144, maio 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.144/4340>>. Acesso em: 29 ago. 2013.

SOUZA, C. D. C. Projetos de requalificação de áreas portuárias: das experiências internacionais à aplicação nacional IN: SEMINÁRIO DE PROJETOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Judas, 2006.

SOARES, P. R. R. Del presupuesto participativo a los megaproyectos: la producción del espacio urbano en Porto Alegre en el siglo XXI. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 14, n. 331 (28), 1º ago. 2010. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-331/sn-331-28.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

SOLÀ-MORALES, I. L'exposició internacional de Barcelona (1914-1929) com a instrument de política urbana. **A Recerques**, 1976. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Recerques/article/view/137537/241330>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

SOLÉ TURA, J.; SUBIRATS, J. **La organización de los Juegos Olímpicos de Barcelona'92**: un ejemplo de economía mixta o de sociedad pública privada. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics, 1994. Disponível em: <http://ceo.uab.cat/2010/docs/wp028_spa.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2011.

SOMEK, N.; MARQUES, J. C. M. **Projetos motores e transformações urbanas**. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** NITERÓI: UFF, 2010.

SOUZA, C. D. DE C. Projetos de Requalificação de Áreas Portuárias: das experiências internacionais à aplicação nacional. In: SEMINÁRIO DE PROJETOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNIVERSIDADE DE SÃO JUDAS, 2006.

SMITH, P. C. Fragmento de uma estratégia urbanística para Fortaleza: o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. In: SEMINÁRIO DE PROJETOS URBANS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Judas, 2006.

SYMANSKI, S.; KUPER, S. **Soccernomics: Why England Loses, Why Germany and Brazil Win, and Why the U.S., Japan, Australia, Turkey--and Even Iraq--Are Destined to Become the Kings of the World's Most Popular Sport** New Yourk: Nation Books, 2002

SWYNGEDOUW, E.; MOULAERT, F.; RODRIGUEZ, A. Neoliberal urbanization in Europe: large-scale urban development projects and the new urban policy. **Antipode**, v. 34, n. 3, p. 542-577, 2002.

TARÍN, S. Del dique de Llevant a la playa de la Barceloneta. **La Vanguardia**, Barcelona, 19 out. 2009. Vivir en Barcelona, p. 3.

TEIXEIRA, A. N. Espaço público e projeto urbano: o Eixo Tamanduatehy em Santo André (SP) In: SEMINÁRIO DE PROJETOS URBANS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Judas, 2006.

TORREBLACA, M. M. **La recepción de “lo primitivo” en las exposiciones celebradas en España hasta 1929**. 2009. 476 f. Tese (Doutorado) – Universitat Pompeu Fabra, 2009.

VALLS, L. El Museo de Ciencias Naturales de Barcelona (1882-1917): popularización de las ciencias naturales dentro y fuera del museo. **Biblio 3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 15, n. 918, 5 abr. 2011.

VAINER, C.B. **Pátria, empresa e mercadoria: Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano**. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASQUES, A. R.; VOLPE, L. L.; LOMBARDO, M. A. Novos usos para antigas fábricas: a experiência do Sesc em São Paulo. In: SEMINÁRIO DE PROJETOS URBANS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Judas, 2006.

VARELA, A. M. Barcelona, la ciudad de los “reptes”. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 21, 24 jul. 1999.

VAINER, C. Pátria, empresa e mercadoria. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VIEIRA, N. M.; ZANCHETI, S. Autenticidade do patrimônio edificado em processos de revitalização nos anos 90: o caso do bairro do Recife. IN: SEMINÁRIO DE PROJETOS URBANS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Judas, 2006.

VILLALBÍ, P. G.; CARRERAS Y CANDI, F. Enforcats, Creu-Cuberta o plaza de España. **La Vanguardia**, Barcelona, 1934.

VITARI, M. Exposições Universais “Expo Shanghai 2010: cidade melhor, vida melhor”. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói.

Anais... NITERÓI: UFF, 2010.

ULTRAMARI, C. Vulnerabilidades, resiliências e crises cumulativas urbanas. **São Paulo em Perspectiva**, Fundação Seade, v. 20, n. 1, p. 109-122, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>; <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

ULTRAMARI, C.; REZENDE, D. A. Planejamento Estratégico e Planos Diretores Municipais: referenciais e bases de aplicação. RAC. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, p. 717-739, 2008.

ULTRAMARI, C. Grandes projetos urbanos no Brasil: conceitos, contextualização e discussão de três casos. **Urbana: Revista Eletrônica do CIEC**, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ciec/revista/artigos/artigo3.pdf> >. Acesso em: 8 ago. 2012.

ULTRAMARI, C.; DUARTE, F.. Inflexões Urbanas. Curitiba: Editora Champagnat PUC/PR. 2009

ZAPATEL, J. A. Projetos Urbanos e Transformação Urbanística em Barcelona (1979-1992). In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE MEGAEVENTO E A CIDADE, 2010, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2010.

APÊNDICE A

Na coluna da esquerda, os nomes dos autores, em ordem alfabética, citados como referência bibliográfica para os artigos publicados nos dois eventos e nas duas revistas eletrônicas. Na coluna da direita, encontra-se o número de recorrência de cada autor, ou seja, o número total de repetições do nome do autor encontrado nos artigos. Assim, tem-se o seguinte:

Tabela 5 - Autores, ordem alfabética, citados mais ou igual a cinco vezes como referência nos artigos dos eventos e revistas selecionados

Nome do autor	Número de citações
ACSELRAD, Henri	08
ARANTES, Otilia B. F	22
ASCHER, François	05
ASSEN DE OLIVEIRA, Lisete	08
BAADE, R.	05
BIENENSTEIN, Glauco	08
BORJA, J.	26
CAMPOS, Candido Malta	07
CASTELLS, M	26
CHALKLEY, B	06
COMPANS, Rose	05
DEL RIO, Vicente	06
ESSEX, S.	06
FIX, Mariana	06
GAFFNEY, Christopher Thomas	06
GASTALDO, Édison	05
GETZ, Donald	06
HALL, Michael	05
HALL, Peter	07
HARVEY, David	35
HORNE, J.	05
LEFEBVRE, Henry	15
LYNCH, Kevin	09
MANZENREITER, W	05
MARICATO, Erminia	12
MASCARENHAS, Gilmar	12
MASCARÓ, Juan Luis	05
MATHESON, V.	05
MEYER, Regina Maria Proserpi	07
PANERAI, Philippe	06
PREUSS, Holger	08

ROCHE, Maurice	06
ROLNIK, Raquel	07
SALES, Pedro M. R	06
SANCHEZ, Fernanda	12
SANTOS, Milton	22
SEVCENKO, Nicolau	05
SILVA, Luís Octávio da	17
SOMEK, Nádia	10
VAINER, Carlos.B.	18
VARGAS, Heliana Comin	05
VILLAÇA, Flávio	10

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICE B

O Apêndice B compõe-se de tabelas que reúnem as citações diretas e indiretas dos três autores mais recorrentemente citados nos dois eventos selecionados para a pesquisa do Referencial Teórico.

Tabela 6 - Citações dos autores mais utilizados tal como citados nos artigos dos eventos e revistas selecionados

DAVID HARVEY

Projetos motores e transformações urbanas

Este período, o modernismo, trouxe a consagração do zoneamento funcional como instrumento maior de atuação representando o domínio regulador do urbanista sobre a cidade. As palavras-chave eram reconstrução, reformulação e renovação do tecido urbano, adequadas aos preceitos do "Estilo Internacional" aliado ao capital corporativo e ao Estado intervencionista (HARVEY, 2001).

Entretanto, já é bastante conhecido o processo de reestruturação do sistema capitalista que desde 1973 vem passando por um processo de crise e transição a partir do início de um novo processo, que Harvey (2001) chamou de acumulação flexível do capital. Este período de desregulamentação e de reorganização da economia global entra em confronto com as políticas de rigidez estabelecidas com as práticas do período fordista-keynesiano. O capitalismo se caracteriza, então, pela dispersão e pela mobilidade geográfica, em busca da capacidade de dar respostas flexíveis aos processos e aos mercados de trabalho e de consumo.

Segundo Harvey (2001), luta-se pela transformação dos espaços a fim de se tornarem cada vez mais atraentes para os capitalistas e, assim, para o investimento privado, ou seja, inicia-se um processo de produção ativa de lugares. Neste momento de atenção às vantagens locais vê-se o trunfo do espaço como arma do sistema capitalista, valendo-se da mobilidade geográfica e da descentralização, atualmente disseminada como prática vantajosa dentro das políticas nacionais.

O regime de economia fordista e a forma do Estado Keynesiano, que atua com rigidez ao lado da política do Bem-Estar Social tiveram como correspondência a ação dos planejadores urbanos modernistas. Neste momento, a busca era alcançar o domínio da metrópole, como organismo de totalidade a partir de um plano sobre uma forma fechada. Este período, o modernismo, trouxe a consagração do zoneamento funcional como instrumento maior de atuação representando o domínio regulador do urbanista sobre a cidade. As palavras-chave eram reconstrução, reformulação e renovação do tecido urbano, adequadas aos preceitos do "Estilo Internacional" aliado ao capital corporativo e ao Estado intervencionista (HARVEY, 2001).

Neste contexto, os pós-modernistas, nas palavras de Harvey (2001), passam a considerar os processos urbanos como incontrolláveis e caóticos, onde prevalece a anarquia, o acaso, o efêmero, o fragmentário, o descontínuo e o caótico, sendo capazes de enxergar a transitoriedade das coisas e a superficialidade como caráter dos movimentos que se preocupam com a produção de eventos, espetáculos e imagens de mídia. Neste sentido, as intervenções urbanas deste período vão almejar a criação de uma imagem positiva e de alta qualidade sobre a cidade, tentando garantir-lhe competitividade regional, na medida em que pode prover cooperação entre municípios ou bairros visando a um desenvolvimento amplo. Ainda segundo Harvey (2001), a prática do projeto urbano surge como alternativa ao planejamento das

idades, já que se apoia nas tradições vernáculas, nas histórias locais, nos desejos e nas necessidades e fantasias particulares, gerando formas arquitetônicas especializadas e sob medida, concretizando a mudança de paradigma na forma de intervir no espaço urbano. Esta impulsão se reflete na reabilitação de paisagens e na recuperação da história, gerando também fenômenos como o fascínio pelo embelezamento urbano e o conseqüente processo de gentrificação.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

Projetos de requalificação de áreas portuárias: das experiências internacionais à aplicação nacional

Como relatado por diversos estudiosos (HARVEY, 1994; HALL, 2002; FERREIRA, 2003), as transformações no modo de produção foram responsáveis por drásticas mudanças no espaço urbano das cidades. O antigo modelo de produção fordista/keynesiano, com grandes áreas portuárias, não se enquadra ao modo de produção flexível, cuja mobilidade, articulação e agilidade são os princípios dessa nova era.

“As intervenções nas cidades de Baltimore e Boston marcam o início de se pensar a cidade como empreendimento, a arquitetura como ‘espetáculo’” (HARVEY, 1994, p. 89).

Essas intervenções nascem como proposta às latentes reivindicações sociais de direito civis, os distúrbios de rua, os motins, principalmente nos bairros negros, e como bem aponta Harvey, esse período é fortemente marcado pelo assassinato de Martin Luther King (1968).

“Os líderes procuraram um símbolo em torno do qual construir a ideia de cidade como comunidade, de uma cidade que pudesse confiar em si o bastante para superar as divisões e a mentalidade de cerco com que o cidadão comum encarava o centro da cidade e seus espaços públicos” (HARVEY, 1994, p. 89).

“Dar determinada imagem à cidade através da organização de espaços urbanos espetaculares se tornou um meio de atrair capital e pessoas [do tipo certo] num período [que começou em 1973] de competição interurbana e de empreedimentismo urbano intensificado” (HARVEY, 1994, p. 93).

A estratégia se mostrou um sucesso ao atrair cada vez mais visitantes em um curto espaço de tempo, produzindo "a arquitetura do espetáculo, com sua sensação de brilho superficial e de prazer participativo transitório, de exibição, de enfermidade e jousance se tornou essencial para o sucesso de um projeto dessa espécie" (HARVEY, 1994, p. 91).

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

Parque de ciências e tecnologia de Uberlândia: novas tecnologias e velhos problemas

O novo modo de produção capitalista caracteriza-se, segundo harvey (1998), por uma maior flexibilidade em relação aos processos de trabalho, aos mercados de mão de obra, aos produtos e às pautas de consumo.

HARVEY, D. **La condición de la posmodernidad**: investigación sobre los orígenes del cambio cultural. Buenos Aires: Talleres Gráficos Color Efe, 1998.

Fragmento de uma estratégia urbanística para Fortaleza: o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Estas intervenções constituíram-se na medida em que emergiram de um contexto propício: a reestruturação produtiva do capitalismo e seus diversos aspectos. Entre eles: a crise financeira dos Estados; competição entre cidades para se obter divisas; desindustrialização e aumento expressivo do setor terciário, no que se refere ao turismo; desregulamentação da economia e terceirização do trabalho e uso intenso de *marketing* (HARVEY, 1992; SASSEN, 1998).

A utilização da cultura como atrativo econômico destes projetos, transformada unicamente em mercadoria de consumo para captação de recursos, também é bastante criticada por autores referências, tais como Arantes (2000), Harvey (1992) e Jacques (2004).

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

Projeto urbano e estudo de impacto de vizinhança - Eiv/ Ec. Pauta para reflexão

Harvey (1973) diz que: "A cidade como uma forma construída pode... ser considerada como um conjunto de objetos arranjados de acordo com algum padrão no espaço", ou seja, com uma estrutura, e que o ambiente construído de uma cidade é mais que isso, "... tem que ser considerado como uma totalidade funcionando na qual tudo está relacionado a tudo o mais".

HARVEY, D. **Social justice and the city**. Oxford: Blackwell, 1973.

Planejamento social e empresariamento urbano: uma disputa por hegemonia

A vertente denominada *elitista* por Hamel (1990) e *liberal* por Syret (1993), corresponderia ao que Harvey (1989, 1996) denominou *empresariamento urbano*, e posteriormente a outras novas denominações: *empreendedorismo competitivo* (MOURA, 1997 apud MOURA, 2003), *perspectivas mercadófilas* (SOUZA, 2002), e *empreendedorismo local* (LEAL, 2003).

Harvey (1989, 1996), com base em Buinot (1987), situa a origem da mudança do *gerenciamento* na administração urbana para o *empresariamento*, num colóquio realizado em 1985, em Orléans.

Esse caso foi entendido pelo autor como sintomático de uma reorientação das atitudes em relação à administração urbana ocorrida nas últimas duas décadas nos países capitalistas avançados, o *gerenciamento*, típico dos anos 60, dando lugar ao *empresariamento* nos anos 70 e 80. Muitos governos locais, independente de poderes legais e políticos (mesmo os socialistas e vanguardistas), rumaram em direções muito semelhantes na administração das suas cidades. Seria essa uma *versão contemporânea do empresariamento urbano*, porque "Nos Estados Unidos, onde o ativismo cívico e o empresariamento há muito tempo constituíam os principais aspectos dos sistemas urbanos (Elkin, 1987), a redução no fluxo dos repasses federais e dos impostos locais depois de 1972 (ano em que o presidente Nixon declarou que a crise urbana estava superada, sinalizando para o fato de que o governo federal não tinha mais recursos fiscais para contribuir para sua solução) conduziu à volta de um processo de ativismo, a ponto de Robert Goodman (1979) caracterizar tanto o Estado como os governos locais como os 'últimos empresários'" (HARVEY, 1996, p. 49).

As razões para essa volta em direção ao *empresariamento*, segundo Harvey, poderiam estar:

1. nas dificuldades que a recessão de 1973 levou às economias capitalistas (desindustrialização, desemprego, austeridade fiscal etc.);
2. na onda crescente de neoconservadorismo e num forte apelo à racionalidade do mercado e da privatização;

3. no declínio dos poderes do Estado-Nação no controle do fluxo monetário multinacional; e
4. na transição na dinâmica do regime de acumulação de capital (fordista-keynesiano) para um regime de "acumulação flexível" (afetado pelo crescimento do *empresariamento urbano*).

O que se pode entender desse projeto para as cidades? Harvey (1989, 1996), Leal (2003) e Vainer (2000) ajudam a sintetizar uma compreensão e uma apreensão quanto à aplicação desse modelo de planejamento nas cidades brasileiras, sem uma discussão profunda e democrática sobre o assunto:

1. O novo *empresariamento urbano* com o seu instrumento básico, o Plano Estratégico, é o rebatimento em nível local do receituário neoliberal concebido para o conjunto da economia nacional, apesar dos catalães afirmarem sempre o contrário: "Defendemos uma política de cidade muito intervencionista, entendendo que a articulação público-privada, o planejamento flexível, a desregulamentação e ou privatização de alguns setores que haviam se convertido em selvas normativas e burocráticas e uma organização mais "empresarial" do setor público, não vão em detrimento da iniciativa pública que não se adapta passivamente aos resultados das ações opostas dos agentes privados. Ao contrário: frente ao discurso neoliberal de abandono, reivindicamos a liderança pública local mas em condições tais que assegurem sua eficácia econômica e seu controle social" (BORJA; FORN, 1996, p. 46).
2. O *novo empresariamento urbano* tem como característica central a existência de uma "parceria público-privada" e da construção de um "consenso", ou seja, pressupõe a existência de um "pacto social". E aí reside uma contradição fundamental desse modelo de planejamento e gestão: "É que ele requer um pacto social entre os diversos atores políticos que configuram as cidades e, certamente, esse 'pacto' pressupõe uma relação de hegemonia e de correlação de forças. Em um contexto de baixa mobilização dos setores sociais, particularmente dos movimentos populares, questionamos quem são na prática os verdadeiros detentores dessa hegemonia?" (LEAL, 2003, p. 61).
3. A atividade dessa parceria público-privada é empresarial porque tem concepção e execução especulativas, sujeita, portanto, às dificuldades e perigos próprios dos empreendimentos imobiliários especulativos. Já há a observação de "*espirais ascendentes e descendentes do crescimento e da decadência urbanas sob condições de forte empresariamento e competição interurbana*" (HARVEY, 1996, p. 57). Notícias veiculadas pela imprensa informam sobre o "sucesso que põe em cheque o 'Vale do Silício' indiano", uma vez que "o rápido crescimento tecnológico do sul da Índia acabou por comprometer a infraestrutura do local. As empresas da região exigem investimentos estruturais e ameaçam transferir unidades para outras partes do país" (Jornal do Comércio, 29/09/04, Caderno de Informática, p. 4);
4. O *empresariamento urbano* tem como foco maior de atenção a economia política do local de que do território. Ou seja, o foco estaria nos empreendimentos pontuais, o que pode comprometer recursos que poderiam ser utilizados em questões do território como um todo e que atenderiam a toda a população;
5. O *marketing* urbano característico do empresariamento, ao contrário de enfatizar "a necessidade de, a partir do diagnóstico das características de cada cidade e dos infinitos mercados nos quais ela pode ser vendida, examinar adequadamente o tipo de consumidor virtualmente sensível aos atributos locais que a cidade oferece ou pode vir a oferecer (KOSTLER; HAIDER; REIN, 1994), [...] a venda da cidade é necessariamente, a venda daqueles atributos específicos que constituem, de uma maneira ou de outra, insumos valorizados pelo capital transnacional: espaços pra convenções e feiras, parques industriais e tecnológicos, oficinas de informação e assessoramento a investidores e empresários, torres de comunicação e comércio, segurança..." (VAINER, 2000, 79).
6. Os investimentos, com o objetivo de atrair o consumo, se concentram na valorização do espaço, na qualidade de vida, na qualidade do meio urbano, nos atrativos de consumo (estádios, centros de convenções, shopping centers, marinas, praças de alimentação exóticas etc.), e nos entretenimentos, sejam eles temporários ou permanentes (festivais, eventos culturais etc.). Daí a tendência à reprodução repetitiva e em série de certos empreendimentos (centros de comércio internacional, centros culturais e de entretenimento, parques de ciência, elitização de bairros, shopping-centers pós-modernos,

- empreendimentos imobiliários à beira d'água etc) (HARVEY, 1996, p. 56);
7. "O empresariamento urbano tem sido fortemente marcado por um terceiro traço que consiste numa luta ferrenha para assumir o controle e funções de comando de altas operações financeiras, de governo ou de centralização e processamento (inclusive a mídia)" (HARVEY, 1996, p. 55). O que resulta em vultuosos investimentos em transportes, comunicações (aeroportos e teleportos), em provisões de espaços de escritórios equipados com conexões internas e externas e em provisão educacional de ponta.
 8. Os subsídios locais para o capital, na medida em que aumentam, provocam a redução na provisão local para os menos privilegiados, o que produz uma maior polarização na distribuição social da renda real. O "setor informal" é diretamente encorajado, como base para a sobrevivência urbana. "O empresariamento urbano, conseqüentemente, contribui para as crescentes disparidades de riqueza e renda, bem como para o aumento da pobreza urbana, notado mesmo em cidades (como Nova Iorque) que apresentaram crescimento acentuado" (HARVEY, 1996, p. 58);
 9. Preocupa a identificação de uma conexão "entre o crescimento do empresariamento urbano e a inclinação pós-moderna pelo desenho de fragmentos urbanos em vez do planejamento urbano, pela moda e estilos efêmeros e ecléticos em vez da procura de valores mais permanentes, pela citação e ficção em vez da invenção e função e, finalmente, pelo meio no lugar da mensagem e da imagem sobre o conteúdo" (HARVEY, 1996, p. 59);
 10. A imagem de prosperidade construída em cima de fragmentos urbanos projeta uma imagem de sucesso da cidade que se espalha por todo o mundo, mas que esconde "sérios problemas sociais e econômicos, os quais, em muitas cidades, estão assumindo a forma geográfica de uma cidade dual: de um centro renovado cercado por um mar de pobreza crescente" (HARVEY, 1996, p. 62);
 11. Perigosas conseqüências macroeconômicas possíveis seriam "impactos regressivos na distribuição da renda, volatilidade no interior da rede urbana e a qualidade efêmera dos benefícios trazidos por muitos dos projetos. A concentração no espetáculo e na imagem mais do que no conteúdo dos problemas econômicos e sociais pode também se revelar deletéria a longo prazo, apesar de que benefícios políticos podem ser obtidos até fácil demais" (HARVEY, 1996, p. 62).

HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaço & Debates**, v. 16, n. 39, p. 48-64, 1996.

Parque de ciências e tecnologia de Uberlândia: novas tecnologias e velhos problemas

O novo modo de produção capitalista caracteriza-se, segundo Harvey (1998), por uma maior flexibilidade em relação aos processos de trabalho, aos mercados de mão de obra, aos produtos e às pautas de consumo.

HARVEY, D. **La condición de la posmodernidad**: investigación sobre los orígenes del cambio cultural. Buenos Aires: Talleres Gráficos Color Efe, 1998.

Grandes Projetos Urbanos: conceitos e referenciais

Todavia, esse mesmo incremento da participação do setor privado pode ser visto com receios: "This is what is called feeding the downtown monster. Every new wave of public investment is needed to make the last wave pay off. The private public partnership means that the public takes the risks and the private takes the profit" (HARVEY, 2000, p. 141).

HARVEY, D. **Spaces of hope**. Berkeley: University of California Press, 2000.

Grandes Projetos Urbanos em São Paulo pós anos 90: novas arquiteturas, novas racionalidades urbanísticas, novos sentidos da experiência urbana

Nestes contextos acontece o chamado "empresariamento urbano", ou seja, a "formação de um complexo espectro de coalizões sócio-políticas visando a reorganização do espaço da cidade, com o objetivo de adequá-la à atual dinâmica econômica e inseri-la no atual circuito de reprodução e valorização capitalista" (adaptado de HARVEY apud SANCHÉZ, 2001, p. 49), já que de acordo com este mesmo autor "o empresariamento urbano privilegia um comportamento empresarial com relação à gestão à produção da cidade, visando o seu ajuste ao quadro de possibilidades que tem sido delineado pelas transformações econômicas das últimas décadas" (adaptado de HARVEY apud SANCHÉZ, 2001, p. 50).

As mutações urbanas em São Paulo revelam, em acordo com Harvey (1988), redirecionamentos do desenvolvimento capitalista com grande poder de adesão nas metrópoles centrais e semiperiféricas.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1989. p. 257-276.

HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaço & Debates**, v. 16, n. 39, p. 48-64, 1996.

As parcerias nas intervenções urbanas e a construção de uma cidade mercadoria

Possui citação nas referências, mas não citado.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

A gestão neoliberal da cidade: o Pan-Americano 2007 como projeto urbano

Possui citação nas referências, mas não citado.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. (Coleção Geografia e Adjacências).

Urbanismo sem calçadas: a recente produção do espaço urbano no bairro paulistano da Água Branca

Possui citação nas referências, mas não citado.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

A Copa do Mundo, as Olimpíadas e o PEU das Vargens: sobre estratégias discursivas e a produção de riscos pela legislação

Assim, passaram a ser criadas, defendidas e incentivadas formas mais "mercadófilas" de gestão

(SOUZA, *op. cit.*) às quais correspondem a substituição do gerenciamento da cidade pelo empreendedorismo (HARVEY, 1989) de planejamento, que acompanhassem as tendências do mercado.

HARVEY, D. From managerialism to entrepreneurialism: the transformation in urban governance in late capitalism. **Geografiska Annaler**, 71B, p. 3-17, 1989.

A indústria do turismo e as transformações urbanas no mundo globalizado: críticas ao modelo estratégico baseadas no caso dos Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro (2007)

O planejamento estratégico emerge como o principal instrumento do “empresariamento urbano” descrito por Harvey (2001).

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 13. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1989.

Dinâmicas espaciais dos grandes eventos no cotidiano da cidade: significados e impactos urbanos

A aceleração do ritmo da vida, assim como a aceleração do ritmo de consumo e a limitação para a acumulação e para o giro de bens físicos, presentes na sociedade atual, abrem espaço para o consumo de bens e serviços efêmeros (HARVEY, 1989, p. 258), onde as novas tecnologias aparecem, ao mesmo tempo, como causas e consequências.

HARVEY, D. **The urban experience**. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

Do “Mississipi Carioca” ao “Estádio Voador”: forjando espaços de legitimação na indiferença

A temática tratada neste trabalho inscreve-se no campo de debate dos grandes projetos urbanos (GPU), considerados, aqui, expressões contemporâneas do chamado “empresariamento urbano” (HARVEY, 1996).

Dessa forma, verificou-se que ambas as obras foram orientadas por um conjunto de iniciativas do denominado “empresariamento urbano” (HARVEY, 1996).

HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Estudos & Debates**, v. 16, n. 39, p.48-64, 1996.

Os Jogos Pan-Americanos 2007: entre discursos e prática no setor de transporte

“... a abordagem “administrativa”, tão característica da década de 1960, deu lugar a formas de ação iniciadoras e empreendedoras nas décadas de 1970 e 1980. Nos anos recentes, em particular, parece haver um consenso geral emergindo em todo o mundo capitalista avançado: os benefícios positivos são obtidos pelas cidades que adotam uma postura empreendedora em relação ao desenvolvimento econômico” (HARVEY, 2005, p.167).

A parceria público-privada segundo Harvey é igualmente outra característica do empreendedorismo urbano (HARVEY, 2005).

HARVEY, D. Do administrativismo ao empreendedorismo: a transformação da governança urbana no capitalismo tardio. In: HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume. 2005.

Como ficam os movimentos sociais em tempos de empreendedorismo urbano? Conflitos e articulações por ocasião do Pan-2007

David Harvey (2005) aponta os anos 70 como ponto de inflexão da reestruturação da economia mundial. De acordo com o autor, há uma relação direta entre as novas formas de produção e gestão nas cidades capitalistas, a transição de um regime fordista-keynesiano para um regime de “acumulação flexível” e a mudança do paradigma do administrativismo para o empreendedorismo urbano.

A gestão urbana empreendedora pressupõe não apenas um governo local, mas uma coalizão de forças que estudiosos (HARVEY, 2005; ASCHER, 1998) da temática denominam de governança urbana, que tem como premissa a atuação conjunta do governo local, iniciativa privada e sociedade civil.

HARVEY, D. Do administrativismo ao empreendedorismo: a transformação da governança urbana no capitalismo tardio. In: HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1989.

Mega-events and urban conflicts in Valencia (Spain): contesting the new urban modernity

In this sense, Harvey notes that celebrations, festivals and mega-events are important not only for generating profit and supporting inward investment, but also for pacifying local people—a form of ideological control referred to as “bread and circuses” (HARVEY, 1988).

The role played by local administration was a simple catalyst for the gentrification of the Valencia waterfront, an area that had attracted the bourgeoisie from the end of the 19th century but that had remained as a working class district until it was discovered that the houses occupied by senior citizens, workers and immigrants could have a more profitable use : marinas, luxury hotels and restaurants, condos and apartments, the perfect example of what Harvey calls accumulation of capital by dispossession, in this case of dwellings and public spaces by the bourgeoisie who came back.

HARVEY, D. Voodoo cities. **New Stateman and Society**, n. 1, p. 33-35, 1988.

Trabalhadores, ambientalistas e comunidades em luta contra a especulação imobiliária: o caso do Morro Santa Tereza – Porto Alegre

As disputas entre cidades por sediar mega eventos se vincula ao consenso das últimas décadas, segundo o qual são enfatizados os benefícios positivos que seriam obtidos por cidades que adotam uma postura empreendedora em relação ao desenvolvimento econômico (HARVEY, 2005).

Normalmente, o novo empreendedorismo urbano se apoia na parceria público- privada, enfocando o investimento e o desenvolvimento econômico, por meio da construção especulativa do lugar em vez das melhorias das condições num território específico, enquanto seu objetivo econômico imediato – ainda que não exclusivo (HARVEY, 2001)

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

LOS mega-eventos y la actuación de las ciudades en el contexto internacional

El capital y el trabajo circulan sin barreras entre las regiones y países generando desigualdad; esto se debe al crecimiento del sector privado y de las relaciones transnacionales, que han generado flexibilidad e inestabilidad en las relaciones laborales. Por otro lado, el teórico marxista David Harvey (2006, p. 88) considera que lo que hace la globalización es generar desigualdades.

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2006.

“Spectacular” coalitions: the *Quartier des Spectacles* and Montréal’s Culture-Oriented Growth Coalition

More than ever, cultural actors are lobbying and engaging with urban policy makers. Over the past decade, through elite networking and partnerships, cultural actors are increasingly shaping the urban development. Cultural actors and their organizations have been drawn into the governance model (HARVEY, 1989a) that characterizes neoliberal cities.

HARVEY, D. From managerialism to entrepreneurialism: the transformation in urban governance in late capitalism. **Human Geography**, n. 71, p. 3-17, 1989.

Megaeventos esportivos: novo templo do capitalismo contemporâneo

A dificuldade de alcançar a coesão interna numa sociedade etnicamente variada marcada por um individualismo e uma divisão de classes intensas produziu (...) 'o estilo paranóide' da política norte-americana [sic]: o medo de algum 'outro' (como o bolchevismo, o socialismo, o anarquismo ou simplesmente 'agitadores externos').

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. 3. ed. São Paulo. Edições Loyola, 2004. 201 p.

O jogo da desigualdade

Harvey (2006, p. 167) fica surpreso que a reorientação das posturas dos planejadores urbanos, no sentido de substituir a abordagem administrativa pela empreendedora, tenha sido consensual e abrangente em todo o mundo capitalista avançado.

Outro ponto levantado pelo mesmo autor é que o empreendedorismo urbano redireciona os investimentos para as construções pontuais em vez de melhorias socioeconômicas do conjunto de um território (HARVEY, 2006, p. 172-174).

Por conseguinte, a cidade não necessita ser pensada, investida e até maquiada como um todo, apenas os pedaços do território interessantes ao comprador merecem um tratamento. Daí o GPDU se preocupar mais com as intervenções pontuais em áreas de potencial interesse à venda do que com as políticas públicas abrangentes em toda cidade, conforme Harvey (2006) também observou.

O papel do Estado enquanto facilitador de negócios é estimulado, ao passo que os processos

decisórios governamentais cada vez mais ficam subordinados aos interesses da classe empresarial, além de impulsionar as parcerias já referidas por Harvey (2006).

Tal proposta serve tanto para modificar as raízes da formação histórica e cultural local de forma a substituir a lógica do lugar, quanto ao uso do espaço urbano na acumulação de capital, conforme o estudo de Harvey (2006, p. 53) demonstra: “A paisagem geográfica, abrangida pelo capital fixo e imobilizado, é tanto uma glória coroada do desenvolvimento do capital passado, como uma prisão inibidora do progresso adicional da acumulação...”.

Entretanto, não há muita originalidade em demonstrar que as cidades são lugares de expansão do sistema capitalista, afinal, a história confirma que as cidades foram regidas pelo capital, mais que pelas pessoas (HARVEY, 2009).

Harvey (2006, p. 176, grifo do autor) observa que a candidatura a um festival esportivo possibilita alcançar a sensação buscada pelos neoplanejadores da cidade em “parecer *um lugar inovador, estimulante, criativo e seguro para se viver ou visitar, para divertir e consumir.*”

Por outro lado, já foi visto que as urbes aspirantes à classificação de cidade global competitiva procuram se credenciar por trunfos, enumerados por Harvey (2006), dos quais dois podem ser observados neste momento: o primeiro diz respeito ao alargamento da área de consumo através da valorização de regiões urbanas degradadas e ocupação destas por classes de maior renda – a Barra se encaixa perfeitamente nestes propósitos; já o segundo trunfo trata-se do recebimento de aportes financeiros do governo central pela cidade disputante no mercado urbano global – a simples previsão de realização de um megaevento esportivo satisfaz as condições políticas e legais nesse sentido.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

Del presupuesto participativo a los megaproyectos: la producción del espacio urbano en Porto Alegre en el siglo XXI

Analizando las mutaciones del imperialismo en la era del capitalismo globalizado, David Harvey apunta dos lógicas de expansión del poder mundial: la lógica capitalista y la lógica territorial del poder. No obstante sus diferencias, las dos lógicas “se entrelazan de formas complejas y por veces contradictoria” (HARVEY, 2005, p. 34).

La gestión urbana actual intenta acercar la ciudad a los flujos globales. El modelo aproxima más la gestión de la ciudad al “inversionismo” que al antiguo modelo “administrativista”, tal como apuntó David Harvey (2005a).

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

HARVEY, D. Do administrativismo ao empreendedorismo: a transformação da governança urbana no capitalismo tardio. In: HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 165-190.

MANUEL CASTELLS

Renovação e gestão de cidades: experiências participativas no centro histórico de São Paulo

Contudo, essa tendência não apresenta novidades significativas, uma vez que a maioria das metrópoles mundiais tem se encaminhado para os setores terciários. De acordo com Rolnik (2004), levantamentos de indicadores econômicos e sociais demonstram que São Paulo continua centralizando as operações financeiras e grande parte dos empregos bem remunerados do país, possui as maiores empresas de telecomunicações brasileiras e 70% do seu comércio eletrônico é movimentado pela cidade de São

Paulo. Esse modelo de negócio, recém iniciado, confirma a importância estratégica da cidade, não apenas nas atividades econômicas geradas localmente, mas também como o maior pólo de reconversão econômica para o resto do país e confirma as afirmativas de Castells (1999) e Ohmae (1996) de que São Paulo é um elo importante no espaço de fluxos da grande rede mundial.

Desse modo, pode-se concluir que essas novas formas urbanas caracterizam-se, essencialmente, pelas tendências contraditórias das organizações contemporâneas e apresentam características que não se encaixam em nenhum quadro de referência já consolidado. São Paulo apresenta as contradições das formas urbanas que se constituem no novo milênio – as megacidades – como descreve Castells (1999); os paradoxos das megaorganizações.

O deslocamento do poder nas sociedades contemporâneas é uma tendência que tende a se acentuar, por conta das redes virtuais que se organizam independentemente das regulamentações formais dos sistemas políticos, como afirmam Castells (1999), Meyer, Grostein e Biderman (2004) e Fischer (1996).

A questão dos camelôs é um dos grandes desafios aos projetos, porém, como afirmam Castells (1999), Meyer, Grostein e Biderman (2004) e Fischer (1996), o deslocamento do poder nas sociedades contemporâneas é uma tendência que tende a se acentuar, por conta das redes virtuais que se organizam independentemente das regulamentações formais dos sistemas políticos.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. 8. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999. 698 p.

Parque de ciências e tecnologia de Uberlândia: novas tecnologias e velhos problemas

A globalização, um dos aspectos mais visíveis dessas mudanças, transformou o funcionamento das economias nacionais e mundiais, levando a processos simultâneos de dispersão e centralização de atividades econômicas e de população em diferentes pontos do planeta. As principais metrópoles dos países industrializados – Nova York, Londres, Tóquio – organizam e controlam a nova economia global e as demais metrópoles globalizadas se ocupam em diversas especializações à escala transnacional, podendo fazer parte de diferentes redes em função do tipo de especialização econômica que lhes é própria. Não se trata, portanto, de descentralização, mas de reformulação dos condicionantes e atributos da centralidade, já que esta não é mais exclusivamente urbana, pois a produção e o consumo se estendem no âmbito territorial (CASTELLS, 1995).

Por outro lado, as grandes metrópoles se confrontam cada vez mais com a concorrência urbana internacional, na medida em que necessitam atrair investimentos internacionais, empresas estrangeiras e mão de obra especializada. Para tanto, necessitam dispor de um ou mais centros bem conectados aos sistemas internacionais, capazes de abrigar as funções estratégicas e as atividades comerciais de alto nível, o que determina uma nova agenda para as cidades (ASCHER, 2001; CASTELLS, 1995).

Todavia, o que se vislumbra para Uberlândia, e as demais cidades brasileiras, é a continuidade de um modelo de crescimento insustentável, onde o desperdício do solo e das potencialidades urbanas é usado em prol da defesa dos interesses de uma minoria que historicamente enriqueceram com a especulação imobiliária. À periferia, continuará reservada a baixa qualidade do ambiente construído, a falta de infra-estrutura e as atividades econômicas rejeitadas pelas áreas ricas das cidades, que cada vez mais, confirmam seu caráter de *cidade dual* descrita por Castells (1995).

CASTELLS, M. **La ciudad informacional: tecnologías de la información, reestructuración económica y el proceso urbano-regional**. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

Expansão urbana ao quadrante sudoeste: desenvolvimento e tradição

Se não bastasse o abandono dos promotores imobiliários pela área central, a região não atendia às funções das novas relações ocasionadas pela globalização que se impunha. As novas empresas necessitavam de seus espaços adaptados à velocidade dos meios científicos informacionais atuais

(CASTELLS, 2006).

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

Planejamento social e empresariamento urbano: uma disputa por hegemonia

Castells (1983 [1972], p. 356-357), já chamava a atenção para a presença na literatura e nas práticas, de três grandes vias de emergência e de tratamento político dos problemas urbanos. Seriam essas vias:

1. "A gestão destes problemas pelo sistema institucional (nacional ou local, geral ou específico). É o que podemos agrupar sob o tema de planificação urbana.
2. A emergência e a expressão dos contextos urbanos a partir da mobilização e do conflito dos diferentes grupos sociais, quer dizer (para nos atermos a uma simples designação no momento) a luta política urbana (participação, reivindicação, contestação).
3. A junção das duas problemáticas assim traçadas é feita pelo estudo das instituições políticas locais, na medida em que elas são ao mesmo tempo expressão da relação de forças sobre o cenário político local e lugar de articulação dos problemas urbanos ao nível do sistema institucional."

Essa definição dos campos, segundo Castells, não implicaria o predomínio de uma abordagem teórica sobre outra, mas na presença de uma oposição fundamental entre "duas correntes intelectuais que dominam o campo de análise", e que seriam exatamente a análise liberal e a análise centrada nas determinações da estrutura social, "nas versões mais ou menos marxistas". Diz o autor que este debate (cujos dois polos se encontram às vezes no âmago de uma mesma pesquisa concreta...) é o verdadeiro debate teórico que se travou atualmente (1970) no campo da política urbana e, talvez, na própria sociologia.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Os produtos imobiliários na cidade de São Paulo no período de 1980 a 2002

Possui citação nas referências, mas não citado.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede, a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Parques tecnológicos como uma estratégia de projeto urbano: limites e desafios

Por ambiente inovador entendemos o sistema de estruturas sociais, institucionais, organizacionais, econômicas e territoriais que criam as condições para uma geração contínua de sinergias sua transformação em um processo de produção que se origina a partir desta capacidade sinérgica (CASTELLS; HALL, 2001, p. 30).

Segundo Castells e Hall (2001, p. 30), o maior objetivo de um parque tecnológico é induzir um crescimento industrial (emprego e produção) atraindo novas empresas de alta tecnologia e investimentos para um espaço privilegiado caracterizado como meio inovador estabelecido como resultado de iniciativas governamentais e de relações com universidades. Diferente das cidades da ciência é a competitividade industrial, e não a qualidade científica, o maior objetivo de seus projetos.

Conforme aponta Castells (1985), as metrópoles são os pontos nodais de todas as redes complexas atuais, "sítios de controle específico", como praças financeiras e lugares de geração de serviços especializados.

CASTELLS, M. High technology, economic restructuring and the urban region process. In: CASTELLS, M. (Org.). **High technology, space and society**. Newbury Park: Sage Publications, 1985.

CASTELLS, M.; HALL, P. **Technopoles of the world: the making of 21st century industrial complexes**. London: Routledge, 1994.

Grandes Projetos Urbanos: conceitos e referenciais

Manuel Castells (1983) talvez tenha sido um dos principais inspiradores de mais de uma geração de planejadores nessas três décadas no Brasil e na América Latina. Ao reiterar a importância dos trabalhadores e do Estado na transformação das cidades, propunha de fato mudanças estruturais. Em obras mais recentes desse autor, há sinais de mudanças nesse enfoque, vendo-se valorizar os aspectos da comunicação, da informática e do próprio mercado como elementos importantes para uma reforma urbana.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Cidades empreendedoras: reflexões sobre o linhão do emprego em Curitiba – Paraná

Além disso, segundo Castells (1999), o planejamento público atento ao capitalismo global e à nova economia baseada no informacionalismo e funcionamento em rede pode ser um fator decisivo no processo geral à medida que organiza as forças sociais e sua própria estrutura organizacional a favor do desenvolvimento socioeconômico de determinada região.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

Projetos motores e transformações urbanas

Para Lipietz (1994), Scott e Storper (1988), Castells (2000) e Hall (1995), o interesse pelo capitalismo contemporâneo como gerador de diversos processos globais de modificação econômica instigou o desejo de interpretar seus mecanismos de transformação como razão do surgimento de novas dinâmicas de localização. Castells (2000) destaca a importância do local para o desenvolvimento dos processos de inovação. O autor relaciona o processo de revolução da tecnologia da informação com a formação dos meios de inovação, alertando para o seu papel decisivo nesta nova fase do capitalismo.

CASTELLS, M. **A era da Informação: economia, sociedade e cultura – a sociedade em rede**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

Na cidade *just in time*: uma forma do estar urbano

Manuel Castells (1999, p. 436) chama de "espaço de fluxos" a "organização material das práticas sociais em tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos". Embora reconheçamos a importância de Castells nos estudos urbanos das últimas décadas, sua vasta análise sobre a "sociedade em rede" possui como pecado original o fato de que um "espaço de fluxos" em "tempos

compartilhados e simultâneos" parece de fato ocorrer sem contradições com a ordem física e material das coisas. Informações podem fluir simultaneamente *online*, informações só ocupam espaços nas fibras óticas e o tempo de sua transmissão (nano-segundos) é instantâneo, porém estas informações precisam ser materializadas nas entregas dos insumos, e por mais que se queira, a transmissão da informação do pedido é muito diferente da realização do próprio pedido: caminhões, automóveis, motos e seres humanos ocupam espaço físico material e percorrem as vias em um tempo material que não pode ser instantâneo.

As "empresas em rede" (CASTELLS, 1999, p. 464) sustentadas nas atuais tecnologias de informação procuram suplantar o tempo e os espaços, promovendo "conexões interorganizacionais" para acelerar a movimentação de recursos, dispensando, só aparentemente, a extração de mais tempo de trabalho dos operadores diretos. Discordamos de Castells, porque este assume esta dispensa como absoluta, enquanto a consideramos, apenas, como um sonho dourado, que para realizar os processos racionais e científicos para tudo ocorrer *just in time*, em última análise, abstrai a natureza e a materialidade das coisas, os próprios homens e as relações sociais em que se inserem. É esta abstração que alimenta o mito da neutralidade da técnica e do próprio planejamento. Como em tantas outras formas de dominação cria-se um mundo paralelo racional, científico, competente e eficaz que se confronta com o caos urbano e com as leis da física que os planejamentos eivados de cientificidade procuram subverter desprezando fausticamente a materialidade das coisas.

A cidade composta de "espaços de fluxos" é reificada e aparece para Castells como um "ator ativo e, portanto, como agente".

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: a era da informação – economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

Como ficam os movimentos sociais em tempos de empreendedorismo urbano? Conflitos e articulações por ocasião do Pan-2007

De acordo com o autor, o conceito de movimento Social, tanto para Castells quanto para Lojiline é definido por uma ação consciente, uma prática social referida e no bojo de uma transformação social significativa.

CASTELLS, M. **La cuestion urbana**. México. Siglo XXI, 1978.

Los mega-eventos y la actuación de las ciudades en el contexto internacional

Este cambio, para el autor, reduce el margen de acción de los estados-nación y los medios para resistir a los impactos no deseables de los mercados transnacionales.

CASTELLS, M. **La era de la información**: el poder de la identidad. Madrid: Alianza Editorial, 2003. v. 2.

MANUEL CASTELLS & JORI BORJA

Projetos de requalificação de áreas portuárias: das experiências internacionais à aplicação nacional

Dentre a bibliografia sobre os projetos de requalificação encontramos duas vertentes. A primeira formada por profissionais e consultores, envolvidos diretamente com os projetos, que vêm divulgando o "sucesso" das intervenções com o apoio das agências de fomento (Borja, Forn, Castells, etc.) – "Modelo Requalificar". A segunda formada por Vainer, Arantes, Maricato e Ferreira que buscam refletir sobre

esses projetos ao invés de adotar como verdadeira a fórmula instrumental divulgada pela primeira.

Em diversos livros e artigos, profissionais como Borja, Castells e Forn têm divulgado a "fórmula instrumental" na qual as cidades devem se espelhar para impulsionar seu planejamento estratégico.

"[...] é praticamente total o comprometimento de agências de cooperação e instituições multilaterais em sua difusão e de seus conceitos básicos, de que são exemplos recentes: a) a publicação de alentado volume sobre a experiência de Barcelona, pela Oficina Regional para América Latina e Caribe do Programa de Gestão Urbana, constituído e financiado pela Agência Habitat das Nações Unidas, PNUD e Banco Mundial (BORJA, 1995); b) a encomenda, feita pela Agência Habitat das Nações Unidas, para que Jordi Borja e Manuel Castells produzissem um documento de análise e propostas especialmente para a Conferência Habitat II [Istambul], em que retomam vários de seus trabalhos anteriores e em que apresentam, para além de análises e propostas, verdadeiras receitas para a aplicação do modelo" (BORJA; CASTELLS, 1997 apud VAINER, 2000, p. 77).

Baseando-se nas referências de Borja e Castells (1997, p. 210), as intervenções do espaço podem ser tecnicamente divididas em três escalas: grande, intermediária e local. Na primeira, destacam-se os teleportos, *World Trade Center*, espaços para feiras e congressos, zonas de atividades logísticas, ou seja, projetos de grande porte associados às operações funcionais das cidades que servem de ponte entre o espaço local e a cidade global .

Na escala intermediária encontram-se os projetos de recuperação de áreas degradadas. Borja e Castells (1997, p. 254) exaltam que "uma zona obsoleta é uma oportunidade, incluída de centralidade", onde o desenvolvimento de uma ação "especializada pode propiciar o desenvolvimento urbano em uma escala superior. Um grande evento internacional [exposição universal, jogos olímpicos, etc.] pode transformar a cidade [Barcelona] ou deixar somente algumas infraestruturas subutilizadas [Sevilha]".

E por último, a escala local caracterizada por intervenções pontuais, que fornecem o alicerce para as duas anteriores ao reabilitar ruas, caminhos de passagem ou edificações de caráter simbólico promovendo a "criação de pontos dotados de forte visibilidade e acessibilidade" (BORJA; CASTELLS, 1997, p. 210).

Entretanto, segundo o modelo de gestão, em todas as escalas é necessária uma liderança forte capaz de "garantir a coerência do conjunto e que defina e assuma um projeto de cidade" (BORJA; CASTELLS, 1997, p. 259).

Em primeiro lugar se esquece que por detrás de um grande projeto há sempre, explícito ou implícito, um plano ou esquema global da cidade (BORJA; CASTELLS, 1997, p. 236).

Essa liderança concretizará um conjunto de grandes "atuações estratégicas" correspondentes a um projeto de consenso global (BORJA; CASTELLS, 1997: 260).

As atuações estratégicas baseiam-se em um conjunto de ações aparentemente setoriais, especializadas e polivalentes, transformadoras e articuladas em um conjunto coerente, cabendo às atuações públicas, as operações não rentáveis, e aos atores privados, a promoção e o desenvolvimento das iniciativas lucrativas (BORJA; CASTELLS, 1997, p. 259).

O projeto englobava uma área relativamente grande (130 ha de solo e 40 ha de água), dividida entre os quatro diques, com grande potencial de centralidade, ao qual o plano deveria reforçar pela incorporação dos usos terciários e residenciais. Era fundamental também a "definição de um sistema de acessibilidade potente para integrar coerentemente o espaço do Porto Madero ao sistema estrutural de Buenos Aires" (BORJA; CASTELLS, 1997, p. 274).

Os objetivos principais do plano (Plan Maestro) (BUSQUETS, 1990 apud BORJA; CASTELLS, 1997, p. 274-279) são: reconversão da área deteriorada; reordenamento – recompor seu caráter urbano

equilibrando o *deficit* da área central com seu valor simbólico; promover a instalação do terciário, serviços, comércio, cultura e da habitação, com maior destaque para o primeiro, cuja demanda tem se mostrado crescente nos últimos anos; recuperação da frente do rio da Prata – nova relação da cidade com o rio; fortalecimento de um novo modelo de centro capaz de promover a modernização da capital ao incorporar novas atividades centrais necessárias em um futuro imediato; recuperação da Costanera como peça estrutural do sistema verde urbano – recuperação ecológica; revitalização dos galpões históricos; nova oferta de zona residencial – o tamanho da área permitia o desenvolvimento de uma zona residencial de densidade média, que atendia à procura de moradias de maior tamanho e notável qualidade ambiental; sistema de acessibilidade próprio – a definição de duas grandes portas de entrada ao norte e ao sul do porto (conexão regional) e através dos diques (conexão com a malha da cidade).

Esses objetivos se implantariam por meio de operações de escala controlada, seguindo o já mencionado "modelo requalificar", e obedecendo a "um processo de imagem global que possa se desenvolver por partes, assegurando que a grande escala se produza com certa liberdade para que a promoção possa desenvolver seu próprio programa específico, na condição de que este se harmonize com a estrutura geral do setor" (BORJA; CASTELLS, 1997, p. 278).

BORJA, J.; CASTELLS, M. **Local y global: la gestión de las ciudades em la era de la información.** Madri: United Nations for Human Sttlements; Taurus; Pensamiento, 1997.

Fragmento de uma estratégia urbanística para Fortaleza: o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Borja e Castells (1997) apresentam três "entornos" necessários para uma cidade receber intervenção urbana apta a se inserir no mercado internacional e competitivo: "entorno social", destacando o problema da pobreza e da marginalidade como possíveis obstáculos e, com isso, a necessidade da sensação de segurança; o "entorno cultural", aspecto bastante atrativo devido a sua qualidade competitiva entre as cidades e a coesão social que gera; e, por fim, o "entorno estético e ambiente urbano", referindo-se à qualidade dos espaços públicos, da arquitetura e dos monumentos. O governo do Estado tenta seguir à risca estas recomendações na Prainha.

BORJA, J.; CASTELLS, M. **Local y global: la gestión de las ciudades em la era de la información.** Madrid: Unchs; Taurus, 1997.

Planejamento social e empresariamento urbano: uma disputa por hegemonia

Castells e Borja (1996) situam igualmente o início do *protagonismo econômico das cidades*, na recessão econômica da década de 70, e exemplificam reações de governos locais: a) na Europa, a partir da Conferência de Cidades Europeias realizada em 1986 em Rotterdam, que definiu as cidades como motores do desenvolvimento econômico e que fortaleceu o movimento das Eurocidades, formalmente constituídas em 1987 na conferência seguinte realizada em Barcelona; b) na Ásia (Seul, Taipei, Hong-Kong, Cingapura, Bancoc, Shangai e Hanói), cidades cujo "segredo" estaria na velocidade de inovação do conjunto das pequenas e médias empresas articuladas com as grandes em rede com o exterior e com o poder político no interior; c) nos Estados Unidos, em função do "*neoliberalismo exarcebado*" que teve como resposta de algumas cidades ambiciosos projetos estratégicos baseados na cooperação público-privada, como as cidades de Los Angeles, São Francisco, Detroit, Seattle e os estados da Flórida e Wisconsin; d) na Europa do Leste, após o desmoronamento do regime comunista stalinista, nas cidades de Berlim, Budapeste, Praga, e Varsóvia entre outras; e) na América Latina, onde a emergência das cidades como protagonistas teria sido retardada pelos efeitos sociais das políticas de ajuste, acrescentadas às desigualdades e marginalidades herdadas, à debilidade da sustentação sociocultural das cidades a aos graves déficits de infraestrutura e serviços públicos, e só veio a ocorrer na década de 90.

A resposta na palavra dos próprios catalães: "um plano estratégico é a definição de um projeto de cidade que unifica diagnósticos, concretiza atuações públicas e privadas e estabelece um marco

coerente de mobilização e de cooperação dos atores sociais urbanos. §no que se refere à definição de conteúdos, o processo participativo é prioritário, visto que dele dependerá a viabilidade dos objetivos ou atuações propostos. O resultado do plano estratégico não é uma norma ou um programa de governo (embora sua assunção pelo estado e pelo governo local deva traduzir-se em normas, investimentos, medidas administrativas, iniciativas políticas etc.), e sim um contrato político entre as instituições públicas e as da sociedade civil. Por isso, o processo posterior à aprovação do plano, a continuidade e implementação de medidas ou atuações, é tão ou mais importante que o processo de elaboração e aprovação consensuais" (CASTELLS; BORJA, 1996, p. 166; BORJA, 1996).

Da promoção interna da cidade, com o objetivo de "dotar seus habitantes de 'patriotismo cívico', de sentimento de pertencimento, de vontade coletiva de participação e de confiança e capacidade de sonhar com o futuro da urbe" (CASTELLS; BORJA, 1996, p. 160).

CASTELLS, M.; BORJA, J. As cidades como atores políticos. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 45, p. 152-166, 1996.

Grandes Projetos Urbanos: conceitos e referenciais

Quase sempre estigmatizados como projetos de interesse de uma minoria capaz de apropriar-se de seus resultados financeiros e elementos obrigatórios em ações do chamado planejamento estratégico, ou então do projeto cidade, como fora chamado por Castells e Borja (1996), acabam por ter seus aspectos positivos relegados a uma questão menor na discussão urbana atual.

Enquanto países ricos ou emergentes com prolongado sucesso econômico conhecem nesses anos 80, 90 e 2000 as suas renascenças urbanas, com inovações arquitetônicas, urbanísticas e valorização das cidades como "atores políticos" (CASTELLS; BORJA, 1996), o cenário nacional brasileiro vê, primeiro, o fracasso de grandes projetos de investimento; segundo, um esforço, válido, de modernização do quadro institucional/legal urbano, porém com fraco nível de implementação e; terceiro, um sinal de novo esmorecimento sem sinalizar algo novo.

CASTELLS, M.; BORJA, J. As cidades como atores políticos. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 45, p. 152-166, 1996.

As parcerias nas intervenções urbanas e a construção de uma cidade mercadoria

BORJA, J.; CASTELLS, M. Planes estratégicos y proyectos metropolitanos. **Cadernos IPPUR**, v. 11, n. 1/2, 1997.

A Copa do Mundo, as Olimpíadas e o PEU das Vargens: sobre estratégias discursivas e a produção de riscos pela legislação

Com o apoio de estelares teóricos espanhóis e franceses (BORJA; CASTELLS, 1997; ASCHER, 1994), o empreendedorismo urbano intervém a partir de grandes projetos urbanos (museus, centros culturais, estádios e toda a sorte de instalação de equipamentos e/ou "revitalizações" culturais) e considera a realização de megaeventos (dentre outros, convenções e feiras internacionais, festivais, grandes concertos e, sobretudo, eventos internacionais esportivos) estratégica por estes poderem simultaneamente propulsionar a concentração de capital, a intervenção urbana por agentes públicos e privados e a provisão infraestrutural.

BORJA, J.; CASTELLS, M. **Local y global**: la gestión de las ciudades em la era de la información.

Madrid: UNHS; Taurus; Pensamiento, 1997.

Megaeventos: uma alternativa para os espaços de desvalia da cidade contemporânea

Segundo Castells e Borja (1996), pode-se falar das cidades como atores sociais complexos e de múltiplas dimensões.

Cada dimensão da cidade contemporânea demanda uma resposta. Para Castells et al. (1996), as cidades devem dar respostas à nova base econômica, à infraestrutura urbana, à qualidade de vida, à integração social e à governabilidade.

Para aquisição dessas facilidades, o poder público deve criar condições para uma parceria com o setor privado, para os arranjos articulados com o setor privado, a partir da implantação de instrumentos políticos, legais e fiscais inovadores além de ter obtido consenso dos cidadãos, para a promoção interna do sentimento de pertença dos cidadãos para com a cidade inculcando o 'patriotismo cívico' e para a inovação político-administrativa, gerando múltiplos mecanismos de cooperação e participação social – geração de emprego, segurança e manutenção dos serviços e espaços públicos (CASTELLS et al., 1996).

Para Castells et al. (1996, p. 139), "As cidades grandes são as multinacionais do século 21. São lugar de encontro, encaminhamento de políticas estatais e iniciativas de negócio."

Segundo Castells et al. (1996, p. 166), o planejamento estratégico é um "projeto de cidade que unifica diagnósticos, concretiza atuações públicas e privadas e estabelece um marco coerente de mobilização e de cooperação dos atores sociais urbanos."

Castells e Borja (1996, p. 112) afirmam que "os governos locais devem buscar criar uma imagem 'forte e positiva' das cidades tanto para o exterior – apoiado em uma oferta de infraestruturas e serviços que atraiam investidores, visitantes e usuários 'solventes' e facilitem a exportação de seus produtos – assim como internamente, destinado a dotar seus habitantes de patriotismo cívico, de sentido de pertencimento, de vontade coletiva de participação e de confiança e ilusão no futuro da urbe, nesse caso, mediante obras e serviços visíveis, incluindo as que têm caráter meramente monumental e simbólico.

O que caracteriza a nova economia global é extraordinariamente – e simultaneamente – sua natureza inclusiva e exclusiva. É um sistema imediatamente dinâmico e expansivo que segrega e exclui setores sociais, territórios e países (CASTELLS et al., 1996).

CASTELLS, M.; BORJA, J. As cidades como atores políticos. **Novos Estudos Cebrap**, n. 45, 1996. Dossiê Cidades.

CASTELLS, M. et al. **Local and global: the management of cities in the information age**. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 1996. v. 2.

Como ficam os movimentos sociais em tempos de empreendedorismo urbano? Conflitos e articulações por ocasião do Pan-2007

BORJA, J. As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão europeia e latino-americana. In: FISCHER, T. (Org.). **Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: FGV, 1995. p. 79-99.

JORDI BORJA

Renovação e gestão de cidades: experiências participativas no centro histórico de São Paulo

Segundo Borja (1996), o século XX foi o *século das cidades*, mas o século XXI será urbano: "o progresso econômico, o bem-estar-social e a integração cultural dos povos determinar-se-ão, em grande parte, nas cidades".

Para se elaborar a pesquisa exploratória, optou-se pela abordagem sistêmica, focalizando o centro histórico de São Paulo, e a adoção do quadro de análise de cidades estratégicas de Borja (1996) como referência para a sistematização das análises das principais percepções obtidas nas pesquisas realizadas, de modo a autenticar os significados entre o referencial teórico e os fatos da realidade do centro histórico de São Paulo.

Os procedimentos para coleta de informações se concentraram em verificar se existe consonância entre o quadro de referência proposto por Borja (1996), conforme Quadro 1, a seguir:

QUADRO 1

DIMENSÃO	DESAFIOS
<p>ECONÔMICA Os projetos propostos e/ou desenvolvidos apresentam evidências sobre a capacidade de reativação das bases produtivas nas localidades?</p> <p>SOCIAL Existe integração efetiva entre as esferas públicas e a sociedade? As experiências participativas estão contribuindo para que a população adquira <i>empowerment</i> a fim de atuar e transformar efetivamente suas vidas e de seus ambientes? A cidadania, que se exerce nos ambientes renovados, aproxima-se dos conceitos propostos para este estudo?</p> <p>POLÍTICA Os poderes públicos criam incentivos que complementem as dimensões anteriores?</p>	<p>NOVA BASE ECONÔMICA Como estão sendo constituídas as novas bases econômicas no Centro Histórico de São Paulo?</p> <p>INFRAESTRUTURA URBANA Qual a adequação da infraestrutura urbana das localidades dos projetos e que medidas estão sendo adotadas para harmonizar os recursos existentes, as funcionalidades dos mesmos e as estratégias propostas?</p> <p>QUALIDADE DE VIDA Como os usuários, servidores públicos, empresários e moradores das áreas que estão sofrendo intervenções urbanísticas percebem a qualidade de vida e a integração social?</p> <p>INTEGRAÇÃO SOCIAL Como os usuários, servidores públicos, empresários e moradores das áreas que estão sofrendo intervenções urbanísticas percebem a qualidade de vida e a integração social?</p> <p>GOVERNABILIDADE Quais as medidas que estão sendo adotadas para viabilizar a governabilidade do Centro Histórico de São Paulo?</p>

Quadro de referência de Cidades Estratégicas de Borja (1996)

O conceito de *Cidades Estratégicas*, na concepção de Borja (1996), está intimamente relacionado às novas competências, novos recursos e novos modelos de gestão a serem adotados nas cidades. Entende-se a cidade não só como um território que concentra um importante grupo humano e uma grande diversidade de atividades, mas também como um espaço simbiótico, entre poder político e sociedade civil, e simbólico, que integra culturalmente e confere identidade coletiva aos seus habitantes. A cidade transforma-se, portanto, em um campo de respostas possíveis aos desafios econômicos, políticos e culturais de nossa época.

De acordo com Borja (1996), os projetos estratégicos que pretendem dar visibilidade às cidades para os investidores externos devem levar os atores públicos e privados dominantes a entender que é pouco viável aquela cidade que exclui ou marginaliza parte importante de sua população ou que lhe impõe uma condição de vida difícil de suportar.

As principais percepções sobre as experiências participativas para a renovação e a gestão do Centro Histórico de São Paulo são analisadas a partir do quadro de referência de Cidades Estratégicas,

proposto por Borja (1996), estruturadas nas dimensões econômica, social e política. Os principais desafios a serem enfrentados concluem as análises.

O que se percebeu, contudo, nos projetos analisados é a falta de uma liderança capaz de conduzir e articular as alianças estratégicas necessárias para se concretizar as ações propostas. Como lembra borja (1996), o resultado do plano estratégico não é mais uma norma ou um programa de governo, como ocorria nos planejamentos de cidades até o final do século XX.

A segunda pode ser associada a um questionamento ao governo local, como lembra Borja (1996), pois, questionar o governo local, suas competências e sua organização é o início de uma reforma política radical, sem a qual não se constrói os novos modelos de gestão estratégicos, no sentido de mobilizar os poderes públicos, empresas e sociedade em ações e parcerias eficazes.

Um dos desafios apontados por Borja (1996), que deve ser enfrentado na gestão das *cidades estratégicas*, é a qualidade de vida. Existem, contudo, grandes obstáculos para se alcançar uma conceituação precisa do que vem a ser qualidade de vida, como lembra Forattini (1991).

Os projetos desenvolvidos no centro histórico de São Paulo apresentam uma consciência e uma intenção convergentes às dimensões que devem ser levadas em conta nas *cidades estratégicas*, assinaladas por Borja (1996) e perseguem os objetivos que deveriam minimizar os problemas e desafios a serem enfrentados.

BORJA, J. As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão européia e latino-americana. In: Fischer, Tânia. (Org.). **Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1996. Parte II, cap.1, p. 79-99.

Projetos urbanos: retomando a forma urbanística

O espaço público, por sua vez, é reconhecido como importante âmbito da vida coletiva. Jordi Borja em seu *La ciudad conquistada* (2003), mostra como que esta expressão deve ser entendida muito além e além de sua dimensão física. No entanto, sem dúvida, esta dimensão – da organização física dos lugares públicos – é fundamental e está, diretamente, correlacionada aos demais níveis, bem como à morfologia e a estruturação da forma urbanística, variáveis antes citadas. A capacidade de permanência da forma e a maior inércia dos espaços públicos em relação aos privados nos permitem apontá-los como fundamentais na construção da identidade das cidades e de seus moradores.

BORJA, J. **La ciudad conquistada**. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

Projetos de requalificação de áreas portuárias: das experiências internacionais à aplicação nacional

Borja (2001, p. 69) define os três princípios norteadores do planejamento estratégico como sendo: "a definição dos objetivos urbanos a partir das dinâmicas em curso". Nesse sentido, Vainer (2000, p. 80) rebate alegando que os objetivos dos planos estratégicos são essencialmente os mesmos, sendo o diagnóstico universal; "a dialética permanente entre objetivos/projetos/impactos", se partirmos dos mesmos objetivos e utilizarmos os mesmos profissionais no desenvolvimento dos projetos (Richard Rogers etc.) teremos uma imagem internacional de cidade, sendo muitas vezes difícil, distinguir a localização desses projetos; "a articulação de atores públicos e privados em todas as fases do processo de elaboração e execução" as chamadas parcerias público/privadas, completam os princípios do plano.

Em diversos livros e artigos, profissionais como Borja, Castells e Forn têm divulgado a "fórmula instrumental" na qual as cidades devem se espelhar para impulsionar seu planejamento estratégico.

"[...] é praticamente total o comprometimento de agências de cooperação e instituições multilaterais em sua difusão e de seus conceitos básicos, de que são exemplos recentes: a) a publicação de alentado volume sobre a experiência de Barcelona, pela Oficina Regional para América Latina e Caribe do Programa de Gestão Urbana, constituído e financiado pela

Agência Habitat das Nações Unidas, PNUD e Banco Mundial” (BORJA, 1995).

As áreas obsoletas têm se tornado alvo de grandes intervenções, justamente por já possuírem uma centralidade "tanto do ponto de vista de sua acessibilidade como do ponto de vista de suas funções", mesmo que em alguns casos, congelada, além de disponibilizarem grandes áreas devidamente urbanizadas e possuidoras de mínima infraestrutura (BORJA, 2001, p. 83).

Borja (2001, p. 70) lembra ainda que "os objetivos principais das grandes atuações estratégicas são aqueles que permitem dar um salto qualitativo quanto à acessibilidade e mobilidade do espaço urbano/regional e à geração e reconversão de centralidades no conjunto do território [...]. Por isso a maioria dos grandes projetos estratégicos está ligada a operações de viabilidade e transporte massivo, de zonas de atividades logísticas, de realização ou reconversão de infraestruturas de comunicações [estações, portos] etc."

O autor enfatiza que as cidades que obtiveram maior êxito foram aquelas que "mudaram de escala" e deram um salto à frente, mas que mantiveram, inclusive formalmente, grande parte de sua história (BORJA, 2001, p. 82).

Borja (2001, p. 69) estabelece que o fator determinante para se obter sucesso nessas intervenções é a prévia definição de um plano geral de cidade que se quer implementar. O autor separa as intervenções já realizadas em dois grupos: "as que derivam da ação planejadora do setor público, que se expressam em documentos como os planos territoriais e os planos setoriais [...] e as que derivam de decisões pontuais tanto de atores públicos como privados, que muitas vezes se realizam à margem do planejamento".

"O resultado, creio eu, foi uma operação bonita, mas malfeita neste momento em que se utilizou o ponto mais fácil, onde havia galpões de tipo inglês do século XIX para fazer restaurantes de luxo e alguns escritórios, também de gente in, digamos, e o resto foi abandonado" (BORJA, 2001, p. 83).

BORJA, J.; FORN, M. de. Políticas da Europa e dos Estados para as cidades. **Espaço e Debates**, n. 39, 1996.

BORJA, J. Grandes projetos metropolitanos: mobilidade e centralidade. In: ALMEIDA, M. A. R. **O centro da metrópole: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI**. São Paulo: Terceiro Nome; Viva o Centro; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

Parque de ciências e tecnologia de Uberlândia: novas tecnologias e velhos problemas

Essa necessidade de concentração nas metrópoles deve-se ao fato de que a produtividade e a competitividade da economia moderna exigem que os distintos atores econômicos estejam em contato entre si. Isso converte a cidade na grande protagonista da organização da atividade econômica, porque é onde se produzem as sinergias. Nesse cenário de intensas e rápidas mudanças, a qualificação dos recursos humanos, a concentração da informação e a possibilidade de responder a essas mudanças de maneira rápida são fundamentais para o sucesso (BORJA, 2001b).

Nesse contexto de economia globalizada e de grande competitividade entre as cidades, os parques industriais de tecnologia avançada, os recintos de exposições e congressos, as áreas propícias às empresas prestadoras de serviços e os equipamentos de cultura e lazer se colocam como importantes elementos na transformação das cidades e fundamentais para a atração de empresas estratégicas e profissionais altamente qualificados. Igualmente, a acessibilidade e a mobilidade internas são requisitos indispensáveis para a competitividade da cidade como "meio econômico" e as grandes operações urbanas e projetos estratégicos recentemente realizados estão ligados a: operações viárias e transporte de massa, criação de zonas de atividade logística, realização ou reconversão de infraestruturas de comunicações (estações, portos), reconversão de zonas industriais, portuárias ou frentes fluviais, criação de novas centralidades, grandes projetos de construção de moradias, recuperação do meio ambiente e

requalificação urbana (BORJA, 2001b).

As operações urbanas para as Olimpíadas de Barcelona, por exemplo, visaram a fixar novos pontos de uma nova centralidade, a construção de uma rede viária integradora dos espaços urbanos e a promoção de novos eixos de desenvolvimento. Todas as intervenções realizadas fizeram parte de um projeto articulado, coerente com o conjunto da cidade e gerador de um processo transformador do entorno e de atração de novas atividades e funções. Visaram a levar "centralidade à periferia", visto que os novos espaços criados objetivavam gerar uma frente dinâmica para a atração de investimentos em moradias, comércio, terciário etc. Visaram também a promover um desenvolvimento harmônico do conjunto da cidade mudando sua escala, inclusive, formalmente, mas mantendo grande parte de sua história (BORJA, 2001b; BUSQUETS, 1989).

O grande desafio a que temos que responder para que não haja urbanização sem cidade é gerar centralidades acessíveis a todos os cidadãos. No entender de Borja (2001b), é a dialética entre centralidade e mobilidade que garante a reprodução "ampliada" da cidade. Desta maneira, os espaços públicos são extremamente importantes como elementos de coesão urbana porque são os lugares aonde as pessoas vão, onde elas se encontram, é o elemento articulador de todos os demais espaços. Somente a existência de espaços e equipamentos públicos acessíveis, seguros, polivalentes, dotados de qualidade estética e de carga simbólica, quer dizer, culturalmente significativos, cria centralidade.

A criação de novas centralidades e sua equilibrada distribuição na rede urbana não pode ser feita através dos mecanismos de mercado. Ao contrário, necessita de política de promoção que deve criar e prover um arranjo coerente. Para tanto, os projetos urbanos contemporâneos devem utilizar estratégias de desenho que levem em conta as necessidades das atividades de nova centralidade, articulando processos de intervenção urbana que harmonizem com o contexto urbano e formem parte de um processo de desenvolvimento coerente. Todos os projetos devem estar articulados por meio de um plano rigoroso de forma urbana como uma estratégia de desenho (BORJA, 2001a).

Os novos projetos urbanos, como potenciais geradores de centralidades, têm não somente o objetivo de multiplicar os centros existentes ou de recuperar para certas funções centrais os antigos centros degradados, mas também colocar como operações destinadas a mudar a escala da cidade, articular e qualificar as periferias urbanas e proporcionar uma imagem de modernidade forte do território (Borja, 2001a).

BORJA, J. Ciutadania i espai públic. In: BORJA, J. **La ciutat del futur, el futur de les ciutats**. Barcelona: Fundació Rafael Campanals; PSC – Barcelona, 1998. p. 21-58.

Planejamento social e empresariamento urbano: uma disputa por hegemonia

Caberia ao governo local um papel promotor por meio da:

1. promoção da cidade para o exterior a partir do desenvolvimento de uma "imagem forte e positiva" com vistas à "atração de investidores, visitantes e usuários solventes à cidade e que facilitem suas 'exportações'", e agora sim, aqui estaria segundo Vainer, "o perfeito e imediato rebatimento, para a cidade, do modelo de abertura e extroversão econômica propugnado pelo receituário neoliberal para o conjunto da economia nacional: o mercado externo e, muito particularmente, o mercado constituído pela demanda de localizações pelo grande capital é o que qualifica a cidade como mercadoria" (VAINER, 2000, p. 80). Borja e Forn, ao advogarem uma política européia para as cidades (européias), já falavam explicitamente do city marketing, da mercadotecnia, da venda da cidade, como uma das funções básicas dos governos locais e um dos principais campos de negociação público-privada e insistiam na existência e no acirramento da competição entre as cidades, e para esta competição os governos locais deveriam se preparar: "Os rankings entre cidades, que estão tão em moda, expressam não apenas a competição entre elas, mas também quais os fatores que se consideram mais qualificantes como: presença de empresas multinacionais, de centros de formação superior, de pesquisa e desenvolvimento e de atividades de ponta pela tecnologia incorporada; infra-estruturas e serviços de comunicação para empresas e cidadãos; qualidade de vida; relações internacionais (sedes de organismos, celebração de

congressos e simpósios, atração cultural etc); e existência de uma ampla gama de empresas de serviços para empresas" (BORJA; FORN, 1996, p. 33);

2. articulação com outras administrações públicas e da cooperação público-privada, para realizar a promoção para o exterior e para a realização obras e serviços necessários;
3. inovação político-administrativa, com o objetivo "de gerar múltiplos mecanismos de cooperação social e de participação do cidadão" (BORJA, 1996).

O novo *empresariamento urbano* com o seu instrumento básico, o Plano Estratégico, é o reatamento em nível local do receituário neoliberal concebido para o conjunto da economia nacional, apesar dos catalães afirmarem sempre o contrário: "Defendemos uma política de cidade muito intervencionista, entendendo que a articulação público-privada, o planejamento flexível, a desregulamentação e ou privatização de alguns setores que haviam se convertido em selvas normativas e burocráticas e uma organização mais "empresarial" do setor público, não vão em detrimento da iniciativa pública que não se adapta passivamente aos resultados das ações opostas dos agentes privados. Ao contrário: frente ao discurso neoliberal de abandono, reivindicamos a liderança pública local mas em condições tais que assegurem sua eficácia econômica e seu controle social" (BORJA; FORN, 1996, p. 46).

Esse foi o modelo de planejamento e gestão urbana que originou vários Planos Estratégicos de várias cidades brasileiras, alguns concebidos inclusive com a assessoria da empresa consultora catalã TUBSA (Tecnologias Urbanas Barcelona S.A), cujo presidente, na ocasião, seria o Dr. Jordi Borja.

Este, como já dito, foi o modelo de planejamento e gestão urbana que originou os chamados planos estratégicos de várias cidades brasileiras, alguns concebidos inclusive com a assessoria da empresa consultora catalã tubsa (tecnologias urbanas barcelona s.a), cujo presidente, na ocasião, seria o dr. Jordi borja. Este foi o modelo de planejamento que gerou o *plano estratégico da cidade do rio de janeiro*, elaborado e aprovado através de "pacto" na gestão do prefeito César Maia, e elevado à categoria de instrumento básico do planejamento e gestão da cidade pelas três administrações que teriam a responsabilidade de implantar o *plano diretor decenal* da cidade.

BORJA, J. As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão europeia e latino-americana. In: FISCHER, T. (Org.). **Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 79-99.

BORJA, J; FORN, M. de. Políticas da Europa e dos Estados para as cidades. In: Cidades: estratégias gerenciais. **Espaço & Debates**, v. 16, n. 39, p. 32-47, 1996.

Autonomia e cooperação: a problemática da gestão metropolitana

Possui citação nas referências, mas não citado.

BORJA, J. As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão europeia e latino-americana. In: FISCHER, T. (Org.) **Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

A indústria do turismo e as transformações urbanas no mundo globalizado: críticas ao modelo estratégico baseadas no caso dos Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro (2007)

O processo de globalização caracteriza-se também pela competitividade entre localidades em busca de espaços privilegiados no cenário internacional (BORJA; FORN, 1996).

Com a economia globalizada, surge uma nova linha de gestão urbana baseada na competição em diversas escalas. As cidades passam a ser lidas e geridas como empresas, tornam-se mercadoria a ser vendida; é "a mercadotecnia da cidade; vender a cidade converteu-se (...) em uma das funções básicas

dos governos locais (...)” (BORJA; FORN, 1996, p. 33).

BORJA, J.; FORN, M. Políticas da Europa e dos Estados para as cidades. **Espaço e debates**. São Paulo, v. 16, n. 39, p. 32-47, 1996.

Megaeventos: uma alternativa para os espaços de desvalia da cidade contemporânea

De acordo com Borja e de Forn (1996), deve-se haver um governo local com forte capacidade de liderança; articulação e coordenação das políticas de forma horizontal e vertical; cooperação público-privada desde a definição dos objetivos, execução e gestão de projetos e programas; novas atribuições à cidade, de forma a atender melhor o cidadão; e o desenvolvimento de mecanismos de participação de toda a comunidade.

BORJA, J.; FORN, M. Políticas da Europa e dos estados para as cidades. **Espaço & Debates**, v. 16, n. 39, p. 32-47, 1996.

Ciudadanía y Juegos Olímpicos en el Levante Barcelonés

Possui citação nas referências, mas não citado.

BORJA, J. **Llums i ombres de l'urbanisme a Barcelona**. Barcelona: Editorial Empuries, 2010. 144 p.

APÊNDICE C

Este Apêndice compõe-se de um quadro-síntese que reúne as descrições dos artigos que se utilizam de estudo de caso de GPU apresentados nos dois eventos nacionais e nas duas revistas estrangeiras selecionados para a pesquisa teórica desta tese. A estrutura do quadro-síntese é composta por quatro células para cada artigo: as três primeiras são utilizadas para a informação do artigo, portanto, destinadas ao nome do(s) autor(es), ao título e aos projetos analisados. A célula maior destina-se às principais temáticas abordadas pelo artigo. Assim segue abaixo o quadro-síntese dos artigos selecionados:

Quadro 5 - Leitura analítica dos artigos selecionados dos eventos realizados no Brasil e das revistas estrangeiras

Título do artigo
Novos usos para antigas fábricas: a experiência do Sesc em São Paulo
Nome do(s) autor(es)
Amanda Ramalho Vasques; Larissa Lucciane Volpe; Magda Adelaide Lombardo
Projeto analisado
SESC - Serviço Social do Comércio - Pompeia, São Paulo SP SESC - Serviço Social do Comércio - Belenzinho, São Paulo SP
Temáticas de discussão
<ul style="list-style-type: none"> • Intervenção do Patrimônio Histórico; • Revitalização Espacial; • Anseios Sociais; • Identidade (patriotismo) urbano.

Título do artigo
Espaço público e projeto urbano: o eixo Tamanduatehy em Santo André SP
Nome do(s) autor(es)
Aparecida Netto Teixeira
Projeto analisado
Eixo Tamanduatehy, Santo André SP
Temáticas de discussão
<ul style="list-style-type: none"> • Parceria Público-Privada; • Revitalização Espacial; • Anseios Sociais; • Ícone Arquitetônico; • <i>Marketing</i> urbano; • Utilização de Recursos Públicos; • Projeto Maior de Cidade;

- Espaços Multifuncionais.

Título do artigo

Projetos de requalificação de áreas portuárias: das experiências internacionais à aplicação nacional

Nome do(s) autore(s)

Clarissa Duarte de Castro Souza

Projeto analisado

Projeto Estação das Docas, Belém PA

Temáticas de discussão

- Nova Dinâmica Econômica;
- *Marketing* Urbano;
- Ícone Arquitetônico;
- Anseios Sociais;
- Parceria Público Privada;
- Intervenções no Patrimônio Histórico;
- Patriotismo Urbano;
- Projeto Maior de Cidade.

Título do artigo

Mega-events and urban conflicts in Valencia (Spain): contesting the new urban modernity

Nome do(s) autore(s)

Luis del Romero Renau Catherine Trudelle

Projeto analisado

Porto Marítimo de Valência, Espanha

Temáticas de discussão

- Questões Ambientais;
- Anseios Sociais;
- Parceria Público Privada;
- *Marketing* Urbano.

Título do artigo

Urbanismo sem calçadas: a recente produção do espaço urbano no bairro paulistano da Água Branca

Nome do(s) autore(s)

Mauro Kuszniir; Vera Maria Pallamin

Projeto analisado

Operação Urbana Água Branca, São Paulo SP

Temáticas de discussão

- Anseios Sociais;
- Parceria Público Privada;
- Projeto Maior de Cidade;

- Revitalização Espacial;
- Intervenções no Patrimônio Histórico.

Título do artigo

Autenticidade do patrimônio edificado em processos de revitalização nos anos 90: o caso do Bairro do Recife

Nome do(s) autore(s)

Natalia Miranda Vieira
Silvio Zancheti

Projeto analisado

Revitalização do Bairro do Recife, Recife PE

Temáticas de discussão

- Parceria Público Privada;
- *Marketing* Urbano;
- Revitalização Espacial;
- Intervenções no Patrimônio Histórico.

Título do artigo

Estrutura espacial, transformação e relações sócio-econômicas: um estudo sob a ótica da ciência da complexidade

Nome do(s) autore(s)

Niara Clara Palma

Projeto analisado

Shopping Center Iguatemi, Porto Alegre RS e CEASA, Porto Alegre RS

Temáticas de discussão

- Anseios Sociais;
- Projeto Maior de Cidade;
- Revitalização Espacial;
- Espaços Multifuncionais.

Título do artigo

Fragmento de uma estratégia urbanística para Fortaleza: o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Nome do(s) autore(s)

Pedro Cardoso Smith

Projeto analisado

Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Fortaleza CE

Temáticas de discussão

- Anseios Sociais;
- *Marketing* Urbano;
- Revitalização Espacial.

Título do artigo Mega-events transportation planning legacy for urban development: the case of Beijing
Nome do(s) autore(s) Rafael Sindelar Barczak; Fábio Duarte de Araújo Silva
Projeto analisado Sistema de transporte terrestre de Beijing, China
Temáticas de discussão <ul style="list-style-type: none"> • Anseios Sociais; • Projeto Maior de Cidade.

Título do artigo Os Jogos Olímpicos e a transformação das cidades: os custos sociais de um megaevento
Nome do(s) autore(s) Kátia Rubio
Projetos analisados Intervenções urbanas em cidades olímpicas
Temáticas de discussão <ul style="list-style-type: none"> • Parceria Público Privada; • Utilização de Recursos Públicos; • Projeto Maior de Cidade; • Anseios Sociais; • <i>Marketing</i> Urbano.

Título do artigo Del presupuesto participativo a los megaproyectos: la producción del espacio urbano en Porto Alegre en el siglo xxi
Nome do autor Paulo Roberto Rodrigues Soares
Projetos analisados Bairros planejados Jardim Europa e Central Parque, COnjunto Habitação Terra Nova e Projeto Empresarial Pontal do Estaleiro, Porto Alegre RS
Temáticas de discussão <ul style="list-style-type: none"> • Parceria Público Privada; • Intervenções no Patrimônio Histórico; • Anseios Sociais; • Projeto Maior de Cidade.

Título do artigo Ciudadanía y Juegos Olímpicos en el Levante Barcelonés
Nome do(s) autore(s) Salvador Clarós i Ferret
Projeto analisado

Intervenção urbana em Barcelona, Espanha

Temáticas de discussão

- Anseios Sociais;
- Parceria Público Privada;
- Intervenções no Patrimônio Histórico;
- Projeto Maior de Cidade.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações dos artigos.